Os Corumbas

Dicionário de Língua e cultura (culturemas)

Vicente de Paula da Silva Martins

Pedro & João editores

OS CORUMBAS

DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA

(Culturemas)

Pedro & João
editores

Vicente de Paula da Silva Martins

OS CORUMBAS

DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA

(Culturemas)

Pedro & João
editores

Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Vicente de Paula da Silva Martins

Os Corumbas: dicionário de língua e cultura (culturemas). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 276p.

ISBN: 978-65-87645-57-5

1. Os Corumbas. 2. Língua e cultura. 3. Culturemas. 4. Autor. I. Título.
CDD – 410

Capa: argiladesign.com.br
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

DEDICATÓRIA

Ao linguista e amigo **Antonio Pamies Bertrán**, professor catedrático da *Universidad de Granada* (Espanha), que ao longo dos anos, tem me esclarecido, de pronto, e gentilmente, conceitos, terminologias e teorias sobre linguística geral, cultura, teoria da literatura, música popular, literatura brasileira, culturemas, lexicografia e fraseologia**.**

SUMÁRIO

Introdução	**9**
A obra	**15**
Metodologia	**21**
Dicionário de Língua e cultura (Culturemas)	**27**
Topoculturemas	**27**
Metereoculturemas	**28**
Humaniculturemas	**33**
Taticulturemas	**38**
Mitoculturemas	**39**
Ocupaculturemas	**41**
Organiculturemas	**48**
Politiculturemas	**50**
Socioculturemas	**58**
Crediculturemas	**59**
Etnoculturemas	**61**
Tabuculturemas	**65**
Educulturemas	**67**
Geoculturemas	**68**
Edificulturemas	**79**
Antropoculturemas	**80**
Formaculturemas	**97**
Hagioculturemas	**98**
Alculturemas	**98**
Indumentoculturemas	**101**
Licículturemas	**106**
Mobiculturemas	**106**
Moedoculturemas	**108**
Mediculturemas	**110**
Verboculturemas	**110**

Gramaticulturemas **126**
Reiculturemas **183**
Idioculturemas **204**
Humoculturemas **259**

Referências **263**

Anexos **265**

Sobre o autor **273**

INTRODUÇÃO

Saussure, em seu *Curso de Linguistica Geral,* nos chama a atenção para o *binômio língua-cultura*: "o linguista deve também examinar *as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente*; pois toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada" (2012 [1916], p. 54, ênfase adicionada).

De 2009 para cá, tenho procurado desenvolver pesquisas sobre língua e cultura no âmbito da literatura brasileira. A pesquisa mais recente, devidamente concluída, recebeu o título "*Sapienciário Cultural: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro*" (MARTINS, 2017), realizada no período de 2016-2017, em nível de estágio de pós-doc, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

A supracitada pesquisa linguística contou com a supervisão da Profª Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFBA) e buscou identificar, classificar e constituir um corpus de culturemas *em* cinco romances do Nordeste Brasileiro: **Capitães da areia, romance,** de Jorge Amado (Edição de Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937), representante da Bahia; **Vidas Secas,** Graciliano Ramos (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1938), representante de Alagoas; **Dona Guidinha do Poço,** de Oliveira Paiva (Edição de São Paulo: Saraiva, 1952), representante do Ceará; **Menino do engenho,** de José Lins do Rego (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1934), representante da Paraíba; e **Os Corumbas**, de Amando Fontes (Edição de Rio de Janeiro: José Olympio, 1933), representante de Sergipe.

O presente livro é, portanto, uma pequena amostra dos produtos da pesquisa linguística na UFBA. Refere-se, de modo específico, ao estudo sobre língua e cultura em *Os Corumbas (1933), de Amando Fontes.* Primeiramente, fiz a leitura e releitura do romance, em sua primeira edição. Em seguida, analisei e interpretei o livro a partir de unidades linguísticas, marcadas culturalmente, denominadas de *culturemas*, distribuídas em 30 âmbitos culturológicos, a saber: bioculturemas, humaniculturemas, Edificiculturemas, taticulturemas, personiculturemas, mitoculturemas,

familiculturemas, politiculturemas, amiculturemas, crediculturemas, etnoculturemas, criaculturemas, articulturemas, tabuculturemas, educulturemas, geoculturemas, portaculturemas, edificulturemas, antropoculturemas, alcuturemas, indumentocuturemas, licuculturemas, mobiculturemas, moedoculturemas, mediculturemas, verboculturemas, gramaticulturemas, reiculturemas, idioculturemas e humoculturemas (os neologismos foram criados para serviram de hiperônimos ao longo do processo de recolha dos culturemas).

Assim, ao fazer a recolha de culturemas, ao longo da releitura da obra de Amando Fontes, vi que a análise linguocutural do texto literário se constituiu pedagogicamente uma interessante estratégia de leitura compreensiva, tendo me motivado a reler a obra sem esforço sobre-humano. Quem sabe não venha a ser, no futuro, novo método didático-pedagógico a ser explorado pelos docentes de língua portuguesa na educação literária do Novo Normal na educação pós-pandemia de modo a favorecer ou a facilitar o processo de compreensão em leitura?

Graças ao estudo da obra a partir de referenciais culturais tive condições de me aproximar de outras disciplinas como história, geografia, sociologia, política e saber mais sobre o dialetismo, o regionalismo literário e o regionalismo linguístico. Com os culturemas, disciplinas como geografia e história passaram a ser vistas de forma interdisciplinar e me permitiram desvelar o contexto de época e o cenário local do romance, em Aracaju, capital sergipana.

Para retratar o drama de uma família de sergipanos que decide migrar para a capital do seu Estado, Amando Fontes recorre a muitos culturemas. Entre os mais expressivos, estão, por exemplo, os relacionados ao ecossistema, como "sopé do morro", no contexto que diz "Ao *sopé do morro*, uma mulher, mulata e gorda, de rosto e cabelos lustrosos, varria a calçada de uma venda. (p. 243); "taboleiros agrestes", quando escreve "As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, *taboleiros agrestes*, as vastas soltas sem cerca e sem limite, tudo, como que por encanto, se vestira de verde." (p.8); "sol morrente",como em "O *sol morrente* projectava grandes sombras sobre a toalha movimentada das aguas" (p. 225).

Entre os "bioculturemas", destaco "immenso algodoal", em "O céu, recamando de nuvens brancas, agrupadas em frócos, lembrava um *immenso algodoal* que tivesse desabrochado por inteiro." (p.11);

"apicuns amarellentos", em "Deixando para traz os *apicuns amarellentos*, caminhavam todo agora pelo apertado aterro, feito de lama e cinza, que liga S. Antonio ao Bairro Industrial." (p.34); "trançado de palmas verdes de imbury", em "No terceiro da frente, limpo e areado, um arco triumphal, *trançado das palmas verdes de imbury,* marcava o ponto de passagem do cortejo." (p.9)

O esforço realista de Amando Fontes em *Os Corumbas* produziu passagens encantadoras como "magote de novilhas brancas", em "Um *magote de novilhas brancas*, amalhando na estrada, levantou-se, preguiçoso, e foi se afastando de manso, ao badalar monotonodos chocalhos. De espaço a espaço, um tiro perdido de roqueira fazia estremecer os arredores..." (p.14); "largas esteiras de piri" em "Sobre *largas esteiras de piri* servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas." (p.10), para citar apenas alguns exemplos no âmbito ecológico.

Em "humaniculturemas", foco em culturemas relacionados às doenças, cito, por exemplo, "acceso de sezões", em "No decorrer desse tempo tiveram mais tres filhos: duas meninas e um varão. Mas este , que era o segundo homem que lhes vinha, morreu, pequenino ainda, de um *acceso de sezões*." (p.17); "accesso de tosse", em "Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um *accesso de tosse* que ás vezes a suffocava." (p.36); "gripe insidiosa" em "Vida que não se modificava era a de Bella. Uma semana melhor; outra peior. Quando não a assaltava o rheumatismo, uma *gripe insidiosa* perseguia-a." (p. 90); "hemoptyses", em "Bella morria lentamente. Já não se levantava, prostrada pela fraqueza mais extrema. As suas *hemoptyses*, agora, se repetiam com frequência. E eram sempre abundantes. Vomitos tão fartos que a sufocavam, muitas vezes." (p.170); e mais outros tantos exemplos com "começo de hydropisia", "ouvidos mouco(s)", "prostrada pela fraqueza mais extrema", "puxado", "rheumatismo" e "rictus de dôr" e "tuberculosa"

Os culturemas religiosos, a que denominamos de "religiculturemas" são outro âmbito culturológico de grande expressividade em Os Corumbas, como " "Nossa Senhora do Soccorro", "Procissão do Bom Jesus No Aracajú", entre outros.

Para situar o leitor no contexto nascedoudo das grandes indústrias em Sergipe, o autor traz culturemas relacionados às ocupações dos operários fabris como "ajudante da secção dos teares da "sergipana", "ajudante de torneiro nas officinas da estrada de ferro", "auxiliar do machinista do eugenho", "botadeira de canna na moenda, "contra-mestre de secção", como em "– Foi Misael, o *contra-mestre da minha secção*... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" (p. 40), entre outros.

Se me ocupasse unicamente de recontar a obra através dos culturemas relacionados ao espaço geográfico, os nomes de ruas dariam uma ideia bem ilustrativa e cultural do enredo como em "Rua do Siriry" (posteriormente, título de novo romance), em "Da casa onde residia por conta de Fontoura mudou-se para a *Rua do Siriry*, principal centro de prostituição no Aracajú." (p. 218); Rua S.João e "Sala de Dansa" da Rua do Rosario", na seguinte passagem "E, emquanto aguardava o regresso do seu navio, andou passeando pela cidade. Cantou com grande sucesso numa "*sala de dansa" da rua do Rosario*. Gostou da terra e resolveu ficar." (p. 63).

Ao longo do processo de recolha de culturemas, recorremos, para a definição dos verbetes, ao Grande Dicionário Houaiss em sua versão eletrônica (https://houaiss.uol.com.br), atualizada em 2020, ora diretamente transcritas e aspeadas ora parafraseadas, mas em qualquer caso a partir do supracitado dicionário. Entre as fontes bibliográficas de datação em Houaiss, observei a ausência do romance *Os Corumbas, o que me levou a sugerir novos verbetes.* A safra de recolhas em Os Corumbas foi fértil. Os novos verbetes e as novas abonações enviados à equipe de Instituto Antonio Houaiss (IAH) são os contextualizados em Os Corumbas. O IAH, sob o comando do filólogo e lexicógrafo Mauro de Salles Villar, não apenas acolheu prontamente as sugestões de abonações para o Houaiss como se tornou um amigo incentivador para minhas novas incursões no campo da lexicografia literária. Foram aproveitadas 42 itens das abonações, entre as quais destacaria: castanho-loiro, dedilhador(ô), desbordante, desfitar, doidejar, encegueirar, engomação, entreparar, enxerimento, estremeço(ê), fanfar, foliento, fox(cs), inapetente, indenização, loroteiro, malcriação, mulher-feita, recém-nato, tricoline, vagabundar, vosmecê. As outras 19 datações que completam o número

de 42 são de acepções dentro de verbetes. Recuperar essas utilizações para nós seria bem mais custoso em matéria de tempo, razão por que não seguem aqui.

Vicente de Paula da Silva Martins - UVA
Fortaleza/Sobral - CE
Ano I da Pandemia Covid-19

A OBRA

A foto acima, em preto e branco, é de 1987, em um barzinho (que já não consigo mais recuperar o nome), localizado na Avenida Desembargador Moreira, em Fortaleza, tendo no centro, vestida de azul, nossa querida escritora e jornalista cearense Rachel de Queiroz. Da esquerda para a direita: o jornalista Ricardo Palhano, superintendente de O Estado; Stevenson Palhano, irmão de Ricardo e diretor de O Estado; o autor (ainda com "cabelereira") e o poeta e deputado, na época, Barros Pinho. O barzinho, defronte à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (ALECE), não existe mais, no seu lugar, foi erguido um suntuoso prédio que do alto é possível contemplar o litoral. O barzinho foi , naquela década, uma parada obrigatória semanal de intelecturais, lugal bem discreto, garantindo sempre bom papo, música Instrumentral, bom cardápio, cervejinha estupidamente gelada (Rachel só tomava uísque) e um corriqueiro pedido de porção de bolinhos de bacalhau pra acompanhar as saborosas conversas com um único intuito de desopilação. Costumeiramente nos reuníamos às quintas-feiras ou sextas-feiras, sempre um grupo heterogêneo formado de colunistas e repórteres da área politica do Comitê de Imprensa da ALECE , parlamentares e intectuais e editores dos principais jornais de grande circulação no Ceará (*O Povo, Diário do*

Nordeste, Tribuna do Ceará e *O Estado*, onde fazia as vezes de redator na área política). Rachel não gostava de falar de seus livros ou do convívio com os imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL). O que prevalecia mesmo era papo político-partidário, sucessão governamental e política nacional. Não perdia a oportunidade de indicar leitura de grandes obras em língua portuguesa.

A propósito, poucos sabem, mas Raquel foi integrante do Conselho Editorial de O Povo, que deu importante contribuição na elaboração de *A Carta de Princípios* do *O POVO*, aprovada e tornada pública em 1989, pelo Conselho Editorial, cujos membros contava ainda com outros nomes de peso da intelectualidade cearense como Demócrito Rocha Dummar, José Raymundo Costa, Osvaldo Euclides de Araújo, Antônio Pádua Campos, Paulo Bonavides, Adísia Sá, Carlos D'Alge, Paulo Elpídio de Menezes Neto e Walfrido Salmito

Foi em umas dessas oportunidades que, pela primeira vez, ouvi falar do romance **Os Corumbas**, de Amando de Fontes, durante uma descontraída conversa com a escritora cearense Rachel de Queiroz. Recomendou-me a obra de Fontes como fonte obrigatória de leitura literária para os que atuam no campo das Letras.

Pois bem. Levei três décadas para cumprir a recomendação de leitura de **Os Corumbas**, de Amando Fontes. Fez diferença a compreensão da obra de Fontes após a releitura dos romances sobre o "Nordeste" brasileiro, especialmente *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida e O quinze (1931) de Rachel de Queiroz, situando a trama no semiárido nordestino.

O romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes, publicado em 1933, está estruturado em três partes, e começa sua breve primeira parte assim "Setembro já fôra escasso de chuvas. Os "comboeiros do S. Francisco", infalliveis em outubro, falharam dessa vez. E assim, sem que do céu pigasse uma só gotta d'agua. Chegou-se a Março", e partir desse cenário de "terra esbraseada" conta a história de Geraldo e família Corumba, dois anos antes da terrível seca de 1905. Com a situação agravada com a baixa do açúcar, a família se desloca do povoado Ribeira, localizado no interior de Sergipe, para Aracaju, capital de Sergipe.

O final do romance é assim narrado: "Na Estação, um apito estridente deu a ordem de partida. A locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se, em marcha lenta", quando

Geraldo e Josepha aguardam a partida do trem que os levará de volta ao interior, mudos, mergulhados na derrota e na vergonha, enquanto ouvem as sirenes das fábricas Têxtil e Sergipana, desiludidos moral e financeiramente com a vida em Aracaju.

O romance de Amando Fontes caracteriza-se sobretudo pela denúncia social da precariedade e da marginalização dos pobres, tornando-se, assim, não apenas regionalista por sua força de linguagem marcada pelo dialetismo social e regional, e proletário por apontar de forma explícita as mazelas sofridas pelo camponês que, ao sair de sua terra natal, se depara com a dura realidade urbana e descreve objetiva e detalhadamente as más condições de sobrevivência dos trabalhadores da indústrial textil.

O desfile de personagens, a que chamamos neste Dicionário de "antropoculturemas", podem robustamente revelar muito da trama e do drama da família de Geraldo. Aparecem figuras como "Sargento Zeca", Agostinho, Albertina, Almerindo, Annita, Bella e Caçulinha (estas, as duas filhas mais novas do casal Corumba); Benedicta e Monoel Alves, Caninana Azougada (alcunha de Sá Maria Pirambú), Conceição, Coronel Chiquinho Vasconcelos, Cysneiros (Proprietário da Fiação), Das Dôres, Degas (Hipocorístico de Ignacio dos Santos), Desideria, Do Carmo, Dr Barros, Dr. Celestino, Dr. Chico Dantas, Dr. Pereirinha (Homem de prestígio político), Dr. Prado Antunes (Chefe de política), General Rolando Martins (Militar "apadrinhado" do Partido Republicano de Sergipe), Garganta De Ouro (Alcunha do cabo Ignacio dos Santos), Geraldo Corumba, Gracinda, Grismella, Gustavo De Oliveira, Izabel ("preta quarentona"), João Branco (responsável por levar Rosenda a cair na prostituição), João Das Dôres, João Miguel, José Affonso (tipógrafo que que brotou em Pedro "a fome insaciável de saber"), Sá Josepha (Caçula de Piancó e esposa de Geraldo), Lili, Elvira e Mariinha (Amigas de Caçulinha), Manoel Alves, Manoel Saraiva, Maria do Carmo e Benedicta (Companheiras inseparáveis, confidentes e amigas de verdade de Albertina), Maria, Mariquita, Marocas, Mestre Almerindo (Irmão de Josepha), Mimosa (Irmã do typographo José Affonso), Misael (contra-mestre de secção na "Textil"), Motta Pires (Velho jornalista, dono da tipografia em que Zé Affonso trabalhava), Nacinho (Forma hipocorística de Capitão Ignacio dos Santos usada por Rosenda) Odilon, Padre Torres,Pedro (o filho de Josepha e Geraldo), Rosenda (a filha mais velha do casal),

Rosita, Sá Ricarda, Salgado Brito, Seu Joãozinho, Seu Philippe, Velho João Piancó (fazendeiro, proprietário de terra à guisa de um coronel sertanejo), com suas histórias de trabalhadores livres e pobres do Aracaju dos anos 1920-30 e a descriçã, com requintes de biologismo e naturalismo, das condição de vida dos operários da fábrica de algodão, dos camponeses forçados a abandonar suas localidades e terras, e dos que atuam em setores mais humildes e populares da cidade como prostitutas, soldados e donas de casa.

Surpreendentemente, o presente Dicionário de Língua e Cultura de *Os Corumbas* tem muito linguistíca e culturalmente a revelar ao leitor a partir do léxico. Bem diferente de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, o romance de Fontes apresenta claramente o fundo proletário, do nível de vida do proletariado. Mas que seu autor precise recorrer a proselitismo e ou a tabuísmos que bem caracterizam as obras de cunho mais popular, regional e engajada, como, por exemplo, os romances dos anos 30 de Jorge Amado.

Para retratar o drama de uma família de sergipanos que decide migrar para a capital do seu Estado, Amando Fontes recorre a muitos culturemas. Entre os mais expressivos, estão os relacionados ao ecossistema, como "sopé do morro", no contexto que diz "Ao *sopé do morro*, uma mulher, mulata e gorda, de rosto e cabelos lustrosos, varria a calçada de uma venda. (p. 243); "taboleiros agrestes", quando escreve "As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, *taboleiros agrestes*, as vastas soltas sem cerca e sem limite, tudo, como que por encanto, se vestira de verde." (p.8); "sol morrente",como em ""O *sol morrente* projectava grandes sombras sobre a toalha movimentada das aguas" (p. 225).

Entre os "bioculturemas", destaco "immenso algodoal", em "O céu, recamando de nuvens brancas, agrupadas em frócos, lembrava um *immenso algodoal* que tivesse desabrochado por inteiro." (p.11); "apicuns amarellentos", em "Deixando para traz os *apicuns amarellentos*, caminhavam todo agora pelo apertado aterro, feito de lama e cinza, que liga S. Antonio ao Bairro Industrial." (p.34); "trançado de palmas verdes de imbury", em "No terceiro da frente, limpo e areado, um arco triumphal, *trançado das palmas verdes de imbury,* marcava o ponto de passagem do cortejo." (p.9).

O esforço realista de Amando Fontes produziu passagens encantadoras como "magote de novilhas brancas", em "Um *magote*

de novilhas brancas, amalhando na estrada, levantou-se, preguiçoso, e foi se afastando de manso, ao badalar monotonodos chocalhos. De espaço a espaço, um tiro perdido de roqueira fazia estremecer os arredores..." (p.14); "largas esteiras de piri" em "Sobre *largas esteiras de piri* servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas." (p.10), são apenas alguns exemplos no âmbito ecológico.

Em "humaniculturemas", foco em culturemas relacionados às doenças, cito, por exemplo, "acceso de sezões", em "No decorrer desse tempo tiveram mais tres filhos: duas meninas e um varão. Mas este , que era o segundo homem que lhes vinha, morreu, pequenino ainda, de um *acceso de sezões*." (p.17); "accesso de tosse", em "Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um *accesso de tosse* que ás vezes a suffocava." (p.36); "gripe insidiosa" em "Vida que não se modificava era a de Bella. Uma semana melhor; outra peior. Quando não a assaltava o rheumatismo, uma *gripe insidiosa* perseguia-a." (p. 90); "hemoptyses", em "Bella morria lentamente. Já não se levantava, prostrada pela fraqueza mais extrema. As suas *hemoptyses*, agora, se repetiam com frequência. E eram sempre abundantes. Vomitos tão fartos que a sufocavam, muitas vezes." (p.170); e mais outros tantos exemplos com "começo de hydropisia", "ouvidos mouco(s)", "prostrada pela fraqueza mais extrema", "puxado", "rheumatismo" e "rictus de dôr" e "tuberculosa".

Os culturemas religiosos, a que denominamos de "religiculturemas" são outro âmbito culturológico de grande expressividade em Os Corumbas, como " "Nossa Senhora do Soccorro", "Procissão do Bom Jesus No Aracajú", entre outros.

Para situar o leitor no contexto do nascedoudo das grandes indústrias em Sergipe, o autor traz culturemas relacionados às ocupações dos operários fabris como "ajudante da secção dos teares da "sergipana", "ajudante de torneiro nas officinas da estrada de ferro", "auxiliar do machinista do eugenho", "botadeira de canna na moenda, "contra-mestre de secção", como em "– Foi Misael, o *contra-mestre da minha secção*... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma

vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" (p. 40), entre outros.

Se me ocupasse unicamente de recontar a obra através dos culturemas relacionados ao espaço geográfico, os nomes de ruas dariam uma ideia do enredo como em "Rua do Siriry" (posteriormente, título de novo romance), em "Da casa onde residia por conta de Fontoura mudou-se para a *Rua do Siriry*, principal centro de prostituição no Aracajú." (p. 218); "Rua S.João" e "Sala de Dansa" da Rua do Rosario", na seguinte passagem "E, emquanto aguardava o regresso do seu navio, andou passeando pela cidade. Cantou com grande sucesso numa "*sala de dansa" da rua do Rosario*. Gostou da terra e resolveu ficar." (p. 63).

Trata-se de um romance que permite ao leitor perceber uma série de significações culturais e simbologias nas falas de seus personagens, nas passagens e acontecimentos dos bairros e das ruas da capital sergipana, com o instigante surgimento da grandes indústrias; enfim, nos objetos e espaços que evocam sobremodo as idiossincrasias do povo sergipano ou nordestino, brindando o leitor com o estilo marcadamente regional e com discurso literário bem expressivo de quem soube explorar estilisticamente a cor local sem abrir mão de olhar de um católico autêntico, dos estudos sobre o marxismo europeu, de uma larga experiência de político conservador moderado, em benefício de uma narrativa essencialista que evoca o viés ideológico e comunista dos grandes romances-denúncia de *O Quinze e A Bagaceira* que, ao certo, influenciaram em muito o autor de *Os Corumbas.*

METODOLOGIA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A DESCRIÇÃO DOS CULTUREMAS DO DICIONÁRIO

Os processos metodológicos desta pesquisa lexicográfica foram constituídos das seguintes etapas propostas por Martins (2017):

a) Leitura da versão impressão e releitura da versão digital da obra: esta fase consistiu na leitura do romance *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado, e após esse primeiro contato com a primeira edição da obra, iniciamos o processo de recolha de culturemas a partir de sua versão digital, disponibilizada em https://digital.bbm.usp.br, como um meio colaborativo para buscas mais sistematizadas de expressões e suas ocorrências.

b) Revisão de literatura: realizamos nesta fase uma busca no *Google Acadêmico* e repositórios acadêmicos *online* de artigos, dissertações e teses sobre *Capitães de Areia,* com o objetivo de conhecer as pesquisas já realizadas e sobre suas temáticas. Da mesma forma fizemos uma revisão literária relativa aos culturemas.

c) Levantamento de culturemas: nesta fase, procuramos construir um levantamento de culturemas na obra.

d) Análise e refinamento: em posse do levantamento de lexias simples, composta, complexa, incluindo expressões idiomáticas, seguimos para organização e análise desse material.

Na organização do levantamento dos culturemas, observamos os seguintes critérios:

a) *Corpus*: durante a constituição do *corpus*, todos os culturemas foram apresentados entre colchetes e *hashtags*, como unidades discretas, da seguinte forma: [#CULTUREMA#]. Posteriormente, excluímos, para esta publicação, os diacríticos mencionados para a apresentação mais elegante do dicionário (colchetes e hastags).

b) Contexto e ocorrências : cada um dos culturemas do levantamento lexical segue acompanhado do seu respectivo trecho em que o aparece na obra. Para termos uma ideia da frequência de uso do termo, indicamos quantas vezes o culturema é empregado pelo romancista e as acepções viáveis, sempre guiadas pelo contexto.

Ocasionalmente, situamos o leitor acerca do contexto em que o culturema está empregado, apresentamos um breve resumo sobre o enredo do do trecho ou nos desbruçamos sobre aspectos relacionados à datação e às formas históricas do verbete, entre outras digressões instigantes ou curiosas.

c) Notas de normatização e informativas: baseando-se na versão impressa da obra, incluímos nas informações sobre os culturemas as indicações de citação, *entre parênteses,* contendo o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido pelo ano de publicação e página em que o texto se encontra o culturema, assim: (FONTES, 1933, p.154). Apesar de a coleta dos culturemas ser unicamente ou priotariamente selecionada no romance *Os Corumbas*, julgamos necessário a repetição de dados da citação (autor, ano e página), em todas as ocorrências em que extraimos os itens, posto que, em algumas ocasiões, ilustramos o verbete com exemplários de emprego do termo em outros textos literários, especialmente os que foram publicados antes de 1933.

d) Informações enciclopédicas: nessa parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre o culturema selecionado, quando necessário.

A classificação escolhida para nossa pesquisa foi baseada no modelo Igareda (2011) denominado *Categorias para a análise dos culturemas (referentes culturais) na tradução de textos literários*[1]. Embora voltado para o campo da Tradução, elegemos esse método para embasar nosso *corpus* devido a sua amplitude e por ser direcionado ou mais viável para textos literários, foco último deste trabalho.

A categorização proposta por Igareda (2011, p. 19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura material, aspectos linguísticos culturais e humor.

Ao longo da recolha de culturemas, julgamos mais apropriado recorrermos aos princípios lexicográficos de semasiologia e onomasiologia correlacionados a traços semânticos de hiponímia e

[1] Do original: Categorías para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios Igareda (2011)

hiperonímia, respectivamente. Primeiramente, durante a leitura silenciosa ou acurada releitura do romance nos deparamos, por exemplo, com expressões do tipo "Sargento Zeca" ou "Morena De Papouco"", recorremos a Houaiss (atualizado em 2020; para procedermos com o registro de acepções viáveis ao contexto (daí estarem sempre aspeadas), mas as definições que prevaleceram nos verbetes sempre foram as guiadas essencialmente pelo contexto da uso. Previamente, classificamos os culturemas nos diversos âmbitos culturológicos. A título de ilustração, informamos que ao encaixarmos culturemas como pertencentes ao âmbito "etnoculturemas", nos orientamos a partir da técnica semasiológica, ou seja, partimos dos significantes (expressões) para esclarecer os significados mais amplos Que lhes Correspondem (Âmbitos Culturológicos). Culturemas Como "Sá Maria Pirambú", "Mimosa", "Misael" e "Geraldo" foram considerados por nós como "significantes" e acolhidos como "antroproculturemas". Do ponto de vista semântico e em defesa de uma abordagem metalinguística da semântica dos nomes próprios, vimos os nomes de personagens como hipônimos no âmbito dos antroproculturemas (hiperônimos).

Em caso de hesitações sobre o devido enquadramento culturológico dos culturemas extraídos do romance, valemo-nos da técnica onomasiológica bem como do fenômeno hiperonimia como suficientemente esclarecedores para assinalarmos a "relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico. Por exemplo, a ideia de "prostituição" superveniente ao sentido dos culturemas da cultura linguística " mulher-dama" e "rapariga", registradas em Os Corumbas, e ambas relacionadas à noção de "mulher prostituída", levaram-nos a lançar mão da técnica onomasiológica, a partir de "significados idiomáticos" para melhor definir seu âmbito culturológico"; assim, as duas expressões foram inseridas no âmbito de "tabuculturemas". Neste caso, foi determinada a relação de hiperonímia de culturológico"; assim, as duas expressões foram inseridas no âmbito de "tabuculturemas" com os dois culturemas marcados por tabuísmos marcados por disfemismos pesados.

São os seguintes âmbitos para a classificação geral dos culturemas: bioculturemas, humaniculturemas, edificulturemas, taticulturemas,personiculturemas, mitoculturemas, familiculturemas,

politiculturemas, amiculturemas, crediculturemas, etnoculturemas, criaculturemas, articulturemas, tabuculturemas, educulturemas, geoculturemas, portaculturemas, edificulturemas, antropoculturemas, alcuturemas, indumentocuturemas, licicultureMas, mobiculturemas, moedoculturemas, mediculturemas, verboculturemas, gramaticulturemas, reiculturemas, idioculturemas e humoculturema. A título de ilustração, apresentamos, no final do Dicionário, um produto derivado da constituição deste corpus, em artigo publicado na revista Linha D'Água (USP, 2019).

A escolha deste recorte acima foi motivada devido à grande incidência de expressões idiomáticas na obra *Os Corumbas*, objeto de estudo nesta pesquisa. Trata-se de um romance rico em culturemas fraseológicos e simbologias relacionadas a "princípios político-ideológicos e reformas sociais misturados à crítica, à denúncia do social, à preocupação com o bem-estar da população menos favorecida, configurados como focus, como toma ou como· elemento construtor da narrativa e da conduta dos personagens" (ROCHA, 1984, p.103). Assim, escolhemos analisar como ocorre a relação entre língua e cultura na narrativa de Amando Fontes utilizando esses elementos linguístico-culturais como parâmetros de estudo.

Em nossa pesquisa léxico-cultural, entendemos as expressões fixas segundo Fulgêncio (2008, p. 101; ZULUAGA, 1980; MARTINS, 2013) como uma sequência de palavras memorizadas pelos falantes da língua, sendo igualmente recuperada em bloco. Dessa forma, as expressões idiomáticas são definidas como conjuntos de palavras cujo sentido geral não é o resultado da soma dos sentidos literais dos seus elementos constituintes — configuram um tipo de expressão fixa, assim como os provérbios, entendidos como frase de origem popular que expressa, de forma alegórica ou simbólica, os valores culturais de uma determinada sociedade.

As definições de fraseologia e culturema se fazem necessárias assinalar aqui, partindo da análise dos dois termos linguísticos: fraseologia e unidades fraseológicas. Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 64) a fraseologia é o ramo da linguística que se ocupa de estudar as unidades fraseológicas. Essas são definidas como um conjunto de dois ou mais termos com formas fixas, tendo certa frequência de uso pelos falantes.

Do termo culturema, podemos extrair o CULT-, elemento de composição - antepositivo, do verbo latim *colo,is, colĕre, colŭi, cultum,* que significa "cultivar; habitar, morar em; cuidar de, tratar de, preparar", e -EMA , um dos sufixos mais privilegiados na terminologia linguística (glossema, grafema, lexema, morfema, fonema, semantema, entre outros). Culturema é uma unidade linguística discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.

Assim, como categoria ou terminologia linguística, definimos culturemas: "símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua "autonomia" inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica. (LUQUE NADAL, 2010; PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 54; e 2012)

Como já dissemos anteriormente, o modelo de análise linguística se deu com a releitura minuciosa da obra se utilizando do *corpus* eletrônico para a consulta e extração dos culturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, as expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural e religioso daquela expressão através de suas origens, etimologias e significados bem como matérias e pesquisas relacionadas ao culturema em estudo.

DICIONÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA
(CULTUREMAS)

TOPOCULTUREMAS

ROÇA

Termo datado em Houaiss (2020) de 1536, com quatro acepções possíveis aos contextos dados: (i) "terreno em que se faz a roçada",; (ii) " terreno com muito mato"; (iii) "mato crescido, geralmente em terreno acidentado"; e (iv) "terreno de lavoura, grande ou pequeno; plantação, plantio": (i) "Ao entrar as **roças** de João das Dôres, o cortejo estacou." (FONTES, 1933, p.11);(ii) "Em casa delles, todos trabalhavam duramente. Uma das raparigas chegava a fazer 4$000 por semana, como botadeira de canna na moenda.A mais velha se ocupava em ralar a mandioca de todos os roceiros do logar, recebendo, como paga, entre dez a quinze litros da farinha preparada. O rapaz, que exercera já uma meia dúzia de empregos, sevia agora como auxiliar do machinista do Eugenho. Até as duas menores sempre faziam alguma coisa, ajudando em casa ou na **roça**." (FONTES, 1933, p.17); e (iii) "Venderam as gallinhas, os cavalos, a **roça**, ha pouco replantada. Como ninguem quizesse lhes comprar a casinha, que com as suas proprias mãos haviam erguido, deram-na para morar a uns compadres." (FONTES, 1933, p.20).

SOPÉ DO MORRO

Sopé, datado de XIII, se refere à "parte inferior, mais próxima do plano, de monte, rocha, encosta, muro etc.", no caso, morro": "A Estrada Nova quase deserta. Ao **sopé do morro**, uma mulher, mulata e gorda, de rosto e cabelos lustrosos, varria a calçada de uma venda. Vestido de vermelho, a cabeça descoberta, um pretinho atravessou a rua a correr, levando nas mãos uma garrafa. Adeante, duas operarias, de chalés berrantes sobre os hombros, caminhavam juntas, numa conversa gesticulada e calorosa." (FONTES, 1933, p. 243).

TABOLEIROS AGRESTES

Referem-se à "feição geográfica com o aspecto de um planalto, menos extensa e de menor altitude que a chapada, e que termina em

escarpas" ou "terreno delimitado, em que são cultivadas flores e hortaliças; canteiro, talhão": "Parece que o verde estava escondido á flor do chão, esperando apenas o momento de apontar. Pois só assim se póde explicar a extraordinaria rapidez com que se alastrou por toda parte. As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, **taboleiros agrestes**, as vastas soltas sem cerca e sem limite, tudo, como que por encanto, se vestira de verde." (FONTES, 1933, p.8).

VASTAS SOLTAS SEM CERCA

Datado em Houaiss (2020) de 1905, refere-se à "pastagem onde o gado magro pode ganhar peso": " Parece que o verde estava escondido á flor do chão, esperando apenas o momento de apontar. Pois só assim se póde explicar a extraordinaria rapidez com que se alastrou por toda parte. As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, taboleiros agrestes, as **vastas soltas sem cerca** e sem limite, tudo, como que por encanto, se vestira de verde." (FONTES, 1933, p.8).

METEREOCULTUREMAS

SOL MORRENTE

Momento em que o Sol desaparece no horizonte. Também crepúsculo vespertino, ocaso, poente: "O **sol morrente** projectava grandes sombras sobre a toalha movimentada das aguas. Ligeira e linda como uma ave, de grande vela e bujarrona, uma guiga – azul e branco – passava e repassava em torno do escaler onde ia a Imagem." (FONTES, 1933, p. 225).

IMMENSO ALGODOAL

Datado de 1549, com acepção de "extenso aglomerado de algodoeiros em determinada área": "Tarde de inverno, sem sol e sem belleza. O verde forte dos arbutos punha manchas destacadas no vermelho esbranquicento da terra. O céu, recamando de nuvens brancas, agrupadas em frócos, lembrava um **immenso algodoal** que tivesse desabrochado por inteiro." (FONTES, 1933, p.11).

APICUNS AMARELLENTOS

O termo "apicum", datado em 1889, mesmo que "apecum", com a noção de "terreno alagadiço situado à beira-mar; brejo, pântano": "Deixando para traz os **apicuns amarellentos**, caminhavam todo agora pelo apertado aterro, feito de lama e cinza, que liga S. Antonio ao Bairro Industrial." (FONTES, 1933, p.34).

ALGUNS CAVACOS

Datado em Houaiss (2020) do século XV, com acepção de "lasca de madeira, farpa ou lasca produzida pelo desbaste da madeira; acha, cavaca": "Três grandes pedras brutas serviam-lhe de fogão. Poz **alguns cavacos** entre ellas. Feito o fogo, collocou em cima a chaleira com agua, para fazer o café." (FONTES, 1933, p.25).

QUATRO OU CINCO TAREFAS DE CAYENA

Houaiss (2020) data de **"**1913" com acepção de caiena, mesmo que "cana-caiana" (variedade de cana-de-açúcar, originária de Caiena (Guiana Francesa), de que se produzem bom açúcar e boa cachaça):" "Se os filhos assim procediam, os paes não tinham um minuto de descanso. Geraldo carregava do primeiro ao ultimo dia do verão; e durante o inverno não largava a enxada, ora limpando os cannaviaes da patrôa, ora plantando para si **quatro ou cinco tarefas de cayena**. Josepha, da madrugada á bocca da noite, não parava. Cosia, lavava, mexia nas panellas, amanhava a terra nos roçados, cortava canna de empreitada." (FONTES, 1933, p.18).

CIGARRAS

Datado de 1540, com acepção "designação comum aos insetos homópteros da família dos cicadídeos, que reúne os maiores representantes da ordem, notáveis devido à cantoria entoada pelos machos": "Nos troncos das arvores as **cigarras** cantavam sem parar. Um magote de novilhas brancas, amalhando na estrada, levantou-se, preguiçoso, e foi se afastando de manso, ao badalar monotonodos chocalhos. De espaço a espaço, um tiro perdido de roqueira fazia estremecer os arredores..." (FONTES, 1933, p.14).

REDUZIDA CREAÇÕES

No nordeste brasileiro, "gado caprino e ovino": "João Piancó, doente, não poude salvar as **reduzidas creações**. E morreu de desgosto." (FONTES, 1933, p.16).

FRÓCOS (NUVENS BRANCAS)

Datado em Houaiss do século XIII, mesmo que "floco", no sentido de "massa pouco densa": "Tarde de inverno, sem sol e sem belleza. O verde forte dos arbutos punha manchas destacadas no vermelho esbranquicento da terra. O céu, recamando de nuvens brancas, agrupadas em **frócos**, lembrava um immenso algodoal que tivesse desabrochado por inteiro." (FONTES, 1933, p.11).

PALMAS VERDES DE IMBURY

Datado em Houaiss (2020) de 1881, atualmente grafado imburi, com acepção de "palmeira de até 6 metros, nativa do Brasil (SE a MG, RJ), de estipe cinzento, com anéis irregulares e boa madeira, folhas penadas, verde-escuras, prateadas na página inferior, flores amarelas, vistosas, e frutos alaranjados, com polpa e sementes comestíveis": "No terceiro da frente, limpo e areado, um arco triumphal, trançado das **palmas verdes de imbury**, marcava o ponto de passagem do cortejo." (FONTES, 1933, p.9). Também bori, buri, emburi, palha-branca, palma-branca, palmeira-buri, patioba, patioba-da-baía, pindoba.

JURITY

O termo juriti é datado de 1587. Refere-se à designação "comum a diversas aves columbídeas ou peristerídeas, de tamanho intermediário entre as pombas e as rolas, também chamada de pomba-juriti": "Do bonde, Fontoura ainda voltou-se algumas vezes para vel-a. Accendeu um cigarro, em seguida, e disse, tão alto, que um sujeito ao lado poude ouvir: - Agora, a **jurity** não foge mais...Cahiu no laço! E' minha!" (FONTES, 1933, p.168)..

MAGOTE DE NOVILHAS BRANCAS

Magote datado do século XIV, com acepção de "ajuntamento de novilhas", isto é, de "boi novo; almalho, bezerro": "Escurecia. Nos troncos das arvores as cigarras cantavam sem parar. Um **magote de**

novilhas brancas, amalhando na estrada, levantou-se, preguiçoso, e foi se afastando de manso, ao badalar monotonodos chocalhos. De espaço a espaço, um tiro perdido de roqueira fazia estremecer os arredores..." (FONTES, 1933, p.14).

MANDIOCAES CHEIOS DE BROTOS

Datado de 1757, com acepção de "extenso aglomerado de mandiocas em determinada área": "Seguiam, de vagar, pelas largas estradas, entre velames e candeias. Ás vezes, para encurtar distancias, mettiam-se pelas veredas entrecruzadas dos **mandiocaes cheios de brotos**." (FONTES, 1933, p.11).

MANGABAS

Datado de 1554, com acepção de "fruto da mangabeira; mangaba-ovo, sendo comestível e usado no fabrico de bebida vinosa.": "Agora, Ignacio a manejava ao seu talante. Marcava-lhe encontros para depois da ceia, em sítios afastados; dizia-lhe que faltasse serviço para ir com elle á Getimana, ao Sacco, onde havia os cajus mais bonitos da Cidade e **mangabas** que eram como mel de abelhas..." (FONTES, 1933, p. 67).

MARÉ CHEIA DE QUASI

Datado de 1611, atualmente, grafado maré-cheia, hifenizado, com mesma acepção de " maré alta" cheia, talvez, de "quase-cristal ou quasicristal" (cristais clássicos): "A **maré cheia de quasi** cobrira o Aterro. Ao sopro da ventania pequenas maretas se formavam e vinham rebentar bem aos pés da raparigas. Emergindo das aguas transparentes, as copas verdes dos mais altos mangues pareciam arvores fluctuantes. O aterro que liga o Bairro Industrial á parte mais rica da cidade tambem formigava de gente." (FONTES, 1933, p.36). Maré alta, por sua vez, sem datação em Houaiss, tem a acepção de "elevação máxima do nível do mar, durante uma enchente de maré".

PINDOBAS

Datado de 1585, com acepção de "designação comum a diversas plantas da família das palmas, especialmente às do gêneros Attalea": "A' porta de uma bodega um pescador, meio embriagado, trazendo ainda, enfiados em **pindobas,** os últimos mercados do peixe fresco, cantava arrastadamente trovas do sertão: - Travessei um rio a

nado/No fundo de uma tigela,/Arriscando a minha vida/Mode uma moça donzela...” (FONTES, 1933, p. 151).

LARGAS ESTEIRAS DE PIRI

Datado de 1777, refere-se à “planta nativa do Brasil, de colmo que atinge 1 m, folhas lineares e inflorescências em espiguetas, reunidas em cachos corimbiformes ou ovoides, que fornece fibra para esteiras e outras obras trançadas e celulose própria para o fabrico de papel translúcido: “Os convivas receberam essa noticia em algazarra, e logo, sem a menor cerimonia, se lançaram para a sala do fundo, na disputa dos logares. Sobre **largas esteiras de piri** servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas.” (FONTES, 1933, p.10).

RUSSO MAGRO E PERERECA

Refere-se a “cavalo russo” com o qualificativo de “pequeno e irrequieto” (perereca): “Justamente pelas onze da manhã foi que chegou Geraldo, cavalgando um **russo magro e perereca**. Era moreno claro, de estatura mediana, corpo delgado e agil. Estava sem casaco, na sua camisa nova de riscado, calças brancas, seguras por um largo cinturão de couro, com vistosas fivellas de metal. A’ cabeça, um largo chapéu de palha de carnaúba, circulado por uma fita escarlate, quebrado atraz e empinado na frente, produzia maravilhoso effeito.” (FONTES, 1933, p.9-10).

SILVO AGUDO DAS “TAQUARAS

Taquara, datado de 1584, “designação comum a diversas plantas da fam. das gramíneas, cujo caule é geralmente oco; bambu, bambu-taquara, taboca”: “De instante a instante: - o **silvo agudo das “taquaras”;** o estrondejar das bombas e roqueiras; rojões, derramando lagrimas multicores pelo espaço...” (FONTES, 1933, p. 200).

TABATINGA

Datado em Houaiss (2020) de 1610, com acepção de “qualquer tipo de argila mole e untuosa, sedimentar, de colorações diversas” e “ espécie de argamassa feita de argila, usado para caiar e revestir construções populares”: “A casa de João Piancó amanheceu engalanada, em honra ao grande festejo. A sala principal

resplandecia, muito branca, pintada de novo a **tabatinga**. Pelas paredes e janellas, ramos verdes de camarão, bandeirinhas de papel, fitas vermelhas. No fundo, em um nicho azul, recamado de flores, repousava a imagem do Santo." (FONTES, 1933, p.9).

TABOAS DE JATAHY

Datado em Houaiss (2020) de 1711, com acepção de "designação comum a várias plantas, de diferentes gêneros, da família. das palmas": "Estavam na sala de jantar e tomavam a sua refeição de pé, encostadas a algumas **taboas de jatahy**, collocadas sobre varas, que lhe serviam de mesa." (FONTES, 1933, p.29).

GRANDES TÓROS

Datado do século XIV, com acepção de " tronco de árvore abatida, ainda com a casca e limpo da rama": "Homens entroncados, sujos de pó, chegavam junto ás caldeiras da "Textil", empurrando wagonetes de lenha. Lavados de suor, os foguistas não descasavam, jogando **grandes tóros** em meio ás labaredas, Todas as achinas da Fabrica se moviam, num barulho ensurdecedor" (FONTES, 1933, p. 159).

VASA

Datado do século XV, com acepção de "qualquer acumulação de terras misturadas a matérias orgânicas em decomposição no fundo das águas do mar, de rios, de lagos; lodo, limo": "Houve gritos, ataques, mulheres que se rasgaram, saltando cercas a correr. Muitos se atiraram pelos mangues, ferindo-se nas ostras ponteagudas, atolando-se na **vasa**. Os poucos homens que pretenderam reagir, apanharam duramente. Cinco ficaram por terra, mal feridos. Dizia-se que entre os atacantes um tivera o ventre rasgado a canivete e fôra levado nos braços dos companheiros." (FONTES, 1933, p. 109).

HUMANICULTUREMAS

ACCESO DE SEZÕES

Em Houaiss(2020), datado do século XIII, mesmo que malária: "No decorrer desse tempo tiveram mais tres filhos: duas meninas e um

varão. Mas este , que era o segundo homem que lhes vinha, morreu, pequenino ainda, de um **acceso de sezões**." (FONTES, 1933, p.17).

ACCESSO DE TOSSE

Assaltado com acepção de "fazer adoecer de repente; atacar, acometer" de "tosse" (expiração brusca e barulhenta, involuntária ou voluntária, de ar contido nos pulmões): "Houve um zum-zum de risotas, que ainda mais veio augmentar o vexame da pequena. Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um **accesso de tosse** que ás vezes a suffocava." (FONTES, 1933, p.36).

BOCHECAS (SIC)

"Era magro e alto, quase loiro, olhos azues. Tinha o nariz pequeno e curvo: a testa ampla e luzidia. Os malares, salientes, punham-lhe duas covas muito fundas nas **"bochecas"**. E tinha o cotume de passar a lingua a cada instante sobre os labios." (FONTES, 1933, p. 136). No original está grafado "bochecas" (sic).

DOENÇADA

Se considerar como está grafado no original, "doençada", com o sufixo –ada, talvez tenha acepção de "Doença persistente": "- Essa menina, assim, não vai, dizia a velha, sempre que conversava a sós com o marido. Estou vendo a hora de tirar ella da escola. O que é que ella pode aprender, faltando tanto assim com a **doençada**? Só faz gastar sapato e um vestidinho mais de geito..." (FONTES, 1933, p. 90). Não há registro Houaiss(2020) , postulamos o ano de 1933 para datação deste termo se abonado por por um dicionário geral.

DOENCEIRA

Várias doenças juntas: "- Você não acha bom, Geraldo, tirar a Bella da escola de uma vez pra ajudar as despesas da casa? Com a **doenceira** sem parar em cima della, atrazou-se tanto nos estudos, que já está fóra de ponto pra tirar uma cadeira. O que ella tinha de aprender, já aprendeu. De saúde ella já anda bem melhor; só tosse uma vez por outra. A gente podia botar ella na "Textil" pra fazer uns servicinhos mais maneiros. Q eu ganhe seis, sete mil réis por semana... Sempre ajuda..." (FONTES, 1933, p. 121-122). Sem registro

em Houaiss (2020), postulamos sua inserção e sua datação para o ano de 1933.

GRIPE INSIDIOSA

Gripe "que parece benigno, mas pode ser ou tornar-se grave e perigoso": "Vida que não se modificava era a de Bella. Uma semana melhor; outra peior. Quando não a assaltava o rheumatismo, uma **gripe insidiosa** perseguia-a." (FONTES, 1933, p. 90).

HEMOPTYSES

Hoje, grafado hemoptise. Datado em Houaiss (2020) de 1707, com acepção de "expectoração de sangue proveniente dos pulmões, traqueia e brônquios, mais comumente observável na tuberculose pulmonar": "Bella morria lentamente. Já não se levantava, prostrada pela fraqueza mais extrema. As suas **hemoptyses,** agora, se repetiam com frequência. E eram sempre abundantes. Vomitos tão fartos que a sufocavam, muitas vezes." (FONTES, 1933, p.170).

COMEÇO DE HYDROPISIA

Datado do século sXIII, com acepção de "derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo": "Ella não fora feliz com o casamento. Desde os primeiros tempos o marido adoecera, atacado de sezões e reumatismo. Por fim, chegou a um estado em que não poude mais trabalhar: a barriga se dilatava, num **começo de hydropisia**; e a inflamação de um joelho tornava-o quase paralytico. Então, ella, gravida e também cheia de achaques, teve de retornar á Fabrica, em busca do alimento, que faltava." (FONTES, 1933, p.175).

PEQUENAS MARETAS

Datado de 1899, com acepção de "onda pequena": "A maré cheia de quasi cobrira o Aterro. Ao sopro da ventania **pequenas maretas** se formavam e vinham rebentar bem aos pés da raparigas. Emergindo das aguas transparentes, as copas verdes dos mais altos mangues pareciam arvores fluctuantes. O aterro que liga o Bairro Industrial á parte mais rica da cidade tambem formigava de gente." (FONTES, 1933, p.36).

MUNHECA DA MINHA MÃO DIREITA

Datado do século XV, com acepção de " a parte do corpo que faz a junção da mão com o antebraço" ou pulso : "- Olhe pr'aqui, pae. Agora, é a **munheca da minha mão direita**. Veja como está inchada. Nem posso mexer um tantinho assim." (FONTES, 1933, p. 127).

MEZINHA

Datado do século XIII, com acepções cabíveis ao contexto dado: (i) "líquido medicamentoso aplicado com enema"; (ii) " qualquer remédio"; e (iii) "medicamento caseiro": "- Eu sei... Será que essa **mezinha** faz effeito?" (FONTES, 1933, p. 129). Interessante a comparação que fazemos com a variante meizinha, esta sem datação em Houaiss (2020) , o mesmo que mezinha. Resumidamente, trata-se de forma divergente de medicina, por via erudita.

OUVIDOS MOUCO(S)

Datado do período de 1450-1516, mouco com a noção de "que ou aquele que não ouve ou ouve muito pouco; amouco": "Em casa, os velhos lhe diziam isso a cada passo. Na rua, as companheiras sussurravam-lhe conselhos. Porém ela, de **ouvidos mouco**, com o decorrer dos dias mais e mais se ia prendendo ao namorado" (FONTES, 1933, p. 185).

PROSTRADA PELA FRAQUEZA MAIS EXTREMA

Datado de 1602, com acepção de "em estado de prostração, abatido (física ou psiquicamente); alquebrado, debilitado" ou "sem ânimo, sem forças; derrubado, desanimado": "Bella morria lentamente. Já não se levantava, **prostrada pela fraqueza mais extrema**. As suas hemoptyses, agora, se repetiam com frequência. E eram sempre abundantes. Vomitos tão fartos que a sufocavam, muitas vezes." (FONTES, 1933, p.169).

PUXADO

Datado de (1090), com a acepção de "que demanda muito trabalho e tempo; árduo, difícil, trabalhoso" ou "cansativo, exaustivo": Geraldo objectou:- Mas será que ella aguenta esse **puxado**? Caminhar ao sol e á chuva e mastigar poeira de algodão... Tenho medo que ella não vá ficar doente..." (FONTES, 1933, p. 122).

RHEUMATISMO

Datado de 1836, com acepção "toda e qualquer afecção aguda, ou mais geralmente crônica, caracterizada por dor articular ou por outras alterações dos músculos e ossos; doença reumática": "Vida que não se modificava era a de Bella. Uma semana melhor; outra peior. Quando não a assaltava o **rheumatismo**, uma gripe insidiosa perseguia-a." (FONTES, 1933, p. 90). Outro exemplo bem expressivo: "Ella não fora feliz com o casamento. Desde os primeiros tempos o marido adoecera, atacado de sezões e **rheumatismo**. Por fim, chegou a um estado em que não poude mais trabalhar: a barriga se dilatava, num começo de hydropisia; e a inflamação de um joelho tornava-o quase paralytico. Então, ella, gravida e também cheia de achaques, teve de retornar á Fabrica, em busca do alimento, que faltava." (FONTES, 1933, p.175).

RICTUS DE DÔR

Ríctus é variante datada de 1899, mesmo que ricto, isto é, "contração dos músculos da face ou da boca, que dá ao rosto o aspecto de riso forçado": "Sá Josepha nem percebeu que elle sahira. Deixára-se ficar de pé, no meio da sala, olhando o chão. Um **rictus de dôr** vincava-lhe o semblante." (FONTES, 1933, p. 130).

ATACADO DE SEZÕES

Datado do século XIII, com "febre intermitente ou cíclica" ou "malária (também usado no plural)": "Ella não fora feliz com o casamento. Desde os primeiros tempos o marido adoecera, **atacado de sezões** e rehumatismo. Por fim, chegou a um estado em que não poude mais trabalhar: a barriga se dilatava, num começo de hydropisia; e a inflamação de um joelho tornava-o quase paralytico. Então, ella, gravida e também cheia de achaques, teve de retornar á Fabrica, em busca do alimento, que faltava." (FONTES, 1933, p.175). ao port. sezão; segundo o autor, em lat. era frequente o snt. accessio morbi, abrev. em accessio, donde o esp. l'acesión, separado erroneamente em la cesión e, logo, ceción com (dilação consonântica) e ción (por metafonia)".

TISICA

Datado de 1562, com acepção de " que ou aquele que sofre de tísica; tuberculoso": "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma

suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu suculento, uma gemmada. A **tisica**, inapetente, recusava. Então a velha, ao invés de apoquentar-se, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....Pelo amor de Deus, tome...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170).

TUBERCULOSA

Datado de 1788, com acepção de " aquele que apresenta tuberculose": "Sabendo que entre as seis e as seis e meia ella sempre estava em casa, passou a visitar a **tuberculosa** justamente a essa hora." (FONTES, 1933, p.165).

TATICULTUREMAS

DESTEMIDOS BACAMARTISTAS DAS REDONDEZAS

Por bacamarteiro, sem datação em Houaiss (2020) , ao certo com sentido de "brincante de um grupo uniformizado que dispara tiros de pólvora seca em festas juninas e natalinas, ao som de orquestras de pífanos ou zabumbas" e que "Atuam em cidades de Sergipe e Pernambuco": "Com effeito, mostrava-se incansavel, preparando tudo para a festa. Foi ao Lagarto fazer provisão de polvora, de folguetes, de bebidas. Comprou roupas novas para a familia e enfeites varios para a imagem do Santo. Escolheu, a dedo, os mais **destemidos bacamartistas das redondezas**. Chamou as mulheres que melhor sabiam tirar as ladainhas." (FONTES, 1933, p.8). O ano de 1933 é data indicativa para a datação do verbete bacamarista.

FABRICAS DE TECIDOS

Refere-se, em Aracaju, à fábrica de tecidos "Sergipe Industrial", fundada em 1882 (SANTOS, 2014): "Na Capital havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas **Fabricas de Tecidos.** Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom logar, como ferreiro ou machinista... Uma outra vida, emfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente... Depois tinha assim uma certeza, uma espécie de presentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas.

As duas mais novas iriam para a escola. Nem precisavam até de trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora..." (FONTES, 1933, p.19).

"O ENCOURAÇADO POTEMKIM"

Refere-se ao livro "*O Encouraçado Potemkin – onze dias decisivos do motim vermelho de 1905*", escrito por Neal Bascomb, no qual nos revela a revolta de marinheiros de um navio de guerra em 1905, que seria o prenúncio da Revolução Russa de 1917: "- Você precisa ler agora - disse José Affonso para Pedro - "**O Encouraçado Potemkim**" (FONTES, 1933, p. 92).

GRANDE RELOGIO DA "SERGIPANA"

O autor se refire ao relógio na fábrica de tecido Campanha Sergipana de Fiação:: "Quatro horas acabavam de soar, lentamente, no **grande relogio da "Sergipana**"." (FONTES, 1933, p.23).

SECCA DE 905

Na obra, aparece "Seecca de 905", certamente, referindo-se à seca de 1905: "Tão violenta foi a **secca de 905**, que o capim chegou a crescer no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo!" (FONTES, 1933, p.14).

MITOCULTUREMAS

BICHO ESQUISITO

Ao contexto dado, parece-nos sugerir o adjetivo esquisito algo do tipo "que tem um aspecto feio ou desagradável": "- Puxa! **Bicho esquisito**, aquelle! Parece um jagunço de Canudos!..." (FONTES, 1933, p. 97).

CAMPONESES DO VASA-BARRIS, DA COTINGUIBA

O primeiro refere-se ao nome do rio, palco da famosa Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro no século XIX, aconteceu às margens do rio, no sertão baiano. Seu curso de água banha os estados da Bahia e Sergipe. Sua nascente localiza-se no sopé da serra dos Macacos, sertão da Bahia, próximo ao município de Uauá. Já Cotinguiba refere-se àmicrorregião do Baixo Cotinguiba, uma das

microrregiões do estado brasileiro de Sergipe pertencente à mesorregião do Leste Sergipano.: "Eram praieiros de S. Christovam e Itaporanga; **camponeses do Vasa-Barris**, **da Cotinguiba**: sertanejo de Itabaianae das Caatingas – que, num dia ou noutro, tangidos pela mais alta miseria, haviam desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pelas cidades..." (FONTES, 1933, p.31).

JAGUNÇO DE CANUDOS

O termo jagunço é de 1853, mas a referência a Canudos nos remete à noção baiana de "seguidor de Antônio Conselheiro (1828-1897), chefe religioso da rebelião de Canudos, na Bahia": "- Puxa! Bicho esquisito, aquelle! Parece um **jagunço de Canudos**!..." (FONTES, 1933, p. 97).

PUGNAS TRIBUNICIAS DE FAUSTO E MOACYR

Pelo contexto, exibições oratórias:

"Carlos Pereira relembrou as **pugnas tribunicias de Fausto e Moacyr**" (FONTES, 1933, p. 145).

RELIGICULTUREMAS

CAPELLA DE S. ANTONIO

Além de ser a única da época, era pobre e pequena:"Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'agua suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no verde escuro lustroso das folhas viridentes. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro gralhava em vozearia. Na **Capella de S. Antonio**, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151).

NOSSA SENHORA DO SOCCORRO

Nas primeiras penetrações de portugueses em território de Sergipe, foi criada a freguesia, por decisão do Arcebispo da Bahia, D.

Sebastião Monteiro de Violi, sob a invocação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar da Cotinguiba: "-Oh! minha **Nossa Senhora do Soccorro**!...Foi tudo obra daquele miserável!...Me dê a sua proteção, seu Dr. Chefe...Obrigue ele a se casar com minha filha..." (FONTES, 1933, p. 267). Também se refere ao município brasileiro do estado de Sergipe, localizado na Região Metropolitana de Aracaju.

O ANDOR DA CATHEDRAL

Andor, datado de 1500, refere-se a "padiola ornamentada em que se transportam imagens sacras nas procissões": "Ás quatro horas sahia o **andor da Cathedral** com destino á ponte de embarque, na praça do Palacio. Ahi, uma embarcação engalanada o recebia." (FONTES, 1933, p. 222).

PROCISSÃO DO BOM JESUS NO ARACAJÚ

Realizada há 163 anos, o narrador se refere à procissão do Bom Jesus dos Navegantes no Aracaju: "- Está uma beleza! Só a **procissão do Bom Jesus no Aracajú!...**" (FONTES, 1933, p.13).

FACTO DE PROVIDENCIA

A inicial maiúscula indica a acepção "ação pela qual Deus conduz os acontecimentos e as criaturas para o fim que lhes foi destinado": "Elles consideravam uma verdadeira calamidade - e a cada momento o repetiam - o **facto de Providencia** lhes haver enchido a casa de mulheres. Porque estas, em verdade, pouco lhes poderiam ajudar na rude labuta do campo." (FONTES, 1933, p.17).

OCUPACULTUREMAS

AJUDANTE DA SECÇÃO DOS TEARES DA "SERGIPANA"

O termo frangalho, datado de 1616, nos dá a noção de " farrapo, trapo, andrajo" ou "pessoa ou coisa que se mostra gasta, acabada" acrescido do sufixo diminutivo –zinho nos dá a expressão "frangalhozinho de gente" com a função modesta de "ajudante" da indústria têxtil: "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma rapariguita muito branca, de treze annos apenas. Era um

frangalhozinho de gente, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os labios arroxeados de frio. Chamava-se Clarinha e servia, como **ajudante, na secção dos teares da "Sergipana**", vencendo o ordenado de quatrocentos réis por dia." (FONTES, 1933, p.34-35).

AJUDANTE DE TORNEIRO NAS OFFICINAS DA ESTRADA DE FERRO

"Era um jovem de dezoito annos, quasi loiro, de estatura mediana. Trabalhava como **ajudante de torneiro nas officinas da Estrada de Ferro**, situadas muito longe, no bairro do Aribé. Tinha por isso, de sahir de casa muito cedo, levando a refeição numa latinha, para só regressar já noite feita." (FONTES, 1933, p.25).

AUXILIAR DO MACHINISTA DO EUGENHO

"Em casa delles, todos trabalhavam duramente. Uma das raparigas chegava a fazer 4$000 por semana, como botadeira de canna na moenda. A mais velha se ocupava em ralar a mandioca de todos os roceiros do logar, recebendo, como paga, entre dez a quinze litros da farinha preparada.O rapaz, que exercera já uma meia dúzia de empregos, servia agora como **auxiliar do machinista do Eugenho**. Até as duas menores sempre faziam alguma coisa, ajudando em casa ou na roça." (FONTES, 1933, p.17).

BODEGUEIRO

Proprietário ou empregado de bodega (pequena venda de secos e molhados): "- Foi pro Geremoabo, perto de Canudos, com um **bodegueiro** daquelas bandas, um tal Zezinho... Isso já faz tempos... Nunca mais ninguém soube della em Simão Dias." (FONTES, 1933, p. 132).

BOIADEIRO DO PIAUHY

Datado de boiadeiro de 1836, com acepção de "guardador e/ou tocador de boiada" ou vaqueiro": "Nascera em Garanhuns, sertão de Pernambuco. Do pae tivera apenas, em toda a sua vida, vagas noticias. Sabia que era um **boiadeiro do Piauhy**, homem briguento, talvez muitas vezes assassino. E nada mais." (FONTES, 1933, p. 62).

BOTADEIRA DE CANNA NA MOENDA

Hoje, refere-se ao moleiro, indivíduo que trabalha em moinho. A atividade, em geral, exercida por homem (daí, botador de cana-de-açucar), a acepção mais viável ao contexto é "a que põe cana-de-açucar para moer no engenho" cuja paga ou salário, em geral, é porção de grão ou farinha dada": "Em casa delles, todos trabalhavam duramente. Uma das raparigas chegava a fazer 4$000 por semana, como **botadeira de canna na moenda**. A mais velha se ocupava em ralar a mandioca de todos os roceiros do logar, recebendo, como paga, entre dez a quinze litros da farinha preparada.O rapaz, que exercera já uma meia dúzia de empregos, sevia agora como auxiliar do machinista do Eugenho. Até as duas menores sempre faziam alguma coisa, ajudando em casa ou na roça." (FONTES, 1933, p.17).

TAL DO CABO DE POLICIA

Graduação hierárquica de praça imediatamente superior a soldado e imediatamente inferior a terceiro-sargento: "- Já sei, já sei, interrompeu Sá Josepha, em tom sarcastico. Anda ás voltas com o **tal do cabo de policia**... Um mulato ahi a tôa, que só quer tomar o tempo dela...Mulher é um bicho tolo! Deixa se embeiçar por um qualquer." (FONTES, 1933, p. 58).

CANTADOR DE MODINHAS DESTA ZONA

Ao contexto dado, cabe bem a acepção de "poeta popular" que canta modinhas, isto é, canções tradicionais urbanas portuguesas e brasileiras com temática inicialmente espirituosa e depois amorosa, acompanhadas, especialmente por violão: "- Mas não pense que já está me conhecendo todo inteiro... O cabo Ignacio dos Santos, não é apenasmente *isso* que acaba de escutar. E' tambem o **maior cantador de modinhas desta zona**. E' o *garganta de ouro*, sem favor..." (FONTES, 1933, p. 66).

"COMBOIEIROS DO S. FRANCISCO"

Refere-se a barcos (aos donos ou empregados, também) que escoltas ou guiam um ou mais cargueiros: "Setembro já fôra escasso de chuvas. Os "**comboieiros do S. Francisco**", infalliveis em Outubro, falharam dessa vez. E assim, sem que do céu pingasse uma só gotta d'agua, chegou-se a Março. (FONTES, 1933, p.7).

CONTRA-MESTRE DE SECÇÃO

Atualmente, grafado contramestre, datado de 1523, com acepção de "profissional qualificado que dirige operários ou outros trabalhadores numa oficina, numa seção de fábrica": "– Foi Misael, o **contra-mestre da minha secção**... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" O povo todo viu. Elle ficou danado commigo, e por isso vive de prevenção... Hoje, só cheguei um bocadinho mais tarde – ainda não tinham fechado o ponto – o infame disse que eu não entrava neste quarto . Veio logo com enxerimentos: "Se eu quisesse esperar por elle , de noite, no Becco da Cerimonia..." Nem deixei que ele acabasse. Dispamparei, xinguei tudo, e vim m'embora... Com toda certeza agora o miseravel vai dar parte de mim... Tambem, eu me importo! Não volto mais pra trabalhar naquelle inferno. Não volto, não volto, promto!" (FONTES, 1933, p. 40). Outra passagem expressiva é esta: "- Elle é **contra-mestre**! Atalhou, secco e severo, Seu Joãozinho. De nada adianta a sua explicação. E' na palavra dele que eu tenho de acreditar. Senão, adeus ordem e disciplina... A Senhora mesmo foi a culpada de tudo. Fez um bruto escandalo na hora do serviço. Agora, não tem mais remedio. Seu nome foi riscado da lista. Acabou-se." (FONTES, 1933, p. 47-48).

CONTRA-MESTRE

Datado de 1523. Hoje, grafado sem hífem, com acepção de "profissional qualificado que dirige operários ou outros trabalhadores numa oficina, numa seção de fábrica, num canteiro de obras etc.": "E' assim, Seu Dr., reatou Sá Josepha. A gente veio da Capella, do "Engenho da Ribeira", não faz ainda muito tempo, e foi morar alli na Estrada Nova. Eu, o marido e a filharada... Pois bem: Esta, que o Snr. está vendo ahi, ajudava mais do que todos nas despesas. Agora, perdeu o emprego, mode uma briga que appareceu lá no serviço. Mas o Snr. póde me crer que ella está coberta de razão. O **contra-mestre** sahiu com enxerimentos; ella partiu com elle... E só por isso, olho da rua. Procurou logar no outro Tecido. Disseram que não tem vaga. A gente não é daqui, e tem pouco conhecimento. Só Seu Dr. póde dar geito..." (FONTES, 1933, p. 52).

GRANDE DEDILHADOR DO VIOLÃO

Com acepção de "aquele que toca cordas de instrumentos musicais com os dedos": "No ponto terminal da linha dos bondes havia um grande ajuntamento, em frente a uma casita de telha sem reboco. Chico da Genoveva, o **grande dedilhador do violão**, acompanhava a modinha choramingas que um militar amulatado, de grande cabeleira aberta ao meio, soltava arrastadamente para os ares. Bem junto a elle Rosenda escutava, o ar alheiado, embevecida." (FONTES, 1933, p. 56). Não há registro do termo "dedilhador" em Houaiss (2020) , o que nos leva a postular seu registro e sua datação para o ano de 1933 .

DELEGADO GERAL DO ACARAJÚ

No contexto, entendemos como "funcionário que chefia a atividade policial", em nível municipal: "Na Faculdade tinha se distinguido, sobretudo, por suas idéas liberaes. De continuo alludia á "Idéa Nova". Assim, quando se estabeleceu no Aracajú, com o seu diploma de bacharel já conquistado, poz-se a patrocinar gratuitamente os presos pobres e defendeu com brilho e ardor certa causa que apaixonára os saveiristas. A Sociedade dos chauffeurs, a dos estivadores, não tardaram em convidal-o para seu advogado. Houve quem o taxasse de revolucionario e communista. Mas isso não impediu que o Governo, por insistencia de um chefe politico sertanejo, o nomeasse **Delegado Geral do Acarajú." (FONTES, 1933, p. 106).**

FOGUISTA NUMAS DAS FABRICAS DA CIDADE

Datado de 1899, com acepção de "aquele que cuida das fornalhas nas máquinas a vapor" ou "; fogueiro, fornalheiro" da fábrica: "Mas, antes de assentarem em definitivo a partida, Josepha julgou prudente escrever a mestre Almerindo, um seu irmão que servia como **foguista numas das fabricas da cidade**. Pedui-lhe por solicitar que lhes dissesse, com franqueza, o seu pensar a respeito" (FONTES, 1933, p.20).

GERENTE (DA SERGIPANA)

Referente a Seu Joãozinho, gerente da Sergipana. Aqui, o adjetivo ordinário com acepção figurativa "que tem ou denota má educação, descortesia, grosseria; baixo, grosseiro, mal-educado": "O

gerente, de ordinário tão affavel e risonho com ella, nesse dia a recebeu de physionomia trancada, carrancudo. Desilludiu-a logo ás primeiras palavras" (FONTES, 1933, p. 47).

QUINZE LOGARES-TENENTES

Datado do século XV, com acepção de" pessoa que secunda um chefe e o substitui em caso de ausência": "Nessa noite houve uma reunião secreta entre José Affonso e os seus **quinze logares-tenentes** mais dispostos. Eram contra-mestres, foguistas, mecânicos, pedreiros e typographos." (FONTES, 1933, p. 108).

MOÇA DO TECIDO

Moça trabalhadora de fábrica e pobre: "[...] Pois bem: Gostava há muito tempo de um rapaz lá da cidade. Estava quase noiva E, quando é agora, ele acabou com tudo de uma vez, obrigado pela família, que não quis o casamento nem por nada, só porque ella era uma **moça do Tecido**..." (FONTES, 1933, p. 233).

OFFICIO DE TORNEIRO

Datado de 1426, com acepção de "aquele que trabalha com o torno (aparelho munido de duas manivelas, com o qual os besteiros armavam a besta de roda)": "Com uma rapidez que todos surprehendia, Pedro ia galgando as melhores posições em sua officina. Fazia já cinco mil réis por dia e cada vez mais se aperfeiçoava no seu **officio de torneiro**. Soturno por natureza, entregava-se ao trabalho sem delle desfitar a attenção um só instante. E assim, em pouco tempo já passava por ser um operario modelar. Os chefes conheceram-no e admiraram-no. Sempre que passavam perto dele, cumprimentavam alegremente : - Olá! Rapaz. Como vai isso?" (FONTES, 1933, p. 89-90).

ORDENADO DA SEMANA

Datado de 1503, com a noção de" retribuição constante que alguém (trabalhador, empregado, servidor público etc.) recebe periodicamente por seu trabalho; vencimento, salário": "As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o **ordenado da semana** ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma peça de renda,

um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210).

SAVEIRISTA

Datado de 1911, com duas acepções possíveis: (i) "proprietário e/ou tripulante de saveiro": "Benedicta era noiva ha muitos annos de um certo Manoel Alves, que trabalhára longo tempo nas salinas com seu pae. A outra, que todos chamavam apenas de Do Carmo, estivera quasi a se casar com um **saveirista**, que afinal terminou por enganal-a. Tomou-se, então, de um grande desprezo pelos homens. A's vezes, fingia interessar-se por algum. Mas já o fazia com proposito de logo após repellil-o e escorraçal-o." (FONTES, 1933, p. 88).

CANTADOR DE MODINHAS

Cantador de modinhas nos remete à "variedade de canção tradicional urbana portuguesa e brasileira, surgida no sXVIII com temática inicialmente espirituosa e depois amorosa, com predominância do modo menor; moda [Foi cultivada em saraus e sofreu processo de popularização de meados do sXIX em diante, acompanhada, então, especialmente por violão.]: "Mas... O que era elle? "Um **cantador de modinhas**", "um loroteiro", "morcego vagabundo", um "vira-copo"..." (FONTES, 1933, p. 67).

VELHO SALINEIRO QUASI CEGO

Datado de 1789, com a noção de "aquele que trabalha nas salinas" ou "vendedor de sal": "Maria do Carmo e Benedicta eram seus nomes. Irmãs gemeas, de feições bem semelhantes, altas, forte, morenonas. O pae, um **velho salineiro quasi cego**, já não podia mais exercer a profissão. Mas cozinhava e lavava, fazia os serviços da casa, emquanto as filhas estavam no trabalho." (FONTES, 1933, p. 88).

VENDEIRA ABORRECIDA

Datado do século XVI, com acepção de "dono de venda no sentido de mercearia, botequim, taberna": "-Oh! Sá Maria! Exclamou

a **vendeira aborrecida**. Pra que falar assim da pobre da mulher? Pois olhe: Eu só vim conhecer esse pessoal quando eles vieram de muda para Cidade; mas sou capaz de jurar que a velha sempre foi muito direita. Não está se vendo logo...A gente conhece pelos modos" (FONTES, 1933, p. 189).

ORGANICULTUREMAS

"O PROLETARIO"

Jornal operário: "Fundou, logo em seguida, "**O Proletario**"; organizou demonstrações publicas de cohesão da classe; preparou um grande eleitorado, para se fazer temido dos governos." (FONTES, 1933, p. 93).

"SOCIEDADE PROLETARIA DE SERGIPE"

O levantamento do movimento proletário em Sergipe não no permite afirmar que nos anos 30 tenha efetivamente existido a referida "sociedade proletária de Sergipe" (com aspas, como aparece na 1ª edição) ou de uma "A "Sociedade Proletaria de Aracaju": "**A Sociedade Proletaria de Sergipe**" vivia inactiva, quasi morta. Eleito seu secretario, José Affonso ergueu-a do chão e fel-a vibrar ao calor do seu enthusiasmo juvenil." (FONTES, 1933, p. 93).

ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE

Presumimos que autor faz uma remissão ao Hospital de Rosário do Catete, inaugurado na década de 1930. Na sua fundação, em 6 de janeiro de 1874, recebeu o nome de Casa de Caridade ou Associação Rosa Vieira de Melo: "Elle agora é o presidente da **Associação de Caridade**. Hoje eu vou lá falar com elle." (FONTES, 1933, p. 129). Talvez, o personagem Dr Barros seja uma referência ou homenagem ao Padre Luiz da Rocha Villar, criador da Casa de Caridade, um homem dedicado aos pobres de Rosário do Catete, município de Sergipe.

BIBLIOTHECA PUBLICA DA CIDADE

Criada pela Lei 233, de 16 de junho de 1848, a Biblioteca Pública ocupou inicialmente uma sala do Convento São Francisco, na então capital da Província, a cidade de São Cristóvão: "Como os seus

minguados vencimentos não lhe permittissem adquirir os livros desejados, procurou conhecel-os na **Bibliotheca Publica da cidade**. Zola, Gorki, Tolstoi, todos os que fizeram sentir, em suas obras, a injustiça da organização social contemporanea, despertaram-lhe a mais viva sympathia. Assim, de passo em passo, guiado por suas proprias tendencias libertarias, chegou a Trotzky e Lenine. Deslumbrou-se ante a argumentação, cerrada e forte, dos dois genios moscovitas. E aceitou integralmente o communismo." (FONTES, 1933, p. 93). A Biblioteca, em 1970, recebeu o nome de Epifânio Dória, intelectual que dirigiu a Biblioteca durante 29 anos e, posteriormente, mudou-se para o edifício na Rua Dr. Leonardo Leite, construído no governo João Andrade Garcez, onde funciona até os dias atuais.

BUSIO

Hoje, grafado "buzio", com "z", refere-se à espécie de apito de fábrica semelhante a **"**trombeta ou corneta": "Caçulinha estremeceu. E, num espanto: - O quê? O **busio** já apitou?! – Chi!...Vou chegar tarde!" (FONTES, 1933, p. 199).

CAMPANHA SERGIPANA DE FIAÇÃO

Ao certo, o autor se refira à Campanha Sergipana de Fiação (entre aspas, na 1ª edição da obra). Também apelidada pelo povo sergipano de "Sergipana": "Ellas estavam lá, acaçapadas e enormes. Eram duas: a da "**Campanha Sergipana de Fiação**", que o povo cognominava "**Sergipana**", e a da "Empresa Textil no Norte", appellidada simplesmente de "Textil"." (FONTES, 1933, p.31).

DESLIGADO DAS FORÇAS NAVAES

Ou seja, pelo contexto, quer dizer "desligar-se da da Marinha de Guerra": "**Desligado das Forças Navaes**, embarcadiço num cargueiro nacional de longo curso. Conheceu Hamburgo e o Havre; por causa de mulheres envolveu-se num conflito e foi preso nas docas de Nova-York ." (FONTES, 1933, p. 63).

DOCAS DE NOVA-YORK

Independentemente do termo de Marinha ("parte abrigada de um porto, dispondo de cais acostável onde se podem recolher embarcações para fugir do mau tempo ou para carregar e descarregar") , a expressão

em tela remete também o leitor ao filme "As Docas de Nova Iorque", de Josef von Sternberg: "Desligado das Forças Navaes, embarcadiço num cargueiro nacional de longo curso. Conheceu Hamburgo e o Havre; por causa de mulheres envolveu-se num conflito e foi preso nas **docas de Nova-York** ." (FONTES, 1933, p. 63).

"EMPRESA TEXTIL NO NORTE"

Na ficcão, apelidada pelo povo sergipano de "Textual": "Ellas estavam lá, acaçapadas e enormes. Eram duas: a da "Campanha Sergipana de Fiação", que o povo cognominava "Sergipana", e a da "**Empresa Textil no Norte",** appellidada simplesmente de "Textil"." (FONTES, 1933, p.31).

ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS

tualmente, Capitania dos Portos de Sergipe, situada na Avenida Ivo do Prado nº 752, instalada no início do século XX, onde funcionou a extinta "Escola de Aprendizes Marinheiros de Sergipe", a que o autor faz referência: "Conhecido o seu estado de orphandade e de miseria, internaram-no na **Escola de Aprendizes Marinheiros**. Fez gymnastica; tornou-se forte. E, aprendeu a ler com uma facilidade que pasmou os professores." (FONTES, 1933, p. 63).

INGRESSO NA ESCOLA NORMAL

Trata-se de escola que se destina à formação de professores do primeiro segmento do ensino fundamental e das classes de alfabetização: "De referencia a Caçulinha, no entretanto, era bem differente o que se dava. Seu curso primario estava prestes a findar; e como tivera sempre bôas notas já tinha assegurado o seu **ingresso na Escola Normal** no proximo anno." (FONTES, 1933, p. 91). Importante assinalar que, em Sergipe, de 1870 a 1935, funcionou a "Escola Normal em Sergipe: Formação e Profissionalização feminina". Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução "Escola Normal", no âmbito da pedagogia.

POLITICULTUREMAS

"IDÉA NOVA"

Ao certo, se referindo à nova ideia (entre aspas, na obra) de socialismo e de política revolucionária: "Na Faculdade tinha se

distinguido, sobretudo, por suas idéas liberaes. De continuo alludia á "**Idéa Nova**". Assim, quando se estabeleceu no Aracajú, com o seu diploma de bacharel já conquistado, poz-se a patrocinar gratuitamente os presos pobres e defendeu com brilho e ardor certa causa que apaixonára os saveiristas. A Sociedade dos chauffeurs, a dos estivadores, não tardaram em convidal-o para seu advogado. Houve quem o taxasse de revolucionario e communista. Mas isso não impediu que o Governo, por insistencia de um chefe politico sertanejo, o nomeasse Delegado Geral do Acarajú." (FONTES, 1933, p. 106).

"SOCIEDADE DOS CHAUFFEURS, A DOS ESTIVADORES"

Sociedade que congrega os estivadores (trabalhadores portuários): "Na Faculdade tinha se distinguido, sobretudo, por suas idéas liberaes. De continuo alludia á "Idéa Nova". Assim, quando se estabeleceu no Aracajú, com o seu diploma de bacharel já conquistado, poz-se a patrocinar gratuitamente os presos pobres e defendeu com brilho e ardor certa causa que apaixonára os saveiristas. A **Sociedade dos chauffeurs**, **a dos estivadores,** não tardaram em convidal-o para seu advogado. Houve quem o taxasse de revolucionario e communista. Mas isso não impediu que o Governo, por insistencia de um chefe politico sertanejo, o nomeasse Delegado Geral do Acarajú." (FONTES, 1933, p. 106).

ASSOCIAÇÃO DAS INDUSTRIAS

Associação de classe: "A população, no entretanto, não se deixou enganar um só instante. Viu que o Governo cruzára os braços de proposito. Comprehendeu que tudo aquillo nada mais era que uma consequencia da luta partidaria. E protestou. A **Associação das Industrias** lançou manifesto, prestigiando a "Textil" e a "Sergipana". O Commercio e as Profissões Liberaes a acompanharam." (FONTES, 1933, p. 110).

CABALA INTENSISSIMA

Com as acepções pejorativas e figurativas de "elucubração ou cálculo feito em segredo, esp. negociação ou combinação secreta, entre indivíduos ou grupos que têm um objetivo comum; intriga, conluio, maquinação" ou "conjunto de indivíduos ou facções que participam de uma intriga ou combinação secreta": "A politica de

Sergipe se encontrava numa de seus effervescencias periodicas. Iam se realizar as eleições para a renovação da Camara Federal. A opposição, representada pelo Dr. Pereirinha , que desfructava um grande prestigio em todo o Estado, e pelo General Rolando Martins, abertamente apadrinhado pelo Centro, desenvolvia uma **cabala intensissima**." (FONTES, 1933, p. 103).

CABALAR

Datado do século XVIII, com acepções aplicáveis ao contexto como " fazer, ou participar de cabala (no sentido de 'intriga'); conspirar, tramar" ou "aliciar (eleitores) ou obter (votos) por meios ardilosos, tortuosos ou ilícitos": Certo dia, fez vir á sua presença o Dr. Celestino, Delegado de Policia da Capital, e começou a lhe explicar: - Mandei chamal-o, Dr. Celestino, para lhe dar pessoalmente algumas ordens. O Prado está doente. E, ademais, ao Snr. mesmo é que deve caber essa missão, por suas velhas ligações com as classes trabalhadoras. Trata-se disso: Essas duas Fabricas me movem uma opposição surda e tenaz. Com parte de dar liberdade de opinião aos operarios **cabalam** ás escondidas contra mim. Agora chegou a vez de eu lhes dar uma lição. Como o Snr. sabe, elles não perdem vasa para explorar a pobreza. Nessa questão do trabalho nocturno estão fazendo assim. Resolvi, então, me pôr decididamente ao lado dos operarios, ajudal-os de toda forma, para que vençam a partida. Quero, portanto, que o Snr. aja nesse sentido. Procure os chefes da greve, dê-lhes pleno conhecimento dessa minha deliberação. Ante a luta que vimos sustentando, é preciso angariar sympathias, deste ou daquelle lado..." FONTES, 1933, p. 104-105).

RENOVAÇÃO DA CAMARA FEDERAL

Mesmo que Câmara dos Deputados ou Câmara Baixa, aquela em que se reúnem os deputados: "A politica de Sergipe se encontrava numa de seus effervescencias periodicas. Iam se realizar as eleições para a **renovação da Camara Federal**. A opposição, representada pelo Dr. Pereirinha , que desfructava um grande prestigio em todo o Estado, e pelo General Rolando Martins, abertamente apadrinhado pelo Centro, desenvolvia uma cabala intensissima." (FONTES, 1933, p. 103). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta locução.

CARTA BRANCA

Acepção figurativa de "autorização que se confere a alguém para agir do modo que julgue melhor; plenos poderes": "E, estendendo a mão para o rapaz:- Comprehendeu tudo claramente, não é assim? Pois bem: Tem **carta branca**. Póde agir." (FONTES, 1933, p. 105). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta locução.

EMBOSCADA

Datado de 1551, com acepção de "espera às ocultas do inimigo para investir sobre ele; cilada, tocaia": "Mas, na madrugada de terça-feira veio a *revanche*, em que ninguem acreditára. Os operários que retornavam do trabalho foram agredidos a cacete, de **emboscada**, nos aterros e viellas por onde tinham o seu caminho." (FONTES, 1933, p. 109).

IDÉAS CARBONÁRIAS E ANARCHISTAS

Carbonária, enquanto substantivo, com acepção de "sociedade secreta de ideias liberais, derivada da franco-maçonaria, e que surgiu na Itália em princípios do sXIX e à qual pertenciam os carbonários", em que "carbonário", datado de 1836), refere-se a " membro, adepto ou simpatizante da carbonária (no sentido de 'sociedade'); carbonarista" ou, por extensão, "membro de qualquer sociedade secreta com fins revolucionários": "Ahi, foi a vez de Saraiva também manifestar-se: - Não raro vocês me emprestam **idéas carbonárias e anarchistas**...Mas, deante do que eu acabo de ver e do que diz ahi o deputado, acho que ainda sou brando em excesso! Uns, exploram por interesse e inconsciência; outros calam, por falta de sinceridade e de coragem!....De quem esperar o remédio, então? Cada vez mais me venço: - Ou o pobre faz justiça pelas suas próprias mãos, ou há de viver escravo eternamente" (FONTES, 1933, p. 149-150). O adjetivo anarquista no contexto de movimento político, de 1818, se refere a " partidário do anarquismo" ("sustenta a ideia de que a sociedade existe de forma independente e antagônica ao poder exercido pelo Estado).

LONGO TELEGRAMMA DO LEADER

Com acepção de "indivíduo que tem autoridade para comandar ou coordenar outros": "- E' isso: Acabo de receber um **longo**

telegramma do *leader*, pedindo a inclusão na chapa official do Pererinha e do Rolando, allegando que todos são amigos do Governo e por isso não convem, ante a delicadeza do momento nacional, haver dissensões pelos Estados. Aconselha, portanto, o congraçamento de todos os correligionarios. Mas fal-o em termos muito cordiaes, chamando-me de chefe, dizendo que espera tudo do meu patriotismo. Deante disso, não posso desattendel-o. Ora, havendo o que ha, é preciso pôr um termo a essa greve, que está se revestindo de uma incrivel violencia. E' necessario, mesmo, punir os mais exaltados. Toda a população está contra nós. Precisamos mostrar que não damos mão forte a desordeiros." (FONTES, 1933, p. 112).

LEIS DE SALARIOS MINIMOS

Houaiss (2020) registra, para 1940, salário mínimo como termo jurídico, com a noção de "contraprestação mínima devida pelo empregador a todo empregado, a fim de satisfazer as necessidades deste e de sua família, sendo vedada sua vinculação para todo e qualquer fim": " – Tudo, falta de uma legislação sabia e adequada. Muito menos, em verdade, seria o sofrimento dos humildes, se tivéssemos **leis de salários mínimos**, de seguros operários, e outras conquistas plenamente razoáveis. Eu, por mim, tenho feito nesse sentido o que é possivel. Ainda este anno apresentei longo projecto, estipulando algumas garantias indispensáveis ao trabalho. Foi recebido, mereceu os mais rasgados elogios dos colegas...e encalhou para sempre lá num canto...". (FONTES, 1933, p. 149). A fala transcrita acima é o personagem Carlos Pereira. O composto salário-mínimo refere-se, por outro lado, ao " trabalhador cuja remuneração é o salário mínimo" ou, por extensão, ao "trabalhador mal remunerado". Curiosamente, três anos depois da publicação de **Os Corumbas**, Getulio Vargas, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, sancionou a Lei nº 185, de 14 de janeiro de 1936, que instituía "as comissões de salário mínimo", tendo no seu 1º artigo 1º a seguinte redação: " Todo trabalhador tem direito, em pagamento do serviço prestando, num salário mínimo capaz de satisfazer, em determinada região do Paiz e em determinada época, das suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte." Antevisão de Amando Fontes?

LEIS DE SEGUROS OPERÁRIOS

Cremos que o autor esteja, antecipadamente, referindo-se ao que hoje denominamos de "seguro-desemprego" com a noção de "benefício concedido pelo poder público ao trabalhador desempregado, com o intuito de lhe garantir assistência temporária, em razão de dispensa sem justa causa ou de paralisação das atividades do empregador": " – "Tudo, falta de uma legislação sabia e adequada. Muito menos, em verdade, seria o sofrimento dos humildes, se tivéssemos leis de salários mínimos, de **seguros operários**, e outras conquistas plenamente razoáveis. Eu, por mim, tenho feito nesse sentido o que é possivel. Ainda este anno apresentei longo projecto, estipulando algumas garantias indispensáveis ao trabalho. Foi recebido, mereceu os mais rasgados elogios dos colegas...e encalhou para sempre lá num canto...". (FONTES, 1933, p. 149).

OPPOSIÇÃO SURDA E TENAZ

Com a acepção de "qualquer partido político ou o conjunto dos partidos políticos que faz resistência ao governo p.oposição à situação: "Certo dia, fez vir á sua presença o Dr. Celestino, Delegado de Policia da Capital, e começou a lhe explicar: - Mandei chamal-o, Dr. Celestino, para lhe dar pessoalmente algumas ordens. O Prado está doente. E, ademais, ao Snr. mesmo é que deve caber essa missão, por suas velhas ligações com as classes trabalhadoras. Trata-se disso: Essas duas Fabricas me movem uma **opposição surda e tenaz**. Com parte de dar liberdade de opinião aos operarios cabalam ás escondidas contra mim. Agora chegou a vez de eu lhes dar uma lição. Como o Snr. sabe, elles não perdem vasa para explorar a pobreza. Nessa questão do trabalho nocturno estão fazendo assim. Resolvi, então, me pôr decididamente ao lado dos operarios, ajudal-os de toda forma, para que vençam a partida. Quero, portanto, que o Snr. aja nesse sentido. Procure os chefes da greve, dê-lhes pleno conhecimento dessa minha deliberação. Ante a luta que vimos sustentando, é preciso angariar sympathias, deste ou daquelle lado..." (FONTES, 1933, p. 104-105).

ORDENANÇA

Refere-se ao "soldado às ordens de uma repartição ou a serviço pessoal de uma autoridade militar a quem acompanha durante as

horas de expediente": "Prado Antunes saboreou sua bebida em pequenininhos goles mastigados. Accendeu um enorme charuto muito claro. Passou outro para Gustavo de Oliveira. E disse, vendo que a **ordenança** se afastava: - Que moça bonita! Reparou? Tem até um typo de estrangeira..." (FONTES, 1933, p. 268).

OS CABEÇAS

Datado do século sXIII, com acepção figurativa de "figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder": "- E eu, Dr.? O que devo fazer?- Apenas me apontar, nome por nome, **os cabeças**." (FONTES, 1933, p. 115). Desde o século XIII, cabeça passou a ter sentido de "figura proeminente".

PALACIO PRESIDENCIAL

Hoje, Palácio do Governo de Sergipe em Aracaju (SE): "O **Palacio Presidencial** conservava-se ainda illuminado áquella hora." (FONTES, 1933, p. 111).

PRESIDENTE DO ESTADO

Presidente do Estado é o "Chefe do Estado, nas repúblicas", nome usado até a República Velha: "O **Presidente do Estado**, nessa época, era um homem voluntarioso e truculento, que não admittia dissenções ao seu governo. Sob o seu guante a opposição não tinha só momento de tregua. Não havia arma ou processo de que hesitasse lançar mão com o fim de suffocal-a. Já havia mandado fechar o jornal do Pereirinha. No interior commettia as maiores violencias, fazendo prender e espaldeirar os inimigos." (FONTES, 1933, p. 104). Considerando o contexto da obra, podemos especular que é possível que o autor tenha feito uma referência velada ao *Augusto Maynard Gomes*, que ficou no lugar do então Presidente do Estado Manoel Corrêa Dantas, destituído do cargo e posteriormente exilado em Minas Gerais.

PRISÃO PREVENTIVA DO SARGENTO

Refere-se a uma medida de natureza cautelar decretada pelo autoridade judiciária competente, não se confundindo com a sanção penal definida na sentença condenatória: "O Promotor havia requerido, com sucesso, a **prisão preventiva do sargento**. Mas logo

toda família deste, uma e cohesa, sahiu para trabalhar em seu favor." (FONTES, 1933, p. 270).

CHEIA DE CURIOSOS E PROSELYTOS

No contexto, "proselytos", com acepção, datada de 1822, de "pessoa que foi atraída e que se converteu a uma uma doutrina ou um partido, um sistema": "Ao grupo de José Affonso coube dar o rebate e sustentar a luta contra as Fabricas. Ou "o serviço nocturno seria pago com a bonificação de mais um terço sobre os salarios do dia, ou ninguem se sujeitaria á nova exploração", foi o ultimatum lançado pela "Sociedade Proletaria do Aracajú", que passou a funccionar em secção permanente, **cheia de curiosos e proselytos**." (FONTES, 1933, p. 102).

PUSILANIMIDADE DOS PROPRIOS COMPANHEIROS

Termo datado do século XV, com a noção de "fraqueza de ânimo, falta de energia, de firmeza, de decisão" ou "medo, covardia": "José Affonso vibrava. O seu temperamento combativo, o seu caracter inamolgavel, recusavam-se a admitir qualquer idéa de accordo que fosse uma derrota disfarçada. Elle sabia que, além de lutar contra o poder desmedido dos patrões, teria de enfrentar a **pusilanimidade dos proprios companheiros**. Mas constituia uma questão de vida e morte vencer aquelle embate. Perdel-o, seria lançar o desanimo, desorganizar por completo as suas hostes." (FONTES, 1933, p. 102-103).

UMA QUESTÃO OPERARIA EM ARACAJÚ

Talvez, uma referência ao movimento sindical e indiretamente o autor tenha feito remissão aqui a Augusto Cezar dos Santos em seu "A questão operária e o sindicalismo": "Uma **questão operaria em Aracajú**! A cidade, presa de panico, fervendo sob os boatos mais disparatados. Grupos nas esquinas, nas casas de commercio, só a falar no caso. Automoveis passando rapidos, ora conduzindo grevistas, ora cheios de soldados. O Studebacker e o Hudson das duas Fabricas em movimento continuo pelas ruas. Na Chefatura e em Palacio, reuniões e conferencias. As classes conservadoras alarmadas. A gente humilde receiosa, por seu turno, de ver a fome pela porta..." (FONTES, 1933, p. 108).

ZOLA, GORKI, TOLSTOI, TROTZKY E LENINE

Marxistas e comunistas históricos: "Como os seus minguados vencimentos não lhe permittissem adquirir os livros desejados, procurou conhecel-os na Bibliotheca Publica da cidade. **Zola**, **Gorki**, **Tolstoi**, todos os que fizeram sentir, em suas obras, a injustiça da organização social contemporanea, despertaram-lhe a mais viva sympathia. Assim, de passo em passo, guiado por suas proprias tendencias libertarias, chegou a Trotzky e Lenine. Deslumbrou-se ante a argumentação, cerrada e forte, dos dois genios moscovitas. E aceitou integralmente o communismo." (FONTES, 1933, p. 93). Émile Zola escritor francês, considerado criador da escola literária naturalista além de uma importante figura libertária da França. Tolstoi se refere a Liev Nikoláievich Tolstói, mais conhecido em português como Leon, Leo ou Liev Tolstói, escritor marxista russo, intelectual marxista e revolucionário bolchevique, organizador do Exército Vermelho. E Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin, um revolucionário comunista, serviu como chefe de governo da República Russa de 1917 a 1918, da República Socialista Federativa Soviética da Rússia de 1918 a 1922 e da União Soviética de 1922 a 1924.

SOCIOCULTUREMAS

"AZOUGUE FEMEA"

O termo azougue, datado de 1344, tem a acepção figurativa de "pessoa de muita vivacidade e inquietude", no contexto atribuída por Pirambu à mãe (viúva) de Rosita: "E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na Chica Chaves. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "**Azougue Femea**"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é mulher-dama já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que attende pela graça de Rosita. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um chromo, a damnada da

bichinha! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima..." ..." (FONTES, 1933, p.75).

MULHER PERDIDA

Forma eufemística e pejorativa dada à meretriz: "- Veja só. Senhor meu Deus, pra essa vergonha! Com que cara a gente vai andar na rua, agora? Uma filha se fazer **mulher perdida**!... Nunca pensei que Deus me désse esse castigo! Eu..." (FONTES, 1933, p. 86). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta locução.

MULHER-DAMA

Termo datado de 1713, com acepção pejorativa de "prostituta, meretriz": "E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na Chica Chaves. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "Azougue Femea"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é **mulher-dama** já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que attende pela graça de Rosita. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um chromo, a damnada da bichinha! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima..." (FONTES, 1933, p.75).

CREDICULTUREMAS

"RERUM NOVARUM"

É uma encíclica escrita pelo Papa Leão XIII em 15 de maio de 1891 sobre a condição dos operários (em português, "Das Coisas Novas"):"O vigário entrou no assumpto, inovocando a **"Rerum Novarum".** E a conversa generalizou-se, tomou rumos mais amplos, esforçando-se cada um por sustentar suas idéas a respeito da melhor organização social do mundo" (FONTES, 1933, p. 150). A encíclica trata de questões levantadas durante a revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX. Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores de formarem sindicatos, mas rejeitava o

socialismo ou social democracia e defendia os direitos à propriedade privada. Discutia as relações entre o governo, os negócios, o trabalho e a Igreja.

DESCIDA DO SENHOR BOM JESUS DOS NAVEGANTES

Refere-se à procissão do Bom Jesus dos Navegantes, uma das mais concorridas manifestações de fé em Aracaju. A parte fluvial do cortejo, em geral, percorre todo o estuário do rio Sergipe, indo pela margem da Barra dos Coqueiros, Atalaia Nova e retornando à Ponte do Imperador: "Deu-se, primeiro, a **descida do Senhor Bom Jesus dos Navegantes**, por um domingo esplendido do sol." (FONTES, 1933, p. 79).

IMAGEM DO SANTO

Pelo contexto, ao certo, refere-se à Romaria de Senhor dos Passos, existente e há mais de 200 anos, considerada Patrimônio Imaterial de Sergipe:"Com effeito, mostrava-se incansavel, preparando tudo para a festa. Foi ao Lagarto fazer provisão de polvora, de folguetes, de bebidas. Comprou roupas novas para a familia e enfeites varios para a **imagem do Santo**. Escolheu, a dedo, os mais destemidos bacamartistas das redondezas. Chamou as mulheres que melhor sabiam tirar as ladainhas." (FONTES, 1933, p.8).

MARCHA NOVA

Datado de 1656, com acepção de "marcha de séquito", isto, cortejo ("procissão, comitiva, por vezes pomposa"): "Depois de um curto silencio, os musicos começaram de tocar uma **marcha nova** e deram principio a cerimonia. Caminhando de costas,nas pontas dos pés,distamciavam-se do grupo;a uns dez metros, paravam por uns instantes e logo retrocediam, em zique-zagues, bamboleando-se saltitando, gingando os quadris; chegando junto ao Santo, curvavam-se,reverentes, e de novo se afastavam." (FONTES, 1933, p.11-12).

MISSA DO GALLO

Datado de 1673, com acepção de " missa solene celebrada na noite de Natal (geralmente à meia-noite)": "Emquanto os festejos transcorreram, a casa de Geraldo viveu num alvoroço. As moças e as meninas, sobretudo, não queriam perder uma só instante. Assistiram

a **Missa do Gallo**, acompanharam as procissões, visitaram todos os presepes do arrabalde." (FONTES, 1933, p. 80).

PROCISSÃO

No âmbito da religião, termo datado do século XIII, com acepção de "marcha solene de caráter religioso, geralmente pelas ruas de uma cidade, em que padres e outros clérigos saem paramentados, carregando imagens, crucifixos etc., seguidos pelos fiéis, geramente formados em duas ou mais alas, entoando cantos e rezas.": "Lusco-fusco. Algumas estrelas scintillavam. E a **procissão** se recolhia, lentamente..." (FONTES, 1933, p. 225).

VIRGEM!

Tem o mesmo valor de vige ou vixe, interjeição mais frequência na linguagem espontânea no nordeste brasileiro. Assim, considerado, o termo "exprime espanto, surpresa, ironia, aborrecimento, repulsão ou menosprezo": - **Virgem**! Mãe está ficando de uma forma, que nem quer que a gente dê um passeiinho... (FONTES, 1933, p. 59. São sinônimos: ige, ixe, vixe. A levar em conta o valor interjetivo, postulamos o ano de 1933 para a datação deste termo.

ETNOCULTUREMAS

CREOULINHA

Com a acepção de "crioulo pequeno ou criança" e negra: "Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a "manja". Outros, brincavam a "bocca de forno", agroupados em torno de uma **creoulinha**, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a garotada. - Manda que vá! - Vá! - Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a tropilha abalava, em gritalhada." (FONTES, 1933, p. 55). Em Houaiss (2020) não há data indicativa para este termo , o que nos leva a postular o ano de 1933 para a datação do termo.

MORENA DE PAPOUCO!

Com a ideia, pelo contexto, de "morena que causa mobilização frenética dos homens" ou que provoca "estardalhaço" entre os

homens: "Vendo-as passar, um rapagão que trabalhava nas caldeiras exclamou, derreando-se todo para o lado de Albrtina: - Eta! **Morena de papouco**! Quando quiser casar commigo, é só dizer..." (FONTES, 1933, p. 177).

MORENO

Datado de 1518, refere-se, no contexo, a " aquele cuja cor da pele está entre o branco e o pardo, por natureza" ou ainda mais aplicável ao emprego pelo autor de "aquele cuja pele é escura, apresentando uma tonalidade entre o pardo e o negro": "- Amanhã é domingo. Como é, nêga? Você não dá um geitinho de sahir pra passear com o seu **moreno**?" ?" (FONTES, 1933, p. 68).

MORENONAS

Pela descrição das irmãs gêmeas, talvez, pudéssemos aproximar da noção de "morenaço" ou " indivíduo moreno e dotado de grande beleza": "Maria do Carmo e Benedicta eram seus nomes. Irmãs gemeas, de feições bem semelhantes, altas, forte, **morenonas**. O pae, um velho salineiro quasi cego, já não podia mais exercer a profissão. Mas cozinhava e lavava, fazia os serviços da casa, emquanto as filhas estavam no trabalho." (FONTES, 1933, p. 88). Houaiss não registra morenão nem seu feminino morenona. Postulamos o ano de 1933 para datação de morenona.

MULATA QUASE ANÃ

Datado de 1543, mulata com acepção de "filha de mãe branca e pai negro ou vice-versa": "A mais baixa do grupo, uma **mulata quase anã**, de rosto encarquilhado, segredava para as outras: - E' uma falta de vergonha! Finge que vai pra casa e larga-se com o macho, de automóvel. Não dou mais nada por ella. Não vale um dez-réis furado..." (FONTES, 1933, p.38).

MULATINHA

Com esta acepção, datado em Houaiss (2020) de 1881, com a noção de "mulato jovem", isto "mestiça de negro, índio ou branco, de pele morena clara ou escura": "Outras riram com ella. A **mulatinha**, meio encabulada, atirou-lhe:- Esse diabo, porque está alegre toda hora, pensa que os outros tambem não têm de que

soffrer... Passa a vida inteira rindo, essa doida!..." (FONTES, 1933, p.33).

MINHA NÊGA

Mesmo que negra." –Assim, assim, **minha nêga**. A febre não larga mais o corpo dela...E é falta de ar, dor de lado...Um horror! agora, deu pra dizer que está doente mode o algodão que engoliu em vinte anos, trabalhando sem descanso no tear. Pelo gosto dela, tomava um vomitório por semana." (FONTES, 1933, p. 178). Trata-se de um caso de termo usado como interlocutório pessoal. Postulamos o ano de 1933 para a datação deste verbete.

NEGRO DO REALEJO

Realejo refere-se, ao certo, e pelo contexto, a "realejo de boca", comum no nordeste brasileiro, com acepção de " gaita pequena de uso infantil": "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á Praça da Matriz, onde havia barracas de panno, muito brancas; coretos; taboleiros de guloseimas; e, no lugar de todos os anos, o grande Carroussel, com o **negro do realejo** e os seus cavallos de pau." (FONTES, 1933, p. 79).

PRETA QUARENTONA

Preta com acepção de "mulher negra que está na casa dos 40 anos": "No outro lado do pateo, quase na porta de sahida, as duas companheiras se abaixaram junto a uma **preta quarentona**, que as recebeu com alegria. Albertina saudo-a com uma palmada leve sobre as costas: - ola, Izabel! Como vai a Conceição? Já melhorou?" (FONTES, 1933, p. 177-178). Postulamos o ano de 1933 para a datação de preta e acepção definida.

PRETINHO

Datado de 1720, com a acepção "homem ou jovem negro de baixa estatura ou menino negro": "A Estrada Nova quase deserta. Ao sopé do morro, uma mulher, mulata e gorda, de rosto e cabelos lustrosos, varria a calçada de uma venda. Vestido de vermelho, a cabeça descoberta, um **pretinho** atravessou a rua a correr, levando nas mãos uma garrafa. Adeante, duas operarias, de chalés berrantes

sobre os hombros, caminhavam juntas, numa conversa gesticulada e calorosa." (FONTES, 1933, p. 243).

PRETO ESPADAÚDO

Datado do século XIV, com acepção de "dotado de espáduas largas; de ombros largos": "Um **preto espadaúdo**, rosto cricado de espinhas, parou e disse, num ar de grande pena" (FONTES, 1933, p.35). Etimologia sobre espaduado: informações sobre "segundo AGC, espádua + -udo, com metátese."

PRETO VELHO

Em que pese o termo ter aparentemente um sentido denotativo (combinação livre), também pode remeter à locução "preto velho" com acepção de "cada uma das entidades que representam espíritos de antigos escravos africanos trazidos ao Brasil cultuadas em terreiros, tendas e centros de umbanda": - Um **preto velho**, mettido num vasto gibão de couro, prendia agora as atenções. Estava bêbedo a cahir e queria, a toda força, disparar bacamarte. Os outros, em gargalhadas, atiçavam-n'o, jurando que o recúo violento da arma o atiraria de pernas para o ar. Mas o vaqueiro teimava, e dizia-lhes, num tom de alto desprezo" (FONTES, 1933, p.12).

SYRIOS

Pelo contexto, refere-se a habitante da Síria, país soberano da Ásia Menor desde 1946: "Para lá ocorriam **syrios**, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com enormes balaios de aipim e de bejús..." (FONTES, 1933, p. 210).

UMA CABO-VERDE ESPIGADA E MAGRISSIMA

Pelo contexto, refere-se a "mestiço de negro e índio", cafuzo, caburé": "Ao lado de uma **cabo-verde espigada e magrissima** – os ossos salientes sob a pelle lusidia – a *Bolo-fôfo* conversava agitada, com o mau humor de costume. Queixava-se da vida: "Estava ganhando um quase-nada. Sete mil réis por semana! Um horror! Nem podia comprar um sapato melhor, um vestidinho mais assim... Tambem, dava tudo á mãe, pra cevarduas preguiçozinhas que tinha em casa, com folias de ir pra escola... Por cima, ainda

queriam que se levantasse madrugada, pra se matar no trabalho." (FONTES, 1933, p.33).

TABUCULTUREMAS

BURACO DO INFERNO

Equivalente a cafundó de judas ou cafundó do judas: "Sá Josepha já estava se tornando impaciente. E falou, mal humorada: - Em que **buraco do inferno** essa menina se metteu? Já se viu uma coisa dessas?" (FONTES, 1933, p. 204).

CANTIGAS DO DIABO

Pelo contexto, decerto, cantigas de feitiço, bruxaria**:** "- E'... Coitada! Enfeitiçou-se pelas **cantigas do diabo**... Quem acredita em homem está sempre sujeita a levar dessas..." (FONTES, 1933, p. 87).

COISINHA RUIM

O termo coisinha, no contexto a seguir, tem acepção pejorativa de ". pessoa ou coisa insignificante "Mais adiante prendeu a attenção das duas amigas uma mulher de rosto escaveirado cabelo em desalinho, e sem casaco, que de uma janela gritava furiosamente para a rua: - Sahe de dentro d'agua, **coisinha ruim**, pezeta! Depois está ahi batendo o queixo de sezões" (FONTES, 1933, p. 153). É perfeitamente associável o termo "coisinha ruim" à coisa-ruim, este datado de 1920, como sinônimo de "o diabo".

DIACHO

Datado de 1728, o mesmo que diabo: " E foram andando. Percorreram um trecho deshabilitado da caatinga. Chegaram á rua S.João. De repente Do Carmo, segurando Albertina pelo braço, segredou: - Disfarça, disfarça...Faz que não vê...Qual! Elle já te descobriu. O **diacho** parece que tem faro!" (FONTES, 1933, p. 154).

MERCADEJAMENTO DO SEU CORPO

Com acepção de "ato ou efeito de mercadejar; comércio, tráfico": "Ella não perdeu tempo em hesitações sobre o que teria de fazer, pois um só caminho se abria ante seus olhos! Ir morar, com

mais outras companheiras, em local apropriado, e ganhar a vda com o **mercadejamento do seu corpo**." (FONTES, 1933, p. 218).

MOÇA DEFLORADA

Datado de 1561, defloarada tem sentido de "que se deflorou" , ou seja, "que perdeu a virgindade": "- Que é que há, Seu Chico? Novidade? – Nada de importante, Dr...Vim aqui por que o Celestino me disse, lá em baixo, que tinha subido para o exame uma **moça deflorada**...Pensei encontral-a no gabinete do Dr..." (FONTES, 1933, p. 265).

FEITA MULHER

Mulher na acepção de "quando deixa de ser virgem": "[...]. Era jovem de mais. "Quem sabe o que viria a se tornar, depois de **feita mulher**? Esse, o grande problema a resolver...Sim. Porque não havia tortura maior para a vida de um homem do que uma esposa leviana ou deshonesta. Para ele, com o genio violento e impulsivo que era o seu, seria, por certo, as grades da prisão." (FONTES, 1933, p. 249).

"MULHER-DAMA"

Termo datado de 1713, com acepção de "prostituta, meretriz": "Mas, afinal, casára... Estava livre agora de trilhar a mesma sorte de Rosenda... O noivo era pobre. Que fôsse um esmoler! Elles tambem não desejavam partidos ricos para as suas. Queriam, apenas, vel-as *casadas*! Que depois, com os seus maridos, fossem obrigadas a lidar por todo o dia, soffressem as mais duras privações... Nada disso importava: Casadas, ellas seriam *gente*! Ninguem fugiria ao seu convivio; ninguem as olharia de travez... E não se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de "rapariga" e "**mulher-dama**"!" (FONTES, 1933, p. 97).

PAPA-MOÇA

Com a mesma acepção de mulherengo, isto é, "aquele que é dado a seduzir jovem solteira que ainda não teve relações sexuais" : "O que! Você tem coragem de ir falar com o "**Papa-moça**"? Não faça isso, minha nêga. Elle é o cão..." (FONTES, 1933, p. 135). O termo nos remete à "Papa anjo", isto é, "aquele homem que gosta de pegar mulher novinha",Sem registro em Houaiss(2020),

podemos postular o ano de 1933 para a datação do termo papa-moça, assim como papa-anjo ainda não tem também registro no referido dicionário.

EDUCULTUREMAS

APRENDIZAGEM

Com acepção, por extensão, de "experiência inicial do que se aprendeu; prática, experiência " – Não quer continuar a **aprendizagem**? Esse tango é facilimo...Agua do pote." (FONTES, 1933, p. 183).

CADEIRA

Forma obsoleta com acepção de "cargo ou função de professor de determinada matéria, disciplina ou assunto numa universidade ou outra instituição de ensino": "Que nada, mãe! Estudar não mata, nem aleija... Depois, eu preciso mesmo andar ligeiro, pra tirar logo essa **cadeira** e dar descanso a vosmecês." FONTES, 1933, p. 91). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste termo.

CURSO PRIMÁRIO

Diz-se de ou grau de ensino ministrado da primeira à quarta série, atualmente os anos iniciais do ensino fundamental: "De referencia a Caçulinha, no entretanto, era bem differente o que se dava. Seu **curso primario** estava prestes a findar; e como tivera sempre bôas notas já tinha assegurado o seu ingresso na Escola Normal no proximo anno." (FONTES, 1933, p. 91).

LIVRARADA

Pelo contexto, sugere equivalente a livralhada,verbete datado por Houaiss (2020) de 1865, referente à grande quantidade de livros ou livroxada: "- Larga de tanta **livrarada**, Caçulinha! Assim, você envelhece antes do tempo..." (FONTES, 1933, p. 91). Postulamos o ano de 1933 para sua datação.

GEOCULTUREMAS

"BECCO DA CERIMONIA"

Em Aracaju, o Beco da Cerimônia fica localizado entre os bairros Santo Antonio e Industrial, da Catinga, na praça do mesmo nome?: "A esse instante, Rosenda já dobrava o "**Becco da Cerimonia**". A irmã correu para alcançal-a. Mais adeante, encontraram algumas amigas e com ellas desceram, em palestra animada, ás chufas e aos empurrões." (FONTES, 1933, p.32).

"ITAJUBÁ"

Itajubá é um município da microrregião de Itajubá, na Mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas, no estado de Minas Gerais, no Brasil: "O "**Itajubá**" mantinha-se ao largo, bem defronte á Alfandega. Estava prestes a partir, aguardando apenas a chegada dos detentos. Logo que os teve a bordo, levantou ferros, apitou, e poz-se a cortar as aguas mansas do rio." (FONTES, 1933, p. 116).

ANIPUM

Atualmente denominado e Santos Dumont, localizado na zona Norte de Aracaju, um dos cinco bairros mais populosos e tradicionais da capital e sintetiza a história de aracajuanos vindos do interior: "Os outros arrabaldes tambem davam grandes levas. Do **Anipum**, do Aribé, do Sacco, de mais longe, vinham operarios." (FONTES, 1933, p.30).

ARACAJÚ

Município e capital do estado de Sergipe, no Brasil. Localiza-se no litoral, sendo cortada por rios como o Sergipe e o Poxim; "Foi Josepha quem aventou a idéia de se mudarem para **Aracajú**." (FONTES, 1933, p.19).

ATALAIA

Atalaia é um bairro nobre da zona sul de Aracaju, localizado a cerca de 15 km do centro da cidade: "Levaram muito tempo hesitando, por falta de recursos. O Dr. Barros, que poderia ajudal-os naquella difficuldade, andava nos banhos de mar, lá na **Atalaia**. Foi

quando Albertina teve a idéa de se chamar Dr. Fontoura, o medico assistente da "Textil" (FONTES, 1933, p. 135).

ATERROS

Situado hoje no Bairro Industrial, um dos mais antigos de Aracaju: "Patrulhando os **Aterros** e o Becco da Cerimonia, onde os desoccupados costumados se juntar para fazer graçolas ás operarias que passavam, todas as tardes se cruzavam no caminho. Certa vez, ele a encarou com attenção, mirando-a de cima a baixo. Gostou do seu corpo volumoso, das suas pernas muito grossas, do seio exhuberante. E passou a fazer-lhe assidua côrte." (FONTES, 1933, p. 64).

AVENIDA DO HOSPITAL

Avenida do Hospital, talvez, seja uma referência ao Hospital de Cirurgia (1926) ou ao Hospital Santa Isabel, fundado no século XIX: "Estiveram olhando noutras dansas. Foram até a **Avenida do Hospital.** Tudo, porém, debalde." (FONTES, 1933, p. 204)

BAIRRO DE S. ANTONIO

Localizado da zona norte de Aracaju, limita-se ao norte com a Cidade Nova, a leste com o Industrial, a oeste com a Palestina e Dezoito do Forte e ao sul com o Centro e Getúlio Vargas. "Madrugada. Tudo escuro ainda. Bandos e bandos de raparigas, falando alto, desciam a Estrada Nova. Dos recantos e viellas que alli desembocavam, de momento a momento surgiam vultos apressados. Todo o **bairro de S. Antonio** parecia levantado, a correr para o trabalho." (FONTES, 1933, p.30).

BAIRRO DO ARIBÉ

Hoje denominadode Siqueira Campos, bairro da zona oeste de Aracaju, localizado próximo ao centro comercial de Aracaju: "Era um jovem de dezoito annos, quasi loiro, de estatura mediana. Trabalhava como ajudante de torneiro nas officinas da Estrada de Ferro, situadas muito longe, no **bairro do Aribé**. Tinha por isso, de sahir de casa muito cedo, levando a refeição numa latinha, para só regressar já noite feita." (FONTES, 1933, p.25). No Aribé, em Aracaju, é apontado pelos historiadores como o local que mais resultou a fixação de escravos libertos e de pessoas provenientes do interior

do estado que fugiam principalmente da seca e dos conflitos provocados por Lampião.

BAIRRO INDUSTRIAL

Um dos mais antigos bairros de Aracaju, com grande concentração de indústrias na área":"Deixando para traz os apicuns amarellentos, caminhavam todo agora pelo apertado aterro, feito de lama e cinza, que liga S. Antonio ao **Bairro Industrial**." (FONTES, 1933, p.34).

MORRO DO URUBÚ

Localizado na zona norte da cidade de Aracaju:"Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o casario da cidade, que ia ficando para traz; a rua da Frente; um bonde que passava; os coqueiraes da Ilha, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o **Morro do Urubú**, verde negro; a Igrejinha de S. Antonio; as chaminés das Fabricas, que vomitavam rolos de fumo branco..." (FONTES, 1933, p. 116).

BECCO DA CERIMONIA

Situado no Bairro Industrial em Aracaju**:** "Patrulhando os Aterros e o **Becco da Cerimonia**, onde os desoccupados costumados se juntar para fazer graçolas ás operarias que passavam, todas as tardes se cruzavam no caminho. Certa vez, ele a encarou com attenção, mirando-a de cima a baixo. Gostou do seu corpo volumoso, das suas pernas muito grossas, do seio exhuberante. E passou a fazer-lhe assidua côrte." (FONTES, 1933, p. 64).

BOCCA DO POMONGA

Localizado no Rio do Sal, do Parnamarim, em Aracaju: "Olharam no rumo que aquelles barcos demandavam. E viram o Cotinguiba partir-se em vários braços, na **Bocca do Pomonga** e mais além. Longe, meio escondida entre os mangues, uma vela de côr amarelada descia mansamente para o norte." (FONTES, 1933, p. 211).

CAPELLA

Atualmente, município sergipano famoso por sua "Festa de São Pedro, onde centenas de foliões buscam nas matas próximas à cidade e erguem numa das praças um "mastro", feito a partir árvore que leva em

seus galhos superiores prêmios em meio a uma "guerra" de rojões": " Engenho Ribeira", no municipio da Capella, estava acolhendo retirantes. Pediram pouso, e alli ficaram." (FONTES, 1933, p.16). Também na passagem: "Não tardou que a sua morada, bem proxima á **Capella**, no alto da colina, passasse a viver cheia, desde a manhã até a noite. Gente de todos os credos, de todas as condições sociaes, o procurava. E elle, que era, no fundo, uma alma simples, não poz duvida em receber a uns e outros, renunciando á calma e ao silencio que pretendera desfructar em sua terra." (FONTES, 1933, p. 52).

CARRO QUEBRADO E FUNDIÇÃO

Dois antigos bairros de Aracaju. Atualmente, denominado São José, bairro da zona sul de Aracaju: "A parte sul da cidade, pra os lados do **Carro Quebrado e Fundição**, fornecia numerosos contigentes." (FONTES, 1933, p.30).

COQUEIRAES DA ILHA

Referem-se a coqueiros da Ilha de Santa Luzia: "Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o casario da cidade, que ia ficando para traz; a rua da Frente; um bonde que passava; os **coqueiraes da Ilha**, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o Morro do Urubú, verde negro; a Igrejinha de S. Antonio; as chaminés das Fabricas, que vomitavam rolos de fumo branco..." (FONTES, 1933, p. 116).

COTINGUIBA

A microrregião do Baixo Cotinguiba é uma das microrregiões do estado brasileiro de Sergipe pertencente à mesorregião do Leste Sergipano: "Uma suave noite de luar. O **Cotinguiba**, como um enorme peixe de escamas reluzentes, descia, preguiçoso, para o Sul." (FONTES, 1933, p. 111). Outra passagem expressiva: "Destino certo, não levavam. A **Cotinguiba**, o valle rico do Japaratuba, qualquer logar onde houvesse agua e onde não se morresse de fome." (FONTES, 1933, p.16).

CURVA DA BÔA-VIAGEM

Localizada no Bairro Industrial, em *Aracaju*: "O bonde que tomara, ás dez e pouco, vinha tão apinhado de gente, que tiveram logar para

sentar-se. Mas, na **curva da Bôa-Viagem**, quase todo o mundo saltou. Ficou apenas, nos dois bancos da frente, um gruo de moças e rapazes, que cochichavam e riam alto." (FONTES, 1933, p. 221).

ENGENHO RIBEIRA

O narrador, ao certo, refere-se à Fazenda Ribeira, localiza-se na zona rural do Município de Nossa Senhora do Socorro, interior do Estado de Sergipe: "O " **Engenho Ribeira**", no municipio da Capella, estava acolhendo retirantes. Pediram pouso, e alli ficaram." (FONTES, 1933, p.16).

ESTAÇÃO DA MURTA

A Estação da Murta deve seu nome ao Engenho Murta, propriedade dos pais do Desembargador José de Accioli de Menezes desde 1860 (JESUS, 2017, p.36): "E num dia de sol, alegre e lindo, demandaram a **Estação da Murta**, para aguardar a passagem do camboio." (FONTES, 1933, p.20).

ESTRADA NOVA

Conta-se que por ordem de Inácio Joaquim Barbosa, político governou Sergipe de 1824 a 1889, teria ordenado que se fizesse uma ligação direta entre a cidade e o povoado Santo Antônio, obra que passou a ser denominada de Estrada Nova: "Desceram a **Estrada Nova** até a rua do Arame. Ahi , vendo uma rapariga encostada aos moirões da cerca, justamente na esquina, Albertina estacou para dizer-lhe" (FONTES, 1933, p.32).

GARANHUNS

Garanhuns é um município pertencente àMesorregião do Agreste Pernambucano: "Nascera em **Garanhuns**, sertão de Pernambuco. Do pae tivera apenas, em toda a sua vida, vagas noticias. Sabia que era um boiadeiro do Piauhy, homem briguento, talvez muitas vezes assassino. E nada mais." (FONTES, 1933, p. 62).

GEREMOABO

Jeremoabo, município brasileiro do estado da Bahia: "- Foi pro **Geremoabo**, perto de Canudos, com um bodegueiro daquelas bandas , umtal Zezinho... Isso já faz tempos... Nunca mais ninguém soube della em Simão Dias." (FONTES, 1933, p. 132).

GETIMANA

Getimana é um bairro localizado na zona norte de Aracaju: "Agora, Ignacio a manejava ao seu talante. Marcava-lhe encontros para depois da ceia, em sítios afastados; dizia-lhe que faltasse serviço para ir com elle á **Getimana**, ao Sacco, onde havia os cajus mais bonitos da Cidade e mangabas que eram como mel de abelhas..." (FONTES, 1933, p. 66).

HAMBURGO E O HAVRE

Hamburgo, é a segunda maior cidade da Alemanha, enquanto Havre é uma comuna francesa na região administrativa da Normandia: "Desligado das Forças Navaes, embarcadiço num cargueiro nacional de longo curso. Conheceu **Hamburgo e o Havre**; por causa de mulheres envolveu-se num conflito e foi preso nas docas de Nova-York."(FONTES, 1933, p. 63).

VULTO DOMINADOR DA ITABAIANA

Localizado na Mesorregião do Agreste Sergipano e na Microrregião do Agreste de Itabaiana: "Quando retomaram o caminho, o sol, por sob as nuvens, já se escondera detraz do **vulto dominador da Itabaiana**." (FONTES, 1933, p.13).

LADEIRA DE S. ANTONIO

Atualmente, refere-se a "um bairro da zona norte de Aracaju": "Um bando alacre de homens e raparigas descia a **ladeira de S. Antonio**. Albertina vinha entre elles, fazendo chiste, beliscando e empurrando as companheiras." (FONTES, 1933, p. 56).

LAGARTO

Município brasileiro localizado no estado de Sergipe, na Região Nordeste do país. Atualmente, é o terceiro município mais populoso de Sergipe, a cidade fica localizada a 75 km da capital, Aracaju: "Com effeito, mostrava-se incansavel, preparando tudo para a festa. Foi ao **Lagarto** fazer provisão de polvora, de folguetes, de bebidas. Comprou roupas novas para a familia e enfeites varios para a imagem do Santo. Escolheu, a dedo, os mais destemidos bacamartistas das

redondezas. Chamou as mulheres que melhor sabiam tirar as ladainhas." (FONTES, 1933, p.8).

APICUNS DO MANOEL PRETO

Atualmente,conjunto *Manoel Preto*, localizado na zona norte de *Aracaju*. "Nos primeiros tempos ella não podia esconder o seu enfado, assim que o defrontava. Sentia, mesmo, uma espécie de cólera surda deante daquela insistência impertinente. E, para não mais topar com ele, desviava-se dos caminhos costumeiros, fazendo uma grande volta pelos **apicuns do Manoel Preto** ou pela Fonte dos Caboclos." (FONTES, 1933, p. 164).

MORRO DO URUBÚ

Situado na zona norte da cidade de Aracaju(SE): "Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o casario da cidade, que ia ficando para traz; a rua da Frente; um bonde que passava; os coqueiraes da Ilha, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o **Morro do Urubú**, verde negro; a Igrejinha de S. Antonio; as chaminés das Fabricas, que vomitavam rolos de fumo branco..." (FONTES, 1933, p. 116).

PONTO TERMINAL DA LINHA DOS BONDES

Ou apenas "terminal" com acepção de "estação final ou ponto de convergência de uma linha (férrea, rodoviária etc.)": "No **ponto terminal da linha dos bondes** havia um grande ajuntamento, em frente a uma casita de telha sem reboco. Chico da Genoveva, o grande dedilhador do violão, acompanhava a modinha choramingas que um militar amulatado, de grande cabeleira aberta ao meio, soltava arrastadamente para os ares. Bem junto a elle Rosenda escutava, o ar alheiado, embevecida." (FONTES, 1933, p. 56).

PRAÇA DA MATRIZ

Atualmente, denominada de Praça da Praça Getúlio Vargas: "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á **Praça da Matriz**, onde havia barracas de panno, muito brancas; coretos; taboleiros de guloseimas; e, no lugar de todos os anos, o grande Carroussel, com o negro do realejo e os seus cavallos de pau." (FONTES, 1933, p. 79).

BATALHÃO POLICIAL

Praça, termo militar, é um brasileirismo com acepção de "soldado de polícia": Não perdeu tempo a procurar emprego, aqui e alli. Foi direto ao **Batalhão Policial**, onde o recrutamento estava aberto. No mesmo dia assentou praça." (FONTES, 1933, p. 63). Para esta acepção, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

PRAÇA DO PALACIO

Refere-se à atual Praça Fausto Cardoso, localizada na Avenida Ivo do Prado, antiga Rua da Aurora, construída em 1857, dois anos depois de Aracaju ter sido transformada em capital da antiga Província de Sergipe. "Passearam pela cidade a tarde inteira. E como a noite tivesse descido fresca e cheia de estrelas, deixaram-se ficar na **Praça do Palacio,** ouvindo a retreta, até bem tarde." (FONTES, 1933, p. 221).

PRAIEIROS S. CHRISTOVAM E ITAPORANGA

Referência à idade de São Cristóvão de Sergipe d'EI Rey, primeira cidade fundada em Sergipe e a quarta cidade mais antiga do Brasil, depois de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa: "Eram **praieiros de S. Christovam e Itaporanga**; camponeses do Vasa-Barris, da Cotinguiba: sertanejo de Itabaianae das Caatingas – que, num diaou noutro, tangidos pela mais alta miseria, haviam desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pelas cidades..." FONTES, 1933, p.31).

RUA DA ESTANCIA

Localizada no bairro de Centro, na cidade de *Aracaju:* "Ficaram em casa da bordadeira apenas uns minutos e logo regressaram, para alcançar a volta do vehiculo. Como, porém, este tardasse, foram andando lentamente, a conversar, até a **rua da Estancia**. Ahi, Sargento Zeca parou e disse para a noiva: - E que tal, Caçulinha, se você fosse até lá em casa? E' aqui, pertinho.Tinha vontade que você visse a louça que eu comprei..." (FONTES, 1933, p. 240).

RUA DA FRENTE

Atualmente, conhecida como Avenida Ivo do Prado: "Quando alcançou a **rua da Frente** o vapor ia já dobrado a Barra. Ella ficou a olhal-o até que o viu sumir-se no horizonte. Uma angustia indizível foi-

lhe apertando, pouco e pouco, o coração. Um tremor nervoso assaltou-a. E teve de se arrimar á balaustrada para não cahir redondamente sobre o solo..." (FONTES, 1933, p. 117).

RUA DO ARAME

Situada no Bairro Cidade Nova, em Aracaju, mais conhecida por Japãozinho,: "Sá Maria Pirambú morava na **rua do Arame**, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "trazer a filha no cabresto", puzera-a, doentinha e ainda impubere, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para andar de déo em déo, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, levava a vida a syndicar, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia conhecer os segredos de todo o mundo, "os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72). Outra passagem, igualmente expressiva: "Desceram a Estrada Nova até a rua do Arame. Ahi , vendo uma rapariga encostada aos moirões da cerca, justamente na esquina, Albertina estacou para dizer-lhe" (FONTES, 1933, p.32).

RUA DO ARAUÁ

Atualmente, fica no bairro Centro na cidade de *Aracaju*: "Como estivesse linda aquella tarde, resolveu faltar ao trabalho, para fazer algumas compras na cidade e ir receber na **rua do Arauá** uma encomenda de bicos e bordados." (FONTES, 1933, p. 233).

RUA DO FOGO

Em Aracaju, refere-se à atualmente à Rua Japaratuba: "Era na Estrada Nova, esquina da **rua do Fogo**, na bodega de Seu Chico. Duas operarias da "Textil", uma lavadeira de arrabalde e Sá Maria pirambú conversavam com a esposa do vendeiro" (FONTES, 1933, p. 187).

RUA DO SIRIRY

Segundo o narrador, principal centro de prostituição no Aracajú: "Assim fez. Da casa onde residia por conta de Fontoura mudou-se para a **Rua do Siriry**, principal centro de prostituição no Aracajú."

(FONTES, 1933, p. 218). Em 1937, Amando Fontes publicou "*Rua do Siriry*" (1937), que trata da vida de um grupo de prostitutas pobres.

RUA S.JOÃO

A r*ua São João* localizada no bairro de Industrial, cidade de *Aracaju*(SE): " E foram andando. Percorreram um trecho deshabilitado da caatinga. Chegaram á **rua S.João**. De repente Do Carmo, segurando Albertina pelo braço, segredou: - Disfarça, disfarça...Faz que não vê...Qual! Elle já te descobriu. O diacho parece que tem faro!" (FONTES, 1933, p. 154).

SACCO

A Praia do Saco é considerada uma das mais belas de Sergipe: "Os outros arrabaldes tambem davam grandes levas. Do Anipum, do Aribé, do **Sacco**, de mais longe, vinham operarios." (FONTES, 1933, p.30).

SACCO DE MOREIRA

Hoje, Praia do Saco, localizada no sul de Sergipe: "No **Sacco de Moreira**, a quatro leguas da sua fazendola, morava, um certo Geraldo Corumba. Não havia, em todo o Vasa Barris, tocador mais afamado. Lembraram-no a João Piancó, que logo para lá seguiu a convidal-o." (FONTES, 1933, p.9).

"SALA DE DANSA" DA RUA DO ROSARIO

A Rua Rosário fica localizada atualmente no Bairro Santo Antônio, em Aracaju: "Sarou. E, emquanto aguardava o regresso do seu navio, andou passeando pela cidade. Cantou com grande sucesso numa **"sala de dansa" da rua do Rosario**. Gostou da terra e resolveu ficar." (FONTES, 1933, p. 63).

S. ANTONIO

Santo Antônio é um bairro da zona norte de *Aracaju:* "Sargento Zeca exclamou: - Lindo!...Ninguém póde esconder que **S. Antonio** é o logar mais bonito de todo o Aracajú." (FONTES, 1933, p. 212).

SERTANEJO DE ITABAIANAE DAS CAATINGAS

Hoje, denominado Itabaiana, município localizado na Mesorregião do Agreste Sergipano e na Microrregião do Agreste de

Itabaiana: "Eram praieiros de S. Christovam e Itaporanga; camponeses do Vasa-Barris, da Cotinguiba: **sertanejo de Itabaianae das Caatingas** – que, num dia ou noutro, tangidos pela mais alta miseria, haviam desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pelas cidades..." (FONTES, 1933, p.31-32).

SIMÃO DIAS

Simão Dias é um município brasileiro no estado de Sergipe. É a cidade mais fria de Sergipe. O relevo municipal é representado por pediplanos com ocasionais formas tabulares e cristas, a cidade possui muitas grutas e cavernas. A vegetação do município compreende capoeira, caatinga, campos limpos e Campos Sujos e vestígios de Mata: "- Você nem é capaz de maginar! A peior coisa que podia me acontecer neste momento. Fui destacado pro **Simão Dias** e tenho de seguir pra lá até domingo. Veja só a atrapalhação que isso traz!" (FONTES, 1933, p. 83).

URUBUTINGA

Refere-se ao povoado Urubutinga, zona rural de Lagarto, **cidade de Sergipe:** "- Póde contar na certa. Nem que chova canivete, antes das onze eu risco na **Urubutinga**." (FONTES, 1933, p.9).

VALLE RICO DO JAPARATUBA

Localizado em Farolândia, bairro de classe média da zona sul de Aracaju: "Destino certo, não levavam. A Cotinguiba, o **valle rico do Japaratuba**, qualquer logar onde houvesse agua e onde não se morresse de fome." (FONTES, 1933, p.16).

PORTACULTUREMAS

STUDEBACKER E O HUDSON

Referência aos ônibus elétricos fabricado pela Studebaker (e pela Hudson?): "Uma *questão operaria* em Aracajú! A cidade, presa de panico, fervendo sob os boatos mais disparatados. Grupos nas esquinas, nas casas de commercio, só a falar no caso. Automoveis passando rapidos, ora conduzindo grevistas, ora cheios de soldados. O **Studebacker** e o **Hudson** das duas Fabricas em movimento continuo

pelas ruas. Na Chefatura e em Palacio, reuniões e conferencias. As classes conservadoras alarmadas. A gente humilde receiosa, por seu turno, de ver a fome pela porta...” (FONTES, 1933, p. 108).

EDIFICULTUREMAS

“RIO BRANCO”

O Cine Rio Branco ficava no segundo trecho da Rua João Pessoa, hoje calçadão, no centro da cidade de Aracaju/SE: “Um dia foram assistir no “**Rio Branco**”, a uma fita de Crawford, que Sargento Zeca dizia ser a mais bela e a mais consumada das artistas” (FONTES, 1933, p. 222). Inaugurado em 1913, um dos mais antigos cinemas do Brasil.

CASARIO DA CIDADE

Datado de casario é de 1448 , com sentido de “fileira ou aglomeração de casas”: “Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o **casario da cidade**, que ia ficando para traz; a rua da Frente; um bonde que passava; os coqueiraes da Ilha, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o Morro do Urubú, verde negro; a Igrejinha de S. Antonio; as chaminés das Fabricas, que vomitavam rolos de fumo branco...” (FONTES, 1933, p. 116).

FONTE DOS CABOCLOS

Atualmente, bem cultural tombado pelo Governo do Estado de Sergipe através do Decreto nº 16.585, de 14 de julho 1997: “Nos primeiros tempos ella não podia esconder o seu enfado, assim que o defrontava. Sentia, mesmo, uma espécie de cólera surda deante daquela insistência impertinente. E, para não mais topar com ele, desviava-se dos caminhos costumeiros, fazendo uma grande volta pelos apicuns do Manoel Preto ou pela **Fonte dos Caboclos**.” (FONTES, 1933, p. 164).

IGREJINHA DE S. ANTONIO

A Igreja de Santo Antônio, localizada na colina de Santo Antônio, de onde é possível ver toda a cidade, desde o Rio Sergipe até a Ilha de

Santa Luzia: "Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o casario da cidade, que ia ficando para traz; a rua da Frente; um bonde que passava; os coqueiraes da Ilha, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o Morro do Urubú, verde negro; a **Igrejinha de S. Antonio**; as chaminés das Fabricas, que vomitavam rolos de fumo branco..." (FONTES, 1933, p. 116).

PENHANHA DO CRUZEIRO

Na verdade, o autor se refere à peanha, esta, datada de 1645, com a noção de " pequeno pedestal onde se colocam imagem, estátua, cruz, busto etc." Pelo contexto, o Cruzeiro foi implantado pelos Franciscanos em frente ao conjunto da Ordem, no século XVIII: " Encontraram S. Antonio quase deserto. Queixando-se de cansada, Caçulinha se recostou sobre a **penhanha do Cruzeiro**. O namorado imitou-a. E ficaram por algum tempo calados, mirando a beleza da paysagem que se desdobrava a seus pés" (FONTES, 1933, p. 211).

ANTROPOCULTUREMAS

PHILOMENA, PANCRACIA, DESIDERIA

No contexto, a sequência de nomes e interrogações parecem ser retoricamente expressivas, o que equivalente, talvez**, a** expressar espanto, como "minha Nossa Senhora!"? "O sargento sorriu e gracejou: - Mas será tão feio assim?....**Philomena? Pancracia? Desideria**? – Virgem! Fez ella, o ar garoto. Tanto não é. Mas eu não gosto....E' Joanna" (FONTES, 1933, p. 183).

"SARGENTO ZECA"

Surge na história e se envolve com Caçulinha, enganando a pobre moça, até que consegue desvirginá-la, e abandona-a: "A's nove horas, mais ou menos, as dansas se animaram grandemente com a chegada de alguns rapazes da cidade. Dentre estes um havia, sobretudo, que não deixava o enthusiasmo arrefecer por um momento. Era um jovem militar, moreno, forte e insinuante, a quem homens e mulheres, com um ar de velhos conhecidos, chamavam "**Sargento Zeca**". Estava sempre atividade Quando não conseguia fazer outrem cantar ou recitar, declamava ele próprio; inventava e

dirigia os mais jocosos brincos de salão; palestrava em todos os grupos; não perdia uma só das contra-dansas" (FONTES, 1933, p. 181).

AGOSTINHO

Referência ao gerente da "Têxtil" e amigo de Dr.Barros, este, a quem Caçulinha pede uma recomendação para ela ser colocada no escritório da "Sergipana**":** "O velho advogado alçou os hombros, num gesto penalizado: - Bem...Se é assim...Vou escrever diretamente ao **Agostinho**, fazendo uma recomendação especial a seu respeito. Espere um pouco. É um minuto..." (FONTES, 1933, p. 147).

ALBERTINA

Segunda filha do casal: "Nalgumas taboas, estendidas sobre quatro caixões de kerozene, dormia **Albertina**, a segunda filha do casal, morena clara, olhos negros e vivos, um grande corpo bem feito e transbordante de saúde." (FONTES, 1933, p.26).

ALFAIATE CASIMIRO

Refere-se a uma palavra-ônibus usada em lugar de qualquer coisa, fato ou objeto, mesmo que expletivamente; troço: " – Nem tanto...Você já está ficando em idade de casar. Se aparecer um bom partido – seja tola! – não engeite...Eu estou levando bem a serio o meu negocio com o **alfaiate Casimiro**..." (FONTES, 1933, p. 195).

MESTRE ALMERINDO

Irmão de Sá Josepha: "Tiveram de recorrer a **mestre Almerindo**, o irmão de Sá Josepha." (FONTES, 1933, p. 143).

ANNITA

Citada na obra, como uma mulher da vida e fofoqueira: "Tão certo como eu estar aqui lhe vendo. Foi **Annita** quem me contou tudo hontem de noite. A Senhora não sabe quem é **Annita**? Ella cahiu no mundo já faz tempos. W' filha lá de minha vizinha. Pois bem: Albertina for morar na mesma casa onde ella mora." (FONTES, 1933, p. 218).

BELLA

A penultima das irmãs Corumbas: "Referia-se a **Bella**, a penultima das irmãs, pallidazinha e rachitica, sempre atacada de doenças." (FONTES, 1933, p.30).

BELLA/CAÇULINHA

As duas filhas mais novas do casal Corumbas: "Perto dellas, **Bella** e **Caçulinha**, que já tinham despertado, conservavam-se quietas, os olhos cravados no tecto, escutando, muito apuradas, o ruido que lá fóra a agua fazia, cahindo das biqueiras." (FONTES, 1933, p.29).

BENEDICTA E MONOEL ALVES

Citados na obra como casal com promessa de casamento**:** "Depois de cinco annos de noivado, **Benedicta e Monoel Alves** iam casar-se finalmente." (FONTES, 1933, p. 93).

BENEDICTA

Citada na obra**:** "Arrastando um enorme ventre, que gestava há sete meses, **Benedicta** caminhava ao encontro da irmã e de Albertina. A disformidade de seu corpo, suas feições repuxadas, a palidez terrosa de seu rosto, davam-lhe uma expressão de amargura e de martyrio" (FONTES, 1933, p.175).

BOLO-FÔFO

Apelido de Rosenda¸ a filha mais velha do casal, dado por suas irmãs: "Alcunha de Albertina: "- Queria um pedacinho de presunto, não era, **Bolo-fôfo**? grunhiu uma vozinha sumida, da cama de ferro ao lado." (FONTES, 1933, p.29). Outra passagem igualmente expressiva: "A um canto, numa redezinha "trançada", de fios brancos e vermelhos, Rosenda resonava, a dormir profundamente. Era a mais velha de todas. Morenona, cabellos pretos escorridos, o rosto pontilhado de espinhas, baixa e grossa. Tão gorda, que as irmãs a chamavam a *Bolo-fôfo*, appellido que a exasperava até a loucura." (FONTES, 1933, p.26).

CAÇULINHA

A mais nova dos filhos do casal Corumba: "Sentada no batente da porta do quintal, **Caçulinha** estudava, muito attenta, a sua lição.

Lia em voz alta, convencia de que assim decoraria mais depressa. Era uma garota de onze anos, olhos claros, cabelos castanho-loiros, branca e rosada.Tudo isso e mais o assetinado de sua pelle, as suas mãos finas e bellas, davam certo ar de superioridade e destaque no meio pobre em que vivia. Representava o enlevo e a alegria dos dois velhos. Era mesmo, a máxima esperança deles. Porque, aquella, não levaria a dura vida das irmãs. Arrostando sacrificios e impossiveis, haveriam de fazel-a normalista e professora, para ter quem lhes fosse um amparo no extremo da velhice." (FONTES, 1933, p.38-39).

CANINANA AZOUGADA

Refere-se à Sá Maria Pirambú . Com acepção pejorativa e figurativa de "caninina" "(1911) de "pessoa de mau gênio" e "azougada com sentido de "astuto, espertalhão, velhaco": "- Bem que estava vendo! E' a filha de Sá Maria Pirambú. Mas aquella velha e mesmo uma pezeta! Parece uma **caninana azougada**...Vive a chupar o sangue da bichinha..." (FONTES, 1933, p.36).

CAPITÃO CYSMEIROS, O DIRETOR

Diretor da textil: **"**- Ha-de se arranjar coisa melhor. Fique tranquilla. Eu mesmo vou falar em pesôa com o **Cysneiros**... Onde era seu logar? Na Fiação? Pois bem: Vou fazr tudo pra conseguir um outro igual...." (FONTES, 1933, p. 54). Outra passagem igualment expressiva: "Poucos momentos decorridos, chegava **Capitão Cysmeiros**, o **Diretor.** Vinha afobado, a testa franzida, numa contrariedade indisfarçável. Alguns trabalhadores cumprimentaram respeitosamente e procuraram os seus logares. Outros, apenas se afastaram, a vista baixa" (FONTES, 1933, p. 161).

DEPUTADO FEDERAL CARLOS PEREIRA

O deputado federal: " Geralmente, nos domingos, o Dr. Barros recebia alguns amigos para o almoço. Nesse dia em torno de sua mesa se juntaram, - além de Salgado Brito, professor da Escola Normal, e de Manoel Saraiva, jornalista e poeta de talento, ambos seus amigos desde a juventude, - o vigário de S. Antonio, Padre Torres, e o **deputado federal Carlos Pereira**, homem sincero, bondoso e inteligente." (FONTES, 1933, p. 144).

BAIRRO CHICA CHAVES

Refere-se ao bairro em Aracaju, próximo a Fábrica. Atualmente, há um Centro de Artesanato Chica Chaves, na Orlinha do Bairro Industrial, em Aracaju, com este nome:. "- E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na **Chica Chaves**. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "Azougue Femea"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é mulher-dama já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que attende pela graça de Rosita. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um chromo, a damnada da bichinha! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima..." ..." (FONTES, 1933, p.75). Sobre este contexto, interessante esta descrição: "A garota morava no **bairro Chica Chaves**, próximo a Fábrica; tinha mãe viúva, e sua danação era tamanha que o povo lhe conferiu a alcunha de Azougue Fêmea. Rosita não era a primeira a se "perder", havia uma irmã que fugira e, na fala impiedosa de Pirambu, tornara-se uma "mulher-dama" (LIMA, 2010, p.123).

CONCEIÇÃO

Citada na obra: **"**No outro lado do pateo, quase na porta de sahida, as duas companheiras se abaixaram junto a uma preta quarentona, que as recebeu com alegria. Albertina saudo-a com uma palmada leve sobre as costas: - ola, Izabel! Como vai a **Conceição**? Já melhorou?" (FONTES, 1933, p. 177-178).

CONSULTÓRIO DO DR. SILVA FONTOURA

local em que Dr Silva Fontoura dava consulta aos seus clientes: "O **consultório do Dr. Silva Fontoura** ficava no Bairro Industrial, nos fundos da "Pharmacia Popular"." (FONTES, 1933, p. 135).

CORONEL CHIQUINHO VASCONCELOS

Vô de Zeca, um lídimo representante do chamado coronelismo, forma feudal de controle do poder político, social e econômico de uma região:"Havia parentes sinceramente revoltados 'contra a aviltante

cilada em que tinham querido envolver o pobre do rapaz. Saltava aos olhos que tudo aquillo se tramára com o intuito manifesto de arrastal-o ao casamento...Era só o que faltava! Um neto do **Coronel Chiquinho Vasconcelos** casar com uma operaria do Tecido! Não se ria tão fácil, porém, como supunham...Zeca não era assim um João-Ninguém. Tinha parentes, tinha amigos e dinheiro...Haveria de rir com mais prazer, quem ficasse para rir no fim de tudo..." (FONTES, 1933, p. 271).

D.ENGRACIA

Esposa do casal Corumbas: "E'...Então eles não vêm os presentinhos com o que o damnado do doutor enche Albertina? A Senhora quer, **D.Engracia**? Aquellas meninas todas teem queda pro que é ruim....E isso é do sangue...Ninguem sabe o que foi a mãe, quando era moça..." (FONTES, 1933, p. 189).

DAS DÔRES

Ao certo, vizinha de João Piancó:"A um canto, João Piancó conversava com o **Das Dôres**. Estava exultante com o bom exito da festa. E affirmava para o visinho, convencido" "(FONTES, 1933, p.13).

DEGAS

Hipocorístico de Ignacio dos Santos. O contexto nos sugere também a forma obsoleta e informal de gíria, datada em Houaiss (2020) de 1958, com a acepção de "a própria pessoa que está falando": "- Não acha que eu tenho razão? Você não é mais menina de escola. Ninguem póde estar empatando que você goste deste ou daquele... Depois, quando a gente se casar e o **Degas** subir de posição, estão querendo lhe lamber os pés e as mãos..." (FONTES, 1933, p. 71). Levando em conta degas como "substantivo masculino de dois números", apesar de estar grafado com a maiúscula inicial (ou seja, usado antroponimicamente) podemos postular naturalmente o ano de 1933 para a datação deste termo.

DESIDERIA

"Mulatinha" que lamenta viver só e "sustentar" a mãe e um sobrinho ainda pequeno**:** "Albertina percebeu essas ultimas palavras e logo se sahiu a galhofar: - Está chorando, **Desideria**? Vá chorar na cama, que é logar quente..." (FONTES, 1933, p.33).

DO CARMO

Forma reduzida de Maria do Carmo. "Benedicta era noiva ha muitos annos de um certo Manoel Alves, que **Do Carmo** trabalhára longo tempo nas salinas com seu pae. A outra, que todos chamavam apenas de, estivera quasi a se casar com um saveirista, que afinal terminou por enganal-a. Tomou-se, então, de um grande desprezo pelos homens. A's vezes, fingia interessar-se por algum. Mas já o fazia com proposito de logo após repellil-o e escorraçal-o." (FONTES, 1933, p. 88).

DR BARROS

Segundo o narrador, "O **Dr. Barros** era um velho advogado, que sahira de Sergipe muito jovem e fizera fortuna rapidamente. Genio um tanto esquisito, amigo da solidão e dos seus livros, fugira sempre ao casamento. "." (FONTES, 1933, p. 51): "-Não, não. Com o meu pedido nãose arruma mesmo é nada. O melhor é você procurar o **Dr. Barros**... Porque não conhece elle? Não faz mal. Elle é um homem bom. Não liga isso. Protege a todo o mundo. Depois, tem força de verdade. Se você chegar na Fabrica com uma carta delle pela frente, póde contar que está empregada." (FONTES, 1933, p. 50).

DR. CELESTINO

Delegado de Policia da Capital (Aracaju): "Certo dia, fez vir á sua presença o **Dr. Celestino**, Delegado de Policia da Capital, e começou a lhe explicar: - Mandei chamal-o, Dr. Celestino, para lhe dar pessoalmente algumas ordens. O Prado está doente. E, ademais, ao Snr. mesmo é que deve caber essa missão, por suas velhas ligações com as classes trabalhadoras. Trata-se disso: Essas duas Fabricas me movem uma opposição surda e tenaz. Com parte de dar liberdade de opinião aos operarios cabalam ás escondidas contra mim. Agora chegou a vez de eu lhes dar uma lição. Como o Snr. sabe, elles não perdem vasa para explorar a pobreza. Nessa questão do trabalho nocturno estão fazendo assim. Resolvi, então, me pôr decididamente ao lado dos operarios, ajudal-os de toda forma, para que vençam a partida. Quero, portanto, que o Snr. aja nesse sentido. Procure os chefes da greve, dê-lhes pleno conhecimento dessa minha deliberação. Ante a luta que vimos sustentando, é preciso angariar sympathias, deste ou daquelle lado..." (FONTES, 1933, p. 104-105).

DR. CHICO DANTAS

Referenciado como Promotor Publico da Comarca (Aracaju): "A autoridade ria ainda e se dispunha a responder, quando assomou á porta de entrada o **Dr. Chico Dantas**, Promotor Publico da Comarca. "(FONTES, 1933, p. 265).

DR. PEREIRINHA

Homem de prestígio político: "A politica de Sergipe se encontrava numa de seus effervescencias periodicas. Iam se realizar as eleições para a renovação da Camara Federal. A opposição, representada pelo **Dr. Pereirinha** , que desfructava um grande prestigio em todo o Estado, e pelo General Rolando Martins, abertamente apadrinhado pelo Centro, desenvolvia uma cabala intensissima." (FONTES, 1933, p. 103).

DR. PRADO ANTUNES

Chefe de política: "O Chefe de Policia, **Dr. Prado Antunes**, aproximou-se." (FONTES, 1933, p. 115). Expressivamente aparece na passagem: "Refestelado em sua poltrona, o **Dr. Prado Antunes** escutava a anedocta galante que um sujeito ao lado lhe contava. Tinha os olhos entrecerrados, um sorriso brejeiro errava-lhe á flor da boca." (FONTES, 1933, p. 261-262).

GENERAL ROLANDO MARTINS

Militar "apadrinhado" do centro (talvez, o autor queira se referir ao Partido Republicano de Sergipe**,** fundado em 1933 com o apoio do interventor Augusto Maynard Gomes): "A politica de Sergipe se encontrava numa de seus effervescencias periodicas. Iam se realizar as eleições para a renovação da Camara Federal. A opposição, representada pelo Dr. Pereirinha , que desfructava um grande prestigio em todo o Estado, e pelo **General Rolando Martins**, abertamente apadrinhado pelo Centro, desenvolvia uma cabala intensissima." (FONTES, 1933, p. 103).

GARGANTA DE OURO

Alcunha do cabo Ignacio dos Santos: "- Mas não pense que já está me conhecendo todo inteiro... O cabo Ignacio dos Santos, não é apenasmente *isso* que acaba de escutar. E' tambem o maior cantador

de modinhas desta zona. E' o **garganta de ouro,** sem favor..." (FONTES, 1933, p. 66).

GERALDO CORUMBA

Cantor: "No Sacco de Moreira, a quatro leguas da sua fazendola, morava, um certo **Geraldo Corumba**. Não havia, em todo o Vasa Barris, tocador mais afamado. Lembraram-no a João Piancó, que logo para lá seguiu a convidal-o." (FONTES, 1933, p.9).

GRACINDA

Apontada como **"**companheira de escriptorio da filha mais nova dos Corumbas":"Era a festa anniversaria de **Gracinda**, companheira de escriptorio da filha mais nova dos Corumbas" (FONTES, 1933, p. 181).

GUSTAVO DE OLIVEIRA

Caracterizado pelo narrador como "um homem gordo e calvo, mais alto o que baixo, rosto vermelho e luzidio, apaparentando bem quarenta annos" e "chefe político de incontestavel prestigio num município do sertão...": "- Bôa..Seu Gustavo! Essa é das boas!... **Gustavo de Oliveira** – o que acabava de narrar – ria também gostosamente." (FONTES, 1933, p. 264).

IGNACIO DOS SANTOS

A descrição física do personagem, um "mulato difarçado" a seguir parece-nos sugerir que a disfarçatez se refere à cor: "Chamava-se **Ignacio dos Santos**. Era mulato disfarçado, de compleição herculea, altura media. Tinha os cabelos duros e crescidos, cuidadosamente repartidos bem no meio da cabeça. Olhos baços, raiados de sangue na esclerotica; nariz grosso. A bocca, continuamente arregaçada, num riso cynico e desdenhoso, deixava á mostra dois largos dentes de oiro." (FONTES, 1933, p. 62).

IZABEL

Apresentada como **"**preta quarentona": "No outro lado do pateo, quase na porta de sahida, as duas companheiras se abaixaram junto a uma preta quarentona, que as recebeu com alegria. Albertina

saudo-a com uma palmada leve sobre as costas: - ola, **Izabel!** Como vai a Conceição? Já melhorou?" (FONTES, 1933, p. 177-178).

JOÃO BRANCO

Pelo contexto, é o responsável por levar Grim a cair na prostituição e a abandona: "- Você se lembra de **João Branco**? Pois é... Eu hoje me encontrei com elle na feira. Sabe?... Elle agora está morando em Simão Dias..." (FONTES, 1933, p. 131).

JOÃO DAS DÔRES

O que planta roçados: **"**João Piancó, radiante, corria para todos os lados, explicando o itinerario: Iriam ao **João das Dôres**, primeiro, que este tinha um voto a cumprir. D'alli, rumariam á casa do Pedro Antonio, paralytico ha muitos annos. Mais duas ou tres visitas, se houvesse tempo, e tornariam á Fazenda." (FONTES, 1933, p.11).

JOÃO MIGUEL

Companheiro de José Affonso: "- Penso que não. Mas não faz mal. Eu tenho o meu e lhe empresto. Você mesmo póde pedir a **João Miguel.** Com certeza elle já leu." (FONTES, 1933, p. 92).

JOSÉ AFFONSO

Tipógrafo que que brotou em Pedro "a fome insaciável de saber": "Ultimamente dera para estudar durante a noite. Comprava livros e mais livros, revistas e jornaes. **José Affonso**, um typographo que morava perto delle e a quem ora o ligava um grande affecto, tinha feito brotar em seu espirito aquella fome insaciavel de saber." (FONTES, 1933, p. 90).

JOSÉ ASSIS DE VASCONCELLOS, O ZECA

Com Caçulinha Corumba, Sargento Zeca forma o casal de noivos que andavam, de bonde em bonde, percorrendo as linhas da Fundição, da Rua do Siriri: "-E o Senhor? Perguntou logo depois. Como é seu nome todo? – **José Assis de Vasconcellos**. Mas eu também tenho appellido. Todos me chamam **Zeca**..." (FONTES, 1933, p. 183).

JOSEPHA, SÁ JOSEPHA/VELHA

Caçula de Piancó: "Era **Josepha**, a filha mais nova do Piancó que todos chamavam " a flor da casa" (FONTES, 1933, p.10). Ao longo da

obra, o autor descreve fisicamente, com riqueza de detalhes, a personagem Jospha, já velha: "Alta e magra. O rosto, com alguns sulcos profundos, era de uma palidez embaçada. Costumava dizer que " tinha ficado assim depois das febres" (FONTES, 1933, p.24); e "Do que fôra, na sua mocidade, sobreviviam apenas poucos traços: os grandes olhos azues, hoje sem brilho; o nariz curto e afilado; duas carreiras de optimos dentes, esverdeados pelo abandono em que viviam, mas bem conformados e certos. Tudo o mais se arruinára á vida de trabalho que levava." (FONTES, 1933, p.25).

LILI, ELVIRA E MARIINHA

Amigas de Caçulinha Corumba na fábrica: "Foi assim: A gente acabou o serviço ás quatro e meia e se juntou pra conversar. Eu**, Lili, Elvira** e **Mariinha**. Não sei qual foi de nós que puxou o assumpto dos casos feios da semana... [...]" (FONTES, 1933, p. 233).

MANOEL ALVES

Noivo de Benedita (operária da "Textil" e uma das companheiras inseráveis de Albertina), mencionado como trabalhador em salinas: "Benedicta era noiva ha muitos annos de um certo **Manoel Alves**, que trabalhára longo tempo nas salinas com seu pae. A outra, que todos chamavam apenas de Do Carmo, estivera quasi a se casar com um saveirista, que afinal terminou por enganal-a. Tomou-se, então, de um grande desprezo pelos homens. A's vezes, fingia interessar-se por algum. Mas já o fazia com proposito de logo após repellil-o e escorraçal-o." (FONTES, 1933, p. 88).

MANOEL SARAIVA

Mencionado pelo narrador jornalista, da mente mais aberta, poeta de talento e amigo do Dr. Barros: " Geralmente, nos domingos, o Dr. Barros recebia alguns amigos para o almoço. Nesse dia em torno de sua mesa se juntaram, - além de Salgado Brito, professor da Escola Normal, e de **Manoel Saraiva**, jornalista e poeta de talento, ambos seus amigos desde a juventude, - o vigário de S. Antonio, Padre Torres, e o deputado federal Carlos Pereira, homem sincero, bondoso e inteligente." (FONTES, 1933, p. 144).

MANUEL PRETO

Atualmente, o bairro Manoel Preto é o Bairro Industrial. Há também logradouro Rua Manoel Preto quefica no bairro Santo Antônio na cidade de Aracaju em Sergipe: "Para conversar mais á vontade elles tinham se afastado propositadamente do caminho. Seguiam agora, os dois bem sós, ao longo dos apicuns que vão dar a **Manuel Preto**." (FONTES, 1933, p. 84).

MARIA DO CARMO E BENEDICTA

Companheiras inseráveis de Albertina, confidentes e amigas de verdade de Albertina, duas operárias da "Textil": "**Maria do Carmo e Benedicta** eram seus nomes. Irmãs gemeas, de feições bem semelhantes, altas, forte, morenonas. O pae, um velho salineiro quasi cego, já não podia mais exercer a profissão. Mas cozinhava e lavava, fazia os serviços da casa, emquanto as filhas estavam no trabalho." (FONTES, 1933, p. 88).

MARIA

Mencionada como "uma rapariga encostada aos miorões da cerca" a espera de Odilon: "- Escute aqui, **Maria**: você está esperando Odilon? Homem! E' muita coragem uma pessoa ficar assim na chuva, pro mode um troncho daqueles..." (FONTES, 1933, p.32).

MARIQUITA

Pelo contexto, talvez, companheira da "Textil" de Albertina: "A rapariga não poude supitar um movimento de surpreza: - Commigo?! Eu não vi ella hoje de noite....De tarde ella tinha me dito que ia passear com a Senhora....Já viu na casa de Seu Domingos Saverista? Lá tem uma dansa só de moça. Quem sabe se ella não está com a **Mariquita**?" (FONTES, 1933, p. 204).

MAROCAS

Vizinha de Albertina e empregada antiga da "Textil": "- Mas você, **Marocas**, como empregada antiga, tem direito de pedir por uma amiga. Depois, você sabe que eu não sou nenhuma remanchona. Quando pego num serviço, ou elle sahe, ou diz porque não sahe..." (FONTES, 1933, p. 50). Outra passagem, igualmente expressiva: "Certa vez, ocorreu-lhe falar a uma visinha, conhecida pelo nome de

Marocas, que trabalhava na "Textil"." (FONTES, 1933, p. 49). O narrador apresenta as seguintes características de Marocas: "Era uma moça baixa e rechonchuda, mulata clara, de cabellos muito negros e escorridos, olhos meúdos e vivos. Não possuia nenhum signal de beleza; mas o conjunto de seus traços, sua maneira altiva de olhar, seus gestos brandos, emprestavam-lhe uma graça particular, que captivava. Entre todas as companheiras de secção era ella a que melhores vencimentos percebia. Andava sempre muito limpa e bem tratada. Costumava ir á missa, nos domingos, vestida em fantasia de seda ou tricoline, sapato branco de pellica. E o povo, vendo-a assim tão bem trajada e sabendo que o capitão Cysneiros, diretor-thecnico da Fabrica, sempre lhe dispensava uma attenção especial, passou a bocejarque ella era amante do patrão." (FONTES, 1933, p. 49).

MESTRE ALMERINDO

Irmão de Josepha: "Mas, antes de assentarem em definitivo a partida, Josepha julgou prudente escrever a **mestre Almerindo**, um seu irmão que servia como foguista numas das fabricas da cidade. Pedui-lhe por solicitar que lhes dissesse, com franqueza, o seu pensar a respeito" (FONTES, 1933, p.20).

MIMOSA

Irmã do typographo José Affonso: do "De tratamento meigo e affavel, os que a conheciam, a estimavam. Mas Caçulinha era, no fundo, reservada. E posto se désse bem com todo o mundo, tinha, na realidade, uma só amiga: **Mimosa**, a irmã do typographo José Affonso, sua collega e companheira inseparável." (FONTES, 1933, p. 91).

MISAEL

Contra-mestre de secção na "Textil": "– Foi **Misael**, o contra-mestre da minha secção... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" O povo todo viu. Elle ficou danado commigo, e por isso vive de prevenção... Hoje, só cheguei um bocadinho mais tarde – ainda não tinham fechado o ponto – o infame disse que eu não entrava neste quarto. Veio logo com enxerimentos: "Se eu quisesse esperar

por elle , de noite, no Becco da Cerimonia...” Nem deixei que ele acabasse. Dispamparei, xinguei tudo, e vim m’embora... Com toda certeza agora o miseravel vai dar parte de mim... Tambem, eu me importo! Não volto mais pra trabalhar naquelle inferno. Não volto, não volto, promto!” (FONTES, 1933, p. 40).

MOTTA PIRES

Velho jornalista, dono da tipografia em que Zé Affonso trabalhava: “Desde ahi, uma perseguição surda e constante o alvejou. Não faltou até quem fosse solicitar do **Motta Pires** que o puzesse para fóra do jornal. Mas o velho jornalista, que admirava a altivez e a força de vontade do rapaz, respondeu-lhes a troçar:- Qual o quê! Zé Affonso não é capaz de matar um passarinho... O que elle faz apenas é falar...” (FONTES, 1933, p. 93).

NACINHO

Forma hipocorística de Capitão Ignacio dos Santos usada por Rosenda “- Não se zangue, **Nacinho**. Se eu digo assim é porque tenho medo de lhe perder...” !” (FONTES, 1933, p. 84).

ODILON

Envolvido amorosamente com Maria**:** “- Escute aqui, Maria: você está esperando **Odilon**? Homem! E’ muita coragem uma pessoa ficar assim na chuva, pro mode um troncho daqueles...” (FONTES, 1933, p.32).

PADRE TORRES

O vigário de S. Antonio: “ Geralmente, nos domingos, o Dr. Barros recebia alguns amigos para o almoço. Nesse dia em torno de sua mesa se juntaram, - além de Salgado Brito, professor da Escola Normal, e de Manoel Saraiva, jornalista e poeta de talento, ambos seus amigos desde a juventude, - o vigário de S. Antonio, **Padre Torres**, e o deputado federal Carlos Pereira, homem sincero, bondoso e inteligente.” (FONTES, 1933, p. 144). Eis outra passagem expressiva: “Foi emquanto rezava que a lembrança de confessar-se lhe acudiu. Imaginou que só o facto de transmitir a outrem o seu segredo, traria um grande alivio á sua afflicção. Depois, o **Padre Torres** era bom. Haveria de compreender e perdoar” (FONTES, 1933, p. 259).

CASA DO PEDRO ANTONIO

Mencionado como paralítico: "João Piancó, radiante, corria para todos os lados, explicando o itinerario: Iriam ao João das Dôres, primeiro, que este tinha um voto a cumprir. D'alli, rumariam á **casa do Pedro Antonio**, paralytico ha muitos annos. Mais duas ou tres visitas, se houvesse tempo, e tornariam á Fazenda." (FONTES, 1933, p.11).

PEDRO

Filho de Josepha e Geraldo: **"**Logo que se achou vestida, apanhou do chão o candieiro e foi até a sala da frente para acordar o filho, que dormia numa esteira de tabúa, sobre o chão. Mas não teve necessidade se chamal-o. Vendo-a entrar, **Pedro** ergueu-se e lhe falou" (FONTES, 1933, p.25). Assim, descrito pelo narrador: "Era um jovem de dezoito annos, quasi loiro, de estatura mediana. Trabalhava como ajudante de torneiro nas officinas da Estrada de Ferro, situadas muito longe, no bairro do Aribé. Tinha por isso, de sahir de casa muito cedo, levando a refeição numa latinha, para só regressar já noite feita." (FONTES, 1933, p.25).

PRADO

Mencionado pelo "detentor do governo sergipano" durante conversa com Dr. Celestino, Delegado de Polícia da Capital: "- Mandei chamal-o, Dr. Celestino, para lhe dar pessoalmente algumas ordens. O **Prado** está doente. E, ademais, ao Snr. mesmo é que deve caber essa missão, por suas velhas ligações com as classes trabalhadoras. Trata-se disso: Essas duas Fabricas me movem uma opposição surda e tenaz. Com parte de dar liberdade de opinião aos operarios cabalam ás escondidas contra mim. Agora chegou a vez de eu lhes dar uma lição. Como o Snr. sabe, elles não perdem vasa para explorar a pobreza. Nessa questão do trabalho nocturno estão fazendo assim. Resolvi, então, me pôr decididamente ao lado dos operarios, ajudal-os de toda forma, para que vençam a partida. Quero, portanto, que o Snr. aja nesse sentido. Procure os chefes da greve, dê-lhes pleno conhecimento dessa minha deliberação. Ante a luta que vimos sustentando, é preciso angariar sympathias, deste ou daquelle lado..." (FONTES, 1933, p. 104-105).

ROSITA

Mencionada por Pirambu durante conversa ou fofoca com Sá Josepha sobre uma "menina" com "quatorze anos": "- Ah! minha nêga, nem lhe conto! Uma coisa triste, póde me acreditar. A **Rosita**, uma menina ainda. Póde ter quatorze annos! Pois bem: Sahiu de casa com um boticario da Cidade, um velho homem, casado e cheio de filhos!... Mas isso é mesmo um fim do mundo... Não ha quem me tire disso..." (FONTES, 1933, p.74).

SÁ MARIA PIRAMBÚ

Ao longo da obra, mostrada como imagem de mulher desocupada, da mexeriqueira, que presta atenção à vida alheia e falar mal de todo mundo: "- Bem que estava vendo! E' a filha de **Sá Maria Pirambú**. Mas aquella velha e mesmo uma pezeta! Parece uma caninana azougada...Vive a chupar o sangue da bichinha..." (FONTES, 1933, p.35).

SÁ RICARDA

Mãe de um "rapazelho de quinze annos", vítima da "larga correia" dos teares da "Textil": "-Vamos, **Sá Ricarda**! O que é isso?! Conforme-se! Deixe estar, que a Fabrica faz o enterro e lhe paga uma indennização...Tenha coragem! Anime-se! A vida é assim mesmo" (FONTES, 1933, p. 162).

SALGADO BRITO

O professor da Escola Normal: "Geralmente, nos domingos, o Dr. Barros recebia alguns amigos para o almoço. Nesse dia em torno de sua mesa se juntaram, - além de **Salgado Brito**, professor da Escola Normal, e de Manoel Saraiva, jornalista e poeta de talento, ambos seus amigos desde a juventude, - o vigário de S. Antonio, Padre Torres, e o deputado federal Carlos Pereira, homem sincero, bondoso e inteligente." (FONTES, 1933, p. 144).

SEU DOMINGOS SAVERISTA

Pelo contexto, a casa de seu Domingos Saverista é lugar para festa ou outra ocasião em que várias pessoas dançam: "A rapariga não poude supitar um movimento de surpreza: - Commigo?! Eu não vi ella hoje de noite....De tarde ella tinha me dito que ia passear com a

Senhora....Já viu na casa de **Seu Domingos Saverista**? Lá tem uma dansa só de moça. Quem sabe se ella não está com a Mariquita?" FONTES, 1933, p. 204)

SEU JOÃOZINHO

Pelo contexto, ao certo, gerente da secção na "Sergipana", a quem Albertina reclamara do comportamente desprezível de Misael: "A "Textil" ficava mais longe. Ganharia menos, no começo. Estava resolvida a ir contar tudo, em pessoa a **Seu Joãozinho,** para que ele a mudasse de secção. Era assim mesmo: quem não tem dinheiro, não póde ter soberba; ou se sujeita, ou vai passar miserias maiores" (FONTES, 1933, p. 43).

SEU PHILIPPE

Na primeira parte da obra, mencionado por um "negro jovem, de alvos dentes limados": "-Que o quê, **seu Philippe**... Assim cheio de branca, Vosmecê não atira com uma bésta de menino... "(FONTES, 1933, p.13).

UM TAL ZEZINHO

Mencionado por João Branco e informação repassada a Geraldo por Sá Josepha, marido e mulher, a respeito do paradeiro da filha Albertina**: "**- Foi pro Geremoabo, perto de Canudos, com um bodegueiro daquelas bandas , **um tal Zezinho**... Isso já faz tempos... Nunca mais ninguém soube della em Simão Dias." (FONTES, 1933, p. 132).

VELHO JOÃO PIANCÓ

Fazendeiro, proprietário de terra à guisa de um coronel sertanejo: "O **velho João Piancó** manteve firme a sua "promessa". E enthusiasmado com o ver os céus attenderam ao seu apello, a todo o mundo proclamava o "pagamento" seria maior do que o dissera." (FONTES, 1933, p.8).

ZENDA

Forma hipocorística de Rosenda usada pelo Capitão Ignacio dos Santos: "- Não diga isso, **Zenda**! Você não está aqui dentro pra saber o tamanho do bem que eu lhe quero. Se você soubesse quanto eu

soffro, porque a gente ainda não poude se casar, não falava dessa forma. Isso é até uma ingratidão de sua parte!" (FONTES, 1933, p. 83).

FORMACULTUREMAS

UM PÉ PARA A GALHOFA

Datado de galhofa de1557, com, ao menos, duas acepções aplicáveis ao contexto dado: (i) " zombaria explícita e veemente; deboche, escárnio"; e (ii) " manifestação alegre e ruidosa; gracejo, risota, brincadeira": "Albertina viu naquillo **um pé para a galhofa**. E poz-se a cantarolar, embalando a irmã com violência" (FONTES, 1933, p.27).

PEZETA

Pezeta nos remete à peceta, este datado de 1508, com acepção, em 1898, de "pessoa vil; tratante, canalha": "Mais adiante prendeu a attenção das duas amigas uma mulher de rosto escaveirado cabelo em desalinho, e sem casaco, que de uma janela gritava furiosamente para a rua: - Sahe de dentro d'agua, coisinha ruim, **pezeta**! Depois está ahi batendo o queixo de sezões" (FONTES, 1933, p. 153).

VENIAS HABITUAES

Acepção da expressão latina de "saudação respeitosa; mesura, reverência: "Calaram-se as rezas. Entre os homens, o garrafão de cachaça passou de mão em mão. Houve foguetes e vivas. Os bacamartes roncaram. Josepha ia passar a imagem a Izabel, uma sua irmã já casada; e, nessa hora, tambem a caceteira deveria prestar a S. José as **venias habituaes**." (FONTES, 1933, p.11-12).

ZUMBAIAS

Datado de 1540, com a seguinte acepção aplicável ao contexto com sentido de "mesura, cumprimento ou polidez exagerada, afetada": "A bodegueira serviu-o com os mesmos modos bruscos. Elle engoliu a aguardente de um só trago, cuspiu forte, e, desmanchando-se em **zumbaias,** tomou a direção da Chica Chaves. Um magote de moleques seguiu a acompanhal-o" (FONTES, 1933, p. 153).

HAGIOCULTUREMAS

DIA DE S. JOSÉ

Comemorado anualmente em 19 de março, no Nordeste do Brasil: "Dezenove de Março. **Dia de S. José**." (FONTES, 1933, p.9). Data religiosa que celebra a figura do "pai terreno" de Jesus Cristo e esposo de Maria, mãe de Cristo: José de Nazaré ou José, o Carpinteiro, é um dos santos mais venerados pela Igreja Católica em todo o mundo. Aqui, apenas registrar a abreviatura de "São" como "S.", em que pese hoje Houaiss (2020) registrar como abreviação de "Sul". É o padroeiro do Ceará.

ALCULTUREMAS

ENORMES BALAIOS DE AIPIM E DE BEJÚS

Para bejús, o autor se refere à "iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena e descoberta em Pernambuco, feita com a tapioca (fécula extraída da mandioca, usualmente granulada), que ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco. O recheio varia, mas o mais tradicional é feito com coco ou queijo coalho. É um quitute muito comum no Nordeste e Norte do Brasil.": "Para lá ocorriam syrios, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com **enorme**s **balaios de aipim e de bejús**..." (FONTES, 1933, p. 210). Interessante assinalar que Houaiss (2020) registra, incialmente, biju, datada de 1698, mesmo que beiju. Este, datado de 1557, com acepções diversas, como: (i) "espécie de bolo de goma (no sentido de 'polvilho') ou de massa de mandioca assada, de que há diversas variedades"; (ii) "acepipe feito com fubá, açúcar e manteiga, que se assa no forno ou em chapa"; e (iii) "espécie de biscoito doce muito leve e quebradiço, enrolado como canudo"; e (iv) "arinha de milho grossa e torrada, com flocos, que se come geralmente com leite". No contexto da obra, relacionado à cultura sergipana, delimita-se à iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena, feita com a tapioca, um tipo de panqueca ou crepe seco.

CANGICA

De 1725, atualmente grafada canjica com acepção no âmbito da culinária brasileira de "papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar": "Madrugada. Soprava um vento frio. Soára momento de todos se retirarem para casa. Antes, porém, se reuniam alguns minutos junto á mês, recoberta de manauês amarelados, **cangica**, dedinhos-de-yayá..." (FONTES, 1933, p. 201-202).

EMPANZINADOS DO COZIMENTO DE FARINHA

Datado do século XV, com acepção de "condição, estado de um alimento ou de uma substância, um material etc. que passou pelo processo de cozimento": "Quando a noticia de sua fortuna e sua bondade correu mundo, toda a pobreza do arrabalde foi lhe implorar uma qualquer coisa. Teve contacto, então, com as misérias mais dolorosas. Conheceu doentes sem alimento e sem remedio. Topou crianças núas, gemendo de fome ou tiritando de sezões. Viu recem-natos, cujas mães não tinham leite, morrerem **empanzinados do cozimento de farinha** que ingeriam..." (FONTES, 1933, p. 52). Morrer empanzinado simplesmente significa morrer "intoxicação alimentar".

CUZ-CUZ DE MILHO VERDE

Na culinária do nordeste brasileiro, "massa doce feita com tapioca, farinha de arroz, de milho ou de aipim, misturada ao leite de coco e geralmente cozida no vapor": "- Não é nada, mesmo, acabou concordando Sá Josepha. Venha comer, que passa logo. Hoje eu comprei leite pra você e preparei um **cuz-cuz de milho verde** que está de dar agua no bico..." (FONTES, 1933, p. 259). Quanto à grafia atual do verbete: há quem registre cuscuz (substantivo masculino de dois números) como substantivo masculino, cujo plural, portanto, seria cuscuzes.

DEDINHOS-DE-YAYÁ

Refere-se ao bolo de mandioca: "Madrugada. Soprava um vento frio. Soára momento de todos se retirarem para casa. Antes, porém, se reuniam alguns minutos junto á mês, recoberta de manauês amarelados, cangica, **dedinhos-de-yayá..."** (FONTES, 1933, p. 201-202). A título de curiosidade, a receita deste bolo é a seguinte: "primeiramente, ralar a mandioca e espremer em um guardanapo até

fazer uma farofa; em seguida, juntar metade do leite de coco, os outros ingredientes (exceto as claras) e misturar bem; o passo seguinte é acrescentar as claras em neve misturando delicadamente; distribuir a massa numa assadeira untada e assar em forno preaquecido até dourar, por aproximadamente 40 minutos; Desenformar o bolo; e regar com o restante do leite de coco, salpicar açúcar e finalmente cortar em formato de dedo (retângulos)".

FAROFA COM JABÁ

Farofa de charque: "- O que é que vocês teem pra comer hoje? **Farofa com jabá**? Tripa torrada? Pois experimentem aqui do meu, que é pra mudar o gosto ruim..eu, agora, só papo arroz, presento e ovos..." (FONTES, 1933, P.176-177).

KILO DE JABÁ

Datado em Houaiss (2020) de 1889, com mesma acepção de charque, isto é, "carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos": "- O' xente , gente! Temos aqui esta *papa-carne*. Quer comer solido cada passo e cada hora! Você sabe por quanto está um **kilo de jabá**? Não, Sá fidalga, você só come carne ás sete e meia, quando voltar pro almoço. E não é pouco! Está ouvindo ?" (FONTES, 1933, p.29). Há uma rica sinonímia, do ponto de vista culturológico de charque: carne de ceará, carne de charque, carne do ceará, carne do seridó, carne do sertão, carne do sul, carne-seca, carne-velha, ceará, iabá, sambamba, sumaca.

MINHA LATA (DE COMIDA)

Com a acepção de marmita, isto é, "marmita", isto é, "recipiente em que se transporta a própria refeição para o local de trabalho" que por sua vez nos remete à acepção de "recipiente de lata em que, nos quartéis, se serve rancho aos soldados": "-Já estou acordando, mãe. Pode ir preparando a **minha lata**." (FONTES, 1933, p.25).

MANAUÊS AMARELADOS

O manauê é datado de 1853, com acepção de "bolo de fubá de milho e mel, por vezes com acréscimo de outros ingredientes": "Madrugada. Soprava um vento frio. Soára momento de todos se

retirarem para casa. Antes, porém, se reuniam alguns minutos junto á mês, recoberta de **manauês amarelados**, cangica, dedinhos-de-yayá...” (FONTES, 1933, p. 201-202).

PAPAR ARROZ, PRESUNTO E OVOS

Com acepção de “ingerir alimento; comer”: “- O que é que vocês teem pra comer hoje? Farofa com jabá? Tripa torrada? Pois experimentem aqui do meu, que é pra mudar o gosto ruim..eu, agora, só **papo arroz, presunto e ovos**...” (FONTES, 1933, p.176-177).

TRIPA TORRADA

Também chamada vísceras (de boi) bem assada: “- O que é que vocês teem pra comer hoje? Farofa com jabá? **Tripa torrada**? Pois experimentem aqui do meu, que é pra mudar o gosto ruim..eu, agora, só papo arroz, presento e ovos...” (FONTES, 1933, p.176-177).

XARQUE COM FAROFA

Datado de 1783, com acepção de “carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos; jabá” ou “preparação ou prato feito com essa carne”: “As outras olharam o fundo da vasilha, e, vendo apenas **xarque com farofa**, desataram em gargalhada” (FONTES, 1933, p. 177).

INDUMENTOCULTUREMAS

CHALES

Atualmente, grafado “xale”, datado em Houaiss (2020) de1786, com acepção de “manta geralmente de lã ou seda, usada pelas mulheres como ornato ou agasalho sobre os ombros, tronco ou cabeça; xaile”: “Algumas, embrulhavam-se nos **chales**; aquellas cobriam-se com o avental esburacado; outras aindas, se apadrinhavam sob um velho guarda-chuva. As que não dispunham do mais leve agasalho, vinham molhadas, e tremiam, com frio. Os homens, em muito menor numero, misturavam-se com as mulheres. Raros acompanhavam alguma parenta ou irmã. Quase todos se encostavam ás namoradas” (FONTES, 1933, p.31).

AGULHEIRO

Datado do século XV, com acepção de "pequeno estojo, tubo ou almofada para guardar agulhas de coser": "As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma peça de renda, um **agulheiro**. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210).

LUZENTES BOTÕES DE COR DE OIRO

Também chamados botões dourados. "Antes que a festa se acabasse, dansaram ainda algumas vezes. O sargento, mais alto do que ella, envergava uma farda branca, de **luzentes botões de cor de oiro**; Caçulinha trazia um vestido de cassa muito leve, rosa-claro, saia de grande roda, á Maria Antonietta" (FONTES, 1933, p. 183-184).

CADILHOS DA REDE

Na indústria têxtil, "cada um dos fios dos segmentos extremos (inicial ou final) da urdidura de um tecido, que permanecem soltos nas bordas deste por não serem entrecruzados pelos fios da trama [frequentemente usado no plural.]: "Sá Josepha segurou os **cadilhos da rede** e sacudiu-a." (FONTES, 1933, p.26). A expressão "cadilhos da rede" sugere a noção de "punho da rede", isto é, "pequena corda ou cabo em forma de elo que segura as redes, nos ganchos ou armadores".

CHALÉ AZUL-MARINHO

Houaiss (2020) traz as seguintes acepções cabíveis ao contexto da obra: (i) "tonalidade escura de azul, similar ao azul do mar"; e (ii) " que apresenta essa cor": "Sá Josepha entrou. Era a primeira vez que ali pisava. No meio da sala estacou, olhando para todos os cantos. Seu peito arfava, da longa caminhada sob o sol. Ia tirando o **chalé azul-marinho**, que lhe envolvia a cabeça, quando percebeu Caçulinha, que vinha sahindo de seu quarto. Ficaram um momento paradas,

olhos nos olhos, indecisas. Mas logo a rapariga se resolveu e numa carreira impetuosa lançou-se aos braços da mãe." (FONTES, 1933, p. 274). Postulamos o ano de 1933 para sua datação.

COBERTA DE BAETA

Datado de 1574, com acepção de " tecido de lã ou algodão, de textura felpuda, com pelo em ambas as faces": "Estava acordada, encolhida sob a sua **coberta de baeta**. Tinha o rosto magrissimo, com duas rosetas avermelhadas nos malares. A excessiva humidade do ultimo inverno fizera recrusdecer o reumatismo articular que desde pequena a perseguia." (FONTES, 1933, p. 126).

FILÓ GROSSO

Datado de 1827 , filó tem acepção de " tule de seda, algodão ou outro material, geralmente engomado, e cuja urdidura forma uma espécie de rede vazada dando-lhe uma aparência leve e própria para ser us. em véus, cortinados etc.": "O vestido della é de cassa. Repare o véo. E' **filó grosso..."** ..." (FONTES, 1933, p. 97).

FINO LENÇO DE CAMBRAIA

Datado do século XIII, com duas acepções aplicáveis ao contexto da obra: (i) " tecido muito fino, translúcido e levemente lustroso, de algodão ou de linho, us. em lenços, adornos, roupa íntima feminina etc."; e (ii) " tecido fino, branco, de algodão, imitante à cambraia original de linho, com fios muito próximos entre si e lustroso ou acetinado num dos lados": "Em seguida levantou-se e foi até seu quarto. Dentro em pouco tornava, enxugando os olhos num **fino lenço de cambraia.** Aproximou-se de Sá Josepha, tomou-lhe a mão, num gesto meigo e deixou-lhe ficar sobre a palma uma cédula de cem mil réis." (FONTES, 1933, p. 281).

PEÇA DE RENDA

Peça nos remete a "teia de tecido produzido de uma só vez; estado em que o tecido se encontra antes de ser cortado" e renda à noção de "tecido transparente de malha aberta, fina e delicada, formando desenhos variados com entrelaçamentos de fios de linho, seda, algodão, ouro etc. aplicado como guarnição de vestidos, alfaias, paramentos etc": "As quatro horas, mais ou menos, as operarias

começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma **peça de renda**, um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210).

SAIA DE GRANDE RODA, Á MARIA ANTONIETTA

Este modelo de saia, ao certo, equivale, hoje, a noção de "saia godê", isto é, saia com "ondulação que se forma em um tecido cortado em viés, mais largo na parte inferior do que na superior, e que se aplica a saias, mangas etc": "Antes que a festa se acabasse, dansaram ainda algumas vezes. O sargento, mais alto do que ella, envergava uma farda branca, de luzentes botões de cor de oiro; Caçulinha trazia um vestido de cassa muito leve, rosa-claro, **saia de grande roda**, **á Maria Antonietta**" (FONTES, 1933, p. 183-184). Etimologia de godê: vem do francês (1849) 'ondulação, prega flexível, que alarga gradualmente um tecido cortado em viés', derivado do verbo francês goder no sentido de 'fazer pregas'.

VESTIDA EM FANTASIA DE SEDA OU TRICOLINE

Na expressão, "fantasia parece-nos sugerir "vestimenta que reproduz o modelo de vestes de culturas ou épocas diversas, ou que representa objetos, ideias, figuras históricas, imaginárias etc., usado em certos rituais e festividades" acrescentado com "seda" (tecido fabricado com esse fio) e e tricoline, sem datação em Houaiss (2020), com acepção de "tecido leve e sedoso de algodão": "Era uma moça baixa e rechonchuda, mulata clara, de cabellos muito negros e escorridos, olhos meúdos e vivos. Não possuia nenhum signal de beleza; mas o conjunto de seus traços, sua maneira altiva de olhar, seus gestos brandos, emprestavam-lhe uma graça particular, que captivava. Entre todas as companheiras de secção era ella a que melhores vencimentos percebia. Andava sempre muito limpa e bem tratada. Costumava ir á missa, nos domingos, **vestida em fantasia de seda ou tricoline**, sapato branco de pellica. E o povo, vendo-a assim tão bem trajada e sabendo que o capitão Cysneiros, diretor-thecnico

da Fabrica, sempre lhe dispensava uma attenção especial, passou a bocejarque ella era amante do patrão." (FONTES, 1933, p. 49). Para tricoline, com a acepção de "tecido leve e sedoso de algodão" , postulamos o ano 1933 para sua datação.

LINDO VESTIDO AZUL-NATIER

Talvez, com a acepção de vestido com tonalizada clara de azul:"A filha mais nova de Geraldo ostentava, nesse dia, um **lindo vestido azul-natier** que o sargento lhe offertára. Sua beleza chamava a atenção de toda a gente. O próprio noivo, embevecido, não desfitava um instante os olhos dela" (FONTES, 1933, p. 225).

VESTIDO DE CASSA MUITO LEVE

Cassa, datado de 1623, com acepção de "tecido fino, transparente, de linho ou de algodão": "Antes que a festa se acabasse, dansaram ainda algumas vezes. O sargento, mais alto do que ella, envergava uma farda branca, de luzentes botões de cor de oiro; Caçulinha trazia um **vestido de cassa muito leve**, rosa-claro, saia de grande roda, á Maria Antonietta" (FONTES, 1933, p. 183-184). Do ponto de vista têxtil, diz respeito ao "tecido fino, transparente, de linho ou de algodão": "O vestido della é de cassa. Repare o véo. E' filó grosso..." ..." (FONTES, 1933, p. 97).

VESTIDO DE ÉTAMINE AZUL

Etamine é o mais popular dos tecidos para bordar, pois serve para qualquer tipo de peça de decoração ou uso pessoal: "Foi quando, mais em baixo, apareceu o vulto de Caçulinha, que regressava do trabalho para tomar o seu almoço. Trazia um **vestido de étamine azul**, pelos joelhos, sapatos de lona branca e meias de algodão da mesma côr. Para resguardar-se dos raios violentos do sol, carregava a sua sombrinha preta, de cabo de madeira, molemente derreada sobre o hombro." (FONTES, 1933, p. 243).

VESTIDOS DE CHITA MULTICORES

Datado de 1704, com acepção têxtil de " tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores" ou "fazenda de algodão, barata e rala": "Ha muito tempo não despontava umdia assim, de sol refulgente e céu azul. Em bandes alacres, as operarias caminhavam

para as Fabricas. Iam todas, em seus **vestidos de chita multicores**, sem o mais leve agasalho sobre os hombros." (FONTES, 1933, p. 123).

LICICULTUREMAS

"BOCCA DE FORNO"

No âmbito da ludologia brasileira, boca de forno o termo, datado em Houaiss de 1569, refere-se à "brincadeira infantil em que uma das crianças, chamada de mestre, distribui tarefas que as outras têm de cumprir, sob pena de receberem um ou vários bolos (no sentido de 'tapa')": "Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a "manja". Outros, brincavam a "**bocca de forno**", agroupados em torno de uma creoulinha, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a garotada. - Manda que vá! - Vá! -Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a tropilha abalava, em gritalhada." (FONTES, 1933, p. 55).

"MANJA"

Datado de1889, no âmbito da ludologia brasileira, o mesmo que "esconde-esconde", esconde-esconde, também datado do mesmo ano, refere-se a "jogo infantil em que um participante deve encontrar os demais, que se esconderam": "Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a **"manja"**. Outros, brincavam a "bocca de forno", agroupados em torno de uma creoulinha, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a garotada. - Manda que vá! - Vá! -Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a tropilha abalava, em gritalhada." (FONTES, 1933, p. 55). São sinônimos: bacondê, escondidas, escondido, jogo das escondidas, manja, pegador, tempo-será.

MOBICULTUREMAS

GUIGA

Datado de 1881, com acepção de "barco comprido e estreito, próprio para regatas": "O sol morrente projectava grandes sombras sobre a

toalha movimentada das aguas. Ligeira e linda como uma ave, de grande vela e bujarrona, uma **guiga** – azul e branco – passava e repassava em torno do escaler onde ia a Imagem." FONTES, 1933, p. 225).

VAPOR DA "COSTEIRA"

Vapor com acepção de "navio ou barco movido por máquina a vapor": "Passou-se, depois, para um **vapor da "Costeira"**, que fazia a linha de Porto Alegre a Aracajú. Certa vez, adoecendo gravemente em viagem, desembarcaram-no nesse porto para ser internado no hospital. (FONTES, 1933, p. 63).

EMBARCAÇÃO ENGALANADA

O adjetivo engalanado é datado em Houaiss (2020) do século XX, com acepção "que se engalanou, que se enfeitou; agalanado": "Ás quatro horas sahia o andor da Cathedral com destino á ponte de embarque, na praça do Palacio. Ahi, uma **embarcação engalanada** o recebia." (FONTES, 1933, p. 222). Podemos postular o ano de 1933 para precisar a datação deste termo.

ESCALER

Datado de 1726, com acepção de "embarcação miúda, de proa fina e popa larga, movida a remo, a vela ou a motor, usada para prestar pequenos serviços de transporte, reconhecimento etc.": "O sol morrente projectava grandes sombras sobre a toalha movimentada das aguas. Ligeira e linda como uma ave, de grande vela e bujarrona, uma guiga – azul e branco – passava e repassava em torno do **escaler** onde ia a Imagem." (FONTES, 1933, p. 225).

CHEVROLET PARADO

Ao certo, a considerar os anos 30, o narrador se refere ao Chevrolet Opala, o primeiro carro de passeio da Chevrolet no Brasil: "Num recanto sóbrio da Estrada do Socorro, um **Chevrolet parado**. No banco da frente Albertina e Fontoura conversavam. Elle dizia: - Não sei, Albertina, que espécie de feitiço você fez. Foi tão damnado, que de seis meses para cá eu só vivo para você...Não esteja rindo...Juro por Nossa Senhora! E' porque você não sabe o que se passa aqui por dentro. Se me deito, estou pensando em Albertina; se

sonho, ainda é ella que aparece; e de dia, no trabalho ou na rua, a pestinha não me sahe do pensamento....” (FONTES, 1933, p. 191).

MOEDOCULTUREMAS

CÉDULA DE CEM MIIL RÉIS

Em leilões, o valor estimado de uma cédula vale, atualmente, ao menos R$1.500,00: “Em seguida levantou-se e foi até seu quarto. Dentro em pouco tornava, enxugando os olhos num fino lenço de cambraia. Aproximou-se de Sá Josepha, tomou-lhe a mão, num gesto meigo e deixou-lhe ficar sobre a palma uma **cédula de cem mill réis**.” (FONTES, 1933, p. 280-281).

DOIS-TÕES PRA UMA CORRIDA

Moeda de níquel (no Brasil) ou de prata (em Portugal) equivalente a 100 réis: “- Moço, me dá **dois-tões pra uma corrida**” (FONTES, 1933, p. 80).

NÃO TER O PRINCIPAL

Com a noção de “o capital de uma dívida, em contraposição aos juros “:- Bonito! Que gracinha! E’ só elle quem tem pena das filhas! Só elle é que se lembra dellas!... Pois fique sabendo que eu não comprei o tal remedio porque **não tive o principal**! Entendeu?” (FONTES, 1933, p. 128).

FAZER 4$000 POR SEMANA

Quatro mil réis: “Em casa delles, todos trabalhavam duramente. Uma das raparigas chegava a **fazer 4$000 por semana**, como botadeira de canna na moenda. A mais velha se ocupava em ralar a mandioca de todos os roceiros do logar, recebendo, como paga, entre dez a quinze litros da farinha preparada.O rapaz, que exercera já uma meia dúzia de empregos, sevia agora como auxiliar do machinista do Eugenho. Até as duas menores sempre faziam alguma coisa, ajudando em casa ou na roça.” (FONTES, 1933, p.17).

ARRISCAR NICKEIS NA BIZARRIA E NO BARRUFO

Datado de 1790, com acepção de “dinheiro miúdo”: “Da porta da Igreja correram para a feira. Jantaram num d’aquelles restaurantes

improvisados e logo sahiram a divertir-se, **arriscando nickeis na bizarria e no barrufo**, comprando bilhetes nas tombolas e nos bozós." (FONTES, 1933, p. 225).

ORDENADO DE QUATROCENTOS RÉIS POR DIA

O termo ordenado, datado de 1503, com acepção de "retribuição constante que alguém (trabalhador, empregado, servidor público etc.) recebe periodicamente por seu trabalho; vencimento, salário", sendo réis a " antiga base unitária dos meios circulantes português e brasileiro, em que as cédulas eram múltiplas e as moedas frações de mil réis": "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma rapariguita muito branca, de treze annos apenas. Era um frangalhozinho de gente, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os labios arroxeados de frio. Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante, na secção dos teares da "Sergipana", vencendo o **ordenado de quatrocentos réis por dia**." (FONTES, 1933, p.34-35).

RECONTAR OS OS COBRES E OS NICKEIS

Cobre no sentido de "dinheiro miúdo ou em moedas; trocados" e níquel com acepção de "dinheiro miúdo": "Sá Josepha perdia noites, a pensar. Contava as pequenas cedulas de papel, **recontava os cobres e os nickeis**. E concluía sempre, ao fim, que não lhes era possivel viver com tão pouco dinheiro, pagando aluguel de casa, vestindo e alimentando sete pessôas." (FONTES, 1933, p. 48).

POUCOS RÉIS EM CADA MÊS

Real, nos anos 30, refere-se "antiga base unitária dos meios circulantes português e brasileiro, em que as cédulas eram múltiplas e as moedas frações de mil réis": "Rosenda, por mais que se esforçasse, não alcançava nunca receber acima de dez mil réis todos os sabbados. Do seu ordenado, Pedro podia dispor somente a metade. Juntando-se a essas quantias os dois e quinhentos que o velho ganhava por noite de serviço, conseguia-se apenas fazer uns cento e **poucos réis em cada mês**." (FONTES, 1933, p. 48).

MEDICULTUREMAS

ANDAR LÉGUAS E LÉGUAS

A noção de légua, no sistema métrico, varia de acordo com a época, no Brasil, vale aproximadamente 6.600 metros: "Sargento Zeca respondia, sem desfitar os olhos dela: - Pra ficar mais dois minutos com você, sou capaz de **andar léguas e léguas** na areia mais fofa deste mundo. Até na lama, se preciso...Quem quer bem faz isso e muito mais..." (FONTES, 1933, p. 209).

PLANTAR PARA SI QUATRO OU CINCO TAREFAS DE CAYENA

No Nordeste Brasileiro, "certa medida agrária que varia de um estado para outro". Em Alagoas e Sergipe, equivale a 3.052 m2, no Ceará, a 3.630 m2 e, na Bahia, a 4.356 m2: "Se os filhos assim procediam, os paes não tinham um minuto de descanso. Geraldo carregava do primeiro ao ultimo dia do verão; e durante o inverno não largava a enxada, ora limpando os cannaviaes da patrôa, ora plantando para si **quatro ou cinco tarefas de cayena**. Josepha, da madrugada á bocca da noite, não parava. Cosia, lavava, mexia nas panellas, amanhava a terra nos roçados, cortava canna de empreitada." (FONTES, 1933, p.18).

VERBOCULTUREMAS

SEM DESFITAR OS OLHOS DE ALGUÉM

Verbo com acepção de " sem deixar de fitar, desviar(-se) [os olhos, a vista]: "Sargento Zeca respondia, sem **desfitar os olhos** dela: - Pra ficar mais dois minutos com você, sou capaz de andar léguas e léguas na areia mais fofa deste mundo. Até na lama, se preciso...Quem quer bem faz isso e muito mais..." (FONTES, 1933, p. 209).

APOQUENTAR-SE

Datado do século XIV, com a acepção de " incomodar(-se) com coisas menores e aparentemente pouco importantes; chatear(-se), aporrinhar(-se), azoretar(-se): "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás

vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu suculento, uma gemmada. A tisica, inapetente, recusava. Então a velha, ao invés de **apoquentar-se**, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....Pelo amor de Deus, tome...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170).

BAIXA DO ASSUCAR

Substância doce, solúvel em líquido, fabricada industrialmente e extraída especialmente da cana-de-açúcar e da beterraba: "Naquelle anno, a **baixa do assucar** veio agravar-lhes mais e mais a situação de si já tão precaria. Os usineiros e senhores de engenho reduziam á metade do jornal da sua gente; e passaram a pagar a tonelada de canna por tal preço, que nem valia a pena plantal-a." (FONTES, 1933, p.18).

ATAZANAR

Datado de1900, mesmo que atenazar "submeter à tortura; supliciar", "causar dor em; maltratar, mortificar", e figurativamente "incomodar, importunar insistentemente; atanazar, atazanar, azucrinar": "Eu, que sempre vivo tão alegre, ainda acho quem venha me **atazanar**... Não volto mais pra aquelle inferno! Ouvir desaforos de um negro daquele!..." (FONTES, 1933, p. 41).

NÃO HA QUEM ATURE UMA VIDA ASSIM

Datado do século XIII, com acepção de "enfrentar, suportar com paciência e resignação; aguentar, tolerar": "- E'!... Se a Senhora pudesse trazia a gente accorrentada numa jaula e só largava na hora do trabalho começar. Arre lá! **Que não ha quem ature uma vida assim**! Tambem, um dia, eu sei o que faço! Isso é demais!..." (FONTES, 1933, p. 61).

VIR AUGMENTAR O VEXAME DA PEQUENA

Forma antiga e desusada de aumentar: "Houve um zum-zum de risotas, que ainda mais **veio augmentar o vexame da pequena**. Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um accesso de tosse que ás vezes a suffocava." (FONTES, 1933, p.36).

AVENTAR A IDÉIA DE SE MUDAREM PARA ARACAJÚ

Expor ou dizer em sugestão ou proposta; sugerir aventurando: "Foi Josepha quem **aventou a idéia de se mudarem para Aracajú."** (FONTES, 1933, p.19).

AVIAR-SE

Datado em Houaiss (2020)de 1562, com acepção de "diligenciar por resolver pendências; entrar em entendimento": "- **Avia-te**, acorda! Já é mais de quatro e meia." (FONTES, 1933, p.26).

BLATERAR

Datado de 1913, com acepção de "emitir voz ou som incompreensível ou sem sentido, não articulado" ou " falar muito, em voz alta ou com grande ênfase; clamar, vociferar, vozeirar": "Com tanta violencia **blaterava**, que já tinha garganta secca, a boca pegajosa. Levantou-se, para ir lá dentro beber agua. E, quando tornou, disse em voz alta para a filha:- Vá, vá já chamar aquella delambida! Não vou eu mesmo em pessoa porque, com a raiva que estou, sou capaz de disparar no meio do povo todo..." (FONTES, 1933, p. 58).

EM TOM DE QUEM CAÇÔA

Com acepção de "fazer caçoada, galhofa ou chacota de" ou "provocar riso ou hilariedade acerca de alguém ou algo determinado, com palavras ou atos espirituosos ou engraçados, que manifestam humor, ironia, malícia, desdém etc.; escarnecer, gracejar, troçar, zombar": " Sentou-se á mesa, em seguida. E, **em tom de quem caçôa**: - Depressa, cozinheira! O meu almoço." (FONTES, 1933, p. 198).

CAMBIAR DE REPENTE PARA O SUL

Com acepção de "causar ou apresentar mudança ou alteração de aspecto, cor etc. em (alguém, algo), sem acarretar perda de sua essência ou característica principal.":"Mas, ainda na primeira semana desse mês, os ventos, que vinham soprando invariavelmente do Nordeste, **cambiaram de repente para o Sul**. Bandos de nuvens negras deram de percorrer o espaço em todos os sentidos." (FONTES, 1933, p.7).

CANTAROLAR

Datado em Houaiss (2020)de 1836, com a acepção de "cantar fora do tom; desafinar": "Albertina viu naquillo um pé para a galhofa. E poz-se a **cantarolar**, embalando a irmã com violência" (FONTES, 1933, p.27).

CEAR NAS CARREIRAS

Comer, jantar: "Caçulinha **ceiava nas carreiras.** Empoava-se, em seguida, dava um jeito ao cabelo, e ia aguardar que o noivo regressasse." (FONTES, 1933, p. 208).

CEVAR DUAS PREGUIÇOZINHAS

Datado em Houaiss (2020) do século XIII, com acepção de "fazer a engorda de (especialmente animal doméstico)" ou "engordar": "Ao lado de uma cabo-verde espigada e magrissima – os ossos salientes sob a pelle lusidia – a *Bolo-fôfo* conversava agitada, com o mau humor de costume. Queixava-se da vida: "Estava ganhando um quase-nada. Sete mil réis por semana! Um horror! Nem podia comprar um sapato melhor, um vestidinho mais assim... Tambem, dava tudo á mãe, pra **cevar duas preguiçozinhas** que tinha em casa, com folias de ir pra escola... Por cima, ainda queriam que se levantasse madrugada, pra se matar no trabalho". (FONTES, 1933, p.33).

CHALACEAR COM AS RAPARIGAS

Datado de 1899, com acepção de "fazer chalaça, troça com; zombar, escarnear, gracejar" ou "exprimir-se por chalaças": "Além dos vendedores, havia ainda muita gente. Homens, que vinham esperar as namoradas; mães, que iam ao encontro das filhas, portadoras do dinheiro tão preciso; bandos de soldados do Exercito e da Policia, a **chalacear com as raparigas**; malandros e curiosos, attrahidos pelo ajuntamento de mulheres." (FONTES, 1933, p. 210).

CHASQUEAR

Datado de 1716, com sentido de "dizer ou fazer chascos (a); escarnecer, troçar, zombar": "Prado Antunes descerrou os lábios, num sorriso malicioso, e **chasqueou**: - E'!...Depois não vá se apaixonar, como lhe aconteceu com a Valentina..." (FONTES, 1933, p. 269).

CAMINHAR COSENDO-SE ÁS PAREDES

Com a noção de "aproximar (coisas) de modo que não haja espaço entre elas; colar": "Pouco depois das oito horas, quando os folguedos apenas começavam, Albertina sahiu em direção à casa de Do Carmo. Mas antes de lá chegar mudou de rumo e poz-se a descer a Estrada Nova em grande pressa. **Caminhava cosendo-se ás paredes**, olhar no chão, fugindo de se encontrar com os conhecidos" (FONTES, 1933, p. 202).

CUSPINHAR PARA UM CANTO

Datado do século XV, mesmo que acuspinhar, com a noção de "cuspir repetidamente (em)": "Interrompeu-se um instante, emquanto tirava um charuto do bolso da saia. Accendeu-o, chupando algumas baforadas com força, **cuspinhou para um cant**o e prosseguiu: - Tambem... a Senhora quer saber? A culpa nâo é tanto da *coisinha*. E' mais da mãe, que recebia o homem em casa e deixava ele ficar só, horas e horas, com a menina. São essas facilidades..." (FONTES, 1933, p.75).

DANÇAR DE URSO

Acepção da locução se aproxima a de ursada, esta, datada do século XX, "procedimento desleal, espanhol provindo de um amigo; procedimento de amigo-urso; traição" "-Casorio?...O traste **dansou de urso**...Estou procurando outro." (FONTES, 1933, p. 151). Interessante observar que o termo "amigo-urso" é equivalente ou o mesmo que "amigo da onça" com a acepção de "amigo falso, hipócrita, infiel".

DEBALDE

Datado do século XIV, advérbio com acepção de "em vão, inutilmente; embalde" "Estiveram olhando noutras dansas. Foram até a Avenida do Hospital. Tudo, porém, **debalde**." (FONTES, 1933, p. 204). Também existe a forma locucional de balde, de mesmo sentido e uso hoje formal.

DEITAR FEIJÃO COM FARINHA E UM PEDAÇO DE LINGUIÇA NA VASILHA

Com acepção de "deixar(-se) cair em; lançar(-se), jogar[-se] (para baixo) ‹com": Estava **deitando feijão com farinha e um pedaço**

de linguiça na vasilha que Pedro ia levar, quando este se approximou, o chapéu já na cabeça." (FONTES, 1933, p.25-26).

DESATAR

Com acepção de "manifestar(-se), soltar(-se) de súbito; prorromper (em), romper (em)": "E **desatou** numa gargalhada que fazia toda a sua rija carnadura estremecer." (FONTES, 1933, p.28).

DESDENHAR

Datado do século XIII, com acepção de "considerar ou tratar (alguém ou algo) com desprezo ou desamor; desprezar" ou "fazer troça de (alguém ou algo); escarnecer": "Albertina tinha se sentado e ouvia-a a, a mão no queixo, uma expressão tão fleugmatica nos olhos e na bocca, que parecia **desdenhar**. E foi quasi a sorrir que respondeu: - Óra, mãe, deixe de raivas... Então a Senhora não quer que a gente se distraia um boccadinho?..." (FONTES, 1933, p. 57).

SEM DESFITAR DE ALGUÉM A ATTENÇÃO UM SÓ INSTANTE

Com a acepção de "desviar os olhos": "Com uma rapidez que todos surprehendia, Pedro ia galgando as melhores posições em sua officina. Fazia já cinco mil réis por dia e cada vez mais se aperfeiçoava no seu officio de torneiro. Soturno por natureza, entregava-se ao trabalho **sem delle desfitar a attenção um só instante**. E assim, em pouco tempo já passava por ser um operario modelar. Os chefes conheceram-no e admiraram-no. Sempre que passavam perto dele, cumprimentavam alegremente : - Olá! Rapaz. Como vai isso?" (FONTES, 1933, p. 89-90). O ano de 1933 é a data indicativa para sua datação.

DESFRANZIR-SE O ROSTO

Datado do período do período de 1817-1819, com acepção de "desenrugar(-se) [algo], fazendo perder ou perdendo a contração, o cerramento": "Essas ultimas palavras tiveram o encanto de acalmar a exasperação de Sá Josepha. **Seu rosto logo se desfranziu** e tomou uma attitude apprehensiva. Em sua cabeça, agora, um único pensamento dominava: Arranjar os meios que lhe permitissem dar de novo saúde á filha enferma." (FONTES, 1933, p. 129).

INTENÇÃO DE DESPOSAR A OPERARIA

Datado do século XIII, com acepção de "celebrar, contrair núpcias com; casar(-se)": "Em verdade, ninguém podia olhar aquillo com bons olhos. A má fama do doutor era de todos conhecida. Não havia uma pessoa pra crêr que ele tivesse a **intenção de desposar a operaria.** Toda a gente logo imaginava que ele unicamente pretendia desfructar as graças daquele corpo jovem e bem formado" (FONTES, 1933, p. 185).

DISPAMPARAR

Com a noção de "desabafar, fazer-se ouvir (com brados, imprecações, reclamações)" ou ainda "manifestar, demonstrar, revelar com intensidade (emoção, dor etc.) ou reagir intempestivamente" (de raiva): : – Foi Misael, o contra-mestre da minha secção... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" O povo todo viu. Elle ficou danado commigo, e por isso vive de prevenção... Hoje, só cheguei um bocadinho mais tarde – ainda não tinham fechado o ponto – o infame disse que eu não entrava neste quarto . Veio logo com enxerimentos: "Se eu quisesse esperar por elle , de noite, no Becco da Cerimonia..." Nem deixei que ele acabasse. **Dispamparei**, xinguei tudo, e vim m'embora... Com toda certeza agora o miseravel vai dar parte de mim... Tambem, eu me importo! Não volto mais pra trabalhar naquelle inferno. Não volto, não volto, promto!" (FONTES, 1933, p. 40). Não há registro em Houaiss(2020).

DOIDEJAR EM SUAS CABEÇAS

Com acepção de " agir como um doido, cometendo desatinos": "Mil pensamentos maus **doidejavam em suas cabeças**. De nada sabiam, entretanto, pois nem sequer interrogados tinham sido." (FONTES, 1933, p. 116). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste verbo.

EMBALAR A IRMÃ COM VIOLÊNCIA

Com acepção de "pôr(-se) em balanço; fazer que oscile ou oscilar; mover(-se), balançar(-se)": "Albertina viu naquillo um pé para

a galhofa. E poz-se a cantarolar, **embalando a irmã com violência**" (FONTES, 1933, p.27).

DEIXAR EMBEIÇAR-SE POR UM QUALQUER

Datado de 1858, com acepção de "tornar-se cativo por amor ou sedução; encantar-se, apaixonar-se": "- Já sei, já sei, interrompeu Sá Josepha, em tom sarcastico. Anda ás voltas com o tal do cabo de policia... Um mulato ahi a tôa, que só quer tomar o tempo dela...Mulher é um bicho tolo! **Deixa se embeiçar por um qualquer**." (FONTES, 1933, p. 58).

EMPOAR-SE

Empoar, datado de 1536, com acepção de "cobrir-se de pó; polvilhar": "Caçulinha ceiava nas carreiras. **Empoava-se**, em seguida, dava um jeito ao cabelo, e ia aguardar que o noivo regressasse." (FONTES, 1933, p. 208).

ENCASQUETAR

Datado de 1562, com acepção de "pôr na cabeça, no juízo": "-Pra "Ribeira"? Não, mãe, não façam isso! Fazer lá, o que? –Sei... Qualquer coisa...Morrer no nosso canto... E' seu pae que quer ir...Desde que lhe aconteceu a desgraça, vive falando nisso. E agora, **encasquetou**. Ou vae, ou diz porque não vae. Nunca vi aquela criatura desse geito...Hontem chegou a dizer que embarca só, se eu ão quiser seguir com elle..." (FONTES, 1933, p. 279).

ENCEGUEIRAR POR HOMEM

Houaiss (2020)não registra o verbo "encegueirar". O que se tem registrado é encegueirado, de uso em nos estados do CE, BA e P, com a acepção de "obstinado por uma ideia, sentimento ou vício; obcecado, viciado": "Ficaram uns momentos em silencio. Em seguida,, Sá Josepha ponderou: - Quem sabe, Geraldo, se você mesmo falando, dando uns conselhos com bons modos, ela não volta ao seu juízo? Experimente. E' bom. Tambem é o único recurso que está na mão da gente pra livrar a sem miolo da desgraça...Se eu pudesse, o que fazia era tirar ella da Fabrica. Ahi sim! Queria ver! O dia todo presa, me ajudando no serviço. E nunca mais que ele vise a cara de Albertina...Mas, assim, andando sosinha, como vive, o miserável

tem a faca e o queijo na mão. Cada dia vai engabelando mais a tola...E moça, quando **encegueira por homem**, é o diabo em figura de gente....” (FONTES, 1933, p. 190-191). Postulamos a inclusão deste termo no Houaiss (2020)bem como o registro de sua datação para o ano de 1933 (posteriormente, o IAH, em atualização do Grande Dicionário, acolheu nossa proposta de datação do termo “encegueirar” com o registro *“1933 cf. FontCor”)*.

NÃO ENGEITAR (UM BOM PARTIDO)

Datado em Houaiss (2020)do século XIII, com a noção de “não rejeitar, não recusar (alguém): “ – Nem tanto...Você já está ficando em idade de casar. Se aparecer um bom partido – seja tola! – **não engeite**...Eu estou levando bem a serio o meu negocio com o alfaiate Casimiro...” (FONTES, 1933, p. 193).

ENGROLAR UMAS PALAVRAS DE RAIVA

As acepções para o verbo, dado o contexto abaixo, são muitas (porque contíguas do ponto de vista semântica), como: (i) “pronunciar (palavras) de maneira imperfeita ou indistintamente; recitar mal ou às pressas (oração, texto etc.); embolar (língua)”, o sugere ao leitor, ao certo, “resmungos inaudíveis”; e (ii) “deixar incompleto (dito, resposta etc.)”: “Tinha a physionomia carrancuda. De quando em quando **engrolava umas palavras de raiva**, fazendo os bilros se entrechocarem com força, num estalar rythmado e estridente.” (FONTES, 1933, p. 56).

ENTREPARAR

Verbo com sentido de “abrandar ou deter o passo, o andamento; deter-se por um momento”: “Nessa altura **entreparou,** olhando fixamente para o chão.” (FONTES, 1933, p. 246). Postulamos o ano de 1933 para sua datação [posteriormente, o IAH, em atualização do Grande Dicionário, acolheu nossa proposta de datação do termo “encegueirar” com o registro *“1933 cf. FontCor”*].

ESCORRAÇAR

Verbo datado de 1881, com duas acepções aplicáveis ao contexto dado: (i) “ expulsar com violência e/ou desprezo; enxotar, afugentar”; e (ii) “ demonstrar rejeição por”: “Benedicta era noiva ha

muitos annos de um certo Manoel Alves, que trabalhára longo tempo nas salinas com seu pae. A outra, que todos chamavam apenas de Do Carmo, estivera quasi a se casar com um saveirista, que afinal terminou por enganal-a. Tomou-se, então, de um grande desprezo pelos homens. A's vezes, fingia interessar-se por algum. Mas já o fazia com proposito de logo após repellil-o e **escorraçal-o**." (FONTES, 1933, p. 89).

ESPOUCAR DE RISADAS ESTRIDENTES

Datado do século XIX-XX, mesmo que espocar: "Houve um **espoucar de risadas estridentes**. O operário riu também. E, num revirar languoroso dos olhos, o ar galhofeiro, retrucou: - Não se aborreça tanto assim, meu pauzinho de canella"..." (FONTES, 1933, p. 177).

ESTACAR

Com a acepção de "deter-se subitamente, por perplexidade": "Sá Josepha entrou. Era a primeira vez que ali pisava. No meio da sala **estacou,** olhando para todos os cantos. Seu peito arfava, da longa caminhada sob o sol. Ia tirando o chalé azul-marinho, que lhe envolvia a cabeça, quando percebeu Caçulinha, que vinha sahindo de seu quarto. Ficaram um momento paradas, olhos nos olhos, indecisas. Mas logo a rapariga se resolveu e numa carreira impetuosa lançou-se aos braços da mãe." (FONTES, 1933, p. 275). Outro exemplo bastante expressivo está na seguinte passagem: "Ao entrar as roças de João das Dôres, o cortejo **estacou**" (FONTES, 1933, p.11). Neste caso, com acepção de "fazer parar ou parar".

ESTRONDEJAR DAS BOMBAS E ROQUEIRAS

Estrondejar com acepção de " soar com grande estrondo, barulho; retumbar, ribombar": "De instante a instante: - o silvo agudo das "taquaras"; o **estrondejar das bombas e roqueiras**; rojões, derramando lagrimas multicores pelo espaço..." (FONTES, 1933, p. 200).

ESTRUGIR (ENTHUSIASTICOS APLAUSOS)

Datado do século XV, com acepção de " soar ou vibrar fortemente; estrondear, retumbar:"**Enthusiasticos aplausos estrugiram**" (FONTES, 1933, p. 182).

ESTUGAR O PASSO

Datado do século XV, com acepção de " caminhar rapidamente, aumentando as passadas" e "provocar estímulo; incitar, estimular": "Mas, pouco a pouco, uma espécie de constrangimento a foi tomando. Julgou ver nos olhares que a fitavam signaes de piedade e de desdém. Na sua imaginação toda aquella gente não ignorava maus sua desdita. Teve vergonha de encaral-a. E **estugou o passo**, cabeça dura, os olhos fixos no caminho." (FONTES, 1933, p. 260).

EXORAR

Datado de 1627 , com ortoépia /z/, com a acepção de "pedir com súplicas; implorar": "Passados alguns segundos de silencio, com a voz demudada de emoção, a palavra difícil, gaguejada, ele **exorou**: - Albertina!...Pelo amor de Deus!...Não seja assim commigo...não me judie por essa forma...tenha pena de mim...Corresponda ao bem que eu que lhe quero" (FONTES, 1933, p.166).

FANFANAR

Com a acepção de alardear bravura e valentia: "-Você nega? E de que vale isso? O que eu estou dizendo é a pura da verdade. Quem quer bem não procede desse jeito...Atira a gente na desgraça e depois fica **fanfando**, como se nada tivesse acontecido...Por cima, ainda se zanga e me censura quando eu lastimo o que ocorreu." (FONTES, 1933, p. 252). Não há registro em Houaiss (2020). O que temos é do ponto de vista etimológico o seguinte: o verbo "fanfanar" teria vindo do espanhol fanfarrón (1514) 'indivíduo que alardeia bravura e valentia', de origem controversa, provavelmente, segundo Houaiss (2020), provém de uma base expressiva fanf-, comum ao francês fanfare (1542) 'fanfarra'. No Dicionário da Real Academia Española (https://dle.rae.es) , fanfarrón, talvez, venha do árabe hispânico ***farfál* o ***farfár*[2], e este derivado do árabe clássico *farfara* "romper, desgarrar"; portanto, trata-se de um arabismo. As formas históricas para fanfarrão são fõfarrões (1573), fanfarram (1672), esta última guarda a forma linguistica em tela.

[2] O asterisco diante do vocábulo indicaa, do ponto de vista filológico, que não o mesmo não é atestado ou de uma raiz ou forma hipotética, reconstituída pelo método histórico-comparativo, o que nos parece ser o caso acima.

FANFAR

Houaiss(2020)registra fanfarrear, datado de 1805, o mesmo que fanfarronar, este, datado de anfarronar de 1899, com sentido de "demonstrar fanfarrice, mostrar-se fanfarrão; bazofiar". Resumidamente, fanfar é "retrucar com modos desabridos ou insolentes": " Passou as costas dos dedos pelo queixo, num gesto desdenhoso, e ajuntou:- Depois, eu estou **fanfando**. Commigo perde o tempo... (FONTES, 1933, p. 140). Sem registro em Houaiss, postulamos o ano de 1933 para sua datação do verbo fanfanar ou para a sua forma nominal (gerúndio) "fanfando".

FIAR

Um dos verbos de registro mais antigo no Português, datado em Houaiss (2020)de 1009, com acepção de "ter fé; acreditar, confiar": "- Pra eu arranjar? Qual, minha nêga! Quem sou eu? Pelo que vejo, você tambem **se fia** no que essa gente anda dizendo... Eu não tenho força nenhuma lá na Fabrica. Se tivesse, não trabalhava que nem negro de engenho, como trabalho todo dia." (FONTES, 1933, p. 50).

GALHOFAR

Datado em Houaiss (2020)de 1899 , com acepção de "dizer em tom de galhofa; debochar": "Albertina percebeu essas ultimas palavras e logo se sahiu a **galhofar**: - Está chorando, Desideria? Vá chorar na cama, que é logar quente..." (FONTES, 1933, p.33).

GRALHAR EM VOZEARIA

Datado do século XV, com acepção de "falar confusamente ou com má dicção": "Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'água suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no verde escuro lustroso das folhas viridentes. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro **gralhava em vozearia**. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151)

JAZER

A acepção dada a este verbo, na obra, e datada, em Houaiss (2020) do século XIII, com acepção de "situar-se, encontrar-se (em determinado lugar); ficar, localizar-se": "Antes de enfiar o vestido que **jazia** sobre a cadeira ao lado, a velha deixou-se ficar por uns instantes no meio do quarto, em camisa, espreguiçando-se." (FONTES, 1933, p.24).

ÁQUELLA MISSÃO DE LENIR DÔRES

Datado de 1789, com acepção de " tornar mais fácil de suportar; aliviar, lenificar, suavizar": "Commoveu-se fortemente. Fez o proposito de não deixar sem assistencia a quem quer que o procurasse. E quando deu de si, estava apaixonado, inteiramente entregue **áquella missão de lenir dôres**." (FONTES, 1933, p. 52).

CAPAZ DE MAGINAR

Forma aferética de imaginar, sendo maginar sua forma antiga e informal: "- Você nem é **capaz de maginar**! A peior coisa que podia me acontecer neste momento. Fui destacado pro Simão Dias e tenho de seguir pra lá até domingo. Veja só a atrapalhação que isso traz!" (FONTES, 1933, p. 83).

NÃO MANGAR

Datado em Houaiss (2020) de 1789, com acepção de "escarnecer fingindo seriedade; caçoar": "-Ora! **Não mangue**!...murmurou ella, a vista baixa, uma onde de sangue sobre as faces. "(FONTES, 1933, p. 183).

MENEAR A CABEÇA COM FORÇA

Com acepção de "movimentar-se) mexer-se, saracotear(-se)": "Clarinha enxugava as lagrimas, soluçando. Esteve uns minutos hesitante, parecendo inclinada a acceitar o alvitre da companheira. Porém mudou o aviso de repente. E **meneando a cabeça com força**, tartamudeou, em voz de choro" (FONTES, 1933, p.37).

MOTEJAR

Datado de 1346 , com acepção de "dizer (motejos) a; escarnecer, gracejar, chasquear": "Estou gostando de ver a valentia!

motejou do Carmo, descansando as mãos sobre as cadeiras." (FONTES, 1933, p. 179).

O VIR DA NOITE

Equivalente a crepúsculo: ""As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma peça de renda, um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o **vir da noite**; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210).

PALRAR A UM SÓ TEMPO

Datado em Houaiss (2020) do século XV, com acepção de "falar muito, sem dizer coisas importantes; tagarelar": "Os convivas receberam essa noticia em algazarra, e logo, sem a menor cerimonia, se lançaram para a sala do fundo, na disputa dos logares. Sobre largas esteiras de piri servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e **palravam a um tempo só**. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas." (FONTES, 1933, p.10).

PERDER-SE

Pelo contexto, são viáveis as acepções "tornar(-se) pervertido, corrompido; levar à ou cair em perdição ou em desgraça" ou "cair na prostituição": "- Ora, bôa! Quem deu a cabeçada não fui eu... Ella não é a primeira que faz disso... Depois, o mundo não há de se acabar só porque uma moça **se perdeu**..." (FONTES, 1933, p. 86).

POSITIVAR-SE A FUGA DE ROSENDA

Datado em Houaiss (2020) de 1902, em Os Sertões, com acepção de "tornar(-se) positivo, real, concreto; concretizar(-se), realizar(-se) ou " tornar-se evidente, incontestável; revelar-se": "Houve gritos e improperios, lamentações e soluços pelos cantos, quando, após toda uma noite de incertesas, **positivou-se a fuga de Rosenda**." (FONTES, 1933, P. 85).

PÓDE CASAR E RECASAR

Datado de 1524-1585, com acepção de "casar novamente": " Não há namoro, não há nada, e já se pensa em casamento!...Estou gostando! Sim, Senhora!...**Póde casar e recasar**..." ..." (FONTES, 1933, p. 195).

REMANCHAR OS PASSOS

Datado de 1601, com a noção de "fazer algo com lentidão" ou "ser muito vagaroso": "Quase sempre Mimosa e Casimiro os esperava um pouco além. Mas a presença de outro par, que também noivava, embevecido, não impedia que eles continuassem se dizendo palavras cálidas e doces. Paravam aqui e ali, **remanchavam os passos.** Chegavam sempre em casa quando o sol já se escondia" (FONTES, 1933, p. 208). Etimologia: provavelmente alteração de remansear no sentido de 'ficar em remanso'.

REMATAR

Com acepção de "tornar(-se) completo; ter fim, acabar-(se), findar(-se)": "E **rematava,** furiosa: - Isso é uma peste! Não é vida! Andar suja assim que nem cadela de senzala..." (FONTES, 1933, p.33).

RESFOLEGAR

Datado do período de 1326-1376, com a acepção de " expelir em jato; golfar": "Na Estação, um apito estridente deu a ordem de partida. A locomotiva **resfolegou**, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se, em marcha lenta" (FONTES, 1933, p. 286).

SOPITAR UM SORRISO MALICIOSO

Datado de 1836, sopitar, considerando o contexto dado, pode ser, figurativamente, "tirar para fora da mente; esquecer, abafar" ou " não deixar que (algo) ocorra ou se manifeste; refrear, conter, reprimir": "Ella compreendia muito bem que tudo aquilo fora habilmente preparado. E não podia **sopitar um sorriso malicioso**, que fazia o medico pôr-se numa cruz, jurando, de rosto serio, que o puro acaso o levara por ali" (FONTES, 1933, p.165). Outra passagem expressiva na obra com este verbo: " - Commigo?! Eu não vi ella hoje de noite....De tarde ella tinha me dito que ia passear com a Senhora....Já viu na casa de Seu Domingos Saverista? Lá tem uma

dansa só de moça. Quem sabe se ella não está com a Mariquita?" FONTES, 1933, p. 204).

LEVAR A VIDA A SYNDICAR

Pelo contexto, com a acepção de bisbilhotar, isto é, "ser intermediário de boatos, de observações não confirmadas, de suposições" ou "falar da vida alheia": "Sá Maria Pirambú morava na rua do Arame, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "trazer a filha no cabresto", puzera-a, doentinha e ainda impubere, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para andar de déo em déo, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, **levava a vida a syndicar**, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia conhecer os segredos de todo o mundo, "os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72).

VAGABUNDAR

Datado em Houaiss (2020)do século XX, com a mesma acepção de "Vagabundear" (este, datado de 1881), isto é, "levar vida errante, indo de um lugar para outro, sem objetivo certo; vagar, vagamundear" ou "levar vida ociosa, não se dedicar ao trabalho ou ao estudo; vadiar; vagabundar": "- Não! Eu não criei filha pra andarem **vagabundando** até alta noite pelas ruas! Vocês estão se enganando commigo! O que é que ficam fazendo lá por fóra? Namoros, com certeza... Muito bonito, isso! Se teem namorados, se elles são serios,com bôas tenções, que venham ver vocês aqui em casa. E' melhor! Eu não me importo! O que não me cheiram bem são esses passeios até tarde, ninguem sabe por que cantos." (FONTES, 1933, p. 57). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste verbo.

VIRAR MALCRIADONA

Malcriadona com sentido de "que ou aquela que tem má educação, que age com descortesia; grosseiro, mal-educado, estúpido": "-Você já reparou, Zepha, como essa menina de uns tempos para cá anda mudada? Virou **malcriadona** e parece que faz

tudo sem vontade...Eu tenho medo que isso não seja obra do tal Dr. Fontoura. Dizem que ele é um sujeito desgraçado pra desencabeçar moça donzela...” (FONTES, 1933, p. 190). Podemos postular o ano de 1933 para o adjetivo malcriadona.

VOLTEAR

Com acepção “rodopiar em torno de seu eixo ou contornando algo”: “Em quanto **volteavam** lentamente, ao som da musica, ele se poz a lhe dizer: - Como é seu nome verdadeiro?...Caçula?...Ou Caçulinha é apenas appellido? – Meu nome é tão feio, que eu nem digo...E’ melhor me tratar por Caçulinha” (FONTES, 1933, p. 183).

GRAMATICULTUREMAS

TOMAR UM AR MELINDRADO

Datado de 1881, com acepção de “que se melindrou”, “ferido no amor-próprio” ou ainda “que foi contrariado, ofendido”: “Elle **tomou um ar melindrado** e interrogou-a:- Venha cá, Rosenda, me diga: Você duvida de mim? Você tem medo que eu seja capaz de lhe enganar?” (FONTES, 1933, p. 85).

CARA DE RALO

Rosto eriçado de espinhas. Ao certo, Agora, vamos ver quanto Vossa Senhoria quer pela gracinha, seu **cara de ralo**!...” (FONTES, 1933, p.36).

ENNUBLADO (DIA)

Derivado de enublar, com acepção de “cobrir(-se) de nuvens; anuviar(-se), enevoar(-se), escurecer(-se)” ou “tornar(-se) triste, sombrio; anuviar(-se), entristecer(-se), perturbar(-se)”: “Oito horas. Passára a chuva. Mas o dia se conservava **ennublado**, feio.” (FONTES, 1933, p. 44).

“NAQUELLES MEXERICOS”

Mexerico, datado em Houaiss (2020) do século XV, com acepção de “comentário intrigante; fofoca, intriga”: “Sá Josepha cria pouco “**naquelles mexericos**”. Mas não se queria tornar uma excepção. E por isso constantemente recommendava para as filhas que não

tivessem com a vizinha relações de maior intimidade. Costumava accrescentar que "certas misturas não dão nunca bôa liga", pois "quando o povo diz, ou é, ou está pra ser..." (FONTES, 1933, p. 48).

SOLTOU UM LONGO "UAI"

Datado de 1905, interjeição que exprime " espanto, pasmo, surpresa, admiração, susto ou impaciência": "Albertina largou o serviço e correu para onde se formara um ajuntamento. Mas logo se deteve. Fechou os olhos, **soltou um longo "uai"** e cahiu de cócoras, escondendo o rosto entre os joelhos." (FONTES, 1933, p. 160).

A BEM DIZER

Com acepção de "na verdade; a fim de esclarecer (o que se diz): "- Entrando agora na "Textil" você vai ganhar um quasi-nada... Está tudo tão caro!... Você, **a bem dizer**, é a mão forte da casa! Ganha treze e até quinze mil réis por semana. Se isso faltar, e assim de uma hora pra outra, nem sei como a gente se aguenta... Vai ser mesmo um horror." (FONTES, 1933, p. 42).

À FLOR DO CHÃO

A locução é "à flor de", isto é, "à superfície de ou quase isso", em expressões do tipo "à flor da água", "à flor da pele":" Parece que o verde estava escondido **á flor do chão**, esperando apenas o momento de apontar. Pois só assim se póde explicar a extraordinaria rapidez com que se alastrou por toda parte. As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, taboleiros agrestes, as vastas soltas sem cerca e sem limite, tudo, como que por encanto, se vestira de verde." (FONTES, 1933, p.8).

ACABRUNHANTE

Datado de 1928, adjetivo equivalente a "acabrunhador": "Era a segunda filha que viam a prostituição arrebatar-lhes. Porém, dessa vez, a impressão da deshonra lhes muito mais viva e **acabrunhante**." (FONTES, 1933, p. 204).

ACAÇAPADAS

Datado em Houaiss (2020) de 1647, ao certo, com acepção de "de forma plana; achatado, plano, chato": "Ellas estavam lá, **acaçapadas** e

enormes. Eram duas: a da "Campanha Sergipana de Fiação", que o povo cognominava "Sergipana", e a da "Empresa Textil no Norte", appellidada simplesmente de "Textil"." (FONTES, 1933, p.31).

ACOCORADA JUNTA Á POÇA

Datado de 1553, com acepção de "posto de cócoras; agachado, acochado": "**Acocorada junta á poça**, a menina enxugava os joelhos, desageitada e tremula. Fazia-lhe mal ouvir as lamentações de que era alvo. Estava excitada, os olhos scintillantes. Afinal, não se poude mais conter e poz-se a chorar baixinho, escondendo o rosto dos trapos do chale." (FONTES, 1933, p.35).

ADONDE

Datado do século XIV, com mesma acepção de "aonde" ou " onde": "-Você, que andava batendo mundo por ahi, não viu **adonde** ella se socou?" (FONTES, 1933, p. 58).

AFAZAMA DE TODAS AS MANHÃS

Datado em Houaiss (2020) de 1543, com possíveis acepções como "grande pressa e ardor na execução de um serviço", "grande atividade e confusão; atropelo, atrapalhação": "Chegando em casa, foi encontrar a mulher na **afazama de todas as manhãs**. Preparava, agora, o almoço das filhas menores, que ás sete e meia deveriam sahir para a escola." (FONTES, 1933, p.38). Etimologia: vem do árabe az-zahma no sentido de 'pressa, urgência, balbúrdia'.

AGORINHA MESMO

Advérbio datado de 1886, com acepção de "há poucos instantes, neste instante, agora mesmo, ainda agora": "- Você não avalia, Zé Affonso! O homem está positivamente indignado. Diz que nunca viu uma exploração igual a essa! Querer que se troque a noite pelo dia sem a menor compensação! Estou certo que se a lei lhe permitisse, mandaria chamar os Gerentes na Policia e os obrigaria a pagar o serviço da noite pelo dobro, como é justo. **Agorinha mesmo** mandou me procurar e disse: "Celestino, sei que você é amigo e protector dos operarios. Eu tambem sou. Sempre fui. Chegou a hora de lhes mostrarmos tudo isso. Vamos prestigial-os em toda essa questão, até que elles vençam totalmente". (FONTES, 1933, p. 106-107).

BANDO ALACRE DE HOMENS E RAPARIGAS

Datado de 1902, em Sertões, de Euclides da Cunha, com acepção de "que é alegre, vivo, animado": "Um **bando alacre de homens e raparigas** descia a ladeira de S. Antonio. Albertina vinha entre elles, fazendo chiste, beliscando e empurrando as companheiras." (FONTES, 1933, p. 56).

COMPRAR FIADO NA BODEGA

Fiado, datado de 1572, com a acepção de "comprado ou vendido a crédito" e bodega, datado do período de 1188-1230, com sentido de " pequena venda de secos e molhados": "- Pois saiba que eu quis arranjar e não pude! Eta semana o dinheiro não deu nem pra comida. Estou **comprando fiado na bodega**. E pra inteirar o aluguer da casa, tive de tomar emprestado ali a Do Carmo." (FONTES, 1933, p. 128).

ACCEITAR O ALVITRE DA COMPANHEIRA

Datado de 1557, com acepção de "aquilo que é sugerido ou lembrado; proposta, conselho": "Clarinha enxugava as lagrimas, soluçando. Esteve uns minutos hesitante, parecendo inclinada a **acceitar o alvitre da companheira**. Porém mudou o aviso de repente. E meneando a cabeça com força, tartamudeou, em voz de choro" (FONTES, 1933, p.37).

ANCAS FORTES

Datado de 1141, anca refere-se " cada uma das laterais do corpo humano, da cintura à articulação da coxa; cadeira, quadril (também usado no plural): "Fizera quinze annos inda há pouco. Mas a sua estrutura ultrapassava já o porte médio. Tinha pernas longas e cheias. **Ancas fortes**. Collo alto, sem a saliência de um osso. A boca regular. Dentes alvos e certos. Olhos grandes e claros. Cabelos castanhos-loiros. A testa talvez um pouco larga" (FONTES, 1933, p. 157).

ANHELO

Datado de 1657, com sentido de "desejo intenso; anelação, anélito, aspiração": "Pensára assim muitas vezes;mas, ao fim de levantar tantos castelos, olhava em torno de si e vem compreendia a impossibilidade da realização d'aquelle **anhelo**, que fôra sempre o sonho doirado da familia." (FONTES, 1933, p. 144).

AO CABO

Datado em Houaiss (2020) século sXIV, com acepção de "no fim, término ou conclusão de (processo, período de tempo ou espaço etc.); a cabo de, em cabo de, no cabo de": "Uma longa semana decorreu; e **ao cabo**, já não se podia disfarçar o enorme desequilibrio que aquelle desemprego viera trazer á economia do casal." (FONTES, 1933, p. 48).

AO MENOS

Com acepção de "no mínimo, quando menos, quando mais não seja": "Se **ao menos** ella soubesse escrever a machina, poderia se arranjar um emprego de Banco ou mesmo numa Repartição Publica qualquer..." (FONTES, 1933, p. 147). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

FICAR APALERMADA (MOÇA)

O adjetivo apalermado, datado de 1867, com acepção de " que ou aquele que se apalermou (tornar(-se) palerma; aparvalhar (-se), apatetar(-se)" ou "que ou aquele que tem modos ou aspecto de palerma": ver antonímia de tolo e sinonímia de travesso "Ante o inopinado do ataque a moça **ficou apalermada** sem animo até defender-se. Limitou-se a baixar a cabeça, para esconder o rosto; e sem uma queixa, um gemido, recebia os golpes que Sá Josepha lhe vibrava. Mas aquella attitude teve effeito de augmentar o exaspero da velha, que a levou á conta de malcriação e de capricho. Abaixou-se, então, numa furia, tirou o tamanco do pé, e com elle bateu fortemente nos hombros, na cabeça, até no rosto da filha." (FONTES, 1933, p. 78).

APENASMENTE

Registro da fala com conotação de hiperurbanismo (excessivo cuidado de correção) feito pelo autor ao fazer o acréscimo do –mente à base adverbial "apenas": "- Mas não pense que já está me conhecendo todo inteiro... O cabo Ignacio dos Santos, não é **apenasmente** *isso* que acaba de escutar. E' tambem o maior cantador de modinhas desta zona. E' o *garganta de ouro*, sem favor..." ..." (FONTES, 1933, p. 66).

APPELLIDO

Mesmo que alcunha (no sentido de 'denominação ou qualificativo'): "Em quanto volteavam lentamente, ao som da musica, ele se poz a lhe dizer: - Como é seu nome verdadeiro?...Caçula?...Ou Caçulinha é apenas **appellido**? – Meu nome é tão feio, que eu nem digo...E' melhor me tratar por Caçulinha" (FONTES, 1933, p. 183).

NO DIA APRAZADO

Adjetivo datado do século XIII, com a noção de "que se aprazou; em que se estabeleceu prazo; marcado, determinado": "Combinaram tudo alli mesmo, sem perda de um minuto. E **no dia aprazado**, uma quinta-feira, pela tarde, encontraram-se pertinho da Estação, para tomar o trem, que dalli a pouco já partia, rumo ao Sul" (FONTES, 1933, p. 84).

AR DE MOFA

Mofa, datado de 1708, com acepção de "ato de mofar; troça, zombaria" ou " pessoa que é objeto de mofa": "Albertina recebia em gargalhada os seus conselhos. Chamava-a "velha coroca". Dizia-lhe que "o diabo não póde pregar sermão". E terminava sempre, em **ar de mofa**: - Você não vê logo!...Seja tola!..." (FONTES, 1933, p. 187).

AR ESCARNINHO

Datado em Houaiss (2020) de 1543, com acepção de "ação ou atitude de escarnecer de alguém ou de algo ‹não cessavam os seus e. sobre a nossa situação: "Rosenda não se conteve. E num **ar escarninho** censurou-a" (FONTES, 1933, p.28).

AR GALHOFEIRO

Datado de 1647, galhofeiro é adjetivo com acepção de "que ou o que é dado à galhofa, à pândega": "Houve um espoucar de risadas estridentes. O operário riu também. E, num revirar languoroso dos olhos, o **ar galhofeiro**, retrucou: - Não se aborreça tanto assim, meu pauzinho de canella"..." (FONTES, 1933, p. 177).

SEM PERDER O AR SISUDO

Adjetivo datado do século XIII, com a noção de "que ou aquele que se mostra sério, grave, circunspecto" ou "que ou quem se apresenta com semblante carregado, demonstrando mau humor;

carrancudo": "Ao que o jovem, **sem perder o ar sisudo** e sem tirar os olhos da tarefa, se limitava a murmurar - "Bem. Obrigado" - levando a mão, num gesto secco, até o gorro." (FONTES, 1933, p. 90).

ARQUEJO MAIS FORTE

Arquejo, datado de 1813, com acepção de "cada respiração praticada fora de seu ritmo normal por motivo de tensão nervosa, esforço físico extremo" ou "respiração ofegante": "Num domingo, afinal, emquanto os outros jantavam, ella expirou. Não deu um gemido, não teve um **arquejo mais forte**. E parecia dormir um somno calmo, a expressão doce, os olhos e os lábios entreabertos." (FONTES, 1933, p.172-173).

OUTROS ARRABALDES

Uma das palavras mais antigas da língua portuguesa. Datada de 952, significa " área afastada do centro de uma povoação, vila ou cidade, mas dentro do seu recinto (também usado no usado no plural, que é o caso na obra): "Os **outros arrabaldes** tambem davam grandes levas. Do Anipum, do Aribé, do Sacco, de mais longe, vinham operarios." (FONTES, 1933, p.30).

ARRE LÁ!

Interjeição, datada de 1502, com acepção de " exprimir enfado, zanga ou impaciência": "- E'!... Se a Senhora pudesse trazia a gente accorrentada numa jaula e só largava na hora do trabalho começar. **Arre lá**! Que não ha quem ature uma vida assim! Tambem, um dia, eu sei o que faço! Isso é demais!..." (FONTES, 1933, p. 61). A interjeição "arre lá" não aparece em Houaiss (2009), o que nos leva a postular sua inserção no mesmo com a datação de 1933.

AS MÃOS E AS FACES ESCALDANTES

Escaldante, datado de 1864, com a noção de "que escalda, que aquece em demasia; escaldador: "Bella deixou o serviço ás duas horas e dirigiu-se logo para casa, queixando-se de fortes dores pelo corpo, **as mãos e as faces escaldantes**, uma tosse secca e impertinente a tortural-a." (FONTES, 1933, p. 133).

ATRAPALHAÇÃO

Com a acepção de situação difícil; tribulação, dificuldade, transtorno": "- Você nem é capaz de maginar! A peior coisa que podia me acontecer neste momento. Fui destacado pro Simão Dias e tenho de seguir pra lá até domingo. Veja só a **atrapalhação** que isso traz!" (FONTES, 1933, p. 83).

BARRUFO

Talvez, pelo contexto, com acepção de "som resultante de um defeito de embocadura em instrumentos de bocal": "Da porta da Igreja correram para a feira. Jantaram num d'aquelles restaurantes improvisados e logo sahiram a divertir-se, arriscando nickeis na bizarria e no **barrufo**, comprando bilhetes nas tombolas e nos bozós." (FONTES, 1933, p. 225).

ALGUMAS BEBERAGENS

Datado de 1377, com acepção etnográfica aplicável ao contexto de "preparação caseira, ou elaborada por curandeiro,supostamente medicinal; garrafada":" Deitou-se. Sá Josepha trouxe-lhe **algumas beberagens**, que a acalmaram. Mas, noite alta, acordou, novamente suffocada pela tosse. Albertina despertou e correu até a cozinha, donde não tardou a regressar com um pouco de sal numa colher:- Bote na boca – disse – e vá chupando de vagar, que passa logo." (FONTES, 1933, p. 133).

BELLEZINHA

Com a acepção de "coisa ou pessoa bela, bonita, graciosa, boa": "Um dia, mesuroso e risonho, ele acercou-se della. E falou, prolongado pedantemente os *ss*: - Bôas tardes, **bellezinha**..." "(FONTES, 1933, p. 65). Outra passagem: "- Ei! Albertina! Sabe? Arranjei outro pequeno...de papouco! Uma **bellezinha**...Anda todo no trinque. E é sério. Parece que com esse eu caso..." (FONTES, 1933, p. 160). Sem data indicativa em Houaiss (2020), postulamos o ano de 1933 para sua datação.

BIZARRIA

Datado de 1541, com acepção de "boa postura, garbo": "Da porta da Igreja correram para a feira. Jantaram num d'aquelles

restaurantes improvisados e logo sahiram a divertir-se, arriscando nickeis na **bizarria** e no barrufo, comprando bilhetes nas tombolas e nos bozós." (FONTES, 1933, p. 225).

BÔAS TENÇÕES

Equivalente a "boas intenções" ou, mais precisamente, à locução "intenção séria", isto é, "plano de namorar visando ao casamento": "- Não! Eu não criei filha pra andarem vagabundando até alta noite pelas ruas! Vocês estão se enganando commigo! O que é que ficam fazendo lá por fóra? Namoros, com certeza... Muito bonito, isso! Se teem namorados, se elles são serios,com **bôas tenções**, que venham ver vocês aqui em casa. E' melhor! Eu não me importo! O que não me cheiram bem são esses passeios até tarde, ninguem sabe por que cantos." (FONTES, 1933, p. 57).

BOCA PEGAJOSA

Datado de 1587, com a noção de ideia de boca "que pega ou gruda facilmente": "Com tanta violencia blaterava, que já tinha garganta secca, a **boca pegajosa**. Levantou-se, para ir lá dentro beber agua. E, quando tornou, disse em voz alta para a filha:- Vá, vá já chamar aquella delambida! Não vou eu mesmo em pessoa porque, com a raiva que estou, sou capaz de disparar no meio do povo todo..." (FONTES, 1933, p. 58).

BOCCADINHO

Com acepção de "curto período de tempo": "Albertina tinha se sentado e ouvia-a a, a mão no queixo, uma expressão tão fleugmatica nos olhos e na bocca, que parecia desdenhar. E foi quasi a sorrir que respondeu: - Óra, mãe, deixe de raivas... Então a Senhora não quer que a gente se distraia um **boccadinho**?..." (FONTES, 1933, p. 57). Há sinônimos: pocadinho, poucadinho. Sem data indicativa em Houaiss (2009). Para a documentação do termo, incluindo a acepção acima, postulamos o ano de 1933, com a publicação de Os Corumbas.

BODEGUEIRA

Datado de 1789, com acepção de "empregado de bodega; taberneiro": "A **bodegueira** serviu-o com os mesmos modos bruscos. Elle engoliu a aguardente de m só trago, cuspiu forte, e,

desmanchando-se em zumbaias, tomou a direção da Chica Chaves. Um magote de moleques seguiu a acompanhal-o" (FONTES, 1933, p. 153).

BORBORINHO

Datado de 1555, tem forma não preferida de burburinho: "E no meio de todo aquele **borborinho** Benedicta se arrastava lentamente, procurando resguardar o ventre enorme de um qualquer esbarro inesperado..." (FONTES, 1933, p. 180).

BOTICARIO DA CIDADE

Datado do século XIV, forma menos usada que farmacêutico, com acepção de "proprietário ou administrador de botica (no sentido de 'loja', 'taberna', 'farmácia')": Ah! minha nêga, nem lhe conto! Uma coisa triste, póde me acreditar. A Rosita, uma menina ainda. Póde ter quatorze annos! Pois bem: Sahiu de casa com um **boticario da Cidade**, um velho homem, casado e cheio de filhos!... Mas isso é mesmo um fim do mundo... Não ha quem me tire disso..." (FONTES, 1933, p.74).

LARGUE DESSE BRINQUEDO

Datado em Houaiss (2020)de 1836, na obra, pode ter as seguinte acepção aplicável ao contexto dado: "coisa que não é séria; brincadeira" : - **Largue desse brinquedo**, reclamou Rosenda, que despetára enfuriada." (FONTES, 1933, p.27).

BRUTO SAFANÃO

Datado de 1874, safanão tem acepção de "puxão com que se safa ou se arranca alguma coisa" ou informalmente "m. tapa com a mão espalmada; bofetão": "E com um **bruto safanão** poude escapar, debandando a correr para o fundo do quintal." (FONTES, 1933, p. 78).

CABEÇA ENCANECIDA

Datado do século XIV, encanecido tem acepção de "embranquecido, grisalho": "O velho nem respondeu. Limitou-se a balançar a **cabeça encanecida**." (FONTES, 1933, p. 46).

CABELOS CASTANHOS-LOIROS

O termo castanho-loiro, ao certo, equivale hoje ao que denominamos de "castanho-claro", com a " tonalidade clara de

castanho (no sentido de 'cor')": "Fizera quinze annos inda há pouco. Mas a sua estrutura ultrapassava já o porte médio. Tinha pernas longas e cheias. Ancas fortes. Collo alto, sem a saliência de um osso. A boca regular. Dentes alvos e certos. Olhos grandes e claros. **Cabelos castanhos-loiros**. A testa talvez um pouco larga" (FONTES, 1933, p. 157). Em contraposição, há "castanho-escuro" com a "tonalidade escura de castanho (no sentido de 'cor')". Podemos postular o ano de 1933 para o registro e a datação da cor castanho-loiro.

PALMADA NAS CADEIRAS

Com acepção de nádega (frequentemente usada no plural): "– Foi Misael, o contra-mestre da minha secção... Miseravel! Elle não gosta de mim, porque não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma **palmada nas cadeiras**. Mas eu desgracei logo com elle. Gritei-lhe no focinho: "Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!" O povo todo viu. Elle ficou danado commigo, e por isso vive de prevenção... Hoje, só cheguei um bocadinho mais tarde – ainda não tinham fechado o ponto – o infame disse que eu não entrava neste quarto . Veio logo com enxerimentos: "Se eu quisesse esperar por elle , de noite, no Becco da Cerimonia..." Nem deixei que ele acabasse. Dispamparei, xinguei tudo, e vim m'embora... Com toda certeza agora o miseravel vai dar parte de mim... Tambem, eu me importo! Não volto mais pra trabalhar naquelle inferno. Não volto, não volto, promto!" (FONTES, 1933, p. 40).

CADELA DE SENZALA

A expressão é equivalente à "cadela de rua" (no sentido de 'mulher vulgar', 'prostituta'): "E rematava, furiosa: - Isso é uma peste! Não é vida! Andar suja assim que nem **cadela de senzala**..." (FONTES, 1933, p.33). Podemos postular o ano de 1933 para a datação da locução "cadela de senzala".

CALDEIRAS DA "TEXTIL"

Recipientes metálicos destinados a aquecer água e outros líquidos, a produzir vapor:"Homens entroncados, sujos de pó, chegavam junto ás **caldeiras da "Textil"**, empurrando wagonetes de lenha. Lavados de suor, os foguistas não descasavam, jogando

grandes tóros em meio ás labaredas, Todas as achinas da Fabrica se moviam, num barulho ensurdecedor" (FONTES, 1933, p. 157).

CARA LAMBUZADA DE PINTURA

O termo lambuzado é datado de 1877, "que se lambuzou; sujo, emporcalhado": "- Eu sempre fui a que sou hoje. Vocês, sim é que mudaram... Quando a gente morava na " Ribeira" não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui, é que engrossaram o pescoço. Fazem o que bem dá vontade, andam acima e abaixo pelo mundo, como boi solto no pasto, e depois, pae e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu Engenho!... Foi aqui que vocês deram pra reclamar o trabalho, se lastimando a cada passo e a cada hora. Mas eu sei porque é isso: E' porque o tempo é pouco pra tratar de vestidinhos, de sapatos, e mais isso e mais aquillo! Agora, querem viver que nem umas bonecas, de laçarote no cabello e a **cara lambuzada de pintura**! Inda outro dia aquella moça – e apontava Albertina – anda falando em vestido de seda e meia fina! Vocês, lá, pensavam nisso?... Mas o peior de tudo é o diabo da cegueira do casamento. Não tiram essa idéa da cachola nem por nada! E pro mode isso é que a Senhora faz do que faz, andando pra todo canto com aquelle sujeito de uma banda. Não, Sá Rosenda! Você precisa tomar prumo na vida! Um dia, eu acabo com essas sahidas de noite com as amigas! Vocês vão cer o que é que eu faço..." (FONTES, 1933, p. 60).

ENGALANADA (CASA)

"A casa de João Piancó amanheceu **engalanada**, em honra ao grande festejo. A sala principal resplandecia, muito branca, pintada de novo a tabatinga. Pelas paredes e janellas, ramos verdes de camarão, bandeirinhas de papel, fitas vermelhas. No fundo, em um nicho azul, recamado de flores, repousava a imagem do Santo." (FONTES, 1933, p.9).

VAREJADA E REMEXIDA (A CASA DE JOSÉ AFFONSO)

Varejada com sentido de "destruída, assolada, arrasada": **A casa de José Affonso foi varejada e remexida**. Sua mãe estava só quando a escolta appareceu, sob o commando de um sangento. Ella assistiu corajosamente a toda a scena. Nada reclamou, nada pediu. Mas, quando os soldados foram embora, correu a fechar a porta sobre

elles e jogou-se sobre a cama, soluçando e gemendo de agonia." (FONTES, 1933, p. 120).

CASITA DE TELHA SEM REBOCO

O termo "casita" refere-se à "casa pequena": "No ponto terminal da linha dos bondes havia um grande ajuntamento, em frente a uma **casita de telha sem reboco**. Chico da Genoveva, o grande dedilhador do violão, acompanhava a modinha choramingas que um militar amulatado, de grande cabeleira aberta ao meio, soltava arrastadamente para os ares. Bem junto a elle Rosenda escutava, o ar alheiado, embevecida." (FONTES, 1933, p. 56). Para "casita", em Houaiss(2020), não há data indicativa, o que nos leva a postular o ano de 1933 para a datação do termo.

CATADUPA DE SANGUE

Datado de 1608, com acepção figurativa de "derramamento": "Sargento Zeca sentiu que uma **catadupa de sangue** lhe subia até a cabeça. Ainda ficou uns momentos sentado, pestanejando a cada passo, os músculos da face em contracção. Depois, ergueu-se-se, num salto. E, a voz sibilante, atirou, bem rente do ouvido dela: - Um dia você mandará me chamar, arrependida do que acaba de dizer! Se eu estiver disposto, voltarei." (FONTES, 1933, p. 255).

CATRAPUZ

Interessante observar que o termo, datado de 1652, indica expressivamente "queda repentina e ruidosa" ou "o galopar do cavalo". No contexto, trata-se de interjeição, secundada pela pontuação, com a ideia de "exprime o som de queda repentina e ruidosa": "- Que beleza! costumava repetir para Albertina. A gente se vinga desses trastes é assim. Um pouco de corda no começo; e quando o lorpa já está todo babado - **catrapuz**! - porta na cara!" (FONTES, 1933, p. 89).

CHI!

A interjeição chi é datada em Houaiss (2020)de 1947. Mesmo que xi, isto é, que "exprime espanto, impressão de perigo iminente, impaciência, desagrado": "Caçulinha estremeceu. E, num espanto: - O quê? O busio já apitou?! – **Chi**!...Vou chegar tarde!" (FONTES, 1933, p. 199).

CHUVA DE BOFETÕES

O termo bofetão, datado do período de (sXVII-XVIII, com a noção de "vigorosa bofetada (no sentido de 'tapa'): "A velha, que a esperava na porta de seu quarto, puxou-a violentamente para dentro, sob uma **chuva de bofetões** e de improperios. Conseguiu por-lhe uma mão sobre a garganta, encostou-a á parede, e assim poude surral-a á sua vontade." (FONTES, 1933, p. 77).

COISINHA

O contexto nos sugere "pessoa geralmente delicada e graciosa, que desperta admiração enternecida, simpatia ou amor; gracinha": "Interrompeu-se um instante, emquanto tirava um charuto do bolso da saia. Accendeu-o, chupando algumas baforadas com força, cuspinhou para um canto e prosseguiu: - Tambem... a Senhora quer saber? A culpa nâo é tanto da ***coisinha***. E' mais da mãe, que recebia o homem em casa e deixava ele ficar só, horas e horas, com a menina. São essas facilidades..." (FONTES, 1933, p.75). Sem data indicativa em Houaiss(2020), postulamos o ano de 1933 para sua datação (verbete com a representação gráfica da consoante fricativa côncava dental sonora com "s").

ESSA COIZINHA

Sem registro de datação em Houaiss(2020), com acepção pejorativa de " pessoa ou coisa insignificante": "- Até tú, grismella! Essa ***coizinha*** está magra é de ruim que é... Esse diabo!" (FONTES, 1933, p.30). Postulo o ano de 1933 para a datação deste termo (verbete com a representação gráfica da consoante fricativa côncava dental sonora com "z").

COLLO ALTO, SEM A SALIÊNCIA DE UM OSSO

Colo com sentido de "espaço formado pelo abdome e as coxas quando o corpo está sentado; regaço": "Fizera quinze annos inda há pouco. Mas a sua estrutura ultrapassava já o porte médio. Tinha pernas longas e cheias. Ancas fortes. **Collo alto, sem a saliência de um osso**. A boca regular. Dentes alvos e certos. Olhos grandes e claros. Cabelos castanhos-loiros. A testa talvez um pouco larga" (FONTES, 1933, p. 157). São características físicas de Caçulinha.

PASSAGEM DO COMBOIO

Terminologia ferroviária, com acepção de "conjunto de carros e vagões engatados e movidos por uma locomotiva ou locomotivas conjugadas; composição, trem": "E num dia de sol, alegre e lindo, demandaram a Estação da Murta, para aguardar a **passagem do camboio**." (FONTES, 1933, p.20).

COMPARENCIA DE SERVENTES E MULHERES

O termo comparência tem a mesma acepção de comparecimento: "Alguns, por serem amigos dos patrões; outros pelo temor de se verem despedidos, - sempre, na primeira noite, gente bastante no serviço. A **comparencia de serventes e mulheres** foi até superior ao numero preciso. As Fabricas já davam a partida como ganha..." (FONTES, 1933, p. 108-109). Postulamos o ano de 1933 para sua datação.

COMPONIOS

Datado de 1789, com acepção de "aquele que vive e/ou trabalha no campo; camponês": "Filho de pae sem fortuna, pequeno lavrador lá nos sertões, Celestino havia se creado entre **camponios**, conhecendo-lhes de perto as privações e os soffrimentos. Dahi, por certo, lhe ficaram aquelle pendor pelos humildes, aquella especie de piedade que sentia por todos os que vivem do suor derramado cada hora." (FONTES, 1933, p. 105-106).

CONDÃO

Datado de 1662, com acepção de " atributo ou qualidade especial que supostamente induz uma influência, positiva ou negativa, eventualmente mágica, sobrenatural": "Porém a desaprovação dos paes, com aquellas continuas rusgas, ao invés de afastal-a, pareciam ter **condão** de ainda mais a ligar ao namorado." (FONTES, 1933, p. 68).

CONVIVAS

Datado em Houaiss (2020) do período de 1817-1819, com a acepção de "indivíduo que participa de banquete, jantar, festa etc., como convidado": "Os **convivas** receberam essa noticia em algazarra, e logo, sem a menor cerimonia, se lançaram para a sala do fundo, na disputa dos

logares. Sobre largas esteiras de piri servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas." (FONTES, 1933, p.10).

COPAS FARFALHANTES

O adjetivo "farfalhante" com acepção de "que emite sons": "Em frente a cada moradia, grandes mastros, de **copas farfalhantes**; aqui, ali, por toda a parte, o incêndio rubro das fogueiras" (FONTES, 1933, p. 200).

CREOULO

Datado de 1596, o termo se refere a "indivíduo negro": "Ahi , ainda foi Albertina quem veio em seu auxilio. Ergueu-se, de um pulo, e as mãos nos quadris, um geito desdenhoso na boca, gritou para o **creoulo**" (FONTES, 1933, p.36).

DAMNADA DA BICHINHA!

Bichinha tem a acepção de "mulher jovem; menina, mocinha". Já danada parece-nos sugerir "aquela que é dada a diabruras e traquinagens (diz-se ger. de criança); que ou aquele que é travesso, arteiro": "E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na Chica Chaves. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "Azougue Femea"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é mulher-dama já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que attende pela graça de Rosita. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um chromo, a **damnada da bichinha**! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima..." (FONTES, 1933, p.75). Sem data indicativa em Houaiss (2020)para esta acepção de "bichinha", postulamos o ano de 1933 para sua datação.

DE QUANDO EM QUANDO

A locução, datada de 1498, com acepção de "ocasionalmente, por vezes; quando em quando": "Tinha a physionomia carrancuda.

De **quando em quando** engrolava umas palavras de raiva, fazendo os bilros se entrechocarem com força, num estalar rythmado e estridente." (FONTES, 1933, p. 56).

AQUELLA DELAMBIDA!

Com acepção de "que não se envergonha por seus atos censuráveis; cínico, descarado, sem-vergonha": "Com tanta violencia blaterava, que já tinha garganta secca, a boca pegajosa. Levantou-se, para ir lá dentro beber agua. E, quando tornou, disse em voz alta para a filha:- Vá, vá já chamar **aquella delambida**! Não vou eu mesmo em pessoa porque, com a raiva que estou, sou capaz de disparar no meio do povo todo..." (FONTES, 1933, p. 58). Sem data indicativa do Houaiss(2020), postulamos o ano de 1933, com a publicação de Os Corumbas.

DESAGEITADA

Datado de 1899, com acepção de "que se mostra pouco à vontade; que denota timidez, embaraço": "Acocorada junta á poça, a menina enxugava os joelhos, **desageitada** e tremula. Fazia-lhe mal ouvir as lamentações de que era alvo. Estava excitada, os olhos scintillantes. Afinal, não se poude mais conter e poz-se a chorar baixinho, escondendo o rosto dos trapos do chale." (FONTES, 1933, p.35).

DESCARADA

Adjetivo e substantivo masculino, datado de 1587, com acepção de "que ou aquele que não sente constrangimento por seus atos censuráveis; desfaçado, sem-vergonha, impudente": "- Fugiu, a **descarada**! Nem se lembrou do mal que isso vai trazer pras outras! E' bem capaz de ter fugido só pra se vingar de mim, que não queria o tal do casamento! Ah! coisa ruim, sem coração! Não sabe o que padece a pobre de uma mãe!... E' esse, é esse, o pago que filho dá pra gente!" (FONTES, 1933, p. 85).

SENTAR PRAÇA POR DESPIQUE

Datado de 1713, com acepção " ato de desagravo; desforra, vingança, desafronta": "-Você não sabe...Elle tem um gênio dos diabos. Estava estudando pra advogado na Bahia e andou fazendo umas doidices. Creio que foi uma historiada de mulher...A família zangou-se.

Deixou de dar dinheiro. Elle, também, não fez questão. Brigou com o povo todo. E **sentou praça por despique**..." (FONTES, 1933, p. 196).

E' MESMO UMA BELLESA!

O contexto mostra a locução, com valor interjetivo, de uso informal, com sentido irônico, isto é, não provoca satisfação ou prazer em Sá Josepha: "MAS nisso, Rosenda foi transpondo o humbral. Sá Josepha caminhou para ella. E, as mãos escanchadas nas ilhargas, os olhos fuzilantes, prorrompeu:- Bonito! Bonito! **E' mesmo uma bellesa**! Quero saber onde é que já se viu uma moça donzela ficar sozinha na rua até essas horas! O que é que está pensando? Você cuida que trepa no cangote? Ah! Ah! Sá Dona! Está enganada commigo! Muito enganada, mesmo!" (FONTES, 1933, p. 59).

EI!

Brasileirismo do tipo interjeição, que "funciona como um chamamento": "- **Ei**! Albertina! Sabe? Arranjei outro pequeno...de papouco! Uma belezinha...Anda todo no trinque. E é sério. Parece que com esse eu caso..." (FONTES, 1933, p. 160). Postulamos o ano de 1933 para sua datação.

ELOQUENCIA DESBORDANTE

O adjetivo desbordante com a acepção de "que desborda; debordante, transbordante": "E José Affonso poz-se a narrar para o amigo, com aquella sua **eloquencia desbordante**, o que lhe fôra a meninice attribulada, orpham de pae ainda pequeno, sem poder ir á escola pela necessidade de ajudar, com o seu trabalho, a manutenção da mãe e da irmãzinha." (FONTES, 1933, p. 92). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste adjetivo.

EM DERREDOR

Datado do século XIII, mesmo que derredor (no sentido de 'em volta'): Fez-se um grande silencio. Bella e Caçulinha não tinham voltado aos livros. Continuavam **em derredor**, de ouvidos fitos, escutando." (FONTES, 1933, p. 42).

EMBARCADIÇO

Datado de 1844, com acepção de "o que habitualmente está embarcado; marinheiro": "Desligado das Forças Navaes, **embarcadiço** num cargueiro nacional de longo curso. Conheceu Hamburgo e o Havre; por causa de mulheres envolveu-se num conflito e foi preso nas docas de Nova-York ." (FONTES, 1933, p. 63).

MORRER EMPANZINADOS DO COZIMENTO DE FARINHA

Em Houaiss(2020), datado de 1836, com acepção de "que se empanzinou", ou seja, " alimentar(-se) em excesso; empanturrar(-se)": "Quando a noticia de sua fortuna e sua bondade correu mundo, toda a pobreza do arrabalde foi lhe implorar uma qualquer coisa. Teve contacto, então, com as misérias mais dolorosas. Conheceu doentes sem alimento e sem remedio. Topou crianças núas, gemendo de fome ou tiritando de sezões. Viu recem-natos, cujas mães não tinham leite, **morrerem empanzinados do cozimento de farinha** que ingeriam..." (FONTES, 1933, p. 52).

AQUELLE EMPAPUÇADO

Termo datado de 1831, o adjetivo, contextualizado, parece-nos sugerir " inchado, opado; papudo": "Outras diziam, olhando o noivo:- Mas onde Benedicta foi arranjar aquelle **empapuçado**?" ..." (FONTES, 1933, p. 97).

ENFURIADA

Datado em Houaiss (2020)de 1588, mesmo que enfurecido: Largue desse brinquedo, reclamou Rosenda, que despetára **enfuriada**." (FONTES, 1933, p.27).

ENGOMAÇÃO

Com a acepção de ato de engomar, isto é, "espalhar goma (no sentido de 'preparado de amido') em (roupa, tecido) e esticar com o ferro de passar" ou "passar (roupa) a ferro" - "- Não, mãe. Não pense que eu falo em servir na **engomação** ou nos teares. Eu me refiro a um trabalho de escriptorio, que seja limpo e em que se ganhe mais dinheiro. A Senhora sabe: No escriptorio só trabalham moças de bom comportamento..." (FONTES, 1933, p. 142). Sem registro em Houaiss, postulamos o ano de 1933 para a datação.

TODA ENLEIADA

Atualmente, registrada com a variante ortográfica "enleado", datado do século XV, adjetivo com a acepção figurativa "perplexo, atônito, atrapalhado" ou "que demonstra susto; assustado": "Ella ainda o olhou, **toda enleiada**, e correu a se juntar as outras mulheres." (FONTES, 1933, p. 66).

ENXERIMENTO DE HOMEM

Enxerimento com a noção de "ato ou efeito de enxerir-se; intrometimento, atrevimento": "Mais adeante, queixou-se ás companheiras: - Eu sou uma criatura de bom genio; mas uma coisa dessas eu estouro. Vocês já reparam? Eu só perco a paciência mode **enxerimento de homem**. Parece até uma praga! No serviço, são empregados, contra-mestres, tudo, de olho duro em cima da gente; na rua, é essa desgraça todo dia!... Esses pinimas! Só olham pr'uma mulher com mau sentido! Não sei, mas parece que nunca hei de me ageitar com uns trastes desses..." (FONTES, 1933, p. 124-125). Outro registro de passagem: "E' assim, Seu Dr., reatou Sá Josepha. A gente veio da Capella, do "Engenho da Ribeira", não faz ainda muito tempo, e foi morar alli na Estrada Nova. Eu, o marido e a filharada... Pois bem: Esta, que o Snr. está vendo ahi, ajudava mais do que todos nas despesas. Agora, perdeu o emprego, mode uma briga que appareceu lá no serviço. Mas o Snr. póde me crer que ella está coberta de razão. O contra-mestre sahiu com **enxerimentos**; ella partiu com elle... E só por isso, olho da rua. Procurou logar no outro Tecido. Disseram que não tem vaga. A gente não é daqui, e tem pouco conhecimento. Só Seu Dr. póde dar geito..." (FONTES, 1933, p. 52). Sem data indicativa em Houaiss (2009), postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

QUALQUER ESBARRO INESPERADO

Datado de 1915, com acepção de "ação ou o efeito de esbarrar; choque, encontrão": "E no meio de todo aquele borborinho, Benedicta se arrastava lentamente, procurando resguardar o ventre enorme de um **qualquer esbarro inesperado**..." (FONTES, 1933, p. 180).

MÃOS ESCANCHADAS NAS ILHARGAS

Vem de escanchar, este, datado de 1516, com acepção de "separar de meio a meio; escachar" ou "sentar-se sobre algo à maneira de quem monta; escarranchar-se": "MAS nisso, Rosenda foi transpondo o humbral. Sá Josepha caminhou para ella. E, as **mãos escanchadas nas ilhagardas**, os olhos fuzilantes, prorrompeu:- Bonito! Bonito! E' mesmo uma bellesa! Quero saber onde é que já se viu uma moça donzela ficar sozinha na rua até essas horas! O que é que está pensando? Você cuida que trepa no cangote? Ah! Ah! Sá Dona! Está enganada commigo! Muito enganada, mesmo!" (FONTES, 1933, p. 59).

RAIADOS DE SANGUE NA ESCLEROTICA

Datada de 1874, denominação substituída por esclera, ou seja, "esclera (sXX), túnica externa branca e fibrosa do globo ocular, vulgar chamada de branco do olho ou simplesmente branco; albugínea ocular": "Chamava-se Ignacio dos Santos. Era mulato disfarçado, de compleição herculea, altura media. Tinha os cabelos duros e crescidos, cuidadosamente repartidos bem no meio da cabeça. Olhos baços, **raiados de sangue na esclerotica**; nariz grosso. A bocca, continuamente arregaçada, num riso cynico e desdenhoso, deixava á mostra dois largos dentes de oiro." (FONTES, 1933, p. 62).

ESCURECERZINHA

Levando em conta o contexto, a acepção dada ao termo é a de "cair a noite; anoitecer": "- Não se vexe tanto assim, mulher! Não dizem alguma coisa de mais. Todos falam é porque ella anda só com o namorado por tudo quanto é canto... Nisso, deixe lá que o povo tem razão... Não é mentira, não, Senhora. Me desculpe... Inda hontem, **escurecerzinha**, eu encontrei sua menina com o Ignacio na Estrada da Getimana..." (FONTES, 1933, p. 76). Trata-se de um caso de hápax. O ano de 1933, ao certo, pode ser indicado para sua datação. Levando em conta alguns princípios da analogia, o termo nos evoca à tardinha, este, datado de 1772, com a noção de "o fim da tarde; tardezinha" e ainda de um conjunto de locuções correlatas como "à tardinha ou com a tardinha ou de tardinha ou pela tardinha" com acepção de "no final da tarde, próximo à noite; de tardezinha".

VISIVELMENTE ESFALFADA DO ESFORÇO

"Abraçada a uma garota morena, talvez mias jovem que ella, Clarinha passava nesse instante, **visivelmente esfalfada do esforço** que fazia para não ficar atraz da outra. Vendo Albertina, accenou-lhe um adeus toda risonha." (FONTES, 1933, p. 45).

ESMOLAMBADA

Corruptela de "esmolambado", datado em Houaiss (2020) de 1853, com acepção de "que ou o que está em molambos, em farrapos": "- Você ainda ri, vendo uma coisa dessas! Pois eu tenho é ódio. Trabalhar que nem formiga e viver assim **esmolambada**...".

ESMOLER

Datado do séculoXIV, com acepção de "aquele que vive de esmolas; mendigo, pedinte": "Mas, afinal, casára... Estava livre agora de trilhar a mesma sorte de Rosenda... O noivo era pobre. Que fôsse um **esmoler**! Elles tambem não desejavam partidos ricos para as suas. Queriam, apenas, vel-as *casadas*! Que depois, com os seus maridos, fossem obrigadas a lidar por todo o dia, soffressem as mais duras privações... Nada disso importava: Casadas, ellas seriam *gente*! Ninguem fugiria ao seu convivio; ninguem as olharia de travez... E não se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de "rapariga" e "mulher-dama"!" (FONTES, 1933, p. 97).

ESTABANADA

Datado de 1789, com acepção de "agitado, tresloucado, extravagante no modo de ser, na forma de expressão": "A rapariga tranpoz o batente sem dizer uma palavra para a mãe. Atravessou, **estabanada**, o estreito corredor. Chegando á sala de jantar, deixou-se cahir num tamborete, os cotovelos fincados na mesa , a cabeça apoiada entre dois punhos." (FONTES, 1933, p.39-40).

ESTREMEÇOS DOS QUADRIS

Provalmente, derivação regressiva de estremecer com acepção de "sacudidas": "Pelo caminho, homens a devoraram com os olhos. Havia alguns, até, que paravam, indiferentes á chuva, para ficar mirando as linhas harmoniosas de seu corpo, os **estremeços dos**

quadris..." (FONTES, 1933, p. 123). Postulamos o registro do termo e sua correlata datação para o ano de 1933.

ESTUPEFACTO

Datado de 1747, mesmo que estupefato: "Sargento Zeca olhava-a, **estupefacto**. A maneira franca e decidida por que a moça enfrentava os acontecimentos, contrastando com a dúbia atitude dele, punha-o numa situação de inferioridade a mais constrangedora." (FONTES, 1933, p. 253-254).

ETA

Datado de 1899, com acepção de "exprime satisfação ou certo espanto diante de fato, acontecimento etc. mais ou menos surpreendente": "Vendo-as passar, um rapagão que trabalhava nas caldeiras exclamou, derreando-se todo para o lado de Albrtina: - **Eta!** Morena de papouco! Quando quiser casar commigo, é só dizer..." (FONTES, 1933, p. 177).

EXPRESSÃO TÃO FLEUGMATICA

Atualmente grafada fleumática, com a acepção de expressão de "frieza de ânimo": "Albertina tinha se sentado e ouvia-a a, a mão no queixo, uma **expressão tão fleugmatica** nos olhos e na bocca, que parecia desdenhar. E foi quasi a sorrir que respondeu: - Óra, mãe, deixe de raivas... Então a Senhora não quer que a gente se distraia um boccadinho?..." (FONTES, 1933, p. 57).

FACILIDADES

O termo facilidade, no singular, é datado de 1534. Já facilidades, enquanto substantivo feminino plural, no contexto dado, refere-se a "procedimento leviano" ou ainda "complacência, condescendência": "Interrompeu-se um instante, emquanto tirava um charuto do bolso da saia. Accendeu-o, chupando algumas baforadas com força, cuspinhou para um canto e prosseguiu: - Tambem... a Senhora quer saber? A culpa nâo é tanto da *coisinha*. E' mais da mãe, que recebia o homem em casa e deixava ele ficar só, horas e horas, com a menina. São essas **facilidades**..." (FONTES, 1933, p.75-76). Para esta acepção, postulamos a datação em 1933.

A QUATRO LEGUAS DA SUA FAZENDOLA

Datado em Houaiss (2020)de do período de 1821-1875, com acepção de "fazenda (no sentido de 'propriedade rural') de pouca extensão": No Sacco de Moreira, **a quatro leguas da sua fazendola**, morava, um certo Geraldo Corumba. Não havia, em todo o Vasa Barris, tocador mais afamado. Lembraram-no a João Piancó, que logo para lá seguiu a convidal-o." (FONTES, 1933, p.9).

FEIÇÕES REPUXADAS

Repuxado no sentido de "em forma de amêndoa; amendoado": "Arrastando um enorme ventre, que gestava há sete meses, Benedicta caminhava ao encontro da irmã e de Albertina. A disformidade de seu corpo, suas **feições repuxadas**, a palidez terrosa de seu rosto, davam-lhe uma expressão de amargura e de martyrio" (FONTES, 1933, p.175).

EU, O MARIDO E A FILHARADA

Datado de 1680, com acepção de "conjunto de filhos, especialmente quando em número considerável": "E' assim, Seu Dr., reatou Sá Josepha. A gente veio da Capella, do "Engenho da Ribeira", não faz ainda muito tempo, e foi morar alli na Estrada Nova. **Eu, o marido e a filharada**... Pois bem: Esta, que o Snr. está vendo ahi, ajudava mais do que todos nas despesas. Agora, perdeu o emprego, mode uma briga que appareceu lá no serviço. Mas o Snr. póde me crer que ella está coberta de razão. O contra-mestre sahiu com enxerimentos; ella partiu com elle... E só por isso, olho da rua. Procurou logar no outro Tecido. Disseram que não tem vaga. A gente não é daqui, e tem pouco conhecimento. Só Seu Dr. póde dar geito..." (FONTES, 1933, p. 52).

VERDE ESCURO LUSTROSO DAS FOLHAS VIRIDENTES

Viridente, datado de 1874, mesmo que virente, ou seja, "que verdeja; verdejante, viçoso, viridente" ou " que se desenvolve; florescente, próspero, vigoroso": "Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente,

acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'água suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no **verde escuro lustroso das folhas viridentes**. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro gralhava em vozearia. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151).

FOLIENTOS

Por foleiro (sXV) com acepção de "aquele que aciona os foles de um órgão": "Cêdo ainda, de todos os lados começaram a chegar os convidados.Vinham palreiros, **folientos**, João Piancó recebia-os do lado de fóra, offerecendo vinho branco ás mulheres e obrigando os homens a beberem o gole da pindahyba" (FONTES, 1933, p.9).

FRANGALHOZINHO DE GENTE

O termo frangalho, datado de 1616, nos dá a noção de " farrapo, trapo, andrajo" ou "pessoa ou coisa que se mostra gasta, acabada; caco, farrapo" acrescido ao sufixo diminutivo –zinho: "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma rapariguita muito branca, de treze annos apenas. Era um **frangalhozinho de gente**, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os labios arroxeados de frio. Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante, na secção dos teares da "Sergipana", vencendo o ordenado de quatrocentos réis por dia." (FONTES, 1933, p.34-35).

FUNDAMENTE

Cremos fazer remissão à locução "a fundo" com o mesmo valor de " profundamente": "-É triste! É doloroso!....Por mais que me digam que a vida é isso mesmo e que por todo o sempre existiram os nababos e os mendigos, nunca hei de conformar....Não sei....Mas essas humildes miserias que nos cercam, tão pequeninas, ás vezes, que nem nas presentimos, têm o dom de comover-me **fundamente.** Falem-se em grandes tragédias: - populações inteiras devastadas pela fome; exércitos que a guerra trucidou – e isso me choca muito menos do que um simples facto como esse..." (FONTES, 1933, p. 148).

FUNDO DO URINOL AVERMELHADO

Urinol, datado de 1536, com acepção de "vaso apropriado para nele se urinar e defecar; penico", também mesmo que mictório: "Já manhã, sentindo-se um pouco mais aliviada, ergueu o busto e poz-se a olhar detidamente em torno de si. Quizeram lhe esconder o **fundo do urinol avermelhado**." (FONTES, 1933, p. 134).

GARGALHADA METÁLICA

Datado de 1716, noção de "metálica" a metálico, tem a ver com "sonoridade que lembra a do metal", ao certo, se referindo ao timbre ou mais precisamente à gargalhada (risada forte, ruidosa e prolongada): "Terminou numa **gargalhada metálica**, com todos os dentes á mostra." (FONTES, 1933, p.33).

GAROTADA

Datado de 1881, com acepção de "grupo de garotos": "Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a "manja". Outros, brincavam a "bocca de forno", agroupados em torno de uma creoulinha, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a **garotada**. - Manda que vá! - Vá! - Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a tropilha abalava, em gritalhada." (FONTES, 1933, p. 55).

GOTAS D'ÁGUA SUSPENSAS DAS BIQUEIRAS

Biqueira, datado de 1899, com acepção de "filete de água que, quando chove, escorre do telhado": "Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas **gotas d'água suspensas das biqueiras**, no dorso limoso das arvores, no verde escuro lustroso das folhas viridentes. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro gralhava em vozearia. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 150).

ATTENDER PELA GRAÇA DE ROSITA

Com a acepção de "nome (de alguém)": "E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na Chica Chaves. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "Azougue Femea"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é mulher-dama já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que **attende pela graça de Rosita**. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um chromo, a damnada da bichinha! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima...". (FONTES, 1933, p.75).

GRAÇA

Datado em Houaiss (2020)do século XIII, com a acepção de "dádiva, favor que, por liberalidade, se concede a um inferior; mercê" "- O Snr. desculpe, Seu Dr... Queria lhe pedir uma **graça...** Vim aqui mesmo pra isso..." (FONTES, 1933, p. 52).

GRITALHADA

Forma regional de gritaria com acepção de "ruído confuso e tumultuoso de muitas vozes simultâneas":
"Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a "manja". Outros, brincavam a "bocca de forno", agroupados em torno de uma creoulinha, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a garotada. - Manda que vá! - Vá! - Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a tropilha abalava, em **gritalhada**." (FONTES, 1933, p. 56).

HOMENS ENTRONCADOS

Entroncados com acepção de "corpulento, espadaúdos": "**Homens entroncados**, sujos de pó, chegavam junto ás caldeiras da "Textil", empurrando wagonetes de lenha. Lavados de suor, os foguistas não descasavam, jogando grandes tóros em meio ás labaredas, Todas as achinas da Fabrica se moviam, num barulho ensurdecedor" (FONTES, 1933, p. 157).

HORA DAS SORTES

Com acepção de "dinheiro ou donativo que, em determinados folguedos, alguns personagens tentam conseguir da assistência, atirando-lhe lenços": " Meia! Era chegada a **hora das sortes**, a hora em que São João descia á Terra para desvendar os mysterios do futuro" (FONTES, 1933, p. 200-201).

HUMBRAL

Atualmente, grafada umbral, datada de 1615 com acepção "ombreira" ou "local de entrada para um interior; limiar": "MAS nisso, Rosenda foi transpondo o **humbral**. Sá Josepha caminhou para ella. E, as mãos escanchadas nas ilhagardas, os olhos fuzilantes, prorrompeu:- Bonito! Bonito! E' mesmo uma bellesa! Quero saber onde é que já se viu uma moça donzela ficar sozinha na rua até essas horas! O que é que está pensando? Você cuida que trepa no cangote? Ah! Ah! Sá Dona! Está enganada commigo! Muito enganada, mesmo!" (FONTES, 1933, p. 59).

HUMILDES MISÉRIAS

Miseria com acepção de "imperfeição moral; fraqueza, defeito": "-É triste! É doloroso!....Por mais que me digam que a vida é isso mesmo e que por todo o sempre existiram os nababos e os mendigos, nunca hei de conformar....Não sei....Mas essas **humildes miserias** que nos cercam, tão pequeninas, ás vezes, que nem nas presentimos, têm o dom de comover-me fundamente. Falem-se em grandes tragédias: - populações inteiras devastadas pela fome; exércitos que a guerra trucidou – e isso me choca muito menos do que um simples facto como esse..." (FONTES, 1933, p. 147).

IDYLLIO

Datado de 1618, com acepção de " amor terno e delicado", "colóquio amoroso; relações entre namorados" ou " produto da fantasia; devaneio, utopia": "Noivos que foram, passou a ser **idyllio**, sem fim a vida dos dois jovens" (FONTES, 1933, p. 205).

MÃOS ESCANCHADAS NAS ILHARGAS

Datado do século XIV, com acepção de "no homem, cada um dos lados do corpo, dos quadris aos ombros" "MAS nisso, Rosenda foi

transpondo o humbral. Sá Josepha caminhou para ella. E, as **mãos escanchadas nas ilhargas**, os olhos fuzilantes, prorrompeu:- Bonito! Bonito! E' mesmo uma bellesa! Quero saber onde é que já se viu uma moça donzela ficar sozinha na rua até essas horas! O que é que está pensando? Você cuida que trepa no cangote? Ah! Ah! Sá Dona! Está enganada commigo! Muito enganada, mesmo!" (FONTES, 1933, p. 59).

IMPUREBE

Datado de 1789, adjetivo com acepção de " quem ainda não atingiu a puberdade" ou "diz-se de ou menor absolutamente incapaz (entre zero e 16 anos), por não responder civilmente por seus atos": "Sá Maria Pirambú morava na rua do Arame, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "trazer a filha no cabresto", puzera-a, doentinha e ainda **impubere**, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para andar de déo em déo, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, levava a vida a syndicar, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia conhecer os segredos de todo o mundo, "os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72).

INAPETENTE

Adjetivo datado em Houaiss (2020) de 1958 , com acepção de "sem apetite; anoréxico": "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu suculento, uma gemmada. A tisica, **inapetente**, recusava. Então a velha, ao invés de apoquentar-se, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....Pelo amor de Deus, tome...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170). Postulamos a retrodatação do verbete para 1933, ano de publicação de Os Corumbas, de Amando Fontes.

VOCÊ INDA É FELIZ

Inda, datado (sXIII, refere-se ao advérbio antigo e informal ainda: "-Ora! **Você inda é feliz**. Tem pae e irmãos que lhe ajudam. E a pobre de mim, que eu sou só, pra sustentar minha mãe e um sobrinho ainda pequeno?... O que?!... Opae delle? Esse não dá um dez réis de mel coado!... Tudo sae do meu suor." (FONTES, 1933, p.33).

INDENNIZAÇÃO

Com a acepção de "aquilo que se concede ou obtém como reparação ou compensação de um prejuízo, perda, ofensa etc.; compensação, recompensa, restituição": "-Vamos, Sá Ricarda! O que é isso?! Conforme-se! Deixe estar, que a Fabrica faz o enterro e lhe paga uma **indennização**...Tenha coragem! Anime-se! A vida é assim mesmo" (FONTES, 1933, p. 161). Sem registro em Houaiss(2020), postulamos sua inserção no Dicionário e sua correlata datação para o ano de 1933.

INOPINADO DO ATAQUE

O termo inopinado, datado de 1572, com a noção de "que sobrevém de forma imprevista ou inesperada; súbito":"Ante o **inopinado do ataque** a moça ficou apalermada sem animo até defender-se. Limitou-se a baixar a cabeça, para esconder o rosto; e sem uma queixa, um gemido, recebia os golpes que Sá Josepha lhe vibrava. Mas aquella attitude teve effeito de augmentar o exaspero da velha, que a levou á conta de malcriada e de capricho. Abaixou-se, então, numa furia, tirou o tamanco do pé, e com elle bateu fortemente nos hombros, na cabeça, até no rosto da filha." (FONTES, 1933, p. 77).

JORNAL DA SUA GENTE

Datado em Houaiss (2020)do século XIII, "remuneração salarial feita por dia de trabalho": "Naquelle anno, a baixa do assucar veio agravar-lhes mais e mais a situação de si já tão precaria. Os usineiros e senhores de engenho reduziam á metade do **jornal da sua gente**; e passaram a pagar a tonelada de canna por tal preço, que nem valia a pena plantal-a." (FONTES, 1933, p.18).

JUDIAÇÃO

Datado de 1913, com acepção pejorativa de " ato de judiar, de fazer de alguém alvo de escárnio ou de maus-tratos; judiaria": "- Mas

isso é mesmo uma **judiação**! Como se manda uma pessôa trabalhar, assim doente? "(FONTES, 1933, p.35).

LABIOS ARROXEADOS DE FRIO

O termo frangalho, datado de 1616, nos dá a noção de " farrapo, trapo, andrajo" ou "pessoa ou coisa que se mostra gasta, acabada; caco, farrapo" acrescido ao sufixo diminutivo –zinho: "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma rapariguita muito branca, de treze annos apenas. Era um frangalhozinho de gente, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os **labios arroxeados de frio**. Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante, na secção dos teares da "Sergipana", vencendo o ordenado de quatrocentos réis por dia." (FONTES, 1933, p.34-35).

REVIRAR LANGUOROSO DOS OLHOS

Datado de 1874, com acepção metafórica "que traduz o langor, o abandono de uma paixão amorosa": "Houve um espoucar de risadas estridentes. O operário riu também. E, num **revirar languoroso dos olhos**, o ar galhofeiro, retrucou: - Não se aborreça tanto assim, meu pauzinho de canella"..." (FONTES, 1933, p. 177).

LINGUA VIPERINA

Mesmo que "língua comprida", isto é, com acepção figurativa e informal de "a língua de quem fala mal dos outros; língua afiada, língua de palmo, língua de palmo e meio, língua de trapo" ou ainda "a língua de quem fala demais, de quem é indiscreto": "Sá Josepha detestava-a. Mas sempre acolhia com bons modos, receiosa de cahir no desagrado da sua **lingua viperina**." (FONTES, 1933, p.73). Para esta locução, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

LOGAR QUENTE

Com conotação de "cantinho" da casa: "Albertina percebeu essas ultimas palavras e logo se sahiu a galhofar: - Está chorando, Desideria? Vá chorar na cama, que é **logar quente**..." (FONTES, 1933, p.33).

LORPA

Datado de 1858, com, ao menos, três acepções aplicáveis ao contexto: (i) "que ou aquele que demonstra ser pouco inteligente,

que ou aquele que é desprovido de vivacidade, de vigor; imbecil, idiota, palerma"; (ii) "que ou quem se mostra excessivamente ingênuo, tolo, crédulo; simplório"; e (iii) "que ou aquele que demonstra falta de cortesia, de urbanidade, de civilidade, que ou quem denota rudeza; grosseiro, boçal": "- Que beleza! costumava repetir para Albertina. A gente se vinga desses trastes é assim. Um pouco de corda no começo; e quando o **lorpa** já está todo babado - catrapuz! - porta na cara!" (FONTES, 1933, p. 89).

LUSCO-FUSCO

Datado de 1543 , com acepção de " momento de transição entre o dia e a noite; crepúsculo vespertino; o anoitecer": "Quando as Fabricas largaram, ao **lusco-fusco**, chovia fortemente. E todos tiveram de se atirar ao temporal, encharcando-se, mal tinham dado uns poucos passos." (FONTES, 1933, p. 123). Outra passagem: "**Lusco-fusco**. Algumas estrelas scintillavam. E a procissão se recolhia, lentamente..." (FONTES, 1933, p. 225).

LUZ MORTIÇA

Sem datação em Houaiss(2020), com acepção, no contexto dado, a "falto de nitidez, de brilho; apagado, embaciado": "Apanhou do chão a caixa de phosphoros e accendeu o pavio de algodão do alcoviteiro. Uma **luz mortiça** espalhou-se pelo quarto, mobiliado apenas pela cama de pinho sem verniz, uma cadeira de sucupira mal lavrada, e, a um canto, o bahú de folha de Flandres, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas" (FONTES, 1933, p.24). Podemos postular o ano de 1933 para a datação deste termo.

MAÇO DE PAPELUCHOS DE CÔR VERDE

O termo papelucho, datado de 1881, com acepção de "pedaço de papel": "Mergulhado numa vasta poltrona, onde o seu pequeno corpo se perdia, o Presidente balançava sem cessar uma das pernas, o sobrecenho carregado, apertando de vez em vez os labios entre os dentes. Numa das mãos agitava, nervoso, um **maço de papeluchos de côr verde**." (FONTES, 1933, p. 111).

MAGRICELAS E CHLOROTICA

Datado de 1899, magricelas tem a mesma acepção de "aquele que é excessivamente magro" e clorótico, datado de 1858, com acepção, por extensão, de 1874, "muito pálido, desbota": "Crescera um pouco, fizera-se mulher, embora **magricelas e chlorotica**" (FONTES, 1933, p. 159).

MALCRIAÇÃO E DE CAPRICHO

O mesmo que malcriação má-criação, isto é, "atitude ou palavra grosseira, indelicada; incivilidade" ou "qualidade, caráter de pessoa malcriada: "Ante o inopinado do ataque a moça ficou apalermada sem animo até defender-se. Limitou-se a baixar a cabeça, para esconder o rosto; e sem uma queixa, um gemido, recebia os golpes que Sá Josepha lhe vibrava. Mas aquella attitude teve effeito de augmentar o exaspero da velha, que a levou á conta de **malcriação e de capricho**. Abaixou-se, então, numa furia, tirou o tamanco do pé, e com elle bateu fortemente nos hombros, na cabeça, até no rosto da filha." (FONTES, 1933, p. 78). Assim, para a variante malcriação (sem hífen) podemos postular o ano de 1933 para sua datação.

MALTA DE VAGABUNDOS E LADRÕES

O termo malta, datado de 1858, com acepção de "reunião de indivíduos de má fama, de má índole; bando, súcia": "Acompanhando uma tropa de gado, foi dar até o Recife. Ahi foi preso, dias após, entre uma **malta de vagabundos e ladrões**, que se juntavam no cáes." (FONTES, 1933, p. 62-63).

RISO DE MANGAÇÃO

Datado de 1836, com acepção de "manifestação irônica ou maliciosa que leva ao constrangimento, ao ridículo; escárnio, mofa, zombaria": "Albertina fez um muchocho e gritou-lhe, num **riso de mangação**" (FONTES, 1933, p.32).

MANHÃZINHA

Datado do século sXIII, com acepção de "início da manhã; alvor, madrugada":" Ainda no domingo, **manhãzinha**, os operarios mais graduados e sem os quaes não seria possivel o funccionamento dos teares, foram avisados,em boletins distribuidos por mão mysteriosa,

"de que não deveriam comparacer aos serões para evitar funestas consequências." (FONTES, 1933, p. 108).

MAU PASSADIO

Passadio, datado de 1757, com sentido de "comida habitual; vivenda: "E, dahi por deante, modificou-se por completo. Tornou-se ríspida e nervosa Deu para se queixar a todo instante do trabalho excessivo, da falta de dinheiro, do **mau passadio** que lhe davam." (FONTES, 1933, p.166).

MENEIO VAGOROSO DA CABEÇA

Datado do século XV, com acepções aplicáveis ao contexto de " movimento (do corpo ou de uma de suas partes)" ou "movimento que se faz com a cabeça, os olhos, as mãos etc. para dar a conhecer o que se deseja; aceno, ademane, gesto, cumprimento": "Ultimamente, não falava quase. Quando lhe perguntavam se queria alguma coisa., limitava a sua resposta a um **meneio vagoroso da cabeça**. E se a interrogavam sobre o seu estado, se estava melhor ou peior, sussurrava, invariavelmente, a mesma frase: - Assim...assim" (FONTES, 1933, p.169-170).

MESUROSO E RISONHO

Houaiss (2020)não registra o adjetivo mesuroso, e sim, mesureiro, datado de1844, com acepção de "dado a fazer mesuras; atencioso, reverenciador, cerimonioso" ou pejorativamente " que, pelo excesso de polidez, se mostra servil, bajulador":: "Um dia, **mesuroso e risonho**, ele acercou-se della. E falou, prolongado pedantemente os *ss*: - Bôas tardes, bellezinha..." "(FONTES, 1933, p. 65). Podemos postular o ano de 1933 para a datação deste termo.

MOÇOILA RAPTADA (BAIXA E GORDA)

Acepção, pelo contexto, é a de "moça nova; mocinha, raparigota": "Vendo que o assumpto se esgotára e que já não prendia a atenção de Sá Josepha, A Pirambú emmudeceu, o ar enfadado e somnolento. Subito, porém, a uma lembrança que lhe veio, agitou-se de novo, os olhos scintillantes. E passou a narrar o caso escandaloso de uma **moçoila raptada**" (FONTES, 1933, p.74). Outra passagem expressiva na obra: "Nesse ponto, uma **moçoila**

baixa e gorda veio pôr termo á questão, arrastando o velho pelo braço" "(FONTES, 1933, p.13). Podemos postular o ano de 1933 para a datação deste termo. Trata-se de diminutivo irregular de moça.

MODO SOBRANCEIRO E DESDENHOSO

Sobranceiro com acepção figurativa de "que encara as coisas ou as pessoas com superioridade, que se percebe em estágio mais elevado" e desdenhoso com acepção de "que manifesta altivez depreciativa" e "que demonstra indiferença ou pouco apreço, menosprezador": "Albertina, entretanto, nunca levára a serio taes conselhos. Tinha uma certa sympatia pela moça. Admirava, mesmo, o **modo sobranceiro e desdenhoso** por ella desprezava a opinião alheia a seu respeito." (FONTES, 1933, p. 50).

MOIRÕES DA CERCA

Moirão é termo datado em Houaiss (2020)de 1905, com acepção de "estaca ou vara grossa que se finca na terra para ali se amarrarem animais": "Desceram a Estrada Nova até a rua do Arame. Ahi , vendo uma rapariga encostada aos **moirões da cerca**, justamente na esquina, Albertina estacou para dizer-lhe" (FONTES, 1933, p.32).

MOURO

Com acepção de "indivíduo que trabalha sem cessar":"- Mas olhe, Seu Dr., a situação da gente é bem triste, interveio Albertina, com aquelle ar de decisão que punha em tudo. Eu não posso ficar assim parada... Na "Sergipana" eu trabalhava que nem **mouro** pra fazer doze ou treze mil réis por semana. E só trabalhava assim porque a gente precisa mesmo de dinheiro lá em casa, pra ganhar ao menos o sustento..." (FONTES, 1933, p. 52). A datação para esta acepção pode ser o ano de 1933.

POR-SE LOGO TODA MOZUMBUDA

Variante de muzumbuda com acepção, no contexto, de "acordar mal-humor, quieto, triste: "-Você nem magina ocmo eu ando! Foi ele mesmo, o desalmado! Aproveitou-se da doença da defunta para melhor tentar a outra. Meu coração não me enganava....Agora, ella está enrabichada de uma vez....Só de pensar nisso eu fico fria...Não sei, não sei mesmo o que faça...Se reclamo, **põe-se logo toda**

mozumbuda, e pega a se queixar " que é uma infeliz, que era melhor morrer", e mais isso e mais aquilo. Se a gente não diz nada, ahi é que se solta de verdade....Só pancada é que podia endireitar...Mas também, numa mulher feia daquelas, a gente não há de estar batendo a toda hora..." (FONTES, 1933, p. 190).

MUCHOCHO

Datado em Houaiss (2020) de 1836, hoje com a grafia "muxoxo" com acepção de "estalo que se dá com a língua e os lábios, à semelhança de um beijo, para mostrar desdém ou pouco caso em relação a pessoa ou coisa": "Albertina fez um **muchocho** e gritou-lhe, num risode mangação" (FONTES, 1933, p.32). São formas históricas do termo: muxoxo (1826), muxôxo (1889), muxôxo (1889), sem registro, até então, da grafia com "h".

MULHER FEITA

Atualmente, grafado com hífen "mulher-feita" com acepção de "mulher adulta": "- Arre lá tambem, Rosenda! A velha quer lhe prender de mais. Pois você, uma **mulher feita**, que vive do seu trabalho, não tem o direito de passear uma tarde de folga com a pessôa que quer bem? Isso é demais, minha filha!..." (FONTES, 1933, p. 70). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste termo.

MULHER REQUESTADA

Requestada, com datação do século XV, com a acepção de requestar "diligenciar com o fito de obter, alcançar, conseguir; conquistar, granjear" ou ainda "dizer palavras amáveis a (alguém), com o fim de obter o seu amor; galantear, cortejar": "Fontoura tinha a perseverança dos grandes conquistadores amorosos. Não se deixava desanimar somente a **mulher requestada** persistia em suas negaças. Segundo a sua maneira de expressar-se "O sabor da victoria estava na razão direta das dificuldades a vencer" (FONTES, 1933, p. 161).

OS NABABOS E OS MENDIGOS

Datado do século XIX), com acepção, por extensão, de " indivíduo muito rico que ostenta grande luxo": "-É triste! É doloroso!....Por mais que me digam que a vida é isso mesmo e que por todo o sempre existiram os **nababos e os mendigos**, nunca hei de conformar....Não sei....Mas essas

humildes miserias que nos cercam, tão pequeninas, ás vezes, que nem nas presentimos, têm o dom de comover-me fundamente. Falem-se em grandes tragédias: - populações inteiras devastadas pela fome; exércitos que a guerra trucidou – e isso me choca muito menos do que um simples facto como esse..." (FONTES, 1933, p. 148).

NALGUMAS TABOAS

Para nalgum, Houaiss (2020)data esta contração de 1789, com acepção "indicador de coisa indefinida para o falante, a que se somam os diversos sentidos da preposição em": "**Nalgumas taboas**, estendidas sobre quatro caixões de kerozene, dormia Albertina, a segunda filha do casal, morena clara, olhos negros e vivos, um grande corpo bem feito e transbordante de saúde." (FONTES, 1933, p.26). Sobre aspectos gramaticais: "a) fem.: nalguma; pl.: nalguns, nalgumas; b) tb. ocorre o emprego de em algum, sem contr.: em algum lugar do passado; c) a respeito de n-" (Huaiss, 2009).

NEGAÇAS

Datado de 1516, com a acepção figurativa de " artifício com que se ilude alguém; falsa promessa, mostra ilusória; engano, logro, estratagema" ou ainda " negação dissimulada, afetada e/ou cerimoniosa": "Fontoura tinha a perseverança dos grandes conquistadores amorosos. Não se deixava desanimar somente a mulher requestada persistia em suas **negaças**. Segundo a sua maneira de expressar-se "O sabor da victoria estava na razão direta das dificuldades a vencer" (FONTES, 1933, p. 161).

NEGRO DE ENGENHO

Com a acepção de "trabalhador braçal", isto é, "aquele que executa seu trabalho utilizando a energia dos braços": "- Pra eu arranjar? Qual, minha nêga! Quem sou eu? Pelo que vejo, você tambem se fia no que essa gente anda dizendo... Eu não tenho força nenhuma lá na Fabrica. Se tivesse, não trabalhava que nem **negro de engenho**, como trabalho todo dia." (FONTES, 1933, p. 50).

NO ENTRETANTO

A conjunção entretanto, datada do século XIII, com acepção de "designativo de adversão, oposição, restrição; todavia, contudo, mas,

porém, no entanto ": " De relação a Albertina, **no entretanto**, fora bem diferente o que se dera. Ella havia deixado a casa de seus paes ara sahir em companhia do ricaço. Certo, entre eles nunca teria sido levantada a hypothese de algum dia se casarem. O interesse, portanto, apenas o desejo de se vestir melhor, trabalhar menos, tinham-na arremessado para ele.." (FONTES, 1933, p. 205).

NOCTAMBULOS

Datado de 1812, com acepção de "que ou o que vaga à noite; noctívago: "Meia-noite. Uma hora. A Praça ia se esvaziando pouco a pouco. Mas, até manhã cedo, ficavam perambulando por alli os jogadores habituaes, mulheres publicas, **noctambulos**, e a garotada sem tecto e sem familia." (FONTES, 1933, p. 80).

NOTÍCIAS DELA

O pronome dele é datado do século XIII. O dela refere-se à filha de Geraldo, isto, cujo nome foi intencioamente substituído pelo pronome pessoal ele para evitar de ser mencionado: "Largou a tarefa. Encarou-a ansiosamente. E a pergunta lhe sahiu, rapida, sibilada:- E então?! Teve **noticias della**?" (FONTES, 1933, p. 131).

ULTIMAS NUVENS PARDACENTAS

Nuvens escurecidas: "Cessára de chover, completamente. As **ultimas nuvens pardacentas** sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'água suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no verde escuro lustroso das folhas viridentes. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro gralhava em vozearia. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151).

Ô! HOMEM PRA GOSTAR DE BEIJO!

A interjeição ô, o mesmo que ó, isto é, "expressa chamamento ou interperlação": "-**ô! Homem pra gostar de beijo!**....nunca vi...Pois tome lá...Agora, toque." (FONTES, 1933, p. 191).

OLHAR CHISPANTE

Datado de 1862, com acepção de "que lança chispas; chispeante": "Taciturno, sem murmurar uma palavra, José Affonso vinha sentado junto a Pedro, que accendia um cigarro atraz do outro. O navio ia já transpondo a Barra. Algumas ondas vieram se quebrar violentamente contra a prôa. Foi ai que o typographo levantou-se, o **olhar chispante**. E espalmado a mão para a cidade, que se perdia na distancia, em tom de ameaça proferiu: - Traidôres! Miseraveis!" (FONTES, 1933, p. 117).

DUAS GRANDES OLHEIRAS

Datado do século XIII, com acepção de "círculo escuro ao redor ou debaixo dos olhos (usado frequentemente no plural): "Na manhã seguinte acordou com **duas grandes olheiras** e uns modos que surprehenderam os velhos paes" (FONTES, 1933, p.166).

OLHOS BAÇOS

Datado do século XV, o adjetivo baço refere-se, no contexto, a " de cor parda, tirante ao negro" ou "a que falta lustro, polimento; bacento, embaciado": "Chamava-se Ignacio dos Santos. Era mulato disfarçado, de compleição herculea, altura media. Tinha os cabelos duros e crescidos, cuidadosamente repartidos bem no meio da cabeça. **Olhos baços**, raiados de sangue na esclerotica; nariz grosso. A bocca, continuamente arregaçada, num riso cynico e desdenhoso, deixava á mostra dois largos dentes de oiro." (FONTES, 1933, p. 62).

OLHOS ENTRECERRADOS

Com a noção de olhos entrefechados: "Refestelado em sua poltrona, o Dr. Prado Antunes escutava a anedocta galante que um sujeito ao lado lhe contava. Tinha os **olhos entrecerrados**, um sorriso brejeiro errava-lhe á flor da boca." (FONTES, 1933, p. 261-262).

OLHOS EXTREMUNHADOS

Atualmente, grafado "estremunhado", este, datado em Houaiss (2020) de 1817-1819, adjetivo com acepção de "que se estremunhou; sonolento, estrovinhado": "Rosenda abriu uns **olhos extremunhados**, bocejou, e, virando-se de braços, continuou a dormir." (FONTES, 1933, p.26).

OPEROSO E INTELLIGENTE

Datado de 1680, com acepção de "que opera, realiza, trabalha, produz": "**Operoso e intelligente**, em pouco tempo galgava a chefia da "composição" em seu jornal. E desde ahi passou a ter uma acção decisiva nos centros operarios da cidade." (FONTES, 1933, p. 93).

O PAGO QUE FILHO DÁ PRA GENTE

Datado de 1264, com acepção de " o que se dá em troca de um serviço; paga, pagamento" ou "favor, presente com que se mostra reconhecimento por um obséquio, por uma boa ação; recompensa, retribuição": "- Fugiu, a descarada! Nem se lembrou do mal que isso vai trazer pras outras! E' bem capaz de ter fugido só pra se vingar de mim, que não queria o tal do casamento! Ah! coisa ruim, sem coração! Não sabe o que padece a pobre de uma mãe!... E' esse, é esse, o **pago que filho dá pra gente**!" (FONTES, 1933, p. 85-86).

PALESTRA ANIMADA

Datado de 1632, palestra tem acepção de "troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas; conversação": "A esse instante, Rosenda já dobrava o "Becco da Cerimonia". A irmã correu para alcançal-a. Mais adeante, encontraram algumas amigas e com ellas desceram, em **palestra animada**, ás chufas e aos empurrões." (FONTES, 1933, p.32-33).

PALIDEZ TERROSA DO ROSTO

Datado de 1789, com acepção figurativa de "sem brilho, baço": "Arrastando um enorme ventre, que gestava há sete meses, Benedicta caminhava ao encontro da irmã e de Albertina. A disformidade de seu corpo, suas feições repuxadas, a **palidez terrosa de seu rosto**, davam-lhe uma expressão de amargura e de martyrio" (FONTES, 1933, p.175).

PALREIROS

Datado do século XIII, com acepção de "que ou o que palra; palrador": "Cêdo ainda, de todos os lados começaram a chegar os convidados.Vinham **palreiros**, folientos, João Piancó recebia-os do lado de fóra, offerecendo vinho branco ás mulheres e obrigando os homens a beberem o gole da pindahyba" (FONTES, 1933, p.9).

DE PAPOUCO!

Muito próximo à acepção de "arrebentar a boca do balão fraseologia (1985) com a acepção de "desempenhar-se magnificamente; ser um sucesso; brilhar, exceler": "- Ei! Albertina! Sabe? Arranjei outro pequeno...**de papouco**! Uma belezinha...Anda todo no trinque. E é sério. Parece que com esse eu caso..." (FONTES, 1933, p. 160).

PEITO ARFANTE DE CANSAÇO

O adjetivo arfante é datado de 1881 com acepção de "que arfa, que ofega": "Sá Josepha ainda a perseguiu até a porta da cozinha, onde ficou a blaterar, o **peito arfante de cansaço**: - E' assim, sua sem-vergonha! Você leva a gente pra desgraça, mas eu te quebro de pancada!". (FONTES, 1933, p. 78).

PEJO

Datado do século XV, com acepção de " sentimento de vergonha; pudor" ou ainda " falta de traquejo social; timidez, acanhamento": "De modo que, quando se lhe esgotaram por completo as esperanças, não teve **pejo** em procural-a, pedindo que interferisse directamente em seu favor. (FONTES, 1933, p. 50).

CARTA DELLE PELA FRENTE

Locução com acepção de " na presença de alguém": "-Não, não. Com o meu pedido nãose arruma mesmo é nada. O melhor é você procurar o Dr. Barros... Porque não conhece elle? Não faz mal. Elle é um homem bom. Não liga isso. Protege a todo o mundo. Depois, tem força de verdade. Se você chegar na Fabrica com uma **carta delle pela frente**, póde contar que está empregada." (FONTES, 1933, p. 50). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

PELLE LUSIDIA

Datado em Houaiss (2020)de 1716, o adjetivo, hoje, grafado luzidio, com acepção "que, por ter lustre, reluz; brilhante, lustroso, luzente, lúzio": "Ao lado de uma cabo-verde espigada e magrissima – os ossos salientes sob a **pelle lusidia** – a *Bolo-fôfo* conversava agitada, com o mau humor de costume. Queixava-se da vida: "Estava ganhando um quase-nada. Sete mil réis por semana! Um horror! Nem podia comprar um sapato melhor, um vestidinho mais assim... Tambem, dava

tudo á mãe, pra cevar duas preguiçozinhas que tinha em casa, com folias de ir pra escola... Por cima, ainda queriam que se levantasse madrugada, pra se matar no trabalho". (FONTES, 1933, p.33).

DUAS PENTEADELLAS AO CABELLO

Atualmente, penteadela, com acepção de "ato ou efeito de pentear(-se) rápida ou ligeiramente": "Faziam tudo ás pressas. Passaram um pouco d'agua nos olhos; limparam os dentes com carvão; deram **duas penteadellas ao cabello**... E estavam promptas." (FONTES, 1933, p.28). Em Houaiss(2020), não há data indicativa para seu registro, o que postulamos para o ano de 1933.

PERALTA INCORRIGIVEL

As diversas acepções para peralta, datado de peralta de 1706, como "diz-se de ou indivíduo afetado nos modos e no vestir; casquilho, janota, peralvilho", "diz-se de ou indivíduo que vive no ócio; vadio" ou "diz-se de ou criança travessa; traquinas" são aplicáveis ao contexto dado: Ainda não completára doze annos, perdeu a mãe. Em Garanhuns todos tinham por um **peralta incorrigivel**. Ninguem o quis amparar. Sem lar e sem trabalho, dentro de poucos dias sentiu fome. E, sahiu a perambular, por vilarejos e cidades." (FONTES, 1933, p. 62).

PHYSIONOMIA CARRANCUDA

O adjetivo carrancudo, datado de 1527, traz duas acepções aplicáveis ao contexto: "que exibe carranca (no sentido de 'fisionomia carregada')", a mais plausível, e "que demonstra mau humor ou estado de espírito carregado, sombrio": "Tinha a **physionomia carrancuda**. De quando em quando engrolava umas palavras de raiva, fazendo os bilros se entrechocarem com força, num estalar rythmado e estridente." (FONTES, 1933, p. 56).

PHYSIONOMIA TRANCADA, CARRANCUDO

Dois adjetivos caracterizando o semblante de Albertina. Em "trancado", com acepção figurativa de "diz-se de indivíduo que dificilmente revela algo de si mesmo; fechado, reservado" (sXV) e carrancudo com acepção de no sentido de "fisionomia carregada" ou "demonstra mau humor ou estado de espírito carregado, sombrio"

(1527): "O gerente, de ordinário tão affavel e risonho com ella, nesse dia a recebeu de **physionomia trancada, carrancudo**. Desilludiu-a logo ás primeiras palavras" (FONTES, 1933, p. 47).

ENTRE PILHERICA E TRISTONHA

Vem de pilhéria, este, datado em Houaiss (2020) de 1647, com a noção de "modo de gracejar sem ofender; zombaria inocente; chiste, graça, piada": "Mas a outra nem fez caso da indirecta. Agora, **entre pilherica e tristonha** se queixava de que sua camisa " estava uma pinoia, toda esburacada, imprestável". Mirou-se de cima abaixo, consternada.; e vendo um rasgão maior, por onde seio esquerdo violentamente apontava, disse: - Mas vejam só pra isto! Parece que eu vou dar de mamar ás meninas do Tecido!..." (FONTES, 1933, p.27-28).

PINCARO DE UM MORRO

Datado do período de 1524-1585, com acepção de "o ponto mais elevado de um monte; cume": "A ultima casa em que pararam ficava no **pincaro de um morro**." "(FONTES, 1933, p.13).

APINHADO DE GENTE

Datado de 1619, apinhado figurativamente significa "ig. repleto, coberto de (algo); cheio, abarrotado" ou, por extensão, " muito junto; aglomerado, amontoado": "O bonde que tomara, ás dez e pouco, vinha tão **apinhado de gente**, que tiveram logar para sentar-se. Mas, na curva da Bôa-Viagem, quase todo o mundo saltou. Ficou apenas, nos dois bancos da frente, um gruo de moças e rapazes, que cochichavam e riam alto." (FONTES, 1933, p. 221).

POBRE SER ARFANTE

Arfante, datado de 1881, com acepção de "que arfa, que ofega": "Todas as noites, após o repasto apressado, corria a sentar-se junto ao **pobre ser arfante** e ali ficava conversando até bem tarde. Contava-lhe pequeninos factos, coisas triviais da vida, que a pudessem interessar e distrahir." (FONTES, 1933, p.170-171).

POISO EM SEU ESPIRITO

Poiso, em Houaiss (2009), mesmo que pouso, isto é, "lugar onde alguém se acolhe e descansa ou se oculta temporariamente; refúgio,

esconderijo": "[...] Idéas utilitaristas, que dantes não encontravam **poiso em seu espirito**, raciciocinios em desfavor de Caçulinha, que nunca lhe haviam aflorado ao pensamento, - agora o assaltavam a quando e quando, insinuantes e fortes..." (FONTES, 1933, p. 247).

NÃO FALAR QUASI

Advérbio com acepção de "por um triz, por pouco que não": "Ultimamente, não falava **quasi**. Quando lhe perguntavam se queria alguma coisa., limitava a sua resposta a um meneio vagoroso da cabeça. E se a interrogavam sobre o seu estado, se estava melhor ou peior, sussurrava, invariavelmente, a mesma frase: - Assim...assim"." (FONTES, 1933, p.169-170).

CALADA E MUITA QUEDA

O adjetivo quedo tem sua datação, e Houaiss(2020), de "quedo", do século XIII (vale dizer, com a ortoépia ê), com acepção de" que não se move" "Esta havia acordado desde que a velha puzera os pés no quarto. Mas conservava-se **calada e muita queda**, para por mais uns minutos gozar a tepidez reconfortante da cama." (FONTES, 1933, p.27).

RAPAGÃO

Datado de 1536, com acepção de "rapaz bem desenvolvido, robusto, e/ou bonito": "Vendo-as passar, um **rapagão** que trabalhava nas caldeiras exclamou, derreando-se todo para o lado de Albrtina: - Eta! Morena de papouco! Quando quiser casar commigo, é só dizer..." (FONTES, 1933, p. 177).

"RAPARIGA"

Rapariga, com acepções de "mulher na fase adolescente; jovem, moça, raparigota", mas há as acepções pejorativas ou tabuísticas, no nordeste brasileiro e ainda em MG e GO, o mesmo que "concubina ou mulher que vive da prostituição": "Mas, afinal, casára... Estava livre agora de trilhar a mesma sorte de Rosenda... O noivo era pobre. Que fôsse um esmoler! Elles tambem não desejavam partidos ricos para as suas. Queriam, apenas, vel-as *casadas*! Que depois, com os seus maridos, fossem obrigadas a lidar por todo o dia, soffressem as mais duras privações... Nada disso importava: Casadas, ellas seriam *gente*! Ninguem fugiria ao seu convivio; ninguem as olharia de travez... E não

se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de "**rapariga**" e "mulher-dama"!" (FONTES, 1933, p. 97). Podemos postular a retrodatação (em Houaiss, datado de 1959) do verbete rapariga para o ano de 1933 com acepção de "mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta", presente em Os Corumbas.

RAPARIGUITA MUITO BRANCA

Há uma expressiva do sufixo dimunitivo –ita em rapariguita, hoje, talvez, dito "raparigota": "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma **rapariguita muito branca**, de treze annos apenas. Era um frangalhozinho de gente, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os labios arroxeados de frio. Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante, na secção dos teares da "Sergipana", vencendo o ordenado de quatrocentos réis por dia." (FONTES, 1933, p.34-35).

RECÉM-NATOS

Adjetivo relativo a ou mesmo que recém-nascido, isto é, "criança que acabou de nascer": "Quando a noticia de sua fortuna e sua bondade correu mundo, toda a pobreza do arrabalde foi lhe implorar uma qualquer coisa. Teve contacto, então, com as misérias mais dolorosas. Conheceu doentes sem alimento e sem remedio. Topou crianças núas, gemendo de fome ou tiritando de sezões. Viu **recem-natos**, cujas mães não tinham leite, morrerem empanzinados do cozimento de farinha que ingeriam..." (FONTES, 1933, p. 52). Sem data indicativa em Houaiss (2009), postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

RECRUTAMENTO

Termo militar datado de 1844 com referência a "arrolamento e convocação de cidadãos que atingem a idade prevista em lei para a prestação de serviço militar; alistamento": "Não perdeu tempo a procurar emprego, aqui e alli. Foi direto ao Batalhão Polocial, onde o **recrutamento** estava aberto. No mesmo dia assentou praça." (FONTES, 1933, p. 63-64).

RECÚO VIOLENTO DA ARMA

Acepção de " movimento para ré de peça de artilharia após o disparo de projétil": "- Um preto velho, mettido num vasto gibão de couro,

prendia agora as atenções. Estava bêbedo a cahir e queria, a toda força, disparar bacamarte. Os outros, em gargalhadas, atiçavam-n'o, jurando que o **recúo violento da arma** o atiraria de pernas para o ar. Mas o vaqueiro teimava, e dizia-lhes, num tom de alto desprezo" (FONTES, 1933, p.12).

NÃO SER NENHUMA REMANCHONA

Feminino de remanchão, este datado de 1836, adjetivo com acepção de "que remancha; que demora ou anda devagar; tardo, vagaroso" ou "preguiçosa": "Mas você, Marocas, como empregada antiga, tem direito de pedir por uma amiga. Depois, você sabe que eu **não sou nenhuma remanchona**. Quando pego num serviço, ou elle sahe, ou diz porque não sahe..." (FONTES, 1933, p. 50). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste termo.

REMÉDIO

Datado de 1390, com acepção do " que serve para aplacar sofrimentos morais, para atenuar os males da vida"(1698) ou "tudo que serve para eliminar uma inconveniência, um mal, um transtorno; recurso, solução": "- Elle é contra-mestre! Atalhou, secco e severo, Seu Joãozinho. De nada adianta a sua explicação. E' na palavra dele que eu tenho de acreditar. Senão, adeus ordem e disciplina... A Senhora mesmo foi a culpada de tudo. Fez um bruto escandalo na hora do serviço. Agora, não tem mais **remedio**. Seu nome foi riscado da lista. Acabou-se." (FONTES, 1933, p. 47-48).

REPASTO APRESSADO

Datado do período de 1817-1819, repasto no contexto tem a acepção de " abundância de qualquer porção de alimento, de comida": "Todas as noites, após o **repasto apressado**, corria a sentar-se junto ao pobre ser arfante e ali ficava conversando até bem tarde. Contava-lhe pequeninos factos, coisas triviais da vida, que a pudessem interessar e distrahir." (FONTES, 1933, p.170-171).

RESPONDONA

Feminino de respondão, este, datado de 1647, com acepção de "que ou aquele que replica às admoestações, que responde mal, com grosseria": "Sá Josepha chegou-se mais para junto della. E o dedo em riste, quasi a tocar-lhe a face, bradou: - Só sabe ser

malcriada, esse diabo! A gente faz coisas pro bem della e salta com quatro pedras na mão! Atrevida! **Respondona**! Repare nos beiços!" (FONTES, 1933, p. 61). Para este termo, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

RETIRANTES

Ao contexto dado, duas são as acepções viáveis: (i) "que ou aquele que, sozinho ou em grupo, abandona o sertão, banido pela seca"; e (ii) "que ou aquele que se retira de um local, de uma região mais pobre em direção a outra, considerada mais promissora.": "O " Engenho Ribeira", no municipio da Capella, estava acolhendo **retirantes**. Pediram pouso, e alli ficaram." (FONTES, 1933, p.16).

REVANCHE

Datado de 1816, com acepção de "reparação geralmente dura, rude, de afronta, ofensa etc. sofrida; desforro, vingança": "Mas, na madrugada de terça-feira veio a **revanche**, em que ninguem acreditára. Os operários que retornavam do trabalho foram agredidos a cacete, de emboscada, nos aterros e viellas por onde tinham o seu caminho." (FONTES, 1933, p. 109).

COMPANHIA DO RICAÇO

Datado de 1560, com acepção de "que ou quem é muito rico ": "De relação a Albertina, no entretanto, fora bem diferente o que se dera. Ella havia deixado a casa de seus paes ara sahir em **companhia do ricaço**. Certo, entre eles nunca teria sido levantada a hypothese de algum dia se casarem. O interesse, portanto, apenas o desejo de se vestir melhor, trabalhar menos, tinham-na arremessado para ele.." (FONTES, 1933, p. 205). Sobre uso: empregado também com uso pejorativo.

ESTRONDEJAR DAS BOMBAS E ROQUEIRAS

Datado de 1537-1583, com acepção de "pequeno canhão, que também. atirava pedras [Usado pelos holandeses no nordeste do Brasil para armar suas embarcações]: "De instante a instante: - o silvo agudo das "taquaras"; o **estrondejar das bombas e roqueiras**; rojões, derramando lagrimas multicores pelo espaço..." (FONTES, 1933, p. 200).

ROSA-CLARO (VESTIDO DE CASSA)

Pelo contexto, talvez, caiba o cor vermelho-clara ou cor-de-rosa: "Antes que a festa se acabasse, dansaram ainda algumas vezes. O sargento, mais alto do que ella, envergava uma farda branca, de luzentes botões de cor de oiro; Caçulinha trazia um vestido de cassa muito leve, **rosa-claro**, saia de grande roda, á Maria Antonietta" (FONTES, 1933, p. 183-184).

ROSTO AFOGUEADO

Afogueado, datado de 1584, figurativamente, "que enrubesceu, corou": "Ella não podia esconder a indignação e a revolta que a agitavam. Tinha o **rosto afogueado**, os lábios trêmulos" (FONTES, 1933, p. 253).

ROSTO EMBRULHADO

Embrulhado, datado do séculoXIII, parece-nos sugerir a ideia de "rosco fechado", isto é, "fisionomia séria, grave, que não transmite emoção" ou ainda "indisposto": "O **rosto embrulhado** em seu pequeno chale de algodão, Clarinha tentava acompanhal-os, num esforço superior ás suas forças. Corria quasi. E foi assim que, ao saltar uma poça, tropeçou, cahindo em cheio na lama. "(FONTES, 1933, p.35).

ROSTO ENCARQUILHADO

Datado de 1713, com acepção de "que se encarquilhou; engelhado, com rugas ou pregas, rugoso": "A mais baixa do grupo, uma mulata quase anã, de **rosto encarquilhado**, segredava para as outras: - E' uma falta de vergonha! Finge que vai pra casa e larga-se com o macho, de automóvel. Não dou mais nada por ella. Não vale um dez-réis furado..." (FONTES, 1933, p. 1878). Outra passagem expressiva: "Elle tinha agora a cabeça toda branca, o **rosto encarquilhado**. Do bigode, esparramado sobre a bocca, não se sabia bem a côr, tão queimado vivia do fumo do cachimbo. Seus olhos piscavam de continuo e davam a impressão de haver diminuido de tamanho. Um joelho, sempre atacado de rheumatismo. Fazia-o coxear ligeiramente." (FONTES, 1933, p.38).

MULHER DE ROSTO ESCAVEIRADO

Com a noção de rosto muito magro": "Mais adiante prendeu a attenção das duas amigas uma **mulher de rosto escaveirado** cabelo

em desalinho, e sem casaco, que de uma janela gritava furiosamente para a rua: - Sahe de dentro d'agua, coisinha ruim, pezeta! Depois está ahi batendo o queixo de sezões" (FONTES, 1933, p. 153).

TOM SARCASTICO

Datado de 1881, com a noção de "que denota, emprega ou envolve sarcasmo": "- Já sei, já sei, interrompeu Sá Josepha, em **tom sarcastico**. Anda ás voltas com o tal do cabo de policia... Um mulato ahi a tôa, que só quer tomar o tempo dela...Mulher é um bicho tolo! Deixa se embeiçar por um qualquer." (FONTES, 1933, p. 58).

SECÇÃO DOS TEARES DA "SERGIPANA"

Datado do século sXV, com acepção têxtil de "artefato ou máquina destinada ao fabrico de tecidos, malhas, tapetes etc.": "Dentro daquella ondulante massa humana movia-se uma rapariguita muito branca, de treze annos apenas. Era um frangalhozinho de gente, delgada como um vime; a carne, de tão sem sangue, transparente; os labios arroxeados de frio. Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante, na **secção dos teares da "Sergipana",** vencendo o ordenado de quatrocentos réis por dia." (FONTES, 1933, p.34-35).

LIVRAR A SEM MIOLO DA DESGRAÇA

Talvez, pelo contexto, desmiolada, "que contraria a razão, o bom senso, em seus atos e palavras" ou "que não age com bom senso, prudência ou responsabilidade", ou seja, "miolo mole", isto de "falta de juízo": " Ficaram uns momentos em silencio. Em seguida,, Sá Josepha ponderou: - Quem sabe, Geraldo, se você mesmo falando, dando uns conselhos com bons modos, ela não volta ao seu juízo? Experimente. E' bom. Tambem é o único recurso que está na mão da gente pra **livrar a sem miolo da desgraça**...Se eu pudesse, o que fazia era tirar ella da Fabrica. Ahi sim! Queria ver! O dia todo presa, me ajudando no serviço. E nunca mais que ele vise a cara de Albertina...Mas, assi, andando sosinha, como vive, o miserável tem a faca e o queijo na mão. Cada dia vai engabelando mais a tola...E moça, quando encegueira por homem, é o diabo em figura de gente...." (FONTES, 1933, p. 190-191).

SEM-VERGONHA

Datado de sem-vergonha de 1569, com acepção de "que ou aquele que não tem vergonha, brio": "Sá Josepha ainda a perseguiu até a porta da cozinha, onde ficou a blaterar, o peito arfante de cansaço: - E' assim, sua **sem-vergonha**! Você leva a gente pra desgraça, mas eu te quebro de pancada!". (FONTES, 1933, p. 78).

SERENADA

Do verbo serenar, datado de 1589, com acepção de "tornar(-se) 1sereno; acalmar(-se), aquietar(-se), tranquilizar(-se)": "E quando, ás sete e meia, Rosenda veio tomar o seu almoço, já era a própria Albertina, **serenada** quem, justificava a volta á "Sergipana"! (FONTES, 1933, p. 42).

SILABADA

Com a noção de "pronunciar as palavras separando as sílabas": "Largou a tarefa. Encarou-a ansiosamente. E a pergunta lhe sahiu, rapida, **sibilada**:- E então?! Teve noticias *della*?" (FONTES, 1933, p. 131).

SINHÁZINHA

Datado de 1853, mesmo que sinhá-moça ("tratamento dado pelos escravos à filha do senhor ou a uma donzela"): "- Está ali seu noivo, **Sinházinha**! Apontava todo o grupo, alvoroçado" (FONTES, 1933, p. 201).

SOBRECENHO CARREGADO

Datado de 1589, com acepção de "fisionomia carrancuda, fechada; carranca" ou " caracterizado por arrogância ou por altivez; sobranceiro":Mergulhado numa vasta poltrona, onde o seu pequeno corpo se perdia, o Presidente balançava sem cessar uma das pernas, o **sobrecenho carregado**, apertando de vez em vez os labios entre os dentes. Numa das mãos agitava, nervoso, um maço de papeluchos de côr verde." (FONTES, 1933, p. 111).

SOM CAVO

Datado de 1789, adjetivo com a acepção figurativa de "rouco, cavernoso (diz-se de som, voz)": "Sá Josepha havia estacado em meio á sala, uns grandes olhos abertos para a filha. Esteve a olhal-a assim

alguns segundos. Depois, seus lábios puzeram-se a tremer. E num **som cavo**, que lhe sahia do peito, aos solavancos, perguntou: - O que foi, Caçulinha?! O que foi que aconteceu?!" (FONTES, 1933, p. 261).

SONHO DOIRADO DA FAMILIA

A locução "sonho dourado" com acepção de " aspiração ou ambição dominante de uma pessoa" ou "esperança de felicidade": " Pensára assim muitas vezes;mas, ao fim de levantar tantos castelos, olhava em torno de si e vem compreendia a impossibilidade da realização d'aquelle anhelo, que fôra sempre o **sonho doirado da familia**." (FONTES, 1933, p. 144).

SORRISO BREJEIRO

O termo brejeiro, datado de 1478, relativo a "homem da roça em geral; matuto": "Refestelado em sua poltrona, o Dr. Prado Antunes escutava a anedocta galante que um sujeito ao lado lhe contava. Tinha os olhos entrecerrados, um **sorriso brejeiro** errava-lhe á flor da boca." (FONTES, 1933, p. 261-262).

TACITURNO

Três acepções são viáveis ao contexto dado: (i)"que é de poucas palavras; calado"; (ii) "tomado pela tristeza ou insatisfação; melancólico, triste, sombrio"; e (iii) "caracteristicamente mal-humorado; carrancudo": "Pedro não trocou um monossylabo com os seus a respeito da fuga da irmã. Apenas fechou-se mais comsigo mesmo, fez-se mais **taciturno** do que nunca." ..." (FONTES, 1933, p. 87).

TANGIDAS A GALOPE PELAS VENTANIAS DO SUL

A locução "a galope", figurativamente, com acepção de "com pressa, ligeireza; rapidamente": "Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, **tangidas a galope pelas ventanias do Sul**. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'água suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no verde escuro lustroso das folhas viridentes. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro

gralhava em vozearia. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151).

A PASSO TARDO

Datado de 1627, com acepção de "que tudo faz sem pressa" e "que se desloca lentamente; vagaroso": "O velho ainda esteve uns momentos parado, olhando a filha, que se afastava a correr, e tomou, **a passo tardo**, o rumo da Estrada Nova." (FONTES, 1933, p.38).

TEMPERAMENTO FOLGAZÃO

Com acepção de "que ou aquele que tem bom gênio, que gosta de divertir-se; brincalhão Também "dar asa", locução com acepção de "dar confiança ou intimidade a": "Albertina, dando azas ao seu **temperamento folgazão**, procurava arejar, com suas pilherias e risadas, o ambiente soturno em que os seus viviam agora mergulhados. Muita vez chegára a conseguir que a própria Bella esboçasse um sorriso satisfeito." (FONTES, 1933, p.170-171).

TEPIDEZ RECONFORTANTE DA CAMA

Houaiss (2020) data este substantivo do período de (1817-1819, com a noção figurativa de "pouca força ou intensidade; frouxidão, tibieza": "Esta havia acordado desde que a velha puzera os pés no quarto. Mas conservava-se calada e muita queda, para por mais uns minutos gozar a **tepidez reconfortante da cama**." (FONTES, 1933, p.27).

TERRA ESBRASEADA

Datado em Houaiss (2020) de 1567, com acepção de "que apresenta tonalidade avermelhada": Um, dois dias de ansiosa espera. Afinal, certa hora que o sol estava a pino, escureceu de subito. Relampagos cortaram o espaço. E dentro de minutos as aguas desabavam, fartas, lavando a **terra esbraseada**." (FONTES, 1933, p.7). Há uma ocorrência.

SOL ESTAR A PINO

Sem datação em Houaiss (2020), a locução quer dizer " ponto mais elevado do Sol na abóbada celeste, quando seus raios caem verticalmente": "Um, dois dias de ansiosa espera. Afinal, certa hora que o **sol estava a pino,** escureceu de subito. Relampagos cortaram o

espaço. E dentro de minutos as aguas desabavam, fartas, lavando a terra esbraseada." (FONTES, 1933, p.7).

TETÉA

Datado de teteia de 1829, com acepção, por metáfora, de "moça atraente, graciosa; chuchu": "Como é, **tetéa**? Gostou ou não gostou do *comandante*? ..." (FONTES, 1933, p. 66).

TRABALHO AFADIGOSO

Adjetivo datado do século (sXVIII, refere-se ao "que provoca fadiga; fatigante, cansativo": "Dotada de um gênio irritadiço, zangava-se a proposito de tudo. Andava sempre a reclamar. Queixava-se da má qualidade da farinha; do seu **trabalho afadigoso**; do pouco dinheiro que "as Fabricas davam de esmola a seus escravos", como costumava accentuar. Dizia continuamente "que aquillo não era vida", e que "um dia havia de melhorar, assim ou assado!" "(FONTES, 1933, p. 64-65).

TRABALHO LIMPO

Limpo com acepção figurativa de "feito com cuidado, asseio e correção" (sXIII): "- Não! A senhora é bôa operaria, faz um **trabalho limpo**, não ha duvida. Mas não sabe tratar os seus superiores com respeito." (FONTES, 1933, p. 47).

TRASTES

Datado de 1644, traste com a acepção de "indivíduo sem caráter; velhaco, tratante" ou " pessoa imprestável": "- Que beleza! costumava repetir para Albertina. A gente se vinga desses **trastes** é assim. Um pouco de corda no começo; e quando o lorpa já está todo babado - catrapuz! - porta na cara!" (FONTES, 1933, p. 89).

TRASTEZINHOS PICA-PAU

Diminutivo depreciativo "espingarda e carregar pela boca, de pequeno alcance": "-Desses **trastezinhos pica-pau** eu disparo até dez de uma vez...No tempo de moço, como vocês, eu lidava era com boca-de-sino, meia chave de carrego..." (FONTES, 1933, p.12-13).

TRONCHO

Datado em Houaiss (2020)de troncho de 1593, com a noção de "indivíduo fisicamente esquisito, malfeito, rústico, desajeitado": "- Escute aqui, Maria: você está esperando Odilon? Homem! E' muita coragem uma pessoa ficar assim na chuva, pro mode um **troncho** daqueles..." (FONTES, 1933, p.32).Para esta acepção, postulamos a datação do termo para o ano de 1933.

TROPILHA

Datado de 1852, com acepção de " pequena tropa" ou na acepção do nordeste brasileiro de "grupo de pessoas alegres, farristas": "Meninos cortavam a rua em todas as direcções, correndo a "manja". Outros, brincavam a "bocca de forno", agroupados em torno de uma creoulinha, já se pondo mulher, que os commandava: Ella dizia:- Bocca de forno? - Forno! respondia a garotada. - Manda que vá! - Vá! -Vai tudo aonde eu mandar? - Dar! - Então... vai tudo até a venda alli da esquina. E a **tropilha** abalava, em gritalhada." (FONTES, 1933, p. 56).

TURBA ALVOROÇADA E BARULHENTA

Datado do Século XV, "grande número de pessoas, esp. quando reunidas; multidão, turbamulta, turbilhão", "multidão em movimento ou desordem, potencialmente violenta; turbamulta, turbilhão" e "o conjunto dos grupos menos favorecidos de uma comunidade; o vulgo, o populacho": "A filha de Sá Josepha gargalhava e dizia para a amiga, esforçando-se por descobrir alguém em meio à **turba alvoroçada e barulhenta** que passava: - Coitadinha! Ella, que era tão ligeira noutros tempos, agora caminhar que nem pata!..." (FONTES, 1933, p.175).

UM CHROMO

Com acepção, por metáfora, de "pessoa que lembre a delicadeza das imagens representadas em tal espécie de estampa": "E'... A coisa se passou hontem de noite... Por isso é que inda esta meio encoberta. Eu soube logo porque tenho quem me conte... Ella morava alli na Chica Chaves. Não fica longe da Fabrica. A mãe é viuva... Dessas viuvas!... (Dizia isso, fechando o olho direito e torcendo a bocca de um geito que lhe encolhia todo um lado do rosto) Tão damnada, que o povo chama ella "Azougue Femea"... Mas não tinha só uma filha. Acho que teve tres: Uma, se perdeu e é

mulher-dama já faz tempos; a outra, está casada, bem casada até, com um machinista da Estrada. A caçula trabalhava na "Textil". E' a tal que attende pela graça de Rosita. Queria que a Senhora visse que bellesa! Um **chromo**, a damnada da bichinha! Com certesa foi por isso que o velho deu em cima..." ..." (FONTES, 1933, p.75). Sem data indicativa em Houaiss (2020) para esta acepção de "cromo", postulamos o ano de 1933 para sua datação.

"VELHA COROCA"

Coroca, adjetivo datado de 1875, com acepção pejorativa de "enfraquecido, enfermiço ou acabado pelas enfermidades da velhice; decrépito, caduco" ou ainda " pessoa velha e feia; curungo, coroia, curuca: "Albertina recebia em gargalhada os seus conselhos. Chamava-a **"velha coroca".** Dizia-lhe que "o diabo não póde pregar sermão". E terminava sempre, em ar de mofa: - Você não vê logo!...Seja tola!..." (FONTES, 1933, p. 187).

VERDE ESCURO LUSTROSO DAS FOLHAS VIRIDENTES

O termo verde-escuro, datado de 1899, com acepção de "tom escuro de verde": "Cessára de chover, completamente. As ultimas nuvens pardacentas sumiam-se no horizonte, tangidas a galope pelas ventanias do Sul. O firmamento reaparecia agora límpido, lavado, n'num azul claro de agua crystallina e profunda. Um sol forte e radioso, surgido de repente, acendia luminosidades imprevistas nas gotas d'água suspensas das biqueiras, no dorso limoso das arvores, no **verde escuro lustroso das folhas viridentes**. Bem-te-vis e sanhaços, canários e anuns, ora cortavam o espaço, ora cantavam por telhados e arvoredos. A criançada desperta do bairro gralhava em vozearia. Na Capella de S. Antonio, terminadas as rezas, os sinos repicavam alegremente." (FONTES, 1933, p. 151).

VERMELHO ESBRANQUICENTO DA TERRA

Datado em Houaiss de 1960, com acepção de "a caminho de embranquecer; quase branco": "Tarde de inverno, sem sol e sem belleza. O verde forte dos arbutos punha manchas destacadas no **vermelho esbranquicento da terra**. O céu, recamando de nuvens brancas, agrupadas em frócos, lembrava um immenso algodoal que tivesse desabrochado por inteiro." (FONTES, 1933, p.11).

VERMELHO

Datado do século XIII, com acepção figurativa de "corado, afogueado, rubro": "-Alto lá, Snr. Dr... atalhou o presidente já **vermelho**. Eu nunca mandei ninguém espancar os companheiros. Elles se excederam por sua conta exclusiva. Cometteram verdadeiros crimes! E para quem ofende a lei, castigo! Esse é o papel da Policia!" (FONTES, 1933, p. 112).

VIDA DE NABABO

Datado do século XIX, com sentido, por extensão, de "indivíduo muito rico que ostenta grande luxo": "Fazia bons contractos, que lhe rendiam grandes somas. Gastava tudo, porém, com a **vida de nababo** que levava.[...]" (FONTES, 1933, p. 264).

NOS ATERROS E VIELLAS

Datado de 1623, com acepção de "via ou rua estreita; travessa, beco": "Mas, na madrugada de terça-feira veio a *revanche*, em que ninguem acreditára. Os operários que retornavam do trabalho foram agredidos a cacete, de emboscada, **nos aterros e viellas** por onde tinham o seu caminho." (FONTES, 1933, p. 109).

VIRGEM MARIA!

Refere-se a Virgem Santíssima, a mãe de Jesus: "**Virgem Maria**! E' de hoje que o relogio deu quatro horas! ...Deixe-me fazer o café, pra acordar o pessoal." (FONTES, 1933, p.24). O mais frequente, no Nordeste, é a expressão "vige", interjeição, de emprego informal, com acepção que "exprime espanto, surpresa, ironia, aborrecimento, repulsão ou menosprezo".

VIVOOÔ

Corruptela de "viva", isto é, "expressão de felicitação, alegria, aprovação, desejo de que tenha longa vida e sucesso aquele ou aquilo a que se dirige" ou interjeição que "expressa intensa alegria, exultação, júbilo": "-Viva Seu Geraldo! **Vovooô**!" (FONTES, 1933, p.10).

VOMITÓRIO POR SEMANA

Datado de 1657, com acepção de "que ou o que provoca vômito; emético": " –Assim, assim, minha nêga. A febre não larga mais o

corpo dela...E é falta de ar, dor de lado...Um horror! agora, deu pra dizer que está doente mode o algodão que engoliu em vinte anos, trabalhando sem descanso no tear. Pelo gosto dela, tomava um **vomitório por semana**." (FONTES, 1933, p. 178).

DAR DESCANSO A VOSMECÊS

Contração de vossemecê, isto é, do pronome de tratamento "Vossa Mercê", forma de tratamento dada a pessoas que não tinham senhoria e às quais não se tratava por tu: "Que nada, mãe! Estudar não mata, nem aleija... Depois, eu preciso mesmo andar ligeiro, pra tirar logo essa cadeira e **dar descanso a vosmecês**." (FONTES, 1933, p. 91). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste pronome de tratamento.

VOZ ESGANIÇADA

Adjetivo esganiçada com a acepção de "muito agudo, estridente (diz-se de certo tipo de voz)": " Ás vezes, uma **voz esganiçada** chamava alguem dentro de casa: - Chega, creatura! A noiva já vem perto..." ..." (FONTES, 1933, p. 97). Postulamos o ano de 1933 para a datação deste adjetivo (sem data indicativa em Houaiss)

VOZ MELÍFLUA

o adjetivo melífluo é datado de 1589. No contexto, ao certo, tem a acepção figurativa e pejorativa de "voz que revela doçura hipócrita, afetada; melieiro, meloso": "- Dão licença?... Não tem ninguém ahi?... perguntaram da rua, em **voz melíflua**." (FONTES, 1933, p. 72). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta acepção em tela.

VOZ REPASSADA DE TRISTEZA

Voz impregnado de tristeza: "Afinal, passados momentos, respondeu, a **voz repassada de tristeza**: - Se você quer, eu falo, Zepha. Mas não adianta nada. Póde crer...isso é da sina da gente. Só mesmo Deus póde mudar..." (FONTES, 1933, p. 191).

ZARRA

Adjetivo datado de 1911 com acepção de " de trato difícil; áspero, rude, ríspido": "E' mais a velha é **zarra**. Quando tem raiva, vôa pra cima da gente, que não é graça." (FONTES, 1933, p. 70). Para esta acepção, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

ZUM-ZUM DE RISOTAS

Datado em Houaiss (2020) de 1587, metaforicamente com acepção "notícia divulgada à boca pequena, ger. infundada; boato, zum-zum-zum": "Houve um **zum-zum de risotas**, que ainda mais veio augmentar o vexame da pequena. Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um accesso de tosse que ás vezes a suffocava." (FONTES, 1933, p.36).

REICULTUREMAS

AGUA DO POTE

Refere-se à água armazenada em recipientes (potes)de barro, muito usado no sertão nordestino, onde não existe energia-elétrica, pois a água depois de dormida fica bem fria: : " – Não quer continuar a aprendizagem? Esse tango é facilimo...Agua do pote." (FONTES, 1933, p. 183). A expressão, de cunho popular, "agua do pote", aparece em Alma sertaneja (1923), de Gustavo Barroso, no seguinte contexto: "Fazendo-se entender por signaes, levou-os á sua choupana, onde beberam toda a **agua do póte** e mais a de três dúzias de cocos. " (BARROSO, 1923, p.81). Postulamos a inclusão desta expressão em Houaiss com sua datação para o ano de 1923.

GRANDE ALMÓFADA DE PONTAS DE CAPIM

O termo almofada, datado do século XIV, refere-se à "espécie de saco estofado (quadrado, retangular ou redondo) para encosto, assento, ornato etc.; coxim", enquanto o termo capim, data de 1618, diz respeito à "designação comum a várias espécies de diferentes gêneros das famílias das gramíneas e das ciperáceas, a maioria usada como forrageira": "Fóra do que era habitual, a sala da frente da residencia dos Corumbas estava ainda illuminada áquella hora. A um canto, Sá Josepha trançava renda, na sua **grande almófada de pontas de capim**."` (FONTES, 1933, p. 56).

APITO ROUCO DA SEREIA

Datado do século XIV, mesmo que sirene: "O **apito rouco da sereia** corto-lhe a frase pelo meio. Ellla voltou-se para o lado das

caldeiras, e ameaçando com o punho cerrado a chaminé, praguejou: - Esta peste nem deixa a gente acabar um conversa!...” (FONTES, 1933, p. 179-180).

“BOI”

Refere-se a “ personagem central do bumba meu boi (e autos afins), representado por um simulacro de boi montado numa armação sob a qual dança um homem”: “Não havia numa rua, nos subúrbios, onde não se dansasse com calor, ao som dos violões e das sanfonas. A’s vezes, num rancho mais humilde, um samba foliento, cadenciado ao ronco dos zabumbas e do “**boi**”, attrahia verdadeiras multidões. Nos palacetes da cidade, entre brincos e fogos de salçao, gritos, vivas, gargalhadas...” (FONTES, 1933, p. 200).

DESCARGA ESTRONDOSA DOS BACAMARTES

Datado em Houaiss (2020) de 1522, com acepção de “arma antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula (para facilitar o carregamento da munição)”: “Seriam duas horas quando o grande acompanhamento poz-se em marcha, á **descarga estrondosa dos bacamartes** e roqueiras, cheios os ares do pipocar incessante dos foquetes.” (FONTES, 1933, p.11).

ENORMES BALAIOS DE AIPIM E DE BEJÚS

Datado do período de 1524-1585, com acepção de “cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., usado para transporte ou para guardar objetos; patrona”: “Para lá ocorriam syrios, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com **enormes balaios de aipim e de bejús...**” (FONTES, 1933, p. 210).

BANCAS DE JOGO

Mesas de jogos de azar, em que o banqueiro distribui as cartas do baralho em vários montes, ganhando aquele que tiver a menor carta: “As pessôas que residiam nos bairros mais afastados nem retornavam á casa, para a ceia. Da procissão mesmo guiam em direção á grande praça, onde as **bancas de jogo**, o carroussel, os botequins, atthiam toda uma enorme multidão.” (FONTES, 1933, p. 225).

BATEDORES DE CAIXA ADMIRAVEIS

"Preocupava-o, sobretudo, a organização da caceteira. Tinha, já certos, dois **batedores de caixa admiraveis**, um zabumba esplendido, tres gaitas finissimas. Ainda assim, não considerava a banda completa. Desejava reunir umas dez figuras, pelo menos." (FONTES, 1933, p.8).

BENGALA DE CASTÃO DE OIRO

Datado do século XIII, com acepção de "ornato na parte superior de bengalas, bastões etc.": "Porém o medico não tardava em descobrir-lhe a nova rota. E um dia, quando menos o esperava, surgia-lhe de novo Fontoura pela frente, fingindo-se distrahido, a rodar entre os dedos a sua **bengala de castão de oiro**. Approximava-se, então, simulando a maior das surpresas, e dizia: - Mas vejam! Por qualquer logar que eu ando encontro essa menina. Até parece de proposito!..." (FONTES, 1933, p. 164-165).

BÉSTA DE MENINO

Com ortoépia /é/, o termo militar, datado em Houaiss (2020) do século XIII, tem acepção de "antiga arma portátil que consiste em um arco de madeira, chifre ou aço, montado em uma coronha, cujas extremidades são ligadas por uma corda que se retesa por meio de mola e que, ao ser solta, arremessa setas curtas, pelouros etc.": "- Que o quê, seu Philippe... Assim cheio de branca, Vosmecê não atira com uma **bésta de menino**..." (FONTES, 1933, p.13).

BILROS

Datado de 1562, com acepção aplicável ao contexto de "peça de madeira, metal etc., similar a um fuso, usada para fazer rendas em almofada própria [No Nordeste do Brasil, é feito com um coquinho de macaúba preso a um pequeno cabo cilíndrico e fino de madeira, no qual se enrola o fio.]": "Tinha a physionomia carrancuda. De quando em quando engrolava umas palavras de raiva, fazendo os **bilros** se entrechocarem com força, num estalar rythmado e estridente." (FONTES, 1933, p. 56. Outra passagem expressiva: "Era numa terça-feira, pela tarde. Sentada no chão, em frente á sua almofada, Sá Josepha trocava os **bilros** molemente, quando Caçulinha veio postar-se junto dela, e com um accento triste na voz poz-se a dizer: - Sabe,

mãe? Desde hontem que está tudo resolvido. A minha queixa deu em nada..." (FONTES, 1933, p. 272).

BOCA-DE-SINO

Pelo contexto, talvez uma variante de "boca de fogo" com acepção de " qualquer peça de artilharia (canhão, obus, caronada, morteiro etc.)": "-Desses trastezinhos pica-pau eu disparo até dez de uma vez...No tempo de moço, como vocês, eu lidava era com **boca-de-sino**, meia chave de carrego..." (FONTES, 1933, p.13).

BODEGA DE SEU CHICO

Na obra, dona da bodega: **"**Era na Estrada Nova, esquina da rua do Fogo, na **bodega de Seu Chico**. Duas operarias da "Textil", uma lavadeira d arrabalde e Sá Maria pirambú conversavam com a esposa do vendeiro" (FONTES, 1933, p. 187).

BOZÓS

Datado de bozó em Houaiss(2020)de 1949 com a acepção de "jogo de dados em que o lance só é descoberto depois de feitas as apostas": "Da porta da Igreja correram para a feira. Jantaram num d'aquelles restaurantes improvisados e logo sahiram a divertir-se, arriscando nickeis na bizarria e no barrufo, comprando bilhetes nas tombolas e nos **bozós**." (FONTES, 1933, p. 225).

ABARROTADOS DE BUGIGANGAS

Datado de 1623, com a noção de "objeto de pouco ou nenhum valor ou utilidade; quinquilharia" ou "ninharia, insignificância": "Nos kioskes, **abarrotados de bugigangas** e brinquedos, estavam as grandes rodas numeradas, para o sorteio dos bilhetes. Em dado instante, alguem gritava:- 42! Quem ganhou foi eu! E' meu o despertador!" (FONTES, 1933, p. 79-80). Outra passagem expressiva: "Para lá ocorriam syrios, com as suas **caixas de bujigangas**; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com enormes balaios de aipim e de bejús..." (FONTES, 1933, p. 210).

BUZO

Mesmo que búzio (Cassis tuberosa) com acepção de "buzina que se faz dessa concha, furando-se-lhe o vértice": "- Quatro e meia!

Como o tempo esta voando! Deixe-me chamar estas meninas, que o **buzo** apita já." (FONTES, 1933, p.26).

CABO DE PRATA DO REBENQUE

O termo rebenque, datado de 1852, com acepção de "pequeno chicote de couro, geralmente em forma de bengala, usado para tocar a montaria": "Subito, cortou a phase. E, fingindo uma seriedade coica, falou para Albertin, ameaçando-a com o **cabo de prata do rebenque**: - E' assim que se faz, senhora dona? Muito obrigado! Vive a fugir de mim, como se eu fosse um lobishomem.." (FONTES, 1933, p. 155).

AGREDIDOS A CACETE

Datado de 1831, com acepção de "pedaço de madeira resistente, mais ou menos cilíndrico, de comprimento não muito grande, ger. mais grosso numa das pontas, e usado especialmente para desferir pancadas, ou para servir de apoio etc.": "Mas, na madrugada de terça-feira veio a *revanche*, em que ninguem acreditára. Os operários que retornavam do trabalho foram **agredidos a cacete,** de emboscada, nos aterros e viellas por onde tinham o seu caminho." (FONTES, 1933, p. 109).

ORGANIZAÇÃO DA CACETEIRA

Ao certo, algum tipo, bailado popular de enredo ou tema religioso ou profano: "Preocupava-o, sobretudo, a **organização da caceteira**. Tinha, já certos, dois batedores de caixa admiraveis, um zabumba esplendido, tres gaitas finissimas. Ainda assim, não considerava a banda completa. Desejava reunir umas dez figuras, pelo menos." (FONTES, 1933, p.8). Não há registro deste termo em Houaiss (2020).

CACHIMBO

Datado de 1647, com acepção de " utensílio para fumar feito de madeira, barro ou outros materiais, que consiste num tubo delgado que tem, numa das extremidades, um recipiente (fornilho) onde se coloca e se faz arder tabaco ou outro produto, e, na outra extremidade, uma abertura ou bocal por onde se aspira a fumaça": "Era domingo, de tardinha. Sá Josepha estava só em casa, fumando o seu **cachimbo**, sentada á porta do quintal.

Geraldo já sahira para a Fabrica e as filhas andavam a passear na vizinhança." (FONTES, 1933, p. 72).

CAIXA DE PHOSPHOROS

Na verdade, uma caixa de "palito encabeçado por uma mistura combustível que arde em chama quando aquecida, geralmente pelo atrito ou fricção com uma superfície áspera": "Apanhou do chão a **caixa de phosphoros** e accendeu o pavio de algodão do alcoviteiro. Uma luz mortiça espalhou-se pelo quarto, mobiliado apenas pela cama de pinho sem verniz, uma cadeira de sucupira mal lavrada, e, a um canto, o bahú de folha de Flandres, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas" (FONTES, 1933, p.24).

CAIXAS DE BUGIGANGAS

Caixa de "objeto de pouco ou nenhum valor ou utilidade", quinquilharia: "Para lá ocorriam syrios, com as suas **caixas de bugigangas**; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com enormes balaios de aipim e de bejús..." (FONTES, 1933, p. 210).

QUATRO CAIXÕES DE KEROZENE

Com acepção de "destilado do petróleo que contém hidrocarbonetos na faixa de dez a 16 átomos de carbono, usado freq. como solvente, combustível na aviação, em fogareiros, lampiões etc.": "Nalgumas taboas, estendidas sobre **quatro caixões de kerozene**, dormia Albertina, a segunda filha do casal, morena clara, olhos negros e vivos, um grande corpo bem feito e transbordante de saúde." (FONTES, 1933, p.26).

CAMA DE PINHO SEM VERNIZ

Cama feita com madeira do pinheiro sem verniz (revestimento de formando uma película dura, aderente e brilhante): "Apanhou do chão a caixa de phosphoros e accendeu o pavio de algodão do alcoviteiro. Uma luz mortiça espalhou-se pelo quarto, mobiliado apenas pela **cama de pinho sem verniz**, uma cadeira de sucupira mal lavrada, e, a um canto, o bahú de folha de Flandres, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas" (FONTES, 1933, p.24).

CAMELOTS

Nesse jogo, a crianca tem de estabelecer um caminho com peças, de forma a permitir um encontro entre um príncipe e uma princesa: "Junto ás mesas de jogo os **camelots** attrahiam a multidão, fazendo chocalhar os dados na combuca, e cantando: "Chega pro caipira:/Quem mais aposta mais tira!..." (FONTES, 1933, p. 80).

CANDEIAS

Datado de 1552, com acepção de "porção de velas": "Seguiam, de vagar, pelas largas estradas, entre **velames e candeias**. Ás vezes, para encurtar distancias, mettiam-se pelas veredas entrecruzadas dos mandiocaes cheios de brotos." (FONTES, 1933, p.11).

CANDIEIRO

Datado de 1364, com acepção de " utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar": **"**Logo que se achou vestida, apanhou do chão o **candieiro** e foi até a sala da frente para acordar o filho, que dormia numa esteira de tabúa, sobre o chão. Mas não teve necessidade se chamal-o. Vendo-a entrar, Pedro ergueu-se e lhe falou" (FONTES, 1933, p.25).

CATRE

Datado de 1510, com acepção de " leito rústico e pobre; grabato": "Esta dormia, agora, juntamente com Albertina, na larga cama, feita de taboas sobre caixões de kerozene, que haviam improvisado no dia da chegada, sem que nunca mais tivessem tido opportunidade de trocal-a por um **catre** melhor." (FONTES, 1933, p. 125-126).

CAVALLOS DE PAU

Refere-se a **"**simulacro de cavalo, feito a partir de uma vara a que se acresenta ou não a cabeça do animal, sobre o qual a criança desloca-se cavalgando": "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á Praça da Matriz, onde havia barracas de panno, muito brancas; coretos; taboleiros de guloseimas; e, no lugar de todos os anos, o grande Carroussel, com o negro do realejo e os seus **cavallos de pau**." (FONTES, 1933, p. 79).

CHUVINHA MEÚDA

Expressivamente "chuva fraca ou chuvisco": "Desde a vespera uma **chuvinha meúda**, rarefeita, cahia tristemente sobre as ruas alagadas e desertas." (FONTES, 1933, p.23).

CONTRA-DANSAS

Dança campestre de origem inglesa, surgida no século XVII, e de larga difusão na França e na Europa; quadrilha: "A's nove horas, mais ou menos, as dansas se animaram grandemente com a chegada de alguns rapazes da cidade. Dentre estes um havia, sobretudo, que não deixava o enthusiasmo arrefecer por um momento. Era um jovem militar, moreno, forte e insinuante, a quem homens e mulheres, com um ar de velhos conhecidos, chamavam "Sargento Zeca". Estava sempre atividade Quando não conseguia fazer outrem cantar ou recitar, declamava ele próprio; inventava e dirigia os mais jocosos brincos de salão; palestrava em todos os grupos; não perdia uma só das **contra-dansas**" (FONTES, 1933, p. 181).

COPEIRA

Datado do século XV, "mulher que serve à mesa e cuida da copa (no sentido de 'dependência') de uma casa": "E eu tenho que me empregar como **copeira** em qualquer casa, pra ganhar ao menos o sustento..." (FONTES, 1933, p. 54).

CORETOS

Com acepção de "pavilhão erigido em praças ou jardins públicos, para concertos musicais": "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á Praça da Matriz, onde havia barracas de panno, muito brancas; **coretos**; taboleiros de guloseimas; e, no lugar de todos os anos, o grande Carroussel, com o negro do realejo e os seus cavallos de pau." (FONTES, 1933, p. 79).

CRUZ DE MADREPEROLA

Datado do período de 1537-1583, com acepção de "substância calcária, iridescente, que constitui a camada mais interna da concha de um molusco bivalve; nácar [É usado na confecção de pequenos objetos, como botões.]": "Começou por ofertar-lhe uma **linda cruz de**

madreperola suspensa a uma corrente de oiro muito fina." (FONTES, 1933, p.167).

FITA DE CRAWFORD

Joan Crawford foi uma atriz estadunidense cuja extensa carreira durou cerca de cinco décadas. Sua filmografia compreende 86 filmes de longa-metragem, 8 filmes de curta-metragem e 21 aparições na televisão: "Um dia foram assistir no "Rio Branco" a uma **fita de Crawford**, que Sargento Zeca dizia ser a mais bella e a mais consumada das artistas. A historia começou a desenrolar-se na tela, acompanhada por uma musica suave. Era a vida atormentada das girls pobres de Nova-York. Tres amigas, sem proteção e sem família, tinham feito um lar comum. Trabalhava na mesma loja de moda. Era jovens e formosas Homens, ás dezenas, cortejavam-nas. Jantares e passeios, promessas falazes, a tentação do luxo, arrastaram duas delas ao maior dos infortúnios" (FONTES, 1933, p. 222).

ENCOMENDA DE BICOS E BORDADOS

Adornos, bicos com sentido de "renda estreita que faz bicos ou pontas dos lados" e "bordados" com a acepção de "trabalho sobre tecido (ou outro material), feito à mão ou à máquina, em que se criam figuras ou ornatos com fios de diferentes tipos, introduzidos por meio de agulha, às vezes com aplicação de outros materiais, como miçangas, lantejoulas, pérolas, pedras etc":"Como estivesse linda aquella tarde, resolveu faltar ao trabalho, para fazer algumas compras na cidade e ir receber na rua do Arauá uma **encomenda de bicos e bordados**." (FONTES, 1933, p. 233).

ENORMES BALAIOS DE AIPIM E DE BEJÚS

Datado de1576, refere-se a "arbusto de até 4 m (Manihot palmata), da família das euforbiáceas, de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa": "Para lá ocorriam syrios, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; roceiros, com **enormes balaios de aipim e de bejús**..." (FONTES, 1933, p. 210).

ENXERGA

Datado em Houaiss(2020)de 1690, pelo contexto dado, podemos vislumbrar duas acepções viáveis: (i) " colchão grosseiro, rústico, geralmente de palha; (ii) "cama pobre, rústica; catre": "Permaneceu ainda uns momentos estirada sobre a **enxerga**. De repente, lembrando-se das mil occupações que a esperavam, levantou-se ás carreiras, falando comigo mesma" (FONTES, 1933, p.24). Etimologia: vem do latim serĭca,ōrum pl. 'estofo, tecido ou veste de seda'.

FEIJÃO AGUADO

Feijão "que tem muita água e pouca substância nutritiva": Sá Josepha não tardou, com um pedaço de xarque assado e com um pouco de **feijão aguado** no fundo de uma tijella." (FONTES, 1933, p. 39).

FOLGUEDOS

Mesmo que folgança (no sentido de 'brincadeira', 'festa'): "Pouco depois das oito horas, quando os **folguedos** apenas começavam, Albertina sahiu em direção à casa de Do Carmo. Mas antes de lá chegar mudou de rumo e poz-se a descer a Estrada Nova em grande pressa. Caminhava cosendo-se ás paredes, olhar no chão, fugindo de se encontrar com os conhecidos" (FONTES, 1933, p. 202).

FOLGUENTOS

Sem datação em Houaiss (2020), forma parece sugerir variante de " foguento", mesmo que fogoso: "Os convivas receberam essa noticia em algazarra, e logo, sem a menor cerimonia, se lançaram para a sala do fundo, na disputa dos logares. Sobre largas esteiras de piri servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais **folguentos**, excediam-se nas bebidas." (FONTES, 1933, p.10).

BAHÚ DE FOLHA DE FLANDRES

Segundo Houaiss (2020), a locução datada de 1673, refere-se à "fina chapa de ferro laminado, coberta com uma camada de estanho, com diversas aplicações, como a fabricação de latas": "Apanhou do chão a caixa de phosphoros e accendeu o pavio de algodão do alcoviteiro. Uma luz mortiça espalhou-se pelo quarto, mobiliado

apenas pela cama de pinho sem verniz, uma cadeira de sucupira mal lavrada, e, a um canto, o **bahú de folha de Flandres**, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas" (FONTES, 1933, p.24).

FOX

Redução de foxtrote (dança de salão originária dos Estados Unidos no início do século XX, em compasso quaternário, executada por pares, e que combina, de várias formas, passos lentos e passos rápidos): "-Maestro: um tango! – Não! Melhor um **fox**!" (FONTES, 1933, p. 181). Postulamos o ano de 1933 para sua datação.

TRES GAITAS FINISSIMAS

Datado em Houaiss(2020)do século sXV , com, ao menos, duas acepções viáveis ao contexto dado: "instrumento de sopro rudimentar, semelhante à flauta ou ao pífaro, que consiste num canudo com vários orifícios"; e " pequeno instrumento de sopro constituído de várias palhetas de metal, de tamanhos diferentes, que geram uma escala", gaita de beiços, gaita de boca: "Preocupava-o, sobretudo, a organização da caceteira. Tinha, já certos, dois batedores de caixa admiraveis, um zabumba esplendido, **tres gaitas finissimas**. Ainda assim, não considerava a banda completa. Desejava reunir umas dez figuras, pelo menos." (FONTES, 1933, p.8).

GARRAFÃO DE CACHAÇA

Um dos objetos que move os praticantes de rituais populares (a Devoção): "Calaram-se as rezas. Entre os homens, o **garrafão de cachaça** passou de mão em mão. Houve foguetes e vivas. Os bacamartes roncaram. Josepha ia passar a imagem a Izabel, uma sua irmã já casada; e, nessa hora, tambem a caceteira deveria prestar a S. José as venias habituaes." (FONTES, 1933, p.11-12).

GEMMADA

Datado de gemada de1836, com acepção de "doce feito de gemas de ovo batidas com açúcar, adicionado ou não de leite quente; batida": "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu suculento, uma **gemmada**. A tisica,

inapetente, recusava. Então a velha, ao invés de de apoquentar-se, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....Pelo amor de Deus, tome...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170).

VASTO GIBÃO DE COURO

Datado do século sXV, com acepções de "antiga peça do vestuário masculino, us. por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura", "espécie de casaco curto, semelhante ao colete, que se veste sobre a camisa" ou "casaco de couro, geralmente largo, usado por vaqueiros": "- Um preto velho, mettido num **vasto gibão de couro**, prendia agora as atenções. Estava bêbedo a cahir e queria, a toda força, disparar bacamarte. Os outros, em gargalhadas, atiçavam-n'o, jurando que o recúo violento da arma o atiraria de pernas para o ar. Mas o vaqueiro teimava, e dizia-lhes, num tom de alto desprezo" (FONTES, 1933, p.12).

GOLE DA PINDAHYBA

Com acepção de "aguardente de cana; cachaça": "Cêdo ainda, de todos os lados começaram a chegar os convidados.Vinham palreiros, folientos, João Piancó recebia-os do lado de fóra, offerecendo vinho branco ás mulheres e obrigando os homens a beberem o **gole da pindahyba**" (FONTES, 1933, p.9).

GORRO

Datado do período de 1537-1583, com acepção de "cobertura de cabeça, de tecido flexível, malha ou pele, ajustado à cabeça, sem aba, podendo cobrir as orelhas: "Ao que o jovem, sem perder o ar sisudo e sem tirar os olhos da tarefa, se limitava a murmurar - "Bem. Obrigado" - levando a mão, num gesto secco, até o **gorro**." (FONTES, 1933, p. 90).

GRANDE CARROUSSEL

Decerto, refere-se ao Carrossel do Tobias, um símbolo da cultura popular da cidade de Aracaju, antigo brinquedo que animou gerações entre as décadas de 1900 e 1980: "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á Praça da Matriz, onde havia barracas de panno, muito brancas; coretos; taboleiros de guloseimas;

e, no lugar de todos os anos, o **grande Carroussel**, com o negro do realejo e os seus cavallos de pau." (FONTES, 1933, p. 79).

GRANDE VELA E BUJARRONA

Datado de 1858, bujarrona indica "a maior das velas de proa, de forma triangular, que se enverga num dos estais do velacho": "O sol morrente projectava grandes sombras sobre a toalha movimentada das aguas. Ligeira e linda como uma ave, de **grande vela e bujarrona**, uma guiga – azul e branco – passava e repassava em torno do escaler onde ia a Imagem." FONTES, 1933, p. 225).

GRISMELLA

É possível, à luz do contexto, que o narrador tem apresentado ao leitor uma corruptela de "magricela", isto é, "que ou aquele que é excessivamente magro e, em geral, tambémpálido "- Até tú, **grismella**! Essa *coizinha* está magra é de ruim que é... Esse diabo!" (FONTES, 1933, p.30). Em todo caso, estamos diante de um caso de hápax e sem registro em Houaiss.

KEPI NA MÃO

Certo tipo de boné militar, originalmente com pala e copa alta": "E quando ergueu os olhos novamente, ele já se encontrava perto dela, **kepi na mão**, cumprimentando: - Bôa tarde...Não. Inda é bom dia." (FONTES, 1933, p. 197).

KIOSKES

Atualmente grafado quiosque, sob a data de 1818, com a noção de "pequena construção de madeira, em lugares públicos, comumente destinada à venda de jornais, cigarros, bebidas etc.": "Nos **kioskes**, abarrotados de bugigangas e brinquedos, estavam as grandes rodas numeradas, para o sorteio dos bilhetes. Em dado instante, alguem gritava:- 42! Quem ganhou foi eu! E' meu o despertador!" (FONTES, 1933, p. 79-80).

LAÇAROTE NO CABELLO

Datado de 1890, com acepção de "laço (no sentido de 'nó corredio') de grandes pontas e vistoso": "- Eu sempre fui a que sou hoje. Vocês, sim é que mudaram... Quando a gente morava na "

Ribeira" não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui, é que engrossaram o pescoço. Fazem o que bem dá vontade, andam acima e abaixo pelo mundo, como boi solto no pasto, e depois, pae e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu Engenho!... Foi aqui que vocês deram pra reclamar o trabalho, se lastimando a cada passo e a cada hora. Mas eu sei porque é isso: E' porque o tempo é pouco pra tratar de vestidinhos, de sapatos, e mais isso e mais aquillo! Agora, querem viver que nem umas bonecas, de **laçarote no cabello** e a cara lambuzada de pintura! Inda outro dia aquella moça – e apontava Albertina – anda falando em vestido de seda e meia fina! Vocês, lá, pensavam nisso?... Mas o peior de tudo é o diabo da cegueira do casamento. Não tiram essa idéa da cachola nem por nada! E pro mode isso é que a Senhora faz do que faz, andando pra todo canto com aquelle sujeito de uma banda. Não, Sá Rosenda! Você precisa tomar prumo na vida! Um dia, eu acabo com essas sahidas de noite com as amigas! Vocês vão cer o que é que eu faço..." (FONTES, 1933, p. 60).

LADAINHAS

Datado em Houaiss(2020)do século ladainha XIII, com acepção de "prece litúrgica estruturada na forma de curtas invocações aos santos, recitadas pelo celebrante, que se alternam com as respostas da congregação (fiéis e/ou religiosos)": "Com effeito, mostrava-se incansavel, preparando tudo para a festa. Foi ao Lagarto fazer provisão de polvora, de folguetes, de bebidas. Comprou roupas novas para a familia e enfeites varios para a imagem do Santo. Escolheu, a dedo, os mais destemidos bacamartistas das redondezas. Chamou as mulheres que melhor sabiam tirar as **ladainhas**." (FONTES, 1933, p.8).

MEIA CHAVE DE CARREGO

Carrego tem acepção de "carga de peça de artilharia": "-Desses trastezinhos pica-pau eu disparo até dez de uma vez...No tempo de moço, como vocês, eu lidava era com boca-de-sino, **meia chave de carrego**..." (FONTES, 1933, p.13).

MINGÁU SUCULENTO

Datado de 1584, com acepção de " alimento cozido, de consistência cremosa, pastosa, feito ger. de leite e açúcar, engrossado com cereais ou

farinhas variadas (aveia, maisena, fubá de milho, arroz etc.); papa, papinha": "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás vezes preparava, com maternal desvelo, um **mingáu suculento**, uma gemmada. A tisica, inapetente, recusava. Então a velha, ao invés de apoquentar-se, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....Pelo amor de Deus, tome...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170).

BOTADEIRA DE CANNA NA MOENDA

Datado do século XIII, com acepção de "mó de moinho ou conjunto de peças num engenho que serve para moer ou espremer certos produtos" ou "aparato ou máquina de moer ou triturar; moinho": 3 ato de moer grãos, azeitonas, cana-de-açúcar etc.; moagem, moeção, "Em casa delles, todos trabalhavam duramente. Uma das raparigas chegava a fazer 4$000 por semana, como **botadeira de canna na moenda**. A mais velha se ocupava em ralar a mandioca de todos os roceiros do logar, recebendo, como paga, entre dez a quinze litros da farinha preparada.O rapaz, que exercera já uma meia dúzia de empregos, servia agora como auxiliar do machinista do Eugenho. Até as duas menores sempre faziam alguma coisa, ajudando em casa ou na roça." (FONTES, 1933, p.17).

OS FADOS E AS CANTIGAS

Fado, datado do período de 1852-1853, pode ser aplicável ao contexto com acepção de "dança dada como voluptuosa, de uma, duas ou uma roda pessoas, acompanhada de viola e às vezes com canto" ou canção popular de Portugal, frequentemente. de caráter lamentoso, sempre acompanhada pela guitarra portuguesa"(1879). Já cantiga refere-se "qualquer composição popular destinada ao canto; quadra (no sentido de 'estrofe') musicada": "Aos dezoito annos transferiram-no para a Marinha de Guerra e teve de transportar-se para o Rio. Durante todo um lustro viveu entre seu barco, a Saúde e a Favella. Amou **os fados e as cantigas**. Como tinha bôa voz e uns affectados gestos theatraes, tornou-se personagem desejada em dansas e serenatas. Tambem cantava "ao desafio" com certo desembaraço e alguma verve." (FONTES, 1933, p. 63).

PAVIO DE ALGODÃO DO ALCOVITEIRO

Interessante observar que Houaiss(2020)data o ano de 1959 para o registro da acepção figurativa de "mesmo que periquito (no sentido de 'candeeiro')", bem presente no nordeste brasileiro: "Apanhou do chão a caixa de phosphoros e accendeu o **pavio de algodão do alcoviteiro**. Uma luz mortiça espalhou-se pelo quarto, mobiliado apenas pela cama de pinho sem verniz, uma cadeira de sucupira mal lavrada, e, a um canto, o bahú de folha de Flandres, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas" (FONTES, 1933, p.24). A considerar o ano de publicação de Os Corumbas, devemos retroceder a datação da acepção de alcoviteiro (candeeiro) para o ano de 1933.

PENTE DE LADO

Ao certo, pelo contexto, "objeto semelhante, mais curto e de dentes mais longos, para prender ou adornar os cabelos":"As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um **pente de lado**, uma peça de renda, um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210).

TRASTEZINHOS PICA-PAU

Datado em Houaiss(2020)de 1920) com acepção de "espingarda de carregar pela boca, de pequeno alcance; lazarina": "-Desses **trastezinhos pica-pau** eu disparo até dez de uma vez...No tempo de moço, como vocês, eu lidava era com boca-de-sino, meia chave de carrego..." (FONTES, 1933, p.12-13).

POLTRONA DE VIME

Datado do século XIV, com acepção de "vara de vimeiro, geralmente flexível e usados em trabalhos trançados": "Sá Josepha passava os dedos trêmulos pelos cabelos molhados da filha. Chegou-lhe os lábios á testa, num beijo mudo e prolongado.Afastou-a

brandamente, em seguida, e foi sentar-se numa **poltrona de vime** ali em perto" (FONTES, 1933, p. 278).

PORTINHOLA

Datado de 1589, com a acepção de " porta de coche, carruagem etc.; postigo": "Chegou, afinal, em frente ao Cemitério, onde Fontoura já a aguardava, de automóvel. Ella mesma abriu a **portinhola**, num gesto precipitado, e se lançou aos braços do amante" (FONTES, 1933, p. 202).

PRESEPES DO ARRABALDE

O termo presepe, datado do século XIII, mesmo que "presépio": "Emquanto os festejos transcorreram, a casa de Geraldo viveu num alvoroço. As moças e as meninas, sobretudo, não queriam perder uma só instante. Assistiram a Missa do Gallo, acompanharam as procissões, visitaram todos os **presepes do arrabalde**." (FONTES, 1933, p. 80).

RETRETA

Datado de 1816, com acepção de "apresentação de banda de música, geralmente em praça pública: "Passearam pela cidade a tarde inteira. E como a noite tivesse descido fresca e cheia de estrelas, deixaram-se ficar na Praça do Palacio, ouvindo a **retreta**, até bem tarde." (FONTES, 1933, p. 221).

ROCEIROS

Datado de 1529, com as seguintes acepções aplicáveis ao contexto da obra: (i) "aquele que planta roçados; pequeno lavrador"; (ii) "indivíduo que corta mato, que trabalha na roça"; e (iii) " que ou aquele que mora na roça ou que possui hábitos comuns à região rural; interiorano, caipira, matuto": "Para lá ocorriam syrios, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus taboleiros de doces e de fructas; **roceiros**, com enormes balaios de aipim e de bejús..." (FONTES, 1933, p. 210).

ROQUEIRAS

Datado em Houaiss (2020) do período de 1537-1583, de "pequeno canhão, que tb. atirava pedras [Usado. pelos holandeses

no nordeste do Brasil para armar suas embarcações.]": "Seriam duas horas quando o grande acompanhamento poz-se em marcha, á descarga estrondosa dos bacamartes e **roqueiras**, cheios os ares do pipocar incessante dos foquetes." (FONTES, 1933, p.11).

TABOAS SOBRE CAIXÕES DE KEROZENE

Com acepção de "destilado do petróleo que contém hidrocarbonetos na faixa de dez a 16 átomos de carbono, us. freq. como solvente, combustível na aviação, em fogareiros, lampiões etc.; queroseno ": "Esta dormia, agora, juntamente com Albertina, na larga cama, feita de **taboas sobre caixões de kerozene**, que haviam improvisado no dia da chegada, sem que nunca mais tivessem tido opportunidade de trocal-a por um catre melhor." (FONTES, 1933, p. 125).

TABOLEIROS DE DOCES E DE FRUCTAS

Taboleiro, datado de sXIII, com acepção "em feiras ou mercados, mesa rústica feita geralmente de tábuas em que o feirante expõe frutas e legumes": "Para lá ocorriam syrios, com as suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com os seus **taboleiros de doces e de fructas**; roceiros, com enormes balaios de aipim e de bejús..." (FONTES, 1933, p. 210).

TABOLEIROS DE GULOSEIMAS

Atualmente, grafado "tabuleiro", com acepção de "em feiras ou mercados, mesa rústica feita geralmente de tábuas em que o feirante expõe frutas, legumes etc". No contexto, são tabuleiros de guloseimas, isto é, doces ou iguarias quaisquer, muito apetitosas: "Durante toda uma quinzena, logo que a noite vinha, o povo corria á Praça da Matriz, onde havia barracas de panno, muito brancas; coretos; **taboleiros de guloseimas**; e, no lugar de todos os anos, o grande Carroussel, com o negro do realejo e os seus cavallos de pau." (FONTES, 1933, p. 79).

TAMANCO DO PÉ

No âmbito da rubrica vestuário, tamanco, datado de 1721, refere-se a " calçado grosseiro, desprovido de talão ou com talão baixo, e cuja base é de madeira ou de cortiça; soco": "Ante o inopinado do ataque a moça ficou apalermada sem animo até defender-se. Limitou-

se a baixar a cabeça, para esconder o rosto; e sem uma queixa, um gemido, recebia os golpes que Sá Josepha lhe vibrava. Mas aquella attitude teve effeito de augmentar o exaspero da velha, que a levou á conta de malcriação e de capricho. Abaixou-se, então, numa furia, tirou o **tamanco do pé**, e com elle bateu fortemente nos hombros, na cabeça, até no rosto da filha." (FONTES, 1933, p. 78).

TAMBORETE

Datado de 1530, com concepção de "assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, geralmente com quatro pés; mocho, banco" ou "cadeira de couro com pregaria, de assento quadrangular e encosto de pau": "A rapariga tranpoz o batente sem dizer uma palavra para a mãe. Atravessou, estabanada, o estreito corredor. Chegando á sala de jantar, deixou-se cahir num **tamborete**, os cotovelos fincados na mesa , a cabeça apoiada entre dois punhos." (FONTES, 1933, p. 39-40).

TANGO

Com acepção de "dança que teve origem na Espanha, no século XIX, e difundiu-se também em países da América do Sul, especialmente na Argentina"; daí, termos dois tipos de tango: i) tango **argentino,** dança surgida em Buenos Aires, na Argentina, no final do sXIX, com a fusão da *habanera* cubana e da milonga, de figuração rítmica típica e coreografia dramática; e ii) tango brasileiro, dança resultante da fusão do tango, da *habanera* e da polca, desenvolvida no Brasil no final do sXIX.": "- Maestro: um **tango**! – Não! Melhor um fox!" (FONTES, 1933, p. 181). O contexto refere-se ao tango brasileiro.

TOMBOLAS

Datado de 1881, com acepção de "jogo de azar que consiste num tabuleiro com várias cavidades de cores diferentes e que se pratica acionando um dispositivo que impele uma esfera de marfim para uma dessas cavidades; ganha o jogador que previamente escolheu a cor da cavidade onde a esfera se deteve": "Da porta da Igreja correram para a feira. Jantaram num d'aquelles restaurantes improvisados e logo sahiram a divertir-se, arriscando nickeis na bizarria e no barrufo, comprando bilhetes nas **tombolas** e nos bozós." (FONTES, 1933, p. 225).

TROVAS DO SERTÃO

No contexto, com acepção de "quadrinha", isto é, **"**composição poética, bastante popular, constituída por essa estrofe":"A' porta de uma bodega um pescador, meio embriagado, trazendo ainda, enfiados em pindobas, os últimos mercados do peixe fresco, cantava arrastadamente **trovas do sertão**: - Travessei um rio a nado/No fundo de uma tigela,/Arriscando a minha vida/Mode uma moça donzela..." (FONTES, 1933, p. 151).

VERSOS DE GARCIA ROSA

O narrador refere-se ao Antonio Garcia Rosa nasceu no Engenho Riacho Preto em Jarapatuba/SE, a 08 de dezembro de 1877. "Calou-se, os olhos amorosamente postos nella. Achou-a, naquela hora, mais bela do que nunca. Lembrou-se do quanto ella era bôa...Uma ternura infinita invadiu-o. Quis falar-lhe, dizer-lhe os sacrifícios de que seria capaz para arrancal-a daquela vida de trabalho e de pobreza, dando-lhe um futuro que fosse só felicidade. Mas, nesse instante, por uma associação de idéas inteiramente invluntaria, acudiram-lhe na lembrança uns **versos de Garcia Rosa**, aprendidos de côr na juventude. Pareceu-lhe que exprimiam e davam forma aos sentimentos vagos e indistinticto que fervilhavam na sua alma. E poz-se, baixinho, a recital-os: " – ' Tenho pena de ti porque és formosa/E não sabes, tavez, que a formosura/Torna, ás vezes, a moça desditosa.'" (FONTES, 1933, p. 213). Garcia Rosa, graduado em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1897, foi professor e Poeta. Faleceu em Aracaju, a 28 de agosto de 1960. Foi membro fundador da Academia Sergipana de Letras.

VERSOS DE VICENTE DE CARVALHO E DE BILAC

Dois grandes poetas brasileiros. Vicente de Carvalho foi também advogado, jornalista, político, abolicionista, fazendeiro, deputado, magistrado, poeta e contista brasileiro. O segundo, jornalista, contista, cronista e poeta brasileiro do período literário parnasiano:"Logo depois do almoço ele chegava. Caçulinha o esperava toda prompta, como se fosse sahir para um passeio. Sentava-se na sala da frente, um defronte do outro, e ficavam, ora comendo guloseimas, que ele trazia, ora fazendo chiste e conversando. Ás vezes, distrahiam-se, ele, a declamar **versos de**

Vicente de Carvalho e de Bilac; ella, cantando modinhas e canções, na sua voz, que embora nunca se alteasse, era, no entretanto, harmoniosa." (FONTES, 1933, p. 215).

VELAMES

Datado de 1552, com acepção de "porção de velas": "Seguiam, de vagar, pelas largas estradas, entre **velames** e candeias. Ás vezes, para encurtar distancias, mettiam-se pelas veredas entrecruzadas dos mandiocaes cheios de brotos." (FONTES, 1933, p.11).

WAGONETES DE LENHA

Em Houaiss(2020), grafado vagonete, datado de 1874, mesmo que trole (no sentido de 'carro descoberto'): "Homens entroncados, sujos de pó, chegavam junto ás caldeiras da "Textil", empurrando **wagonetes de lenha**. Lavados de suor, os foguistas não descasavam, jogando grandes tóros em meio ás labaredas, Todas as achinas da Fabrica se moviam, num barulho ensurdecedor" (FONTES, 1933, p. 157).

PEDAÇO DE XARQUE ASSADO

Atualmente, grafado "charque". Com acepção de "carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos". Sá Josepha não tardou, com um **pedaço de xarque assado** e com um pouco de feijão aguado no fundo de uma tijella." (FONTES, 1933, p. 39).

ZABUMBA ESPLENDIDO

Datado de 1721, com acepção de "tambor de sonoridade grave e membranas nas duas extremidades; bombo, bumba, bumbo, caixa grande, zambê, zambumba, zé-pereira" ou "grupo instrumental no qual se destaca este instrumento": "Preocupava-o, sobretudo, a organização da caceteira. Tinha, já certos, dois batedores de caixa admiraveis, um **zabumba esplendido**, tres gaitas finissimas. Ainda assim, não considerava a banda completa. Desejava reunir umas dez figuras, pelo menos." (FONTES, 1933, p.8).

IDIOCULTUREMAS

"TRÚ-LÚ-LÚ,/MENINA CALÚ..."Albertina viu naquillo um pé para a galhofa. E poz-se a cantarolar, embalando a irmã com violencia:- "Trú-lú-lú,/Menina calú..." (FONTES, 1933, p.27). É possível recuperar esta embalo por completo em "Pim pam pum! : suplemento infantil do jornal O Século / dir. lit. Augusto de Santa Rita ; dir. art. Eduardo Malta. Lisboa : O Século, 1925-[1978].", disponível em http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/PimPamPum/1925/N01/N01_master/PimPamPum_N01_01Dez1925.pdf. ":). Eis pequenos trechos: "Tra-lá-lá Tra-lá-lá /Que este tipo está' ~állá/ ! fré-lé-lé Tré·lé·lé/ Coitadinho do néné ! 'fri-li-li, Tri·ll·li, /· Vai p'ra casa da Titi t/ Tró·ló·ló Tró-ló-ló Bebe o Ílitinho da 'Avó!/ Tru·lll·lu Tru-lu-tu Pobresinho está lirú 1 Trá·lá·lá,/ Trá-lá-lá,/ Pede socorro ao papá!/Tré-lé-lé, /Tré-té-Jé Já parece um chimpezé / Tri-li-li Tri-11-li / Ele até' já fez chi-chi 1 Tró-ló·ló, Tró-ló·ló /Vamos tirar-lhe o Óhinó 1/ Tru·lu-lu, Tru-lu·lu Viva eu e morras tii !".

"UM MORCEGO VAGABUNDO"

Epíteto dirigido ao mulato Ignacio,cantador de modinhas, namorado de Rosenda, filha de Geraldo e Sá Josepha, que desaprovam o namoro : "Mas... O que era elle? "Um cantador de modinhas", "um loroteiro", "**morcego vagabundo**", um "vira-copo"..." (FONTES, 1933, p. 68).

ACHAR UM HOMEM DE POSIÇÃO PRA SE VALER

Com a acepção de "lugar ocupado por um indivíduo no meio em que vive (classe social, situação na hierarquia, na escala funcional, numa classificação etc.): "-A vida é isso, mãe: Quando a gente começa a ir pra baixo, não sabe onde vai parar...Eu, até, não tenho razão pra maior queixa...**Achei um homem de posição pra me valer**, ao passo que outras..." (FONTES, 1933, p. 272).

ARRANJAR OUTRO PEQUENO

Com a acepção de "aquele que namora; namorado": "- Ei! Albertina! Sabe? **Arranjei outro pequeno**...de papouco! Uma belezinha...Anda todo no trinque. E é sério. Parece que com esse eu caso..." (FONTES, 1933, p. 160). Postulamos o ano de 1933 para a datação da acepção acima definida.

DESCER ÁS CHUFAS E AOS EMPURRÕES

Datado do século III, chufa tem dois sentidos possíveis ao contexto a seguir: (i) " caçoada, troça, chalaça";e (ii) " dito malicioso ou mordaz"):"A esse instante, Rosenda já dobrava o "Becco da Cerimonia". A irmã correu para alcançal-a. Mais adeante, encontraram algumas amigas e com ellas **desceram**, em palestra animada, **ás chufas e aos empurrões**." (FONTES, 1933, p.32).

ESTAR MAGRA DE RUIM

Trata-se de uma expressão popular equivalente a "ser magra de ruim", "seca de ruim", com conotação negativa: "- Até tú, grismella! Essa *coizinha* **está magra é de ruim** que é... Esse diabo!" (FONTES, 1933, p.30).

ESTAR DE CARA AMARRADA COM ALGUÉM

Trata-se de um caso de nominalização da locução de "amarrar a cara" ou " fechar a cara", ou seja, "demonstrar desagrado ou zanga; fazer cara feia": "Fontoura continuou pilheriando: - Que é isso, moça? Eu comi seu boi, pra estar assim de **cara amarrada commigo**? Vamos, fale..." (FONTES, 1933, p. 155).

NÃO BOTAR O FREIO EM ALGUÉM

Equivalente a "soltar o freio", com acepção de "permitir a outrem completa liberdade de ação; soltar as rédeas". Temos, ainda, para esta acepção "dar rédeas ou dar rédeas largas", com acepção figurada de "deixar solto, em liberdade" ou "deixar à vontade": "- Ora, os velhos!... – atalhou, desdenhosa, a Pirambú. Elles são os únicos culpados! Por que não castigam as filhas? Porque **não botam o freio nelas**? Moça creada assim, com mimo e liberdade, acaba sempre em porcaria. Eu, com a minha, é ali no duro! Quando vejo um namorado mais sem jeito, casco o couro em cima dela e escorraço o coió de cara...E' isso mesmo: eles é que teem toda culpa. Vocês não lembrados como a outra vivia com o Ignacio?" (FONTES, 1933, p. 189).

NÃO FAZER CASO DE INDIRECTA

Ao contexto dado, podemos vislumbrar duas locuções com suas respetivas acepções: (i) "fazer caso de com acepção de "dar importância a, levar em conta (mais frequentemente usada na forma

negativa), sem datação para esta noção; e "fazer pouco caso de", datada de 1757, com a noção de "não demonstrar respeito, estima, interesse por; não dar valor a; diminuir, menosprezar, troçar de; fazer pouco de". Por sua vez, a expressão "indireta", datada de 1911, com acepção de "observação, alusão de caráter ambíguo a expressar algo que não se quer ou não se tem coragem de dizer abertamente": "Mas a outra nem **fez caso da indirecta**. Agora, entre pilherica e tristonha se queixava de que sua camisa " estava uma pinoia, toda esburacada, imprestável". Mirou-se de cima abaixo,consternada.; e vendo um rasgão maior, por onde seio esquerdo violantamente apontava, disse: - Mas vejam só pra isto! Parece que eu vou dar de mamar ás meninas do Tecido!..." (FONTES, 1933, p.27-28).

PERGUNTAR A QUEIMA-ROUPA

Datado de 1720, o termo tem sentido de "grande proximidade de espaço ou tempo". As acepções da locução "à queima-roupa" (sem crase) são: (i) "muito de perto"; e (ii) "de chofre; repentinamente": "E quando, após já haver decorrido quasi um mês uma colega lhe **perguntou, a queima-roupa**, se "era verdade que Rosenda tinha fugido com um cabo de Policia", ficou por tal maneira perturbada, que não poude articular uma palavra de resposta. E não tardou a reticar-se para casa, onde passou a tarde inteira sobre a cama, sacudida por um pranto convulsivo." (FONTES, 1933, p. 87) Para locução, podemos indicar o ano de 1933 para sua datação.

PRÓ INFERNO, PESTE!

Forma reduzida da expressão "ir para o inferno" com acepção de " morrer; ir para os quintos, ir para os quintos dos infernos" ou " expressão de raiva, impaciência, ódio com relação a alguém ou algo que se deseja mandar para um local longe e muito desagradável, como o inferno; ir para os quintos, ir para os quintos dos infernos, danar-se" acrescente do interlocutório pessoal "peste" com acepção de "pessoa de maus bofes, mal-humorada, criadora de problemas : "- **Pró inferno, peste**! desandou, rubra de raiva e de vergonha, a rapariga." (FONTES, 1933, p. 124).

SER DOCE QUE NEM UMA COCADA

Há duas situações a contemporaneizar. Primeira, temos pá-virada, hifenizado, de uso no Ceará, com acepção de "indivíduo da pá virada", isto é, do "indivíduo buliçoso, brincalhão ou desordeiro, turbulento ou licencioso, debochado", acepção dada à "da pá virada": "- Que o quê, pequena... Eu sou pernambucano, *do sertão!* Bicho da pá virada. Minha mãe me creou mamando em onça e todo o dia me acordava com a ponta de um punhal. Mas não precisa ficar cheia de medo... Com mulher eu **sou doce, que nem uma cocada...**" (FONTES, 1933, p. 66).

JOGADA NO ÔCO DO MUNDO

A locução "oco do mundo" com a acepção de "lugar muito distante; fim do mundo": "- E'... Eu perguntei... Elle disse que o desgraçado não demorou muito em Simão Dias. Foi logo mudado pra Itabaiana ou pra S. Paulo. Quando sahiu, deixou a bichinha á tôa por lá, **jogada no ôco do mundo...**" (FONTES, 1933, p. 131).

TER PREVENÇÃO (COM OU CONTRA)

Com acepção de " sentimento de repulsa para com alguém ou algo, sem base racional; preconceito, cisma": "- Por casar, não! A gente se casa em Simão Dias. Você sabe muito bem que nosso casamento ainda não se fez por culpa de sua mãe, que **tem prevenção commigo...**" (FONTES, 1933, p. 84).

UM "VIRA-COPO

Ao certo, com acepção de bêbado: ""Pelo contexto, ao certo, sinônimo de bêbado:"Mas... O que era elle? "Um cantador de modinhas", "um loroteiro", "morcego vagabundo", um "**vira-copo**"..." (FONTES, 1933, p. 67). Há uma rica sinonímia para bêbedo: aguardenteiro, alcoólatra, alcoólico, alcoolista, alcoolizado, alcoolofilista, alcoolomaníaco, alcoolômano, alto, avinhado, bebaça, bebaço, bêbado, bêbedo, bebedor, beberraz, beberrote, bebum, bicudo, biriteiro, borrachão, borracho, bruega, cachaça, cachaceiro, caixa-d'água, caneado, chumbado, chumbeado, chupa-rolha, chupista, chuva, dipsomaníaco, dipsômano, ebrifestante, ebrifestivo, ébrio, ebrioso, embebedado, embriagado, empilecado, encachaçado, encarraspanado, envernizado, etilista, floreado, gambá, gogoroba,

grosso, irmão da opa, jarreta, lambamba, mamarrote, mamoeiro, mata-borrão, melado, milhado, molhado, mordido, odre, pau-d'água, pé de cana, pegado, pilecado, pingado, pinguço, pingueiro, pipa, porrado, porrista, pregado, quente, roedor, roído, temulento, tomado, tonel, tonto, triscado, trolado, troviscado, vinhote, xumbregado, zarro (HOUAISS, 2020).

"QUEM É POBRE É ASSIM MESMO: NÃO PÓDE NUNCA SATISFAZER SUAS VONTADES...".

Desabafo de Caçulinha por sua condição de pobreza, descartando a possibilidade de ser formar como professora (Escola Normal): "- **Quem é pobre é assim mesmo: Não póde nunca satisfazer suas vontades**..." (FONTES, 1933, p. 141).

"A DESGRAÇA, QUANDO VEM, VEM DE CHORRILHO"

Após o exílio do filho Pedro, a mãe Sá Josepha pontuou: "**A desgraça, quando vem, vem de chorrilho**".Era assim que dizia Sá Josepha, toda vez que lastimava a sua sorte com o marido." (FONTES, 1933, p. 121).

"CERTAS MISTURAS NÃO DÃO NUNCA BÔA LIGA"

Refere-se, no contexto, a influência do meio(em particular pessoas de má conduta) que pode resultar em experiências negativas na vida de pessoas de bem, de família (honestas, recatadas): "Mas não se queria tornar uma excepção. E por isso constantemente recommendava para as filhas que não tivessem com a vizinha relações de maior intimidade. Costumava accrescentar que "**certas misturas não dão nunca bôa liga**", pois "quando o povo diz, ou é, ou está pra ser..." (FONTES, 1933, p. 48). Na obra, o autor, com frequência recorre às aspas para realçar certas palavras ou expressões, sentidos figurados, gírias etc.

"HOMEM É PRA SER TRATADO ALLI NO DURO!"

Reprodução de conselho "O melhor é se fazer de difícil" para conquistar o homem dos sonhos: "Albertina ria-se a perder, de toda a vez que um caso desses succedia. E concordava sempre com a amiga que "**homem é pra ser tratado alli no duro**"!" (FONTES, 1933, p. 89).

"MULHER E CÃO DE CAÇA, PELA RAÇA"

Com a acepção de "a escolha de qualquer um deles deve ser feita pela raça a que pertencem, já que têm seu comportamento definido por ela": "- Não, Zeca. Pra você tornar ás boas com nós todos e ter a nossa ajuda na vida, precisa tomar juízo de uma vez. Comece por acabar com esse casamento desigual. Essa menina não é digna de você. Lembre-se bem: "**Mulher e cão de caça, pela raça**". (FONTES, 1933, p. 247).

"QUANDO O POVO DIZ, OU É, OU ESTÁ PRA SER..."

Provérbio folclórico, ao certo, em remissão a " vox populi, vox dei" (A voz do povo é a voz de Deus): "Sá Josepha cria pouco "naquelles mexericos". Mas não se queria tornar uma excepção. E por isso constantemente recommendava para as filhas que não tivessem com a vizinha relações de maior intimidade. Costumava accrescentar que "certas misturas não dão nunca bôa liga", pois **"quando o povo diz, ou é, ou está pra ser..."** (FONTES, 1933, p. 48).

"O SABOR DA VICTORIA ESTAVA NA RAZÃO DIRETA DAS DIFICULDADES A VENCER"

Com a conotação de que "o sabor da vitória" é uma questão demérito, o que significa ser a vitória reconhecida por meio de esforços próprios: "Fontoura tinha a perseverança dos grandes conquistadores amorosos. Não se deixava desanimar somente a mulher requestada persistia em suas negaças. Segundo a sua maneira de expressar-se "**O sabor da victoria estava na razão direta das dificuldades a vencer**" (FONTES, 1933, p. 164).

"QUEM NÃO TEM DINHEIRO, NÃO PÓDE TER SOBERBA; OU SE SUJEITA, OU VAI PASSAR MISERIAS MAIORES

Ao certo, com a noção de escassez, míngua de víveres, necessidades: "A "Textil" ficava mais longe. Ganharia menos, no começo. Estava resolvida a ir contar tudo, em pessoa a Seu Joãozinho, para que ele a mudasse de secção. Era assim mesmo: quem não tem dinheiro, não póde ter soberba; ou se **sujeita, ou vai passar miserias maiores**" (FONTES, 1933, p. 43).

A GENTE CONHECE PELOS MODOS

No contexto, a acepção da expressão em tela recai no termo "modos" (plural), isto é, "conduta social; modo habitual de agir em sociedade, boas maneiras; educação, traquejo social, refinamento: ": "-Oh! Sá Maria! Exclamou a vendeira aborrecida. Pra que falar assim da pobre da mulher? Pois olhe: Eu só vim conhecer esse pessoal quando eles vieram de muda para Cidade; mas sou capaz de jurar que a velha sempre foi muito direita. Não está se vendo logo...**A gente conhece pelos modos"** (FONTES, 1933, p. 189).

A MEÚDO

O termo miúdo é datado 1269. A locução "a miúdo", atualmente assim grafada, mesmo que "amiúde": "Passaram a ver-se mais **a meúdo**. Madrugada, á hora do almoço, á tardinha, lá estava o militar, no ponto do costume, esperando a namorada." (FONTES, 1933, p. 66). Formas históricas: meúdo (1269), miudo (século XIII), meudo (século XIII), mÿudo (século XIII), mehudo (século XV), meudo (1530-1532, com noção de "minuto").

A QUANDO E QUANDO

A locução "a quando e quando", sem registro em Houaiss (2020), pelo contexto, tem a mesma acepção de locuções como "A quando e quando", o mesmo que "*De quando em quando" ou "*De quando a quando" ou ainda "de vez em quando" com a noção de " Em ocasiões não muito frequentes nem muito raras; de tempos em tempos; ocasionalmente; com intervalos: "Mas a operaria não lhe dava a mínima atenção. Parecia, até, não o escutar. E, agarrada ao serzinho inerte, **a quando e quando** repetia, entre soluços e gemidos: - Meu filho! Meu filho! Eu quero meu filho! (FONTES, 1933, p. 162-163).

A QUATRO E QUATRO

Talvez, pelo contexto, amiúde, isto é, "'em pedacinhos, em bocadinhos, em migalhas': "[...]. No mesmo instante lhe ocorreu o pensamento de que a ella, Caçulinha, não seria dada nunca a ventura de sahir, ruas em fóra, arrimando-se ao braço daquele que seria seu esposo. Um nó subiu-lhe até a garganta. Parou, arquejante. Suas ultimas reservas de energia abandonaram-na. Não poude mais conter as lagrimas, que **a quatro e quatro** saltaram-lhe dos olhos." (FONTES, 1933, p. 261).

A VIDA É ASSIM MESMO

Com a acepção de "aquilo que se concede ou obtém como reparação ou compensação de um prejuízo, perda, ofensa etc.; compensação, recompensa, restituição": "-Vamos, Sá Ricarda! O que é isso?! Conforme-se! Deixe estar, que a Fabrica faz o enterro e lhe paga uma indennização...Tenha coragem! Anime-se! **A vida é assim mesmo**" (FONTES, 1933, p. 161).

A VIDA É ISSO, MÃE: QUANDO A GENTE COMEÇA A IR PRA BAIXO, NÃO SABE ONDE VAI PARAR

Com a ideia de quando não se tem êxito em algo, a frustração tende a aumentar com o tempo: "-**A vida é isso, mãe: Quando a gente começa a ir pra baixo, não sabe onde vai parar**...Eu, até, não tenho razão pra maior queixa...Achei um homem de posição pra me valer, ao passo que outras..." (FONTES, 1933, p. 272).

AGASTAR O AMOR PRÓPRIO

No contexto, a noção "amofinar o próprio orgulho excessivo de si mesmo": "A inflexão da voz aquella atitude hostil numa criatura que ate ali só lhe fora meiga e submissa, deixaram o sargento pasmo. Uma certa irritação **agastou-lhe o amor próprio**. E tinha a fala tremula ao responder-he: - Não compreendo esses seus modos, Caçulina. Você me trata como seu eu fosse um inimigo..." (FONTES, 1933, p. 251). O escritor José de Alencar, em seu **As Minas de prata : romance (Volume 3)**, datado de 1865, no seguinte contexto: "Joaninha também de seu lado vendo entrar o altares embaçou, temendo nada mais conseguir, não tanto por ella, como pelo estado em que ficara a donzella ; mas a mulatinha era fértil em recursos, e de uma tenacidade invencível. Seu **amor próprio** ali estava empenhado : — Bem vindo é o senhor altares, para mrrear um dos meus lindos abanos?... Qual será?..." (p.218).

AJUDAR O PÃO DA FAMÍLIA

Decerto, uma remissão imediata podemos fazer ao sustento da família (alimento, comida):" Imaginem só vocês que aquella pobre menina vai deixar a Escola Normal, já em meio de seu curso, para **ajudar o pão da família**, internando-se numa fábrica..." (FONTES,

1933, p. 147). Isolando a locução "pão da família", podemos postular sua datação para o ano de 1933.

ANDA AGORA MENOS PABA

O termo paba nos remete à pabola, adjetivo e substantivo de dois gêneros, empregado no Ceará, mesmo que "fanfarrão" e faz parte de um dos itens da sinonímia de gabola: "- O quê?! A Senhora não sabe?! Está ahi: Me perdôe... Mas é uma coisa que eu não posso acreditar... Então, não vê como a barriga dela está crescendo? Só um cego póde se enganar... E não vê tambem como **anda agora menos paba**?" (FONTES, 1933, p.73).

ANDAR DE DÉO EM DÉO

O termo déo é datado de 1919. Há a locução "de déu em déu" com sentido de "de lugar em lugar, de casa em casa, de porta em porta, em busca de algo": "Sá Maria Pirambú morava na rua do Arame, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "trazer a filha no cabresto", puzera-a, doentinha e ainda impubere, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para **andar de déo em déo**, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, levava a vida a syndicar, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia conhecer os segredos de todo o mundo, "os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72). Com valor semântico bem próximo da locução em tela, temos temos "ao léu" com acepção de "à toa, a esmo" ou "ao léu de" com sentido de "ao acaso de; ao capricho".

ANDAR FUTUCANDO A GENTE

Com a acepção de "ser importuno": "- Vida do inferno! Nem se póde dormir um boccadinho descansada. Se não é mãe, sempre tem uma qualquer pra **andar futucando a gente**..." (FONTES, 1933, p.27). Sem datação em Houaiss(2020)para o verbo futucar, há pelo menos três acepções apreciáveis para o contexto dado: (i) " sacudir de leve (algo ou alguém); catucar"; (ii) "agitar (o conteúdo) de; mexer, remexer"; (iii) "futicar (no sentido de 'causar rugas'; 'coser'; 'ser

importuno'). Acepção figurativa de futicar, todavia, parece ser a mais viável: "ser inoportuno; amolar, aborrecer, importunar, fuxicar" ou, ainda, para fuxicar propriamente dito, com a noção de "mexer intencionalmente em (geralmente provocando desordem); furungar, futicar, futricar, futucar, remexer, revolver". Postulamos o ano de 1933 para a datação de futucar.

ANDAR TODO NO TRINQUE

O termo trinque é datado de 1652. A locução "no trinque ou nos trinques" com a acepção de " de excelente aparência; bem trajado, elegante ": "- Ei! Albertina! Sabe? Arranjei outro pequeno...de papouco! Uma belezinha...**Anda todo no trinque**. E é sério. Parece que com esse eu caso..." (FONTES, 1933, p. 160). Para a locução "nos trinques", postulamos o ano de 1933 para sua datação.

ANDAR VIRANDO A BOLA DE ALGUÉM

São locuções equivalentes "virar a cabeça", com a noção de "modificar para pior a forma de comportamento; perder o juízo" ou "virar a cabeça de" com a ideia de "influenciar alguém a virar a cabeça":- Escute aqui, Pedro. Você porque não larga umas certas companhias, que **andam virando a sua bola**? Não, não se zangue... Eu falo é pro seu bem, pro bem de todos nós... Se ha um que não póde se queixar, esse é você. Seus patrões lhe tratam como um filho; sobem você de posto cada dia... Porque, então, essa historia de querer sempre ganhar mais, só oito horas de serviço, e mais isso e mais aquillo? Bem pensado, é até uma ingratidão de sua parte..." (FONTES, 1933, p. 99). Para esta locução, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

AO CABO DE ALGUM TEMPO

Datado do século XIV, com acepção de "no fim, término ou conclusão de (processo, período de tempo ou espaço etc.); a cabo de, em cabo de, no cabo de": "E assim, **ao cabo de algum tempo**, já estava senhora de si, satisfeita e feliz em sua nova situação" (FONTES, 1933, p. 157).

AO PASSO QUE

Datado de 1735, com acepção de "à medida que, enquanto": "Joanna..Joanna...Quer saber? O nome nunca é feio nem bonito. Depende, apenas, da dona. Helena, numa negra, é um nome horrível. **Ao que passo** que Joanna, na Senhora, fica lindo..." (FONTES, 1933, p. 183)

ASSIM, ASSIM

Hoje, grafado hifenizado "assim-assim", como advérbio com acepção de "mais ou menos; nem bem nem mal" ou adjetivo com valor de "mais ou menos; não muito bom ou bons": "- Ó! Como vai você, minha discípula? Perguntou Salgado Brito, reconhecndo Caçulinha. – **Assim, assim**, professor..." (FONTES, 1933, p. 146). Outra passagem expressiva: "Ultimamente, não falava quase. Quando lhe perguntavam se queria alguma coisa., limitava a sua resposta a um meneio vagoroso da cabeça. E se a interrogavam sobre o seu estado, se estava melhor ou peior, sussurrava, invariavelmente, a mesma frase: - **Assim...assim**"." (FONTES, 1933, p.169-170). Podemos postular o ano de 1933 para sua datação para este brasileirismo.

BATER O PÉ

Houaiss(2020)traz dois registros: "bater pé" ou "bater o pé", este, o da ocorrência na obra, com a acepção de "manifestar oposição; agir de maneira insistente": "A velha, sobretudo, não se conformava com a má escolha da filha. E discutiam e brigavam a cada hora. Rosenda chorava, **batia o pé**, lastimava-se de ser mesmo "uma infeliz', "que tudo que faziam achava ruim". (FONTES, 1933, p. 68). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

BATER O QUEIXO DE SEZÕES

sezão, datado do século XIII, com acepção de " febre intermitente ou cíclica" ou "malária (também usado no plural)": "Mais adiante prendeu a attenção das duas amigas uma mulher de rosto escaveirado cabelo em desalinho, e sem casaco, que de uma janela gritava furiosamente para a rua: - Sahe de dentro d'agua, coisinha ruim, pezeta! Depois está ahi **batendo o queixo de sezões**" (FONTES, 1933, p. 153).

BICHO DA PÁ VIRADA

Há duas situações a contemporaneizar. Primeira, temos pá-virada, hifenizado, de uso no Ceará, com acepção de "indivíduo da pá virada", isto é, do "indivíduo buliçoso, brincalhão ou desordeiro, turbulento ou licencioso, debochado", acepção dada à "da pá virada": "- Que o quê, pequena... Eu sou pernambucano, *do sertão!* **Bicho da pá virada**. Minha mãe me creou mamando em onça e todo o dia me acordava com a ponta de um punhal. Mas não precisa ficar cheia de medo... Com mulher eu sou doce, que nem uma cocada..." (FONTES, 1933, p. 66). Nos dois casos, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

BICHOS DO MATTO

Datado de 1699, com acepção de "indivíduo arredio ao trato social, retraído; bicho da toca, bicho de buraco, bicho de concha, bicho de toca" ou ainda "indivíduo grosseirão": "- Já então brigando, que nem **bichos do matto**! dispamparou Sá Josepha lá de dentro. E melhor que se aviem. O povo está passando." (FONTES, 1933, p.30).

BÔA, ESSA

"Corruptela de "essa é boa", "expressão usada em caçoada ou, ironicamente, para indicar desaprovação, indignação (Houaiss, 2009). A corruptela é a pronúncia ou escrita de palavra, expressão etc. distanciada de uma linguagem com maior prestígio social: "- **Bôa, essa**! Não é só você. Eu também tenho razão para viver triste. Mas não me entrego. Nem sou tola para andar me lastimando. Lastimar, pra que? Não dá remedio...Se chorar consolasse, meus olhos viravam fonte..." (FONTES, 1933, p.34).

BÔAS TARDES, BELLEZINHA

Houaiss(2020) registra a forma singular boa-tarde, hifenizado, com a acepção de " cumprimento que se dirige a alguém à tarde". Na obra, há a forma plural " boas-tardes" (interessante observar que, no espanhol, temos "buenas tardes", expressão usada como fórmula de cortesia ou para saludar durante a tarde"): "Um dia, mesuroso e risonho, ele acercou-se della. Efalou, prolongado pedantemente os *ss*: - **Bôas tardes, bellezinha**..." "(FONTES, 1933, p. 65). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta expressão.

BOM PARTIDO

Com acepção, no contexto, de "pessoa casadoura, observada segundo suas condições econômicas e/ou sociais": – Nem tanto...Você já está ficando em idade de casar. Se aparecer um **bom partido** – seja tola! – não engeite...Eu estou levando bem a serio o meu negocio com o alfaiate Casimiro..." (FONTES, 1933, p. 193).

BOTAR MAIS UM TOSTÃOZINHO DA BRANCA

O termo branca, datado de 1884, se refere à " aguardente (branca) de cana; cachaça" "-Não se zangue por isso, Sinhá Dona....Nao foi pra offender que eu disse...**Bote mais um tostãozinho da branca** e eu vou m'embora..." (FONTES, 1933, p. 153).

BOTAR O BARBICACHO

Evoca a locução "pôr barbicacho em", com acepção figurativa de "impor obediência a; dominar, sujeitar, constranger": "Do Carmo advertiu-a:- Não conte tanta valentia! Um ainda há de lhe **botar o barbicacho** e você larga logo essa soberba..." (FONTES, 1933, p. 125).

BURRO DE CARROÇA

Variação locucional de "burro de carga", tendo, pois, sua mesma acepção, a de "pessoa que faz o seu trabalho e o de outros": "- Eu não estou dizendo todo dia! Mãe pensa que a gente é **burro de carroça**, pra viver a vida inteira no trabalho! A Senhora está enganada! A escravidão já se acabou ha muito tempo!" (FONTES, 1933, p. 60-61). Para esta locução, postulamos o ano de 1933 para sua datação. Trata-se de um caso de hápax.

CAHIR NO MUNDO

Com a acepção de prostituir-se: "- Tão certo como eu estar aqui lhe vendo. Foi Annita quem me contou tudo hontem de noite. A Senhora não sabe quem é Annita? Ella **cahiu no mundo** já faz tempos. W' filha lá de minha vizinha. Pois bem: Albertina for morar na mesma casa onde ella mora." (FONTES, 1933, p. 218).

CAIR NO GOTO DO POVO

O termo goto é datado de 1543. A locução "cair no goto de" tem a acepção figurativa de "ser objeto de agrado, de atenção, por parte

de; cair nas boas graças de; dar no goto de, dar no goto": "A Senhora sabe, minha nêga: Eu gosto muito da Senhora... Das suas meninas, tambem. Pois é por gostar que eu conto... Não leve a mal o que vou lhe dizer. Mas olhe: Tome cuidado com a Rosenda. O namoro della com o cabo **cahiu no goto do povo**. Aquelle sujeito não presta. E as linguas de palmo e meio já começaram o trabalhinho..." (FONTES, 1933, p. 76).

CAMINHAR DE MISTURA

Datado do século XIII, mistura na expressão tem acepção de "grupo em que figuram pessoas de diferentes classes sociais: "Eram mulheres, na sua maioria. Velhas, moças, creanças. Donzellas,casadas, prostitutas. **Caminhavam de mistura,** em algazarra, batendo os tamancos com força na areia acamada dos caminhos, nas pedras irregulares da ruas." (FONTES, 1933, p.31).

CAMINHAR QUE NEM PATA

"A filha de Sá Josepha gargalhava e dizia para a amiga, esforçando-se por descobrir alguém em meio à turba alvoroçada e barulhenta que passava: - Coitadinha! Ella, que era tão ligeira noutros tempos, agora **caminhar que nem pata**!..." FONTES, 1933, p.175).

CANTAR "AO DESAFIO"

Datado de 1915, podendo, no contexto dado, ter acepção de cantar numa "disputa poética em forma de diálogo cantado e improvisado, geralmente acompanhada de música, em que os cantadores se alternam na composição de versos que obrigam a uma resposta da parte contrária, sendo derrotado aquele que se engasga numa rima difícil, titubeia ou fica sem resposta" ou "modalidade poética, escrita por um poeta ou cantador, em forma de disputa fictícia entre ele próprio e um adversário, ou entre dois outros contendores": "Aos dezoito annos transferiram-no para a Marinha de Guerra e teve de transportar-se para o Rio. Durante todo um lustro viveu entre seu barco, a Saúde e a Favella. Amou os fados e as cantigas. Como tinha bôa voz e uns affectados gestos theatraes, tornou-se personagem desejada em dansas e serenatas. Tambem **cantava "ao desafio"** com certo desembaraço e alguma verve." (FONTES, 1933, p. 63).

CASCAR O COURO EM CIMA DE ALGUÉM

Equivalente ao certo, levando em conta ao contexto, a "arrancar o couro de", "comer o couro de" (este, de uso no Ceará), com acepção de "espancar, surrar (alguém)" ou ainda de "cortar o couro de " ou " tirar o couro de", no sentido de 'falar mal'): Temos, ainda, para esta acepção "dar rédeas ou dar rédeas largas", com acepção figurada de "deixar solto, em liberdade" ou "deixar à vontade": "- Ora, os velhos!... – atalhou, desdenhosa, a Pirambú. Elles são os únicos culpados! Por que não castigam as filhas? Porque não botam o freio nelas? Moça creada assim, com mimo e liberdade, acaba sempre em porcaria. Eu, com a minha, é ali no duro! Quando vejo um namorado mais sem jeito, **casco o couro em cima dela e escorraço o coió de cara**...E' isso mesmo: eles é que teem toda culpa. Vocês não lembrados como a outra vivia com o Ignacio?" (FONTES, 1933, p. 189).

CASOS FEIOS DA SEMANA

Casos, pelo contexto, que "que inspiram desprezo, nojo, vergonha; vil, desonesto'; "Foi assim: A gente acabou o serviço ás quatro e meia e se juntou pra conversar. Eu, Lili, Elvira e Mariinha. Não sei qual foi de nós que puxou o assumpto dos **casos feios da semana**... [...]"(FONTES, 1933, p. 233).

CEAR NAS CARREIRAS

Equivalente "à carreira", datada em Houaiss(2020)de 1594, com sentido de "às pressas; correndo apressadamente", ou, ainda, "às carreiras", com o mesmo sentido definido: "Caçulinha **ceiava nas carreiras**. Empoava-se, em seguida, dava um jeito ao cabelo, e ia aguardar que o noivo regressasse." (FONTES, 1933, p. 208).

CHUPANDO ALGUMAS BAFORADAS COM FORÇA

Baforada com acepção de "golfada de fumaça de cigarro, charuto ou cachimbo": "Interrompeu-se um instante, emquanto tirava um charuto do bolso da saia. Accendeu-o, **chupando algumas baforadas com força**, cuspinhou para um canto e prosseguiu: - Tambem... a Senhora quer saber? A culpa nâo é tanto da *coisinha*. E' mais da mãe, que recebia o homem em casa e deixava ele ficar só, horas e horas, com a menina. São essas facilidades..." (FONTES, 1933, p.75).

COM ESSES OLHOS QUE A TERRA FRIA HA DE COMER

Aforismo popular com alusão à reafirmação do compromisso verbal, de que sua palavra *é digna de crédito:* "- Como? A Senhora viu?!- **Com esses olhos que a terra fria ha de comer**..." (FONTES, 1933, p. 77).

COMER O BOI DE ALGUÉM

Talvez, hoje, com a mesma acepção de "ir amolar o boi", com a ideia jocosa de "ir importunar outrem (que não o interlocutor)": "Fontoura continuou pilheriando: - Que é isso, moça? **Eu comi seu boi**, pra estar assim de cara amarrada commigo? Vamos, fale..." (FONTES, 1933, p. 155).

COMO É, NÊGA?

Refere-se a uso pelo autor de interlocutório pessoal com "nêga" (negra): "- Amanhã é domingo. **Como é, nêga**? Você não dá um geitinho de sahir pra passear com o seu moreno?" ?" (FONTES, 1933, p. 68). Podemos postular o ano de 1933 para a datação deste termo.

COMPRAR FIADO NA BODEGA

Fiado, datado de 1572, com a acepção de "comprado ou vendido a crédito" e bodega, datado do período de 1188-1230, com sentido de " pequena venda de secos e molhados": "- Pois saiba que eu quis arranjar e não pude! Eta semana o dinheiro não deu nem pra comida. Estou **comprando fiado na bodega**. E pra inteirar o aluguer da casa, tive de tomar emprestado ali a Do Carmo." (FONTES, 1933, p. 128).

CONHECER "OS PODRES" DE ALGUÉM

Podres, assim substantivo masculino plural, indica "mazelas, defeitos, vícios": "Sá Maria Pirambú morava na rua do Arame, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "trazer a filha no cabresto", puzera-a, doentinha e ainda impubere, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para andar de déo em déo, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, levava a vida a syndicar, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia **conhecer os segredos de todo o mundo**,

"os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72).

CORTAR O FIO Á CONVERSA DAS MULHERES

Variante de "cortar a palavra" no sentido de "impedir o prosseguimento de uma declaração, de um discurso": "Essa phrase, dita com entonação setenciosa por um velhote que passava, de gorro e de cachimbo, veio **cortar o fio á conversa das mulheres**." (FONTES, 1933, p.34).

CRUZAR OS BRAÇOS DE PROPOSITO

Ficar voluntariamente inativo, para demonstrar descontentamento; fazer greve: "A população, no entretanto, não se deixou enganar um só instante. Viu que o Governo **cruzára os braços de proposito**. Comprehendeu que tudo aquillo nada mais era que uma consequencia da luta partidaria. E protestou. A Associação das Industrias lançou manifesto, prestigiando a "Textil" e a "Sergipana". O Commercio e as Profissões Liberaes a acompanharam." (FONTES, 1933, p. 109).

CURTIDO NA FORNALHA DAS SALINAS

Datado de 1390, com acepção de "preparado, incrementado e/ou amaciado por curtimento", isto é, "ato ou efeito de curtir (alguma coisa) preparando-a para uso, comercialização etc.; curtidura, curtição": "Durante todo aquelle tempo tinham aguardado uma melhora de recursos. Porém o sal não obtinha nunca um preço alto. Sempre, ao fim de cada safra - todo um semestre **curtido na fornalha das salinas** - elle já devia para o patrão mais do que o valor da sua terça." (FONTES, 1933, p. 93).

DÃO LICENÇA?...

Com acepção de " Permitir, consentir": "- Dão licença?... Não tem ninguém ahi?... perguntaram da rua, em voz melíflua." (FONTES, 1933, p.72). Não há registro em Houaiss(2020), o que nos leva a postular o ano de 1933 para a datação da locução "**Dar licença**", inclusive na sua interrogativa.

DAR A CABEÇADA

O termo tem acepção figurativa de "atitude impensada, insensata ou leviana; comportamento reprovável e que resulta, ou pode resultar, em consequências desagradáveis ou desastrosas". A locução, por sua vez, tem sentido de "cometer um erro ou uma tolice; fracassar num plano por realizá-lo ou concebê-lo erradamente" ou "agir ou comportar-se insensatamente, de modo reprovável ou pouco digno": "- Ora, bôa! Quem **deu a cabeçada** não fui eu... Ella não é a primeira que faz disso... Depois, o mundo não há de se acabar só porque uma moça se perdeu..." (FONTES, 1933, p. 86).

DAR AGUA NO BICO

Equivalente a "dar água na boca", por analogia ou por metáfora, "forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo": "- Não é nada, mesmo, acabou concordando Sá Josepha. Venha comer, que passa logo. Hoje eu comprei leite pra você e preparei um cuz-cuz de milho verde que está de **dar agua no bico**..." (FONTES, 1933, p. 259). Com esta acepção, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

DAR AZAS AO TEMPERAMENTO FOLGAZÃO

Também "dar asa", locução com acepção de "dar confiança ou intimidade a": "Albertina, **dando azas ao seu temperamento folgazão**, procurava arejar, com suas pilherias e risadas, o ambiente soturno em que os seus viviam agora mergulhados. Muita vez chegára a conseguir que a própria Bella esboçasse um sorriso satisfeito." (FONTES, 1933, p.170-171).

DAR DE RÉDEAS AO SENDEIRO

No sentido de "deixar solto, em liberdade" o pequeno cavalo. A palavra "sendeiro", datadoa do período de 1450-1516, tem a acepção de "diz-se de ou cavalo pequeno, mas robusto, próprio para carga": "**Deu de rédeas ao sendeiro** e foi seguindo, virando-se a cada instante na sella para vel-a" (FONTES, 1933, p. 156).

DAR EM NADA

Significa "não ter qualquer resultado; redundar em nada": "Era numa terça-feira, pela tarde. Sentada no chão, em frente á sua almofada, Sá Josepha trocava os bilros molemente, quando Caçulinha

veio postar-se junto dela, e com um accento triste na voz poz-se a dizer: - Sabe, mãe? Desde hontem que está tudo resolvido. A minha queixa **deu em nada**..." (FONTES, 1933, p. 272). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

DAR O REBATE

O termo rebate é datado do século XV. Ao contexto dado, a acepção plausível é a de " aquilo que incita, estimula a realização de algo ou provoca uma reação; estímulo". Mais precisamente, a locução tem acepção de "dar sinal; avisar": "Ao grupo de José Affonso coube **dar o rebate** e sustentar a luta contra as Fabricas. Ou "o serviço nocturno seria pago com a bonificação de mais um terço sobre os salarios do dia, ou ninguem se sujeitaria á nova exploração", foi o ultimatum lançado pela "Sociedade Proletaria do Aracajú", que passou a funccionar em secção permanente, cheia de curiosos e proselytos." (FONTES, 1933, p. 102).

DE MÃO EM MÃO

A expressão de "de mão em mão", datado de 1584, com acepção de "da mão de alguém para a de outrem, da posse de uma pessoa para a de outra":"O velho permaneceu silencioso. Seus olhos scintillaram, cheios de aguas. D'ahi a pouco, poz-se a abanar a cabeça lentamente e murmurou, baixinho, como se stivesse falando para si mesmo: - **De mão em mão**, como uma coisa ahi a tôa... Pobre de minha filha!" (FONTES, 1933, p. 132).

DE RARO EM RARO

Com acepção de "uma vez ou outra, de vez em quando; raro em raro": Desde que viram a greve declarada, Geraldo e Sá Josepha não tiveram mais um momento de socego. Pedro somente **de raro em raro** apparecia, calado como sempre." (FONTES, 1933, p. 117). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

DEDO EM RISTE

Com a acepção de "em posição erguida", normalmente acompanhada da palavra dedo: "Sá Josepha chegou-se mais para junto della. E o **dedo em riste**, quasi a tocar-lhe a face, bradou: - Só sabe ser malcriada, esse diabo! A gente faz coisas pro bem della e

salta com quatro pedras na mão! Atrevida! Respondona! Repare nos beiços!" (FONTES, 1933, p. 61).

DEIXA ESTAR

Com a acepção de "deixar de se preocupar": "-**Deixa estar**, querida. Não está muito longe o dia de você ver seu sonho se cumprir" (FONTES, 1933, p. 208). Outra passagem expressiva: Com acepção informal de " deixar de se preocupar": "Dizendo isso, Geraldo voltou para o quarto da doente. Sentou-se á beira da cama e poz-se a alizar-lhe o rosto e os cabelos com os seus dedos curtos e grossos. Em dado instante murmurou:- Deixe estar, Bella. Hoje mesmo eu arrumo o seu remedio... Você vai ficar bôa... Deixe estar..." (FONTES, 1933, p. 130). O ano de 1933 pode ser o da datação da locução.

DEIXAR DE RAIVAS

Três acepções são viáveis ao contexo dado; (i) "acesso de fúria; arrebatamento violento; cólera, ira"; (ii) "sentimento de irritação, agressividade, rancor e/ou frustração, motivados por aborrecimento, injustiça ou rejeição sofridas etc."; e (iii) "aversão em relação a algo ou alguém; horror, ojeriza": "Albertina tinha se sentado e ouvia-a a, a mão no queixo, uma expressão tão fleugmatica nos olhos e na bocca, que parecia desdenhar. E foi quasi a sorrir que respondeu: - Óra, mãe, **deixe de raivas**... Então a Senhora não quer que a gente se distraia um boccadinho?..." (FONTES, 1933, p. 57).

DESFRUCTAR AS GRAÇAS DAQUELE CORPO JOVEM

Pelo contexto, "as graças" com a noção de "deleitar-se sexualmente" da "elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade" de Albertina: "Em verdade, ninguém podia olhar aquillo com bons olhos. A má fama do doutor era de todos conhecida. Não havia uma pessoa pra crêr que ele tivesse a intenção de desposar a operaria. Toda a gente logo imaginava que ele unicamente pretendia **desfructar as graças daquele corpo jovem e bem formado**" (FONTES, 1933, p. 185).

DEUS É QUEM HÁ DE LHE PAGAR

Pelo contexto, a personagem Sá Josepha espera que Deus retribua algo da melhor forma possivel: "Sá Josepha agradeceu,

desmanchando-se em mesuras: - **Deus é quem há de lhe pagar**..." (FONTES, 1933, p. 268).

DO PÉ PRA MÃO

A locução canônica é "do pé para a mão" com acepção de "de modo inesperado, de uma hora para outra" ou "imediatamente, logo": "A rapariga insistiu: - E', Zeca! Você precisa decidir. Ahi, então, ele falou: - Mas...o que é isso, Caçulnha? Seja, ao menos, razoável. Como é possível a gente se casar assim, **do pé pra mão**? Depois, você bem sabe que eu não queria me casar emquanto fosse soldado...Não, minha filha. Pra tudo é preciso ter paciência. Agora, não é mesmo possível. Você tem de esperar um bocadinho, douis ou três meses, quando muito..." (FONTES, 1933, p. 244). Em Visconde de Taunay, em **No declinio : (romance contemporâneo (**1899), recorre a esta expressão: "Um rapaz outr'ora tão contente de si eda vida, dado a festas e reuniões, mudar assim, de repente, do pé para a mão..." (p.143). Assim, podemos postular o ano de 1899 para sua datação.

DOUTOR E REMEDIO DE BOTICA, SÓ RICO PÓDE AGUENTAR

O contexto revela a falta de recursos para o pagamento dos serviços médicos por parte Geraldo e Sá Josefa. O casal discutia a dificuldade financeira enfrentada pela família que não tinha dinheiro para comprar um remédio para a filha Bela, que estava doente:"- Sabe? lembrou ella, após uns instantes de silencio. Alli na Bôa Viajem tem um velho que prepara garrafadas bem direitas. Muita gente tem ficado bôa. Não é bom recorrer a elle? Custa só tres mil réis. E' bem melhor, mesmo... **Doutor e remedio de botica, só rico póde aguentar**..." (FONTES, 1933, p. 129).

E' SÓ O QUE PARECE!

A expressão equivalente, pelo contexto, pode ser "aos montes", no sentido de "de modo abundante, em grande quantidade; de montão, em montão": "- Bichos tolos! Nunca viram mulher, esses diabos! **E' só o que parece**!..." (FONTES, 1933, p. 123).

ENGROSSAR O PESCOÇO

Pelo contexto, a expressão tem acepção de **"**ter a coragem, a ousadia" ou "falta de respeito injuriosa; desaforo": "- Eu sempre fui a

que sou hoje. Vocês, sim é que mudaram... Quando a gente morava na " Ribeira" não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui, é que **engrossaram o pescoço.** Fazem o que bem dá vontade, andam acima e abaixo pelo mundo, como boi solto no pasto, e depois, pae e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu Engenho!... Foi aqui que vocês deram pra reclamar o trabalho, se lastimando a cada passo e a cada hora. Mas eu sei porque é isso: E' porque o tempo é pouco pra tratar de vestidinhos, de sapatos, e mais isso e mais aquillo! Agora, querem viver que nem umas bonecas, de laçarote no cabello e a cara lambuzada de pintura! Inda outro dia aquella moça – e apontava Albertina – anda falando em vestido de seda e meia fina! Vocês, lá, pensavam nisso?... Mas o peior de tudo é o diabo da cegueira do casamento. Não tiram essa idéa da cachola nem por nada! E pro mode isso é que a Senhora faz do que faz, andando pra todo canto com aquelle sujeito de uma banda. Não, Sá Rosenda! Você precisa tomar prumo na vida! Um dia, eu acabo com essas sahidas de noite com as amigas! Vocês vão cer o que é que eu faço..." (FONTES, 1933, p. 60).

ENTRAR NOS EIXOS

A locução, de natureza idiomática, possui duas acepções figurativas aplicáveis ao contexto dado: " passar a se ajustar às normas, a se comportar de forma equilibrada" e "voltar ao ritmo habitual; regularizar-se": "Ah! Exclamou em dado instante. Essas meninas estão é tomando sopa commigo! Quem já viu uma coisa dessas? Já passa muito das noves e áquellas moças sozinhas pela rua! Qual!... Isso precisa **entrar nos eixos**..." (FONTES, 1933, p. 57). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

ERA SÓ O QUE ME FALTAVA...

Trata-se de um pragmatema, isto é, refere-se ao conjunto de "unidades simples e compostas, pré-fabricadas, usadas em interações sociais cotidianas e cujo entendimento é mediado pelo contexto situacional." (PINHEIRO, 2015, p.15). No caso em tela, a expressão sempre se refere a um comentário crítico, na modalidade exclamativa. Senão vejamos: "- **Era só o que faltava...** Uma moça dessa apanhar por via de um namoro... Levante a cabeça, menina! Não deixe ninguém

trepar no seu cangote. E quando o mar estiver brabo, corra pra perto de mim, que eu lhe garanto....” (FONTES, 1933, p. 71).

ESCORRAÇAR O COIÓ DE CARA

O escorraçar, datado de 1881, com a noção de “expulsar com violência e/ou desprezo; enxotar, afugentar”. Coió é brasileirismo pejorativo no sentido de “ indivíduo tolo”: “- Ora, os velhos!... – atalhou, desdenhosa, a Pirambú. Elles são os únicos culpados! Por que não castigam as filhas? Porque não botam o freio nelas? Moça creada assim, com mimo e liberdade, acaba sempre em porcaria. Eu, com a minha, é ali no duro! Quando vejo um namorado mais sem jeito, casco o couro em cima dela e **escorraço o coió de cara**...E’ isso mesmo: eles é que teem toda culpa. Vocês não lembrados como a outra vivia com o Ignacio?” (FONTES, 1933, p. 189).

ESPINHOS DO OFFICIO

A locução é corruptela de “ossos do ofício”, informalmente, com a acepção de “o que torna dificultoso algum tipo de atividade, função, trabalho etc.”: “- São **espinhos do officio**, meu amigo. Vejo que, por um lado, o Snr. tem razão. O caso é mesmo delicado para si, dada a sua actuação anterior. Mas isso se remedeia facilmente. Basta, apenas, que o Snr. abandone as diligencias. O Prado já reassumiu o cargo e toma a frente de tudo...” (FONTES, 1933, p. 115).

ESPOUCAR DOS BUSCA-PÉS E DOS FOGUETES

Datado de 1615, com acepção de “peça de fogo de artifício constante de um canudinho cheio de pólvora lenta e vedado de um dos lados o qual, aceso, serpeia pelo chão, preso a uma delgada flecha de bambu ou madeira fina, como que atrás dos pés das pessoas, e que freq. contém um explosivo leve”: “ –São João!...São João!...gritava a menina, ao **espoucar dos busca-pés e dos foguetes**...” !” (FONTES, 1933, p. 200).

ESTAR ALEGRE QUE NEM PASSARINHO NO ARROZAL

Equivalente, hoje, a “ver passarinho verde” com a noção de “demonstrar muita alegria sem motivo conhecido”: “ - Ahi, porém, a moça o interrompeu: - Não, não recite mais. Você está triste? Pois eu

estou alegre que nem passarinho no arrozal. Não queira me pegar sua doença..." (FONTES, 1933, p. 214).

ESTAR UMA PINOIA

Ao contexto dado, ao certo, pinoia, datado em Hoauiss(2009) de 1886, tem acepções possíveis como a pejorativa "mulher que se veste com exagero e leva vida leviana; mulher fatal" ou " diz-se de ou indivíduo fraco e sem préstimos": "Mas a outra nem fez caso da indirecta. Agora, entre pilherica e tristonha se queixava de que sua camisa "**estava uma pinoia**, toda esburacada, imprestável". Mirou-se de cima abaixo,consternada.; e vendo um rasgão maior, por onde seio esquerdo violantamente apontava, disse: - Mas vejam só pra isto! Parece que eu vou dar de mamar ás meninas do Tecido!..." (FONTES, 1933, p.27-28). Pinoia tem uma relação com pinoio, com acepção pejorativa de "indivíduo que se entrega a farras e à vida airada; vadio, malandro".

ESTUDAR NÃO MATA, NEM ALEIJA

No contexto, sugere ao leitor que estudar é, para os pobres, uma possibilidade de mudança: "- Que nada, mãe! **Estudar não mata, nem aleija**... Depois, eu preciso mesmo andar ligeiro, pra tirar logo essa cadeira e dar descanso a vosmecês." FONTES, 1933, p. 91).

FALTA DE VERGONHA

Ao certo, corruptela de "não ter vergonha na cara", fraseologia cm acepção de "não ter consciência da própria dignidade; ter brios": "A mais baixa do grupo, uma mulata quase anã, de rosto encarquilhado, segredava para as outras: - E' uma **falta de vergonha**! Finge que vai pra casa e larga-se com o macho, de automóvel. Não dou mais nada por ella. Não vale um dez-réis furado..." (FONTES, 1933, p. 187-188).

AFASTAR-SE A VISTA BAIXA

Com a noção, pelo contexto de " fingir que não vê": "Poucos momentos decorridos, chegava Capitão Cysmeiros, o Diretor. Vinha afobado, a testa franzida, numa contrariedade indisfarçável. Alguns trabalhadores cumprimentaram respeitosamente e procuraram os seus logares. Outros, apenas se **afastaram, a vista baixa**" (FONTES, 1933, p. 161).

FAZER JUSTIÇA PELAS SUAS PRÓPRIAS MÃOS

A fraseologia panfletária "fazer justiça pelas próprias mãos" com a acepção de "tomar a si o encargo de julgar e punir, que deveria caber à Justiça; vingar-se": "Ahi, foi a vez de Saraiva também manifestar-se: - Não raro vocês me emprestam idéas carbonárias e anarchistas...Mas, deante do que eu acabo de ver e do que diz ahi o deputado, acho que ainda sou brando em excesso! Uns, exploram por interesse e inconsciência; outros calam, por falta de sinceridade e de coragem!....De quem esperar o remédio, então? Cada vez mais me venço: - Ou o **pobre faz justiça pelas suas próprias** mãos, ou há de viver escravo eternamente" (FONTES, 1933, p. 149-150). Utilizamos a expressão "fraseologia panfletária" por evocar a ideia de fazer justiça pelas próprias mãos", no contexto da obra, por se referir ao "que apoia com radicalismo uma ideia, um movimento, uma utopia, uma doutrina etc".

FAZER MAL

Com acepção de "agir errada ou incorretamente": "- Vou fazer umas comprinhas. O dia estava bonito; o meu serviço em ordem...Tive essa idéa de repente. **Fiz mal**?" (FONTES, 1933, p. 233). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

FAZER SERÕES

O termo "serão" é datado do século XIII. As acepção aplicável ao contexto é "trabalho ou tarefa extraordinária, feita à noite; trabalho noturno, em prolongamento, ou como nova etapa, ao trabalho diurno; seroada": "Ultimamente ellas já não podiam vencer, apenas com o serviço diurno, a enorme quantidade de encommendas que a cada instante lhes chegavam. Resolveram, então, **fazer serões** e admittir gente nova para a organização de duas turmas: Uma, que trabalharia das cinco e meia da manhã até a tardinha; e outra que entraria ás seis da tarde para sahir de madrugada." (FONTES, 1933, p. 101).

FOLIAS DE IR PRA ESCOLA

Folia com acepção de "bagunça, brincadeira, agitação": "Ao lado de uma cabo-verde espigada e magrissima – os ossos salientes sob a pelle lusidia – a *Bolo-fôfo* conversava agitada, com o mau humor de costume. Queixava-se da vida: "Estava ganhando um quase-nada.

Sete mil réis por semana! Um horror! Nem podia comprar um sapato melhor, um vestidinho mais assim... Tambem, dava tudo á mãe, pra cevar duas preguiçozinhas que tinha em casa, com **folias de ir pra escola**... Por cima, ainda queriam que se levantasse madrugada, pra se matar no trabalho". (FONTES, 1933, p.33).

FRANZIR O SOBROLHO

Termo datado de 1877, com a mesma acepção de "sobrancelha": "Sá Josepha **franziu o sobrolho** de repente, acercando-se mais do filho:- Escute aqui, Pedro. Você porque não larga umas certas companhias, que andam virando a sua bola? Não, não se zangue... Eu falo é pro seu bem, pro bem de todos nós... Se ha um que não póde se queixar, esse é você. Seus patrões lhe tratam como um filho; sobem você de posto cada dia... Porque, então, essa historia de querer sempre ganhar mais, só oito horas de serviço, e mais isso e mais aquillo? Bem pensado, é até uma ingratidão de sua parte..." (FONTES, 1933, p. 99).

GRITAR NAS FUÇAS

Fuça é datado, em Houaiss(2020), de 1919, com acepção pejorativa de " rosto, cara, fisionomia de alguém (mais usado no plural): "- Deixei o bicho raso... **Gritei-lhe assim, nas fuças**: - "Negro atrevido! Sem-vergonha! Miseravel!"(FONTES, 1933, p. 45).

HAVERIA DE RIR COM MAIS PRAZER, QUEM FICASSE PARA RIR NO FIM DE TUDO

Ao certo, uma corruptela da valha máxima que diz: "Quem rir por último, rir melhor": "Havia parentes sinceramente revoltados 'contra a aviltante cilada em que tinham querido envolver o pobre do rapaz. Saltava aos olhos que tudo aquillo se tramára com o intuito manifesto de arrastal-o ao casamento...Era só o que faltava! Um neto do Coronel Chiquinho Vasconcelos casar com uma operaria do Tecido! Não se ria tão fácil, porém, como supunham...Zeca não era assim um João-Ninguém. Tinha parentes, tinha amigos e dinheiro...**Haveria de rir com mais prazer, quem ficasse para rir no fim de tudo**..." (FONTES, 1933, p. 271).

HISTORIADA DE MULHER

Datado do século XIV, com acepção de " história muito comprida" ou "história complicada, confusa": "-Você não sabe...Elle tem um gênio dos diabos. Estava estudando pra advogado na Bahia e andou fazendo umas doidices. Creio que foi uma **historiada de mulher**...A família zangou-se. Deixou de dar dinheiro. Elle, também, não fez questão. Brigou com o povo todo. E sentou praça por despique..." (FONTES, 1933, p. 196).

HOMBRO A HOMBRO

Locução datada em Houaiss de 1802, com acepção de " lado a lado, a par, em condições de igualdade" e "em intimidade; com familiaridade": "Iam descendo a encosta. Geraldo, que nessa hora não tocava, viu-se, por acaso, hombro a hombro com Josepha. Sentiu um desejo irresistivel de falar-lhe, de dizer-lhe qualquer coisa. E, vencendo a natural timidez, animou-se a perguntar-lhe, com a voz um tanto tremula" (FONTES, 1933, p.13). Outra passagem expressiva: "As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma peça de renda, um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, **hombro a hombro** com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, nem siquer paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210)

NÃO TIRAR ESSA IDÉA DA CACHOLA

Cachola, datada de 1647, com acepção de "centro do intelecto" ou "inteligência": "- Eu sempre fui a que sou hoje. Vocês, sim é que mudaram... Quando a gente morava na " Ribeira" não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui, é que engrossaram o pescoço. Fazem o que bem dá vontade, andam acima e abaixo pelo mundo, como boi solto no pasto, e depois, pae e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu Engenho!... Foi aqui que vocês deram pra reclamar o trabalho, se lastimando a cada passo e a cada hora. Mas eu sei porque é isso: E' porque o tempo é pouco pra tratar de vestidinhos, de sapatos, e

mais isso e mais aquillo! Agora, querem viver que nem umas bonecas, de laçarote no cabello e a cara lambuzada de pintura! Inda outro dia aquella moça – e apontava Albertina – anda falando em vestido de seda e meia fina! Vocês, lá, pensavam nisso?... Mas o peior de tudo é o diabo da cegueira do casamento. **Não tiram essa idéa da cachola** nem por nada! E pro mode isso é que a Senhora faz do que faz, andando pra todo canto com aquelle sujeito de uma banda. Não, Sá Rosenda! Você precisa tomar prumo na vida! Um dia, eu acabo com essas sahidas de noite com as amigas! Vocês vão cer o que é que eu faço..." (FONTES, 1933, p. 60).

IR S'EMBORA

Temos as locuções, sem datação em Houaiss(2020), "ir embora ou ir-se embora" com acepção de "retirar-se, ausentar-se; partir" "- Largue de graças, fez a outra. E' melhor que **vá s'embora**. Quando ele chega primeiro, espera sempre por mim..." (FONTES, 1933, p.32). Postulo o ano de 1933 para a datação desta expressão.

ISSO É DA SINA DA GENTE

Pelo contexto, sina quer dizer "fatalidade a que supostamente tudo no mundo está sujeito" ou "destino, sorte, fado": "Afinal, passados momentos, respondeu, a voz repassada de tristeza: - Se você quer, eu falo, Zepha. Mas não adianta nada. Póde crer...**isso é da sina da gente**. Só mesmo Deus póde mudar..." (FONTES, 1933, p. 191).

JÁ VOU M'EMBORA

Contração da expressão "*em boa hora*" (exprime ideia de retirada): "Fez uma breve pausa, suspirando novamente, e despediu-se: - Bem...**já vou m'embora**....até outra vista" (FONTES, 1933, p. 220).

LAMBER OS PÉS E AS MÃOS DE ALGUÉM

A locução traz a acepção de "adular servilmente": "- Não acha que eu tenho razão? Você não é mais menina de escola. Ninguem póde estar empatando que você goste deste ou daquele... Depois, quando a gente se casar e o *Degas* subir de posição, estão querendo lhe **lamber os pés e as mãos**..." (FONTES, 1933, p. 71). Interessante que Houaiss registra a locução canônina"lamber os pés de" tendo o autor feito o acréscimo de "e as mãos". Vale a pena este registro a propósito da construção com "pé" do ponto

de vista da linguística cognitivista: 'Lamber os pés' é uma expressão metafórica que também advém de uma metonímia oriunda da associação física entre partes do corpo, a língua e o pé. A partir dessa experiência corporal, é possível construir a imagem que remete à metáfora "**menos é para baixo**" (SILVA, 2011, p.24).

LARGA-SE COM O MACHO

Com a acepção de " estar junto de, na companhia de": "A mais baixa do grupo, uma mulata quase anã, de rosto encarquilhado, segredava para as outras: - E' uma falta de vergonha! Finge que vai pra casa e **larga-se com o macho**, de automóvel. Não dou mais nada por ella. Não vale um dez-réis furado..." (FONTES, 1933, p. 1878).

LARGUE DE GRAÇAS

Hoje, temos a locução equivalente " deixa de graça", isto é, de "deixar de tentar atrair a atenção de alguém" ou, mais precisamente, "deixar de agir ou dizer coisas para provocar o riso de (outrem)": "- **Largue de graças**, fez a outra. E' melhor que vá s'embora. Quando ele chega primeiro, espera sempre por mim..." (FONTES, 1933, p.32).

LEVANTAR CASTELLOS

Temos, em Houaiss(2020), a mesma acepção "castelo de vento", esta datada de 1552, com a ideia de " projeto irrealista, sem fundamento, de realização impossível; castelo no ar": "[...]. **Levantou castellos**, em que se via junto a ella, num engenho silencioso e calmo, os corações transbordantes de paixão. Uma onda de ternura encheu-lhe o peito..." (FONTES, 1933, p. 250). Em **O tronco do Ipê** (Volume 1), José de Alencar faz uso desta locução: "Junto á meza, oncleardiao candelabro, Lúcio estava muito applicaclo em levantar castellos de cartas para entreter Adelia." (1871,p.200).

LEVANTAR FERROS

Datado de 1626, com acepção de "içar a âncora" ou figurativamente "partir em viagem por mar": "O "Itajubá" mantinha-se ao largo, bem defronte á Alfandega. Estava prestes a partir, aguardando apenas a chegada dos detentos. Logo que os teve a bordo, **levantou ferros**, apitou, e poz-se a cortar as aguas mansas do rio." (FONTES, 1933, p. 116).

LEVANTAR TANTOS CASTELOS

A fraseologia canônica é "fazer castelos no ar" com a noção de "arquitetar projetos impossíveis de realizar": " Pensára assim muitas vezes;mas, ao fim de **levantar tantos castelos**, olhava em torno de si e vem compreendia a impossibilidade da realização d'aquelle anhelo, que fôra sempre o sonho doirado da familia." (FONTES, 1933, p. 144).

LEVANTAR-SE ÀS CARREIRAS

Houaiss(2020)registra a locução "à carreira", data de 1594, com acepção de "às pressas; correndo apressadamente" e para a locução "às carreiras", sem datação, o mesmo que "à carreira": "Permaneceu ainda uns momentos estirada sobre a enxerga. De repente, lembrando-se das mil occupações que a esperavam, **levantou-se ás carreiras**, falando comigo mesma" (FONTES, 1933, p.24).

LEVAR ALGUÉM DE CHAROLA

Datado do século XIV, refere-se à "padiola em que se levam as imagens sacras nas procissões; andor" : " A "princezinha das rosas" não póde pisar na lama! Quer que a **levemos de charola**?" " (FONTES, 1933, p. 158). Interessante assinalar que temos duas locuções relacionadas ao termo charola: (i) "andar de charola ou ir de charola" com a acepção de "ser levado pelo povo em meio a aplausos"; e (ii) "levar em charola" com sentido de "carregar alguém em triunfo no ardor do entusiasmo" ou "aclamar, aplaudir calorosamente".

LONGE DOS OLHOS, LONGE DO CORAÇÃO

O provérbio significa que não sentimos (está "longe do coração") aquilo que não percebemos (o que está "longe dos olhos"): "- Seja tola! Não chore! - E'... Eu sei como são essas coisas... **Longe dos olhos, longe do coração**... Você vai se esquecer logo de mim..." FONTES, 1933, p. 83).

MANEJAR ALGUÉM AO SEU TALANTE

O termo talante, datado do século XIII. A locução de a talante de" tem acepção de "à vontade de, segundo a vontade":"Agora, Ignacio a **manejava ao seu talante.** Marcava-lhe encontros para

depois da ceia, em sítios afastados; dizia-lhe que faltasse serviço para ir com elle á Getimana, ao Sacco, onde havia os cajus mais bonitos da Cidade e mangabas que eram como mel de abelhas..." (FONTES, 1933, p. 66).

MENINAS DO TECIDO

Refere-se, ao certo, às crianças recém-nascida ou de poucos meses, filhos de trabalhadoras da fábrica de tecidos "Sergipe Industrial": "Mas a outra nem fez caso da indirecta. Agora, entre pilherica e tristonha se queixava de que sua camisa " estava uma pinoia, toda esburacada, imprestável". Mirou-se de cima abaixo, consternada.; e vendo um rasgão maior, por onde seio esquerdo violentamente apontava, disse: - Mas vejam só pra isto! Parece que eu vou dar de mamar ás **meninas do Tecido**!..." (FONTES, 1933, p.27-28).

MOÇA, QUANDO ENCEGUEIRA POR HOMEM, É O DIABO EM FIGURA DE GENTE....

" Ficaram uns momentos em silencio. Em seguida,, Sá Josepha ponderou: - Quem sabe, Geraldo, se você mesmo falando, dando uns conselhos com bons modos, ela não volta ao seu juízo? Experimente. E' bom. Tambem é o único recurso que está na mão da gente pra livrar a sem miolo da desgraça...Se eu pudesse, o que fazia era tirar ella da Fabrica. Ahi sim! Queria ver! O dia todo presa, me ajudando no serviço. E nunca mais que ele vise a cara de Albertina...Mas, assim, andando sosinha, como vive, o miserável tem a faca e o queijo na mão. Cada dia vai engabelando mais a tola...**E moça, quando encegueira por homem, é o diabo em figura de gente**...." (FONTES, 1933, p. 190-191).

MODE

Preposição com acepção de "por causa de": "E' assim, Seu Dr., reatou Sá Josepha. A gente veio da Capella, do "Engenho da Ribeira", não faz ainda muito tempo, e foi morar alli na Estrada Nova. Eu, o marido e a filharada... Pois bem: Esta, que o Snr. está vendo ahi, ajudava mais do que todos nas despesas. Agora, perdeu o emprego, **mode** uma briga que appareceu lá no serviço. Mas o Snr. póde me crer que ella está coberta de razão. O contra-mestre sahiu com enxerimentos; ella partiu com elle... E só por isso, olho da rua.

Procurou logar no outro Tecido. Disseram que não tem vaga. A gente não é daqui, e tem pouco conhecimento. Só Seu Dr. póde dar geito..." (FONTES, 1933, p. 52). Outra passagem expressiva: " –Assim, assim, minha nêga. A febre não larga mais o corpo dela...E é falta de ar, dor de lado...Um horror! agora, deu pra dizer que está doente **mode** o algodão que engoliu em vinte anos, trabalhando sem descanso no tear. Pelo gosto dela, tomava um vomitório por semana." (FONTES, 1933, p. 178). Sem data indicativa em Houaiss (2020), postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

MORRER NO "BARRICÃO"

"Evoca a locução "cair no barricão ou ficar no barricão ou ir para o barricão", datado em Houaiss de 1979), de uso no nordeste brasileiro, com acepção de "ficar solteirona; ficar para tia": E, já risonha:- Pois tome nota do que eu digo: Prefiro **morrer no "barricão"**, a deixar que um bicho desses venha a tomar conta de mim..." (FONTES, 1933, p. 125). Podemos retroceder a datação da expressão para o ano de 1933.

MUITO BONITO, ISSO!

A interjeição exprime, no contexto, reprovação: "- Não! Eu não criei filha pra andarem vagabundando até alta noite pelas ruas! Vocês estão se enganando commigo! O que é que ficam fazendo lá por fóra? Namoros, com certeza... **Muito bonito, isso!** Se teem namorados, se elles são serios,com bôas tenções, que venham ver vocês aqui em casa. E' melhor! Eu não me importo! O que não me cheiram bem são esses passeios até tarde, ninguem sabe por que cantos." (FONTES, 1933, p. 57). Postulamos o ano de 1933 para a datação de bonito como interjeição.

MULHER É UM BICHO TOLO! DEIXA SE EMBEIÇAR POR UM QUALQUER

Ao certo, cabe ao contexto, a noção de "engambelar" (enganar ou seduzir por meio de adulação): "- Já sei, já sei, interrompeu Sá Josepha, em tom sarcastico. Anda ás voltas com o tal do cabo de policia... Um mulato ahi a tôa, que só quer tomar o tempo dela...**Mulher é um bicho tolo! Deixa se embeiçar por um qualquer**." (FONTES, 1933, p. 58).

NÃO BOTAR A MÃO NO FOGO

Trata-se de variação fraseológica da negativa "não pôr a mão no fogo por" ou "não pôr as mãos no fogo por" com sentido de "ter qualquer dúvida a respeito da integridade, da competência e do caráter de (alguém)": "Nessa hora a Pirambú reaccendia a ponta do charuto. Puxou uma fumaçada com força, e proferiu, de um modo vago: - Sei lá!...Eu é que **não botava a mão no fogo**..." (FONTES, 1933, p. 189). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta expressão idiomática.

NÃO DAMOS MÃO FORTE A DESORDEIROS

Com acepção de "não emprestar apoio a": "- E' isso: Acabo de receber um longo telegramma do *leader*, pedindo a inclusão na chapa official do Pererinha e do Rolando, allegando que todos são amigos do Governo e por isso não convem, ante a delicadeza do momento nacional, haver dissensões pelos Estados. Aconselha, portanto, o congraçamento de todos os correligionarios. Mas fal-o em termos muito cordiaes, chamando-me de chefe, dizendo que espera tudo do meu patriotismo. Deante disso, não posso desattendel-o. Ora, havendo o que ha, é preciso pôr um termo a essa greve, que está se revestindo de uma incrivel violencia. E' necessario, mesmo, punir os mais exaltados. Toda a população está contra nós. Precisamos mostrar que **não damos mão forte a desordeiros."** (FONTES, 1933, p. 112). Postulamos o ano de 1933 para a datação da locução "dar mão forte a".

NÃO DAR A ALGUÉM A MÍNIMA ATENÇÃO

O termo mínima é datado de 1685. A locução "não dar a mínima ou ligar a mínima" com a acepção de "não dar nenhuma importância a algo ou alguém; não fazer caso, não ligar": "Mas a operaria **não lhe dava a mínima atenção**. Parecia, até, não o escutar. E, agarrada ao serzinho inerte, a quando e quando repetia, entre soluços e gemidos: - Meu filho! Meu filho! Eu quero meu filho! (FONTES, 1933, p. 162-163).

NÃO DAR MAIS NADA POR ALGUÉM

Com a acepção de "ter pouco valor ou pouca importância; não merecer atenção ou consideração": "A mais baixa do grupo, uma mulata quase anã, de rosto encarquilhado, segredava para as outras: - E' uma falta de vergonha! Finge que vai pra casa e larga-se com o

macho, de automóvel. **Não dou mais nada por ella**. Não vale um dez-réis furado..." (FONTES, 1933, p. 1878).

NÃO DAR UM DEZ RÉIS DE MEL COADO

É provável que seja uma variante fraseológica de cinco réis de mel coado", com a noção de "quase gratuitamente, preço muito baixo, econômico, barato". A locução "dez-réis de mel coado", em Houaiss(2020)sem datação, tem acepção figurativa de " quantia desprezível" ou "coisa sem valor". A locução "dez-réis" refere-se à antiga moeda portuguesa e brasileira, geralmente fabricada em cobre": "-Ora! Você inda é feliz. Tem pae e irmãos que lhe ajudam. E a pobre de mim, que eu sou só, pra sustentar minha mãe e um sobrinho ainda pequeno?... O que?!... Opae delle? **Esse não dá um dez réis de mel coado**!... Tudo sae do meu suor." (FONTES, 1933, p.33).

NÃO DEIXAR NINGUÉM TREPAR NO SEU CANGOTE

O termo cangote é datado de 1826 para se referir à "parte posterior da cabeça; nuca, cachaço". A locução em tela pareceu-nos ser uma variação fraseológica e informal de " não deixar montar no cangote", com acepção figurativa de "dominar (alguém), humilhando; submeter (alguém) a seu capricho; pisar no cangote de": "- Era só o que faltava... Uma moça dessa apanhar por via de um namoro... Levante a cabeça, menina! **Não deixe ninguém trepar no seu cangote**. E quando o mar estiver brabo, corra pra perto de mim, que eu lhe garanto...." (FONTES, 1933, p. 71).

NÃO É COM DUAS RAZÕES QUE SE ARRANJA O QUE COMER E O QUE VESTIR

Pelo contexto, a noção de que "somente o trabalho traz prosperidade moral e financeira e as condições essenciais à manutenção da vida, o sustento": "Cale a boca, mãe. Tudo isso é bom de se dizer...Mas a Senhora mesmo sabe que **não é com duas razões que se arranja o que comer e o que vestir**...Emprego, ninguém me dá...Renda?...Costura?....Mas o que é que eu sei fazer, pra viver só desse serviço?" (FONTES, 1933, p. 274).

NÃO ESTÁ SE VENDO LOGO

O contexto sugere que conhecemos as pessoas por suas boas maneiras, traquejo social, refinamento: "-Oh! Sá Maria! Exclamou a vendeira aborrecida. Pra que falar assim da pobre da mulher? Pois olhe: Eu só vim conhecer esse pessoal quando eles vieram de muda para Cidade; mas sou capaz de jurar que a velha sempre foi muito direita. **Não está se vendo logo...A gente conhece pelos modos**" (FONTES, 1933, p. 189).

NÃO GOSTAR DISSO NEM UM TICO

Pelo contexto, pode ser relacionado a "não gostar disso nem um tiquinho", ou seja, tiquinho com a ideia de "bocado, pedacinho de qualquer coisa": - Eu também, falar verdade, **não gosto disso nem um tico**... Mas o que é que a gente vai fazer? Tenho dado muita volta na cabeça e não atino... Tirar a outra da escola, perdendo tudo o que já fez, ainda é peior... Não vejo outro recurso senão esse..." (FONTES, 1933, p. 122).

NÃO LEVE A MAL

Com acepção de "não tomar em mau sentido, ofender-se; não deitar para mal": "A Senhora sabe, minha nêga: Eu gosto muito da Senhora... Das suas meninas, tambem. Pois é por gostar que eu conto... **Não leve a mal** o que vou lhe dizer. Mas olhe: Tome cuidado com a Rosenda. O namoro della com o cabo cahiu no goto do povo. Aquelle sujeito não presta. E as linguas de palmo e meio já começaram o trabalhinho..." (FONTES, 1933, p. 76). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta locução.

NÃO SER CAPAZ DE MATAR UM PASSARINHO

Ao certo, com a acepção de "ser de boa paz", isto é, "ter temperamento tranquilo, pacífico": "Desde ahi, uma perseguição surda e constante o alvejou. Não faltou até quem fosse solicitar do Motta Pires que o puzesse para fóra do jornal. Mas o velho jornalista, que admirava a altivez e a força de vontade do rapaz, respondeu-lhes a troçar:- Qual o quê! Zé Affonso **não é capaz de matar um passarinho**... O que elle faz apenas é falar..." (FONTES, 1933, p. 93).

NÃO SER UM JOÃO-NINGUÉM

Datado de 1869, com acepção de "indivíduo sem importância, que não tem peso social e destituído de qualquer poder econômico: "Havia parentes sinceramente revoltados 'contra a aviltante cilada em que tinham querido envolver o pobre do rapaz. Saltava aos olhos que tudo aquillo se tramára com o intuito manifesto de arrastal-o ao casamento...Era só o que faltava! Um neto do Coronel Chiquinho Vasconcelos casar com uma operaria do Tecido! Não se ria tão fácil, porém, como supunham...Zeca **não era assim um João-Ninguém**. Tinha parentes, tinha amigos e dinheiro...Haveria de rir com mais prazer, quem ficasse para rir no fim de tudo..." (FONTES, 1933, p. 271).

NÃO TER CERIMÔNIA

O termo cerimônia é datado do século XIV. Remete-nos à locução "não fazer cerimônia", isto é, ""não demonstrar timidez, acanhamento; não recusar algo mesmo quando o deseja": "- Vamos...Entrem. Todos aqui são meus amigos. **Não tenham cerimonia**...como está gorda, Albertina! E essa moça? É sua irmã" (FONTES, 1933, p. 146).

NÃO VÁ SE PERDER PRO MODE A GENTE

Com a acepção de "levar a ou cair em perdição ou em desgraça": "Sá Josepha a atalhou com vehemencia: - Não, Caçulinha! Por isso, não! **Não vá se perder pro mode a gente**. Você faz renda e costura. Eu também posso trabalhar...Os três juntos.Há de se arranjar um geito de viver... (FONTES, 1933, p. 274).

NÃO VALER UM DEZ-RÉIS FURADO

Dez-réis refere-se à "antiga moeda portuguesa e brasileira, geralmente fabricada em cobre". Há a locução "dez-réis de mel coado" que, ao que parece, sofrer currptela de coado para "furado", com acepção de "quantia desprezível" ou "coisa sem valor": "A mais baixa do grupo, uma mulata quase anã, de rosto encarquilhado, segredava para as outras: - E' uma falta de vergonha! Finge que vai pra casa e larga-se com o macho, de automóvel. Não dou mais nada por ella. **Não vale um dez-réis furado**..." (FONTES, 1933, p. 1878).

NEGOCIO COM O ALFAIATE CASIMIRO

Refere-se a uma palavra-ônibus usada em lugar de qualquer coisa, fato ou objeto, mesmo que expletivamente; troço: " – Nem tanto...Você já está ficando em idade de casar. Se aparecer um bom partido – seja tola! – não engeite...Eu estou levando bem a serio o meu **negocio com o alfaiate Casimiro**..." (FONTES, 1933, p. 193).

NEM QUE CHOVA CANIVETE

Equivalente à fraseologia canônica "mesmo que chova canivete" (= "de qualquer jeito; haja o que houver"): "- Póde contar na certa. **Nem que chova canivete**, antes das onze eu risco na Urubutinga." (FONTES, 1933, p.9).

NEM SIQUER

Locução com a acepção de "nem ao menos, nem mesmo". "As quatro horas, mais ou menos, as operarias começavam a ir sahindo, em grupos barulhentos, com o ordenado da semana ainda na mão. Comprovam fructas e doces, um pente de lado, uma peça de renda, um agulheiro. Passavam acima e abaixo, revendo amigas, conhecidos. Algumas encontravam os namorados e ficavam a perambular, hombro a hombro com eles, até quase o vir da noite; enquanto outras, de rosto apprehensivo, **nem siquer** paravam, na ânsia de chegarem em cada logo e logo, a atender a um filho doente ou cuidar de outros trabalhos necessários" (FONTES, 1933, p. 210). Podemos postular o ano de 1933 para a datação da locução.

NINGUÉM PODIA OLHAR AQUILLO COM BONS OLHOS

Equivalente, hoje, a locução idiomática "não ver com bons olhos", com acepção de "tender a não aceitar bem; a não mostrar-se favorável": "Em verdade, **ninguém podia olhar aquillo com bons olhos.** A má fama do doutor era de todos conhecida. Não havia uma pessoa pra crêr que ele tivesse a intenção de desposar a operaria. Toda a gente logo imaginava que ele unicamente pretendia desfructar as graças daquele corpo jovem e bem formado" (FONTES, 1933, p. 185).

NINGUEM SABE DAS VOLTAS DESTE MUNDO

A expressão remete o leitor a "o mundo dá voltas", com a acepção, inicialmente literal, de que o mundo está em constante movimento ou com sentido de "lei do **dar** e receber", a lei do universo: "- Não diga assim, menina. Pobre não póde sustentar desses caprichos... Se eu tivesse recursos, nenhuma de vocês estava lá... Não diga assim... **Ninguem sabe das voltas deste mundo**..." (FONTES, 1933, p. 42).

NO MUNDO DA LUA

Datado em Houaiss (2020) de 1979, com acepção de "completamente alheio ao que se passa em redor": "- Mas, o que foi que aconteceu? Você está no **mundo da lua**, minha filha? Não vai trabalhar mais hoje, não?" (FONTES, 1933, p. 199). Podemos postular a retrodatação da expressão para o ano de 1933.

NOITE TER DESCIDO FRESCA

Fresca, datado de fresca (1858, com acepção de "aragem aprazível que costuma, em dias quentes, soprar geralmente ao entardecer" ou "fresquidão, frescor; sensação deleitosa, refrescante: "Passearam pela cidade a tarde inteira. E como a **noite tivesse descido fresca** e cheia de estrelas, deixaram-se ficar na Praça do Palacio, ouvindo a retreta, até bem tarde." (FONTES, 1933, p. 221).

O HOMEM NÃO PASSA DE UM SER EGOÍSTA E GNOBIL!

Refere-se à atitude do ser humano, de modo geral, que parte do princípio de que o fundamento de todo pensamento ou ação é a defesa dos próprios interesses: "Com um gesto brusco arremessou o cigarro longe e falou alto: - **O homem não passa de um ser egoísta e gnobil**! Olha, primeiro que tudo, o seu interesse!" (FONTES, 1933, p. 248).

O MELHOR É A GENTE BOTAR A VERGONHA E O CORAÇÃO PRA UM LADO, E ACEITAR A SORTE, VENHA COM A CARA QUE VIER

Uma fala com marcada pelo determinismo, ou seja, " tudo no universo, até mesmo a vontade humana, está submetido a leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento humano está totalmente predeterminado pela natureza, e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva": "Suspirou

profundamente. Depois: - Olhe: **o melhor é a gente botar a vergonha e o coração pra um lado, e aceitar a sorte, venha com a cara que vier.** Eu, de hontem pra cá, resolvi fazer assim..." (FONTES, 1933, p. 274).

O NOME NUNCA É FEIO NEM BONITO. DEPENDE, APENAS, DA DONA

Datado de 1735, com acepção de "à medida que, enquanto": "Joanna..Joanna...Quer saber? **O nome nunca é feio nem bonito. Depende, apenas, da dona**. Helena, numa negra, é um nome horrível. Ao que passo que Joanna, na Senhora, fica lindo..." (FONTES, 1933, p. 183).

O' XENTE, GENTE!

Datado de 1881, oxente refere-se à interjeição empregada com frequência no Nordeste brasileiro, que "exprime estranheza, dúvida, espanto, admiração, mas tb. indignação e desprezo": "- **O' xente , gente**! Temos aqui esta *papa-carne*. Quer comer solido cada passo e cada hora! Você sabe por quanto está um kilo de jabá? Não, Sá fidalga, você só come carne ás sete e meia, quando voltar pro almoço. E não é pouco! Está ouvindo ?" (FONTES, 1933, p.28). Também diz apenas oxe". Etimologia:aglutinação de de ó gentes (> ó xentes, por sonorização). Forma histórica "ó xentes" resulta de dois fenômenos linguísticos: aglutinação e delimitação voculabar. Por aglutinação, entende-se a "reunião em um só vocábulo, com significado independente, de dois ou mais vocábulos distintos; ocorre perda de fonemas e especialmentede acento de um dos vocábulos aglutinados"; e ocorre "perda de delimitação vocabular entre dois ou mais itens lexicais e/ou gramaticais que se reúnem e passam a constituir um único vocábulo".

OLHAR DE ESGUELHA PARA A OUTRA

Olhar de lado, de través, de maneira oblíqua: "Dizia isso **olhando de esguelha para a outra**." (FONTES, 1933, p. 219-220).

OLHAR DE TRAVEZ

Datado do século XIV, com acepção de "de lado, obliquamente", inclusive a locução "de través ou em través": "Mas, afinal, casára... Estava livre agora de trilhar a mesma sorte de Rosenda... O noivo era pobre. Que fôsse um esmoler! Elles tambem não desejavam partidos ricos para as suas. Queriam, apenas, vel-as *casadas*! Que depois, com

os seus maridos, fossem obrigadas a lidar por todo o dia, soffressem as mais duras privações... Nada disso importava: Casadas, ellas seriam *gente*! Ninguem fugiria ao seu convivio; ninguem as **olharia de travez**... E não se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de "rapariga" e "mulher-dama"!" (FONTES, 1933, p. 97).

OLHINHOS DE QUIXABA

O termo quixaba, datado em 1902, registra-se em " Os Sertões", com da família das sapotáceas, nativa do Brasil com espinhos fortes, folhas coriáceas, flores aromáticas e bagas roxo-escuras, doces e comestíveis": "- Estou aqui no Aracajú já faz três meses. E é a primeira vez que sinto o coração bater por um moça... Foram esses seus **olhinhos de quixaba**..." (FONTES, 1933, p. 65).

OLHO DE CABRA MORTA DO INFERNO!

No nordeste brasileiro, "olho de cabra morta " é o mesmo que "olho de peixe morto" (no sentido de 'olhar triste, olho de peixe morto, olho de mormaço, olhar turvo, sombrio, triste; olho de gata morta'): "Calou-se por um momento, pensativa. Depois, apontando o punho fechado para o vulto de Fontoura, que já ia bem distante, entre amuada e risonha proferiu: - **Seu olho de cabra morta do inferno**!..." (FONTES, 1933, p. 156).

OLHOS DE CABRA BEBEDA

Ao certo, podemos, pelo contexto, algo do tipo "olhar quebrado", "olhar de mormaço, olhar de peixe morto" com acepção de " o olhar dos apaixonados": Vou-te! O homem bota cada olho pra cima da gente! Parece até que está vendo por debaixo do vestido! Cheguei a ficar desageitada... Uns **olhos de cabra bebeda**..." (FONTES, 1933, p. 140).

OU O POBRE FAZ JUSTIÇA PELAS SUAS PRÓPRIAS MÃOS, OU HÁ DE VIVER ESCRAVO ETERNAMENTE

A expressão canônica, recuperada no contexto, é " fazer justiça pelas próprias mãos", aplicada à acepção de de os pobres vingarem-se" contra seus opressores para fins revolucionários e anarquistas: "Ahi, foi a vez de Saraiva também manifestar-se: - Não raro vocês me emprestam idéas carbonárias e anarchistas...Mas, deante do que eu

acabo de ver e do que diz ahi o deputado, acho que ainda sou brando em excesso! Uns, exploram por interesse e inconsciência; outros calam, por falta de sinceridade e de coragem!....De quem esperar o remédio, então? Cada vez mais me venço: - **Ou o pobre faz justiça pelas suas próprias mãos, ou há de viver escravo eternamente**" (FONTES, 1933, p. 149-150).

PARECER BEBER SUAS PALAVRAS

A expressão nos remete a "engolir em seco", isto é, "sofrer silenciosamente uma injustiça, insulto ou humilhação; represar ou reprimir uma expansão": "O velho não desfitava a vista da mulher e **parecia beber suas palavras**." (FONTES, 1933, p. 131).

PASSAR A RECEBER DEUS E O MUNDO

Com a noção, ao certo, de prostituir-se: " Sá Josepha continuou, olhando o chão:- Foi assim... João Branco não quis me contar as coisas direitinho. Parece que teve pena de mim... Mas eu entendi tudo muito bem: Quando o diabo largou a pobrezinha, ella ficou mesmo sem geito nesta vida... Teve de ir morar com outras mulheres... E **passou a receber Deus e o mundo**..." (FONTES, 1933, p. 132).

PELO AMOR DE DEUS, TOME..

Também com a variante "por amor de Deus", ambas as formas datadas do período de 1326-1375, com acepção de "por caridade, por favor": "Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem atendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciência, uma suavidade que surpreendia a todos os de casa. Ás vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu suculento, uma gemmada. A tisica, inapetente, recusava. Então a velha, ao invés de apoquentar-se, como era de esperar do seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava: - Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem....**Pelo amor de Deus, tome**...E' sua mãe que está pedindo...." (FONTES, 1933, p.170).

PELO GOSTO DELA

Refere-se à locução "por gosto", isto é, de de propósito, intencionalmente; a gosto, de gosto: –Assim, assim, minha nêga. A febre não larga mais o corpo dela...E é falta de ar, dor de lado...Um horror! agora, deu pra dizer que está doente mode o algodão que

engoliu em vinte anos, trabalhando sem descanso no tear. **Pelo gosto dela**, tomava um vomitório por semana." (FONTES, 1933, p. 178).

POBRE É COMO BOI DE CARRO

Ao certo, cabe ao contexto, a acepção de "resiliência" no sentido de o desfavorecido financeiramente ter a **"**capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças": "- **Pobre é como boi de carro. Aguenta canga, ferrão, o diabo**! E se um dia teima, sem sem querer trabalhar, o dono grita logo pro carreiro: - "Este boi foi anda cansado; está bom é de ir pra faca". Pobre é assim. Se não aguenta a lida afrouxa, morre de fome, quem é faca cega: mata devagarinho... (FONTES, 1933, p. 43-44).

PÔR UM TERMO A ESSA GREVE

Com acepção de "acabar, concluir": "- E' isso: Acabo de receber um longo telegramma do *leader*, pedindo a inclusão na chapa official do Pererinha e do Rolando, allegando que todos são amigos do Governo e por isso não convem, ante a delicadeza do momento nacional, haver dissensões pelos Estados. Aconselha, portanto, o congraçamento de todos os correligionarios. Mas fal-o em termos muito cordiaes, chamando-me de chefe, dizendo que espera tudo do meu patriotismo. Deante disso, não posso desattendel-o. Ora, havendo o que ha, é preciso **pôr um termo a essa greve**, que está se revestindo de uma incrivel violencia. E' necessario, mesmo, punir os mais exaltados. Toda a população está contra nós. Precisamos mostrar que não damos mão forte a desordeiros." (FONTES, 1933, p. 112). Postulamos o ano de 1933 para a datação da locução "pôr um termo", variante de "pôr a termo a".

POVO ESTÁ FALANDO

Equivalente a está falada, isto é, está com "ou comportamento que provoca maledicência ou escândalo" e a consequência de tal comportamento é "ruído de muitas vozes; falatório": "Porém, quando se achava a sós com a amiga, não perdia oportunidade de avisal-a: - Tome cuidado, criatura! **O povo está falando**. Não vá fazer besteira" (FONTES, 1933, p. 187).

PRO MODE

Locução registrada em Houaiss (2020) sem datação com a acepção de "a fim de" ou " por motivo de": "- Escute aqui, Maria: você está esperando Odilon? Homem! E' muita coragem uma pessoa ficar assim na chuva, **pro mode** um troncho daqueles..." (FONTES, 1933, p.32). Outra passagem expressiva: " "- Eu sempre fui a que sou hoje. Vocês, sim é que mudaram... Quando a gente morava na " Ribeira" não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui, é que engrossaram o pescoço. Fazem o que bem dá vontade, andam acima e abaixo pelo mundo, como boi solto no pasto, e depois, pae e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu Engenho!... Foi aqui que vocês deram pra reclamar o trabalho, se lastimando a cada passo e a cada hora. Mas eu sei porque é isso: E' porque o tempo é pouco pra tratar de vestidinhos, de sapatos, e mais isso e mais aquillo! Agora, querem viver que nem umas bonecas, de laçarote no cabello e a cara lambuzada de pintura! Inda outro dia aquella moça – e apontava Albertina – anda falando em vestido de seda e meia fina! Vocês, lá, pensavam nisso?... Mas o peior de tudo é o diabo da cegueira do casamento. Não tiram essa idéa da cachola nem por nada! E **pro mode** isso é que a Senhora faz do que faz, andando pra todo canto com aquelle sujeito de uma banda. Não, Sá Rosenda! Você precisa tomar prumo na vida! Um dia, eu acabo com essas sahidas de noite com as amigas! Vocês vão cer o que é que eu faço..." (FONTES, 1933, p. 60).

PROPOR Á QUEIMA-ROUPA

A locução, datada de 1720, com acepção de "de chofre; repentinamente": "Ahi, Mimosa, a quem afligia sobremodo ver a amiga naquela situação constrangedora, ergueu-se, e **propoz, á queima-roupa**" (FONTES, 1933, p. 222).

PUXAR NA PERNA ESSA AREIÃO

Ao certo, o contexto sugere a mesma acepção de "ter pernas", isto, de "ter boas condições físicas" para andar no areal (faixa de areia que confina com as águas do mar): "- Caçulinha, então, mangava: - Está vendo? Você, em vez de falar, fica ahi, mudo que nem estatua, só olhando pra mim, como se eu fosse alguma santa...Na hora da sahida é

que se lembra da conversa...Pois está ahi! Perdeu o bonde. Agora, tem que **puxar na perna essa areião**..." (FONTES, 1933, p. 209).

PUXAR UMA FUMAÇADA COM FORÇA

Puxar uma fumada, isto é, "tragada que o fumante tira de uma vez do charuto: "Nessa hora a Pirambú reaccendia a ponta do charuto. **Puxou uma fumaçada com força**, e proferiu, de um modo vago: - Sei lá!...Eu é que não botava a mão no fogo..." (FONTES, 1933, p. 189).

PUXOU O ASSUMPTO DOS CASOS FEIOS DA SEMANA

Equivalente a "puxar conversa com" com acepção de "procurar iniciar diálogo com alguém": "Foi assim: A gente acabou o serviço ás quatro e meia e se juntou pra conversar. Eu, Lili, Elvira e Mariinha. Não sei qual foi de nós que **puxou o assumpto dos casos feios da semana...** [...]"(FONTES, 1933, p. 233). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

QUANDO A GENTE QUER BEM NÃO ENCARA NADA

O contexto refere-se a "Rosenda e Albertina que começaram a namorar e fugiram com os rapazes que as abandonaram e elas entraram pra prostituiçã, iludidas de que se casariam": "- Fugindo! **Quando a gente quer bem não encara nada**. Vamos!..." ." (FONTES, 1933, p. 84).

A LEITURA É UM CASO SERIO

A construção do hábito leitor ocorra efetivamente torne-se uma habilidade prazerosa: "- Está bem. Eu vou pedir. Comprei cinco livros este mês, mas já li todos. **Quando a gente se acostuma com a leitura, é um caso serio**. Tudo quanto é distracção fica do lado." (FONTES, 1933, p. 92).

QUANTO VOSSA SENHORIA QUER PELA GRACINHA

É possível vslumbrarmos duas acepções para o contexto: (i) "dito levemente malicioso e atrevido; gracejo; e (ii) " ação, dito ou gesto gracioso ou engraçado, especialmente por parte de crianças":"- Agora, vamos ver **quanto Vossa Senhoria quer pela gracinha,** seu cara de ralo!..." (FONTES, 1933, p.36).

QUESTÕES DE NONADA

A locução "de nonada" refere-se á de "de pouca valia ou monta" ou " sem mérito; insignificante": "- Basta, Snr. Dr. ! explodiu o Chefe do Governo, interrompendo-o. Eu não comprehendo um correligionario que se apaga a **questões de nonada**, quando estão em jogo os altos interesses do Partido. Agora, se o Snr. prefere ficar com essa *gente* e abandonar os amigos politicos..." (FONTES, 1933, p. 114).

REATAR FIO DA CONVERSA

Ao certo, hoje a expressão equivalente é "reatar" "o fio da meada", recuperar o conteúdo do que se estava dizendo: "Passados minutos, foi ainda moça quem **reatou fio da conversa**: - Mas ora, mãe...Parece que tudo estava se encaminhando pa melhora de vosmecês...O dinheiro que me dão, chega de sobra para todos nós vivermos descansados...Porque não ficam...Aconselhe, pae. Diga que esteve aqui em casa...Que a minha vida não é lá das piores..." (FONTES, 1933, p. 280).

REPARAR NOS BEIÇOS

Com a acepção de "fixar ou dirigir a vista ou a atenção; notar, observar, perceber" nos beiços, isto é, a tromba da filha ("fisionomia carregada): "Sá Josepha chegou-se mais para junto della. E o dedo em riste, quasi a tocar-lhe a face, bradou: - Só sabe ser malcriada, esse diabo! A gente faz coisas pro bem della e salta com quatro pedras na mão! Atrevida! Respondona! **Repare nos beiços**!" (FONTES, 1933, p. 61).

RONCO DOS ZABUMBAS E DO "BOI"

Zabumba, datado de 1721, com acepção de "tambor de sonoridade grave e membranas nas duas extremidades; bombo, bumba, bumbo, caixa grande, zambê, zambumba, zé-pereira": "Não havia numa rua, nos subúrbios, onde não se dansasse com calor, ao som dos violões e das sanfonas. A's vezes, num rancho mais humilde, um samba foliento, cadenciado ao **ronco dos zabumbas e do "boi",** attrahia verdadeiras multidões. Nos palacetes da cidade, entre brincos e fogos de salçao, gritos, vivas, gargalhadas..." (FONTES, 1933, p. 200).

SABE DE REZAR FORTE PRA FAZER A MOÇA CAHIR

Com acepção de "conversa sedutora que visa uma conquista ou a obtenção de uma permissão, de uma facilitação, vantagem etc.": "Do Carmo riu tambem, accrescentando:- Não se fie tanto assim em sua força. Dizem que o homem é damnado! **Sabe de reza forte pra fazer a moça cahir**..." (FONTES, 1933, p. 136).

SABER ESCREVER A MACHINA

Equivalente à locução "bater à máquina" com acepção de "escrever à máquina datilográfica; datilografar": "Se ao menos ella **soubesse escrever a machina**, poderia se arranjar um emprego de Banco ou mesmo numa Repartição Publica qualquer..." (FONTES, 1933, p. 147). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta expressão.

SAIR DE DENTRO D'AGUA

Com a acepção, ao certo, de "sair da terra molhada e pastosa; barro, lodo, vasa": "Mais adiante prendeu a attenção das duas amigas uma mulher de rosto escaveirado cabelo em desalinho, e sem casaco, que de uma janela gritava furiosamente para a rua: - **Sahe de dentro d'agua**, coisinha ruim, pezeta! Depois está ahi batendo o queixo de sezões" (FONTES, 1933, p. 153).

SAIR DO PEITO AOS SOLAVANCOS

O termo solavanco, datado de 1560, com acepção de "sacudidela ou abalamento brusco; tranco, abanão, safanão": sinônimos "Sá Josepha havia estacado em meio á sala, uns grandes olhos abertos para a filha. Esteve a olhal-a assim alguns segundos. Depois, seus lábios puzeram-se a tremer. E num som cavo, que lhe **sahia do peito, aos solavancos,** perguntou: - O que foi, Caçulinha?! O que foi que aconteceu?!" (FONTES, 1933, p. 261).

SALTAR COM QUATRO PEDRAS NA MÃO

Com a acepção de "de modo muito agressivo": "Sá Josepha chegou-se mais para junto della. E o dedo em riste, quasi a tocar-lhe a face, bradou: - Só sabe ser malcriada, esse diabo! A gente faz coisas pro bem della e **salta com quatro pedras na mão**! Atrevida! Respondona! Repare nos beiços!" (FONTES, 1933, p. 61). Para esta locução idiomática, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

SAMBA FOLIENTO

Samba foliento é aquele que aciona os foles de um órgão: "Não havia numa rua, nos subúrbios, onde não se dansasse com calor, ao som dos violões e das sanfonas. A's vezes, num rancho mais humilde, um **samba foliento**, cadenciado ao ronco dos zabumbas e do "boi", attrahia verdadeiras multidões. Nos palacetes da cidade, entre brincos e fogos de salçao, gritos, vivas, gargalhadas..." (FONTES, 1933, p. 200). Trata-se de uma palavra não registrada em Houaiss (2020) com datação proposta para o ano de 1933.

PERDER O SANGUE-FRIO

Datado de 1874, com acepção de perder a "tranquilidade, domínio de si, presença de espírito diante de situações que envolvam sofrimento, perigo, dificuldades": "Mas ele não contava com aquella interpelação, núa e decisiva, lançada assim a queima-roupa. **Perdeu o sangue-frio**. E passou a responde, titubeante: - Não, Caçulinha...Eu vou ser franco..Casar...agra, não é possível..Escute aqui..Eu explico..." (FONTES, 1933, p. 254). Temos a locução "a sangue-frio" com a noção de "com frieza e deliberadamente".

TER DE SE ARRIMAR Á BALAUSTRADA

Arrimar com sentido de "fornecer apoio ou suporte a (si mesmo, algo ou alguém)": "Quando alcançou a rua da Frente o vapor ia já dobrado a Barra. Ella ficou a olhal-o até que o viu sumir-se no horizonte. Uma angustia indizível foi-lhe apertando, pouco e pouco, o coração. Um tremor nervoso assaltou-a. E **teve de se arrimar á balaustrada** para não cahir redondamente sobre o solo..." (FONTES, 1933, p. 117).

SE TODO HOMEM NORTEASSE A SUA VIDA PUBLICA PELOS MESMOS RIGIDOS PRINCIPIOS DE SEU AGIR PARTICULAR, ESTE BRASIL SERIA UM PAIZ BEM DIFERENTE

No contexto, o personagem Carlos Pereira parece sugerir ao leitor que o agir dentro de princípios da moralidade na vida pública permite à sociedade o controle social sobre os atos praticados pela Administração Pública**:** "Carlos Pereira sorriu e respondeu: - Ah! **Se todo homem norteasse a sua vida publica pelos mesmos rígidos**

princípios de seu agir particular, este Brasil seria um paiz bem diferente" (FONTES, 1933, p. 149).

SE TODO POBRE ACORDASSE CONTANDO SUAS MAGUAS O MUNDO ACABAVA EM POUCO TEMPO

Aforismo setencioso. "- Faz bem, Albertina! Exclamou uma sardenta, com os cabellos côr de fogo. **Se todo pobre acordasse contando suas maguas o mundo acabava em pouco tempo**. Ninguem trabalhava e a fome vinha, damnada!" (FONTES, 1933, p.34). Interessante remate da frase sentenciosa: "- E'! E fiquem sabendo que os *pequenos* esticavam a cenella antes dos *grandes*..." (FONTES, 1933, p.34).

SEM A MENOR CERIMÔNIA

Locução datada em Houaiss(2020)de 1842 com acepção de "à vontade; distenso, desembaraçado": "Os convivas receberam essa noticia em algazarra, e logo, **sem a menor cerimonia**, se lançaram para a sala do fundo, na disputa dos logares. Sobre largas esteiras de piri servira-se a refeição. Uns, sentados, outros, de cócoras, comiam e palravam a um tempo só. Alguns, mais folguentos, excediam-se nas bebidas." (FONTES, 1933, p.10).

SEM MAIS NEM MENOS

Temos, em Houaiss(2020), os seguintes registros locucionais: "sem mais aquela ou sem mais nem mais ou sem mais nem menos", com a mesma acepção de " sem razão justificada; sem motivo" ou " sem mais preâmbulos; de repente, inopinadamente": "Porem, como deixal-a assim, **sem mais nem menos**? Seria uma infami, que ele não teria animo de levar até o fim. Ademais, queria-lhe bem,amava-a muito...Tão bonita! Seus olhos, seu rosto, seu cabelo.." (FONTES, 1933, p. 249-250). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

SER AINDA DE COLO

Com remissão jocosa à locução "criança de peito" (aquela que ainda está sendo amamentada), isto é, Albertina não aceita ser tratada como criança: "Albertina não tomou a serio esses conselhos. E, numa gargalhada, respondeu:- Seja tola, mulher!... Você fala como se eu **inda fosse de collo**.... Commigo, a coisa é bem differente. Se vier pra cima

de mim, eu tambem applico o jogo em cima delle: Um bocado de corda no começo, e, depois, porta na cara...” (FONTES, 1933, p. 135).

SER DE MATAR

A locução tem a acepção de “ muito ruim, duro de suportar, de péssima qualidade”: “ –**E’ de matar**...Vamos pra aquelle ponto. Alli...” (FONTES, 1933, p. 240).

SER DONA DA MINHA VONTADE

Ao certo, equivalente a “ser dono do seu nariz” com acepção informal de “ser senhor de si; responsabilizar-se por suas próprias ações, opiniões etc.”: “E’ isso mesmo, Ignacio! Fes a moça, resoluta. Agora, eu não ligo mais. Quem não gostar, que se arranje. Saio ao tempo e á hora que quiser. Ninguem me empata! Prompto! **Sou dona da minha vontade**!” (FONTES, 1933, p. 71).

SER GENTE

Com acepção de “ ser pessoa de importância”: “Mas, afinal, casára... Estava livre agora de trilhar a mesma sorte de Rosenda... O noivo era pobre. Que fôsse um esmoler! Elles tambem não desejavam partidos ricos para as suas. Queriam, apenas, vel-as *casadas*! Que depois, com os seus maridos, fossem obrigadas a lidar por todo o dia, soffressem as mais duras privações... Nada disso importava: Casadas, ellas **seriam *gente***! Ninguem fugiria ao seu convivio; ninguem as olharia de travez... E não se lhes dariam nunca os nomes, sobretudo infamantes, de “rapariga” e “mulher-dama”!” (FONTES, 1933, p. 97).

SER UMA PESTE!

Houaiss(2020) traz a acepção, sem data indicativa, seguinte: “pessoa de maus bofes, mal-humorada, criadora de problemas”: “E rematava, furiosa: - **Isso é uma peste**! Não é vida! Andar suja assim que nem cadela de senzala...” (FONTES, 1933, p.33). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta acepção de peste.

SÓ MESMO DEUS PÓDE MUDAR

Com a ideia de que só Deus pode mudar as leis naturais, a sorte, o destino: “Afinal, passados momentos, respondeu, a voz repassada de tristeza: - Se você quer, eu falo, Zepha. Mas não adianta nada.

Póde crer...isso é da sina da gente. **Só mesmo Deus póde mudar**..." (FONTES, 1933, p. 191).

SÓ PANCADA É QUE PODIA ENDIREITAR

Variante de muzumbuda com acepção, no contexto, de "acordar mal-humor, quieto, triste: "-Você nem magina ocmo eu ando! Foi ele mesmo, o desalmado! Aproveitou-se da doença da defunta para melhor tentar a outra. Meu coração não me enganava....Agora, ella está enrabichada de uma vez....Só de pensar nisso eu fico fria...Não sei, não sei mesmo o que faça...Se reclamo, põe-se logo toda mozumbuda, e pega a se queixa " que é uma infeliz, que era melhor morrer", e mais isso e mais aquilo. Se a gente não diz nada, ahi é que se solta de verdade....**Só pancada é que podia endireitar**...Mas também, numa mulher feia daquelas, a gente não há de estar batendo a toda hora..." FONTES, 1933, p. 190).

SOPESANDO OS PRÓS E OS CONTRAS DE SEU GESTO

Houaiss (2020) registra a locução "os prós e os contras" com acepção de "os lados positivos e os negativos (de algo); as vantagens e desvantagens": "Sargento Zeca já havia chegado em casa. Jogou-se, vestido como estava, sobre o leito. E ali ficou, imóvel, até bem tarde, **sopesando os prós e os contras de seu gesto**.[...]" (FONTES, 1933, p. 250). Postulamos o ano de 1933 para a datação da locução.

SOPESAR DE PRÓS E CONTRAS

A locução registrada é " os prós e os contras", isto é, " examinar os lados positivos e os negativos (de algo); as vantagens e desvantagens": "Comprehenderam, assim, que era inutil esperar. E concordaram ambos, certo dia, após um longo **sopesar de prós e contras**, que "vida de pobre não concerta... Tem que ser sempre aquella lida... O melhor, mesmo, era casar, antes que a velhice fosse entrando..." (FONTES, 1933, p. 96).

SURRAR À SUA VONTADE

A locução adverbial "à vontade" com sentido de "sem constrangimento; livremente", isto é, de açoitar sem piedade: "A velha, que a esperava na porta de seu quarto, puxou-a violentamente para dentro, sob uma chuva de bofetões e de improperios. Conseguiu

por-lhe uma mão sobre a garganta, encostou-a á parede, e assim poude **surral-a á sua vontade**." (FONTES, 1933, p. 77).

T'ESCONJURO, CÃO!

Refere-se ao esconjuro, datado de de 1550, como " ação de esconjurar; conjuro, maldição" ou ainda " exorcismo, esconjuração, imprecação": "Albertina persignou-se, num gesto fingido de pavor: - **T'esconjuro, cão**! Passe por longe!" (FONTES, 1933, p. 136).

TER A CÔR MAIS APERTADA

Com a acepção de "ser mulato": "Não porque Ignacio **tivesse a côr mais apertada**, com indisfarçaveis traços de mulato. Se fosse um homem de proceder correcto, amigo do são trabalho e dos bons modos, nenhuma oposição levantariam." (FONTES, 1933, p. 67).

TER A FACA E O QUEIJO NA MÃO

Refere-se a " ter a faca e o queijo" ou à fraseologia canônica " estar com a faca e o queijo na mão" com acepção de "dispor de todos os meios para impor uma vontade": "Ficaram uns momentos em silencio. Em seguida,, Sá Josepha ponderou: - Quem sabe, Geraldo, se você mesmo falando, dando uns conselhos com bons modos, ela não volta ao seu juízo? Experimente. E' bom. Tambem é o único recurso que está na mão da gente pra livrar a sem miolo da desgraça...Se eu pudesse, o que fazia era tirar ella da Fabrica. Ahi sim! Queria ver! O dia todo presa, me ajudando no serviço. E nunca mais que ele vise a cara de Albertina...Mas, assim, andando sosinha, como vive, o miserável **tem a faca e o queijo na mão**. Cada dia vai engabelando mais a tola...E moça, quando encegueira por homem, é o diabo em figura de gente...." (FONTES, 1933, p. 190-191). Podemos postular o ano de 1933 para a datação desta locução.

TER QUEDA PRO QUE É RUIM

Com acepção de ter "paixão" (sentimento, gosto ou amor intensos a ponto de ofuscar a razão): "-E'...Então eles não vêm os presentinhos com o que o damnado do doutor enche Albertina? A Senhora quer, D.Engracia? Aquellas meninas todas **teem queda pro que é ruim**....E isso é do sangue...Ninguem sabe o que foi a mãe, quando era moça..." (FONTES, 1933, p. 189).

TOMAR A FRENTE DE TUDO

Com a acepção figurativa de "assumir o comando, dirigir": "- São espinhos do officio, meu amigo. Vejo que, por um lado, o Snr. tem razão. O caso é mesmo delicado para si, dada a sua actuação anterior. Mas isso se remedeia facilmente. Basta, apenas, que o Snr. abandone as diligencias. O Prado já reassumiu o cargo e **toma a frente de tudo**..." (FONTES, 1933, p. 115).

TOMAR EMPRESTADO

Emprestar com a noção de "ceder a juros": "- Pois saiba que eu quis arranjar e não pude! Eta semana o dinheiro não deu nem pra comida. Estou comprando fiado na bodega. E pra inteirar o aluguer da casa, tive de **tomar emprestado** ali a Do Carmo." (FONTES, 1933, p. 128).

TOMAR SOPA COM (ALGUÉM)

Locução empregada na BA e MG, com acepção de "tomar confiança ou liberdade com (alguém)" "Ah! Exclamou em dado instante. Essas meninas estão é **tomando sopa commigo**! Quem já viu uma coisa dessas? Já passa muito das noves e áquellas moças sozinhas pela rua! Qual!... Isso precisa entrar nos eixos..." (FONTES, 1933, p. 57). Postulamos o ano de 1933 para a datação desta locução.

TOMAR UM VAPOR LINDO

Tomar com acepção de "fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem" e, por metonímia, vapor com sentido de "navio ou barco movido por máquina a vapor": Sonhou? De verdade? Então, me conte. – Foi assim: - Mas você não mangue ouviu? – A gente já tinha s casado e ia fazer uma viagem pra Bahia. **Tomamos um vapor lindo**. Grande, compridão, desses que não entram aqui no Aracaju'. [....]" (FONTES, 1933, p. 205).

TRAZER ALGUÉM "NO CABRESTO"

O termo cabresto é datado de 1344. Há algumas locuções com valor semântico bem próximo da acepção no contexto dado. Temos, por exemplo, "andar de cabresto" com sentido de "ser dominado por alguém, geralmente pela mulher", "de cabresto curto" com acepção de "sob domínio de alguém, sem liberdade" e "trazer no cabresto ou pelo cabresto" com a noção de "dominar ou controlar (alguém)

inteiramente, ou manter sob controle, impondo a vontade ou autoridade, que é acatada com resignação ou subserviência": "Sá Maria Pirambú morava na rua do Arame, quase a desembocar na Estrada Nova. Permanecia muito mais na rua, porém, do que em casa. O filho mais velho mandava do Rio uma pequena mesada, que lhe permitia viver sem trabalhar. Sob o pretexto de "**trazer a filha no cabresto**", puzera-a, doentinha e ainda impubere, para servir como aprendiz na "Sergipana". Desta sorte, tinha todo o dia livre para andar de déo em déo, conversando numa esquina, na bodega, á porta de uma ou de outra conhecida. Bisbilhoteira e maldizente, levava a vida a syndicar, ouvindo aqui, narrando alem. Presumia conhecer os segredos de todo o mundo, "os seus podres", segundo a sua maneira pitoresca de expressar-se." (FONTES, 1933, p.72).

UM BOCADO DE CORDA NO COMEÇO, E, DEPOIS, PORTA NA CARA

Com acepção de "bancar o difícil" ou "• fazer-se de difícil" (fazer-se de importante ou inacessível: "Albertina não tomou a serio esses conselhos. E, numa gargalhada, respondeu:- Seja tola, mulher!... Você fala como se eu inda fosse de collo.... Commigo, a coisa é bem differente. Se vier pra cima de mim, eu tambem applico o jogo em cima delle: **Um bocado de corda no começo, e, depois, porta na cara...**" (FONTES, 1933, p. 135).

UM NÓ SUBIU-LHE ATÉ A GARGANTA

Considerando o contexto, faz remissão à locução "nó na garganta", esta, datada de 1551, "aperto na garganta causado por uma emoção forte": "[...]. No mesmo instante lhe ocorreu o pensamento de que a ella, Caçulinha, não seria dada nunca a ventura de sahir, ruas em fóra, arrimando-se ao braço daquele que seria seu esposo. **Um nó subiu-lhe até a garganta**. Parou, arquejante. Suas ultimas reservas de energia abandonaram-na. Não poude mais conter as lagrimas, que a quatro e quatro saltaram-lhe dos olhos." (FONTES, 1933, p. 261).

UMA COISA AHI A TÔA

Com a acepção de "pessoa ordinária, reles, desprezível": "O velho permaneceu silencioso. Seus olhos scintillaram, cheios de aguas. D'ahi a pouco, poz-se a abanar a cabeça lentamente e

murmurou, baixinho, como se stivesse falando para si mesmo: - De mão em mão, como **uma coisa ahi a tôa...** Pobre de minha filha!" (FONTES, 1933, p. 132).

UNS, EXPLORAM POR INTERESSE E INCONSCIÊNCIA; OUTROS CALAM, POR FALTA DE SINCERIDADE E DE CORAGEM!....

Pelo contexto, o narrador faz referência aos pretextos dos políticos para a falta de sinceridade ou de correspondência com a verdade, a hipocrisia (dissimular os verdadeiros sentimentos, intenções): "Ahi, foi a vez de Saraiva também manifestar-se: - Não raro vocês me emprestam idéas carbonárias e anarchistas...Mas, deante do que eu acabo de ver e do que diz ahi o deputado, acho que ainda sou brando em excesso! **Uns, exploram por interesse e inconsciência; outros calam, por falta de sinceridade e de coragem**!....De quem esperar o remédio, então? Cada vez mais me venço: - Ou o pobre faz justiça pelas suas próprias mãos, ou há de viver escravo eternamente" (FONTES, 1933, p. 149-150).

VAI SER UMA LIMPA EM REGRA

Remissão a locução "fazer a limpa ou fazer uma limpa" com acepção de "prender, levando a todos tudo": "- **Vai ser uma limpa em regra**... Não sei é se o porão do "Ita" cabe tudo..." (FONTES, 1933, p. 116).

VIDA DE INFERNO!

Ao certo corruptela de "o inferno em vida", isto é, "um grande sofrimento, martírio, suplício": "- **Vida do inferno!** Nem se póde dormir um boccadinho descansada. Se não é mãe, sempre tem uma qualquer pra andar futucando a gente..." (FONTES, 1933, p.27).

VIDA DE POBRE NÃO CONCERTA...TEM QUE SER SEMPRE AQUELLA LIDA...

A condição de extrema necessidade material, de penúria dos desfavoreciso financeiras parece ser algo duradouro, podendo ser revertida no caso de um bom casamento por conveniência: "Comprehenderam, assim, que era inutil esperar. E concordaram ambos, certo dia, após um longo sopesar de prós e contras, que "**vida de pobre não concerta... Tem que ser sempre aquella lida**... O

melhor, mesmo, era casar, antes que a velhice fosse entrando..." (FONTES, 1933, p. 96).

VOAR PRA CIMA DA GENTE

O verbo voar é do século XIII. A locução registrada em Houaiss é "voar em (alguém) ou voar para cima de (alguém)" com acepção de interpelar ou seja "dirigir-se a (alguém) com alguma pergunta ou pedido de explicação, em tom confrontativo": "E' mais a velha é zarra. Quando tem raiva, **vôa pra cima da gente**, que não é graça." (FONTES, 1933, p. 70). Para esta locução e sua correlata acepção, postulamos o ano de 1933 para sua datação.

VOCÊ ESTÁ MALUCO, CREATURA?

Há, ao certo, um caso especial de interlocutório pessoal, ou seja, "criatura" é usado "com função fática, para estabelecer um contato mais familiar uu de igual para igual, ou de outra natureza, com o interlocutor": "Apertou-lhe com força os dedos húmidos. Ficou um instante parado, as mãos della presas nas suas, olhando-a dentro dos olhos. Teve um arrebatamento de paixão, attrahiu-a para si, quiz beijal-a na boca. Mas a moça desviou a cabeça, tentando soltar-se-lhe dos braços. E, numa recriminação mais galhofeira que sincera, lhe dizia: - **Você está maluco, creatura?** Não está vendo gente alli?" (FONTES, 1933, p. 68).

NÃO VOLTAR AO SEU JUÍZO

Com acepção de "abrir o juízo" ou "abrir o entendimento", isto é, "aclarar, esclarecer; abrir o espírito": " Ficaram uns momentos em silencio. Em seguida,, Sá Josepha ponderou: - Quem sabe, Geraldo, se você mesmo falando, dando uns conselhos com bons modos, ela **não volta ao seu juízo**? Experimente. E' bom. Tambem é o único recurso que está na mão da gente pra livrar a sem miolo da desgraça...Se eu pudesse, o que fazia era tirar ella da Fabrica. Ahi sim! Queria ver! O dia todo presa, me ajudando no serviço. E nunca mais que ele vise a cara de Albertina...Mas, assim, andando sosinha, como vive, o miserável tem a faca e o queijo na mão. Cada dia vai engabelando mais a tola...E moça, quando encegueira por homem, é o diabo em figura de gente...." (FONTES, 1933, p. 190-191).

HUMOCULTUREMAS

"UM LOROTEIRO"

Em Houaiss(2020), datado, sem data indicativa, do século (sXX), com acepção de "que ou quem conta lorotas, que ou aquele que vive mentindo": "Mas... O que era elle? "Um cantador de modinhas", "**um loroteiro**", "morcego vagabundo", um "vira-copo"..." (FONTES, 1933, p. 67). Podemos postular, com precisão, o ano de 1933 para a datação deste termo.

VIVER CHUPAR O SANGUE DA BICHINHA

A acepção de bichinho como "fórmula de tratamento carinhoso que se dá aos animais e às pessoas, especialmente. aos meninos" é datado, em Houaiss (2020), de 1959: "- Bem que estava vendo! E' a filha de Sá Maria Pirambú. Mas aquella velha e mesmo uma pezeta! Parece uma caninana azougada...Vive a **chupar o sangue da bichinha**..." (FONTES, 1933, p.36).

CHACOTA

Refere-se a atitude ou dito zombeteiro, desdenhoso, zombaria: "Ella voltou-se e respondeu com uma chacota: - Vá tomar banho primeiro, se quiser, seu lambe-sujo..." (FONTES, 1933, p. 177).

IR TOMAR BANHO PRIMEIRO

Resposta de Albertina, em tom de chacota, a "rapagão" que tentou que lhe lançou ma cantada, conversa sedutora ("Quando quizer casar commigo, é só dizer") visando a uma conquista (casamento): "Ella voltou-se e respondeu com uma chacota: - **Vá tomar banho primeiro**, se quiser, seu lambe-sujo..." (FONTES, 1933, p. 177).

LAMBE-SUJO

Ainda que o contexto revele o tom de chacota, a personagem Albertina faz referência ao rapagão que lhe dirige a cantada como capitão do mato, isto é, "encarregado de tropilha que caçava, a laço e a tiro, nos matos ou mocambos, escravos fugidos das senzalas", o que, para ela, era bastante desprezível: "Ella voltou-se e respondeu com uma chacota: - Vá tomar banho primeiro, se quiser, seu **lambe-**

sujo...” (FONTES, 1933, p. 177).” Interessante assinalar que lambe-sujo, fora do contexto da obra, diz respeito à festa popular baseada em cenas inspiradas nos episódios da destruição dos quilombos pelos capitães do mato.

MOMICE

Datado de 1836, com acepção de “gesticulação ou postura burlesca (mais usado no plural); careta, monada, trejeito”: “Caçulinha fez uma **momice**, o ar de quem duvida. Porém ele insistiu, imprimindo um tom sincero á sua voz: - E’ certo, Caçulinha, Pra mim, você vale mais que todo esse commercio, que todo o Aracaju...” (FONTES, 1933, p. 240).

PAUZINHO DE CANELLA

Resposta, com “ar galhofeiro”, do operário da Fábrica de Tecidos à reação de Albertina às suas cantadas, qualificando-a “pauzinho de canella”, ao certo, por ser “Morena-*cor*-de-*canela*” (mulher cujo tom da pele é escuro, variando entre o pardo e o negro e cujos cabelos apresentam tonalidade do castanho-escuro ao preto) : “Houve um espoucar de risadas estridentes. O operário riu também. E, num revirar languoroso dos olhos, o ar galhofeiro, retrucou: - Não se aborreça tanto assim, meu **pauzinho de canella**”...” (FONTES, 1933, p. 177)

PESTINHA

Equivalente à coisinha, isto é, “pessoa delicada e graciosa que desperta admiração enternecida, simpatia ou amor” ou “ gracinha”(“ algo que tem aparência encantadora; lindeza, boniteza”): “Num recanto sóbrio da Estrada do Socorro, um Chevrolet parado. No banco da frente Albertina e Fontoura conversavam. Elle dizia: - Não sei, Albertina, que espécie de feitiço você fez. Foi tão damnado, que de seis meses para cá eu só vivo para você...Não esteja rindo...Juro por Nossa Senhora! E’ porque você não sabe o que se passa aqui por dentro. Se me deito, estou pensando em Albertina; se sonho, ainda é ella que aparece; e de dia, no trabalho ou na rua, a **pestinha** não me sahe do pensamento....” ...” (FONTES, 1933, p. 191).

RECRIMINAÇÃO MAIS GALHOFEIRA

O galhofeiro é um termo datado de 1647, com acepção de “que ou o que é dado à galhofa, à pândega”: “Apertou-lhe com força os

dedos húmidos. Ficou um instante parado, as mãos della presas nas suas, olhando-a dentro dos olhos. Teve um arrebatamento de paixão, attrahiu-a para si, quiz beijal-a na boca. Mas a moça desviou a cabeça, tentando soltar-se-lhe dos braços. E, numa **recriminação mais galhofeira** que sincera, lhe dizia: - Você está maluco, creatura? Não está vendo gente alli?" (FONTES, 1933, p. 68).

OUVIR DESCULPAS E REMOQUES

Datado do século XV, refere-se a " dito picante, com ou sem carga de hostilidade" ou " insinuação maliciosa" ou ainda " zombaria, caçoada": "-Magoar? A mim?! Pode dizer o que quiser, que não magôa. De você, eu já soffri a maior humilhação, que é esta, de estar implorando a reparação do mal que você fez, e sempre a **ouvir desculpas e remoques...**Não tenha pena! Diga!" (FONTES, 1933, p. 253).

SONGA-MONGA

Grafado, hoje, songamonga, Huaiss (2009) data termo de (1881, com acepção de " pessoa sonsa e disfarçada": "-Não se faça de tola, **songa-monga**....E' com você, sim, Senhora, que ele está querendo namorar...Escondendo de mim, heim!....E' assim que é minha amiga." (FONTES, 1933, p. 193).

TOM DE FLEUGMA E DE CALMA

Em Houaiss(2020), fleugma é registrada como mesmo que fleuma, este, desde o século XV), figurativamente, com acepção de "qualidade, caráter ou comportamento de quem não sente nenhuma emoção ou não deixa transparecer sentimento ou perturbação alguma; frieza, impassibilidade": "Emquanto a moça chorava no seu quarto, Sargento Zeca descia a Estrada Nova em passos lentos, acendendo um cigarro sobre o outro. Muito embora o **tom de fleugma e de calma** com que falára á noiva, ele também vivia afflicto, numa preocupação que o não largava, desde o dia em que abusara da sua virgindade." (FONTES, 1933, p. 244).

TOM DE TROÇA

Datado de 1416, com duas acepções possíveis ao contexto "o que é dito ou feito com intenção de provocar riso ou hilariedade acerca de alguém ou algo; caçoada, mofa, zombaria" e "ato ou dito

engraçado, divertido; brincadeira, divertimento, graça": "Olhou, curioso, para ver quem era. E logo ajuntou, em **tom de troça**" (FONTES, 1933, p.36).

ZUM-ZUM DE RISOTAS

Datado em Houaiss (2020)de 1624 com acepção de "riso de escárnio ou menosprezo": "Houve um **zum-zum de risotas**, que ainda mais veio augmentar o vexame da pequena. Encheu-se de vergonha. Quiz replicar, talvez defender a mãe injuriada assim de publico. Mas nem podia falar, assaltada por um accesso de tosse que ás vezes a suffocava." (FONTES, 1933, p.36).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *As Minas de prata : romance (Volume 3).* Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1865.
ALENCAR, José de. *O tronco do Ipê (Volume 1).* Rio de Janeiro :B. L. Garnier, 1871. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4662. Acesso em 15/08/2018.
FONTES, Armando. *Os corumbas.* 1ª. ed. Rio de Janeiro- José Olympio, 1933.
HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível e atualizado em 2020 em https://houaiss.uol.com.br/
JESUS, André Luiz Sá de. *Uma história da primeira estação ferroviária de Aracaju (1910-1976).* 2017. 138f. Dissertação de Mestrado em História. Programa de PósGraduação em História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2017.
LIMA, Cleverton Barros de. 2010. 181f. *Imagens do Povo: Política e literatura na obra de Amando Fontes*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto e Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2010.
LUQUE NADAL, L. *Fundamentos teóricos de los diccionarios linguístico-culturales.* Granada: Educatori/ Granada Lingvistica, 2010.
MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro.* 411 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Sapienciário Cultural: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro.* Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/UFBA, 2017. (Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral no período de 2016-2017)
OLYMPIO, Domingos. *Luzia-Homem.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço,* Fortaleza: Din.Ce, 2016.
PAMIES BERTRÁN, A. "O Projeto "Dicionários Culturais". In: ORTIZ ALVAREZ,M.L.(org.). *Tendências atuais nas pesquisa descritiva e*

aplicada em Fraseologia e Paremiologia- Anais- Vol. 1. Camplinas, SP: Pontes, 2012. pp. 345 - 354.
PAMIES BERTRÁN, A. Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural. *Paremia 17*: pp. 41-58, 2008.
PINHEIRO, Marilene Barbosa. 2015. 156 f. *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1931.
ROCHA, Claudemildes Monteiro da. Os corumbas: uma vertente do romance social dos anos trinta. *Revista de Letras,* Fortaleza, v. 7, n.1/2, p. 103-122, 1984. Disponível em http://repositorio.ufc.br/handle /riufc/3381
SILVA, Neide Higino da. 2011. 112f. *Metáfora e Metonímia nas Construções com 'Pé': Uma abordagem cognitivista.* Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ FL - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2011. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2011.
TAUNAY, Visconde de. *No declinio : (romance contemporaneo).* Rio de Janeiro : Ribeiro, Macedo & C, 1899. Disponível em https:// digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4853
ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.

ANEXOS

ANEXO I - Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011)

CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DOS CULTUREMAS EM TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO IGAREDA (2011)		
CATEGORIZACÃO TEMÁTICA	**CATEGORIZAÇÃO POR ÁREAS**	**SUBCATEGORIAS**
1. ECOLOGIA	1. Geografia / topografia	Montanhas, rios, mares.
	2. Meteorologia	Tempo, clima, temperatura, calor, luz
	3. Biologia	Flora, fauna (domesticada, selvagem), relação com animais (tratamento, nomes).
	4. Ser humano	Descrições físicas, partes / ações do corpo
2. HISTÓRIA	1. Edifícios históricos	Monumentos, castelos, pontes, ruínas
	2. Acontecimentos	Revoluções, datas, guerras.
	3. Personalidades	Autores, políticos, reis / rainhas (reais ou fictícios)

	4. Conflitos históricos	Referências sobre rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros conflitos que, ao longo do período colonial, imperial e republicano da história brasileira, relacionados à construção do Estado e da sociedade brasileira.
	5. Mitos, lendas, legendas, heróis	Relatos simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social ou representações de
	6. Perspectiva euro-centrista da história universal (ou outro)	Histórias de países latino-americanos, os nativos, os colonizadores e seus descendentes.
	7. História da religião	Referência ao conjunto de práticas e de crenças, de ritos e de mitos
3. ESTRUTURA SOCIAL	1. Trabalho	Comércio, indústria, estrutura de trabalhos, empresas, cargos.

	2. Organização social	Estrutura, estilos interativos, etc.
	3. Política	Órgãos do Estado, organizações, sistema partidário, eleitoral, ideologia e atitudes, sistema político e legal.
	4. Família	Referência a agrupamentos humanos formados por indivíduos com ancestrais em comum e/ou ligados por laços
	5. Amizades	Relacionamento social (compadrio, coleguismo, camaradagem etc.)
	6. Modelos sociais e figuras respeitadas	Profissões, ofícios, ocupações, atitudes, comportamentos, personalidades, etc.
	7. Religiões "oficiais" ou preponderantes	Referência aos sistemas diversos de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem.

4. INSTITUIÇÕES CULTURAIS	1. Belas artes	Referência a aspectos relacionados à arquitetura, à pintura, às artes plásticas, à escultura, música, dança.
	2. Arte	Teatro, cinema, literatura,
	3. Cultura religiosa, crenças, tabus etc.	Edifícios religiosos, ritos, festas, orações, expressões, deuses e mitologia; crenças (populares) e pensamentos etc.
	4. Educação	Referência aos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino.
	5. Meios de comunicação	Televisão, imprensa, internet, artes gráficas

5. UNIVERSO SOCIAL	1. Condições e hábitos sociais	Grupos, relações familiares e papéis, sistema de parentesco (relação de pessoas, quer por vínculo de sangue (consanguinidade), quer pelo casamento (afinidade), tratamento
	2. Geografia cultural	Populações, estados, munícipios, distritos, localidades, estrutura viária,
	3. Transporte	Veículos, meios de transporte
	4. Edifícios	Arquitetura, tipos de edifícios, partes da casa.
	5. Nomes próprios	Pseudônimos, nomes de batismos, alcunhas.
	6. Linguagem coloquial, variantes diastráticas, idioletos, insultos	Gírias, coloquialismos, empréstimos linguísticos, palavrões, blasfêmias, tabuísmos, nomes com significado adicional.
	7. Expressões	De felicidade, aborrecimento, pesar, surpresa, perdão, amor, agradecimentos, saudações,

	8. Costumes	Modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social.
	9. Organização do tempo	Época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra.
6. CULTURA MATERIAL	1. Alimentação	Comida, bebida, chás, ervas (rapé).
	2. Indumentária	Roupa, complementos, joias, adornos
	3. Cosmética	Pinturas (maquiagens), cosméticos (produtos de higiene e/ou
	4. Tempo livre ou lazer	Deportes, festas, atividades de tempo livre, jogos, celebrações folclóricas.
	5. Objetos materiais	6.5.1 Mobiliário (móveis destinados ao uso e à decoração de uma habitação, um escritório, um hotel, um hospital etc., objetos em
	6. Tecnologia	Motores, computadores, máquinas.
	7. Moedas, medidas	Real

	8. Medicina	Drogas e similares
7. ASPECTOS LINGUÍSTICOS CULTURAIS E HUMOR	1. Tempos verbais, verbos determinados	Marcadores discursivos, regras de fala e rotinas discursivas, formas de fechar/ interromper o diálogo; modalização do enunciado; intensificação; intensificadores; atenuadores; dêixis,
	2. Advérbios, nomes, adjetivos, expressões	Referem-se às categorias gramaticais classes de palavras que compõem o léxico de uma língua e que são possíveis núcleos de sintagmas: nomes, verbos, preposições, advérbios.
	3. Elementos culturais muito concretos	Provérbios, expressões fixas, expressões idiomáticas, modismos, clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, associações simbólicas, metáforas generalizadas.
	4. Expressões próprias de determinados países (idiomatismos)	
	5. Jogos de palavras, refrães, frases feitas	
	6. Humor	

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

ANEXO II - Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011).

Categorização por âmbitos	Categorização por culturemas
1.Ecossistema	1.Topoculturemas
	2.Meteoroculturemas
	3.Bioculturemas
	4.Humaniculturemas
2.História, mitos e legados	1.Edificulturemas
	2.Taticulturemas
	3.Personiculturemas
	4.Mitoculturemas
	5.Euroculturemas
	6.Religiculturemas
3.Organização social	1.Ocupaculturemas
	2.Organiculturemas
	3.Politiculturemas
	4.Familiculturemas
	5.Amiculturemas
	6.Socioculturemas
	7.Crediculturemas
4.Instituições culturais	1.Criaculturemas
	2.Articulturemas
	3.Tabuculturemas
	4.Educulturemas
	5.Comuniculturemas
5.Universo social	1.Habiculturemas
	2.Geoculturemas
	3.Portaculturemas
	4.Edificulturemas
	5.Antropoculturemas
	6.Gargaculturemas
	7.Formaculturemas
	8.Costumiculturemas
6.Cultura material	1.Alculturemas
	2.Indumentoculturemas

	3.Cosmoculturemas
	4.Licículturemas
	5.Mobiculturemas
	6.Tecnoculturemas
	7.Moedoculturemas
	8.Mediculturemas
7.Identidade Linguocultural	1.Verboculturemas
	2.Gramaticulturemas
	3.Reiculturemas
	4.Idioculturemas
	5.Idiomaticulturemas
	6.Humoculturemas

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

SOBRE O AUTOR

Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação "*Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil*", sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese *"Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro",* sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a

pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, em Sobral, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.ª Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa *"Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro"* (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre *"Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira"*, sob a supervisão da Profª Dra Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em *http://www.pedroejoaoeditores.com.br/)*. Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para *vicente.martins@uol.com.br*.

“O caso de "O Amanuense Belmiro" marca uma mudança na ficção brasileira dos anos 30 que tem ficado um tanto escondida atrás da imagem do domínio exclusivo da literatura social no período. O livro de estréia de Cyro dos Anjos vendeu-se: a segunda edição saiu dez meses depois da primeira. Esse sucesso de público de um autor novo só é comparável ao de Amando Fontes, cujo "Os Corumbas" foi o maior best seller de autor estreante da década, com cinco edições entre 1933 e 1935.”

(Luis Bueno, Folha de São Paulo)

“O mais recente livro de Herberto Sales, "A Prostituta", faz uma homenagem a um clássico relegado ao esquecimento: "Os Corumbas", de Armando Fontes. Uma das obras-primas do realismo brasileiro, o romance de Fontes traça um painel tocante da relação entre prostituição e pobreza e a exploração das classes mais pobres.”

(João Batista Melo, Folha de São Paulo)

“Orientado mentalmente pela impregnação de Max Beer, passei a ler de maneira por assim dizer socialista romances como O quinze, de Rachel de Queiroz; Os Corumbas, de Amando Fontes; São Bernardo, de Graciliano Ramos; Banguê e Moleque Ricardo, de José Lins do Rego. O resultado foi que a literatura se tornou estímulo para ver o mundo à luz da opressão de classe, da injustiça social, da legitimidade da revolução.

(Antonio Candido, Teoria & Debate)

Democratização da publicação
pedroejoaoeditores.com.br
15 ANOS

ISBN 978-65-87645-57-5